CHIQUINHO

BALTASAR LOPES

Digitized by the Internet Archive
in 2025

https://archive.org/details/bwb_P9-BJC-452

CHIQUINHO

BALTASAR LOPES

SINFONIO
BALTASAR LOPES

COLECÇÃO
Para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa

Direcção, organização e orientação de Manuel Ferreira

Nenhuma força, por mais repressiva ou violenta que seja, logra impedir que os povos pautem as suas acções pela fidelidade ou busca da sua identidade étnica e cultural. Ciosamente constroem e partilham da sua consciência nacional: que sendo um inesgotável rio é também o ponto de encontro da comunidade, radicados que permanecem os seus membros a uma origem e história comuns.

É das linhas essenciais do rosto literário e cultural dessa longa gesta dos povos africanos que desejamos deixar registo neste corpo denominado Colecção para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa.

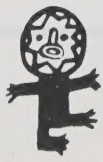
Título Chiquinho
Autor Baltazar Lopes
Prefácio Alberto Carvalho
Capa Judite Cília
Produtor executivo Sérgio Ferreira
Colecção Para a História das Literaturas
Africanas de Expressão Portuguesa
Direcção, organização e orientação de Manuel Ferreira
Editor **África** — literatura, arte e cultura
Av. D. Pedro V, n.º 11-2.º Dt.º
2795 Linda-a-Velha
Portugal — Tel. 219 22 74
Execução gráfica da Tipografia Lousanense, Lda.
Depósito legal n.º 24073/88
Tiragem de 1500 exs.
Distribuição Diglivro — Rua da Ilha do Pico, n.º 3-B
Pontinha — 1675 Lisboa

CHIQUINHO

BALTASAR LOPES

6.ª EDIÇÃO PORTUGUESA

(2.ª FAC-SIMILADA)

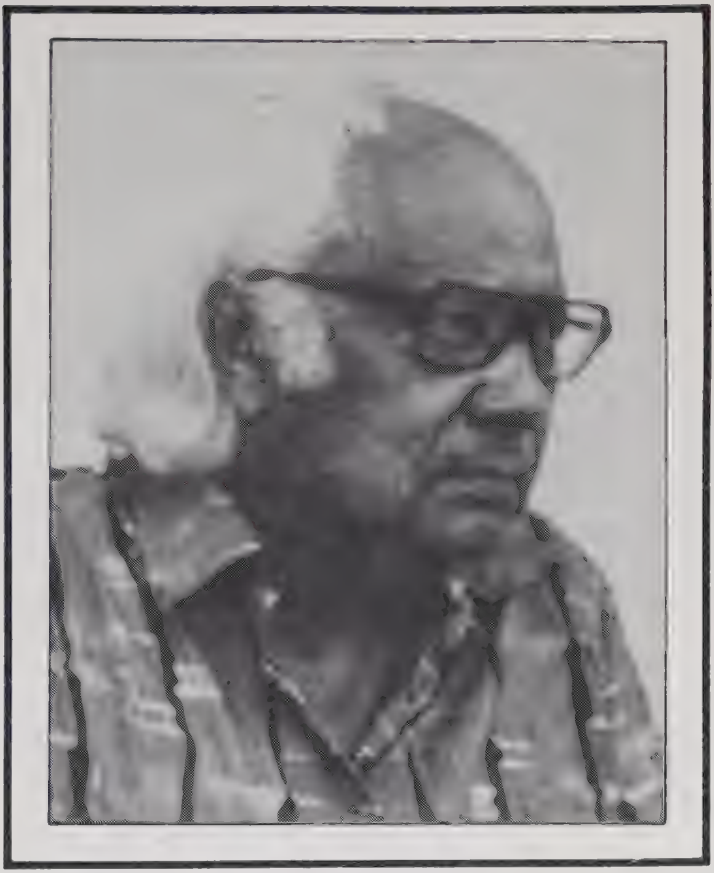


A partir da reprodução da capa, em tamanho natural, de *Chiquinho*, iniciamos a publicação facsimilada do romance de Baltasar Lopes, respeitando assim, integralmente, inclusive tipo e mancha da página, a matriz da 1.ª edição.

Cerca de dez anos aguardou *Chiquinho* a sua publicação. Manuel Velosa, proprietário da ilha de Santo Antão, dado ao gosto das letras, e ligado pelo convívio e pela amizade ao grupo de *Claridade*, durante anos sonhou publicar *Chiquinho*, tanto ele acreditava nesta obra e lhe parecia um desperdício para Cabo Verde e uma injustiça para o seu Autor a longa espera na gaveta. E quando se instalou em Lisboa, por volta de 1945-1946, cidade onde faleceu, começou a mover (e a remover) as pedras para a realização do seu intento.

Nós que não andámos longe dessa sua odisseia e vivemos, em parte, a sua aventura, como aliás vivemos a de Viriato Camilo quando, ao redor de 1964, concebia a ideia da republicação daquele romance —, homenageando agora o seu Autor, Baltasar Lopes, homenageamos também Manuel Velosa, o primeiro Editor de *Chiquinho* que, nesses tempos, tão ingratos para a edição do livro em português —, a expensas suas tornou possível a circulação de *Chiquinho*, hoje traduzido em algumas línguas, sendo esta a 5.ª edição em português. Como as coisas são. E sendo como são, repare-se na capa que reproduzimos, assinada por m. f. = Manuel Filipe, aí pelos fins dos anos 30, quando ele era já um notável pintor. Pintor e professor do liceu de Leiria, onde Baltasar Lopes leccionava. E porque nos irmanavam sólidas afinidades ideológicas — que inalteravelmente se mantiveram até aos nossos dias — quando partimos para Cabo Verde, em 1941, integrados num batalhão expedicionário do Regimento de Infantaria n.º 7, Manuel Filipe deu-nos uma carta de apresentação para Baltasar Lopes, nesta data já regressado a Cabo Verde. E lá o fomos encontrar na cidade do Mindelo da ilha de S. Vicente, ensinando no Liceu Gil Eanes. Aí por volta de 1943 líamos *Chiquinho* em folhas dactilografadas. Hoje, a mais de 40 anos desses tempos, na presença desta nova edição, rodeada de certos cuidados, e com o prefácio de Alberto Carvalho, que prepara a sua tese de doutoramento sobre a ficção de Baltasar Lopes, não é sem emoção que escrevemos estas linhas. E nelas vão as mantenhas para Nhô Balta.

Linda-a-Velha, 18 Julho 1984



Baltasar Lopes

Prefácio de
Alberto Carvalho

> «Que discutem eles, à noite, nos bancos dorminhocos do Terreiro? Não discutem nada. Falam imperceptivelmente, sob a sombra confidente do busto do Dr. Júlio. Baixinho, que as paredes têm ouvidos...»
>
> (*Chiquinho*, p. 219)

I — Com o subtítulo informativo de — «romance caboverdeano» — *Chiquinho* teve a sua primeira edição em 1947, sob a chancela de Edições Claridade[1]; mas não se tratava já de um inédito absoluto, sem testemunhos divulgadores, visto que seis dos setenta e seis capítulos do romance haviam sido anteriormente publicados. Além de ser uma atitude corrente um Autor extrair de uma obra em curso de escrita, ou para edição, um ou mais capítulos para publicação isolada, no caso de *Chiquinho* essa operação encontrava-se facilitada devido à sua estruturação autobiográfica, de lógica temporal, se prestar bastante à separação de capítulos dotados da configuração de pequenas histórias.

Daí que a própria revista *Claridade*, a que B. Lopes pertenceu como um dos fundadores[2] e o «seu principal animador neste quarto de século decorrido»[3], tenha registado a inclusão de seis capítulos da primeira parte, em dois números: o cap. 24 logo no número inaugural, em Março de 1936, e os cap. 16, 29, 23, 18 e 22 no terceiro número, em Março de 1937, todos anunciados como «excertos do romance 'inédito' *Chiquinho*».

Por esta informação ficamos a saber que a escrita do romance poderia ser dada por praticamente concluída à data do início da *Claridade*[4], facto que julgamos ser de primeira importância. Um recuo de onze anos (de 1947 para 1936) na escrita de um romance tão significativo como este, numa literatura em fase de afirmação que, aliás, registava já nomes como o de um Jorge Barbosa, na poesia, e de um Manuel Lopes, na poesia e na prosa, representa um ganho de maturidade considerável em estudos comparativos; nomeadamente no seu relacionamento com literaturas de outras nacionalidades em situação

histórica semelhante, como, p. ex., as africanas a sul do Saará (de línguas francesa, inglesa e portuguesa) e as americanas das antilhas.

E é também uma lógica «genética» que se altera; a escrita deste romance, com a bagagem de recursos técnicos que pede, não nasceu na sequência de uma aprendizagem feita pelo Autor no âmbito das actividades da revista; mas terá sido a *Claridade* o órgão de expressão pública que deu carácter de «escola» às ideias já amadurecidas por aqueles autores que se encontram, aliás, no cerne do processo que dinamizou a modernidade literária cabo-verdiana.

Devido a esta qualidade de instrumento de aglutinação intelectual, criativa e de participação afirmativa, a *Claridade* será sempre o marco de referência obrigatória para elucidar muitos aspectos teórico-literários, culturais e sociológicos necessários à compreensão de *Chiquinho*, e para esclarecer a sua significação no contexto do «modernismo nacionalista» em que colaborou, com o objectivo de superar o «tradicionalismo convencional» vigente, de influência estranha directa.

Convém atribuirmos a «modernismo nacionalista» o seu verdadeiro sentido, exclusivamente cultural, como era regra nas décadas de trinta e quarenta; e lembrarmos que o «modernismo» é um ponto de chegada cultural de movimentos renovadores, desenvolvidos simultaneamente na América do Norte e na Europa. Aqui, o «futurismo» do início do século pretendia que a cultura acompanhasse as grandes transformações da ciência, da técnica, da filosofia, da sociologia, da linguística e da política; e, na América, pela mesma época, os negros libertos da sua servidão esclavagista faziam renascer as suas tradições africanas, criando um ciclo de cultura folclórica, musical, literária, etc., de denúncia para apoiar as suas reivindicações sociais.

A partir desta base cruzam-se movimentos; em 1912 Oswaldo de Andrade leva o futurismo de Paris para o Brasil, onde não pára de crescer até culminar na «Semana de Arte Moderna» de S. Paulo, em 1922, apadrinhada pelo Académico Graça Aranha; o movimento espalha-se então a todo o Brasil, dando origem a diversos grupos antagónicos que preparam o modernismo da década de trinta, com o propósito de, finalmente, libertarem a cultura brasileira da tutela europeia em geral, francesa e portuguesa em particular.

Em sentido oposto, os negros antilhanos de Paris, encorajados pelo futurismo-surrealismo europeu, e influenciados pelos escritores negro-americanos, organizam-se em grupo dirigido por Étienne Léro, Jules Monnerot e René Ménil e publicam o jornal *Légitime Défense* (1932), dando forma pública ao processo de denúncia da exploração e das injustiças sociais praticadas pela colonização francesa nas Antilhas. Estas ideias gerais vão servir ao grupo de

Leon Damas, Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor que fundam o órgão *L'Étudiant Noir* (1934) para difundirem, agora com orientação exclusivamente literária, os valores da «alma africana», os costumes, as crenças, as artes e a literatura, etc., inaugurando assim o movimento da *Negritude* empenhado na afirmação cultural e no despertar da consciência dos negros africanos e americanos para o imenso repositório das suas tradições milenares, com o fim de se defenderem do esmagamento cultural e da absorção alienantes levados a efeito pela cultura francesa.

No que concerne o caso cabo-verdiano, diz Manuel Lopes que os homens «socorrem-se do capital humano — procuram obter pelo prestígio do espírito, em compensação, o que não conseguiram por processos persuasórios ou materiais.»[5]; mostra assim que a crónica insuficiência económica e o isolamento físico dos núcleos humanos, devidos ao regime das secas e à geografia acidentada e repartida das ilhas, constituíram dificuldades que foram convertidas em factores de emolação cultural.

O que pode realmente ajudar a explicar a sensibilidade e a apetência dos jovens intelectuais cabo-verdianos da década de trinta, e a sua adesão imediata aos «acontecimentos interessantes que no campo literário se passavam em várias partes do globo.»[6], como observa Teixeira de Sousa; acompanhando o movimento geral dos negros norte-americanos, antilhanos e africanos, assumiram as tendências da História em total contemporaneidade, e também traduzidas num esforço criativo, cultural e literário, para expulsarem a influência tutelar, na ocorrência, portuguesa.

Todas as exigências provenientes dos espaços colonizados, como se acaba de ver, encontravam-se ainda isentas de reivindicações independentistas sistematizadas em fundamentações ideológicas, que só vieram a surgir na década de cinquenta, no rescaldo da Segunda Guerra Mundial.

Para o modernismo claridoso terão concorrido informações diversas; umas por via indirecta, através de revistas e livros que chegavam sobretudo ao porto de escala do Mindelo, de contactos pessoais diversos e da revista *Presença*, veículo de um modernismo português, e que também fazia a ronda informativa das novidades europeias e brasileiras, estas especialmente divulgadas em Portugal por José Osório de Oliveira; outras por via directa que incluem p. ex., as sugestões de J. Osório de Oliveira, que ele mesmo refere ter feito quando da sua estadia em Cabo Verde[7], em finais da década de vinte, e a influência que terá exercido o cabo-verdiano António Pedro, intelectual modernista da cena portuguesa, que viveu em Cabo Verde durante o ano de 1929 e aqui escreveu e fez editar um livro de poesias, *Diário*[8].

Mas esta foi também a época em que se encontraram em Portugal, fazendo

estudos superiores, primeiro, Baltasar Lopes, entre finais da década de vinte e início da de trinta e, depois, António Aurélio Gonçalves, regressado a Cabo Verde nos finais da década de trinta e que, por isso, deveriam dispor de boas informações sobre o panorama literário português e europeu. No contexto das informações gerais sobre tais problemas são, por isso, diversos os sentidos que devemos reter nas seguintes palavras de Baltasar Lopes: «Há pouco mais de vinte anos, eu e um grupo de reduzidos amigos começámos a pensar no nosso problema [...] Precisávamos de certezas sistemáticas, que só nos poderiam vir, como auxílio metodológico e como investigação de outras latitudes.»[9]

Com efeito, mostra a colaboração da *Claridade*, com as suas diversas áreas de interesses, uma preocupação sociológica e estética que excede a simples tematização literária da realidade, para se assumir como programa alargado às ciências humanas, inaugurando uma literatura que se faz realista e comprometida, expressão viva da realidade total, como diz Roland Colin[10] a propósito da literatura africana. E a singularidade da sua pesquisa consiste em privilegiar o espaço físico das ilhas, e em visar mais o seu próprio contexto que merecia ser re-descoberto do que queimar a sua criatividade em problemas afins da cultura.

Gabriel Mariano, no ensaio «Do funco ao sobrado ou o 'mundo' que o mulato criou»[11], mostra bem porquê, ao teorizar metodicamente o roteiro da nação cabo-verdiana, da sua fenomenologia institucional e cultural para afirmar que, em relação à nação crioula brasileira, a aculturação cabo-verdiana é muito mais perfeita. Além de ilustrarem o quadro lógico evolutivo que integra a *Claridade*, as ilacções de G. Mariano também se prestam ao esclarecimento de razões que favoreceram a maturidade estética do movimento.

A propósito de um outro contexto Arnaldo França afirma que «A literatura não nasce por geração espontânea, ainda que haja quem 'tenha' isto por certo»[12]; dando a esta asserção um sentido dialéctico ela obriga-nos a ancorar esta maturidade estética no contexto anterior, sobre o qual disse Guilherme Rocheteau «que nada devemos aos poetas anteriores à *Claridade* [...] [porque] há um divórcio que se lavrou [...] entre eles [...] e o Povo e o Clima e a Terra que esqueceram nesta latitude»[13]. A Sociologia da Leitura Literária confirma hoje, realmente, a observação de A. França sobre a «técnica oficinal do verso» (de José Lopes e muitos outros); e, contra a opinião de G. Rocheteau, acrescentará que tanto a «oficina poética» como o próprio facto de intelectuais cabo-verdianos exercitarem a escrita de poesia, mesmo segundo modelos importados, constituem um trabalho cultural fundador de «escola» dedicado à naturalização e «aclimatação» da escrita literária onde essa

tradição ainda não existia.

E talvez nem tivesse podido ser de outro modo: a escrita literária «original» e «autêntica» numa cultura de base sincrética decerto que terá de passar por idêntico sincretismo de apropriação e desenvolvimento, até à transformação etnocêntrica de textos anteriores, orais e escritos, em circulação nas culturas afins. E sem podermos esquecer que, em literatura (como no resto), qualquer superação não dispensa, obviamente, «expressões» e «conteúdos» humanos anteriores, nem pode realizar-se sem o apoio de cânones estéticos e poéticos que as determinantes Histórico-culturais envolventes consintam, sob pena de malogro literário.

Em sentido contrário, das influências, escreveu Manuel Ferreira: «Aos homens da 'Presença' não escapou o fenómeno e não lhe regatearam aplausos, talvez por terem visto na modernidade crioula um parentesco com a sua própria modernidade»[14], acerca dos elogios da revista *Presença* portuguesa ao terceiro número da *Claridade* e aos excertos de *Chiquinho*. Ora, pelo que já vimos acerca dos propósitos da *Claridade*, esse parentesco esgota-se no exemplo de incentivo artístico e estético-social que traz a literatura à ordem da vida; no mais, o idealismo intimista e algo existencialista da *Presença* apareceria como «mentalidade decadentista», nas palavras de Teixeira de Sousa[15].

Este sentido de reserva, que o maternalismo da *Presença* não podia ver, é de primordial importância, e faz-se sentir logo que a cena literária portuguesa passou a ser ocupada pelo socialismo materialista do neo-realismo. Mário Dionísio, decerto o melhor apetrechado teórico e crítico do neo-realismo, observou a propósito de *Chiquinho*, na primeira edição (1947): «Infelizmente a obra não saiu a tempo. Dez anos se intrometeram entre criação e publicação [...] Ao fim das trezentas páginas de 'Chiquinho' há que convir que o autor não conseguiu pôr de pé o seu romance.»[16].

Porém, a própria experiência editorial de *Chiquinho*, com as suas três edições a partir de 1961, atesta antes efectivas qualidades de inovação que permitiram a esta obra solitária exceder o «horizonte de expectativa» (de leitura] do seu tempo, resistir à erosão temporal, para só vir a ser recuperada pela subsequente evolução literária.

Hoje, a três décadas de distância, devemos reconhecer que aqueles aspectos aparentemente desfavoráveis devem ser interpretados como prova «a contrario»; entendemos que os factores tidos então por negativos podem ser vistos como operadores de uma natural diferenciação, como modos de realizar uma especificidade autonomizante ditada por uma realidade sócio-cultural «outra»; e, no plano lógico, essa distanciação conota uma fuga ao risco de «alienação», na perspectiva de René Girard[17], que ocorre quando uma prá-

tica qualquer se põe a imitar outra que pode ser tida por modelo. A orientação para os exemplos da literatura brasileira vem a ser, assim, um exercício de «saber» escolher uma experiência afim pelos antecedentes e pelos objectivos que, para C. Drumond de Andrade significava «em grande parte uma poesia de região, de município e até de povoado, que se atribui a missão de redescobrir o Brasil, considerando-o antes encoberto do que revelado pela tradição literária de cunho europeu»[18] (cf. transcrição feita acima, de B. Lopes, Nota (9)).

Em termos de economia literária as sugestões da literatura brasileira não valem apenas pela adequação; falho de suficiente densidade cultural-literária, diacrónica e sincrónica, Cabo Verde não poderia suportar os dezoito anos de luta do futurismo brasileiro, numa «verdadeira agitação»[19] «que alastrou a todo o Brasil»[20], entre polémicas artísticas, económicas, ideológicas e políticas, até chegar ao modernismo expurgado da exacerbação «até ao excesso»[21], agora «em busca do universal»[22], nem poderia pagar uma tão grande despesa, como Portugal não pôde, mas por outras razões.

No entanto, das «influências» brasileiras, sendo abundantes os testemunhos, eles são também moderadores, um pouco dentro do clausulado do «Sim! Mas...», do tipo do de A. Aurélio Gonçalves, tanto mais significativo quanto o «estilo» deste Autor nada tem a ver com a literatura brasileira, em que ele, depois de reconhecer a presença da influência brasileira, acrescenta secamente que «Esta opinião, porém, declarada com o exclusivismo do costume, corre o perigo de parecer simplista»[23]. Tanto em relação à literatura brasileira, quanto à portuguesa, os intelectuais cabo-verdianos mostram ter-se guiado pelo mesmo mecanismo lógico, o da movimentação no jogo da intertextualidade literária sem concessões à ideia de seguidismo, e em proveito da autenticidade de consciência autárquica, gerada na íntima relação «nação/espaço físico e psicológico» posta em evidência por Gabriel Mariano.

Este aspecto é particularmente nítido na comparação dos lemas, de «Redescobrir o Brasil» no referente «Caraíbe» e de ir em «busca das raízes» no referente cabo-verdiano das ilhas. No Brasil, a libertação da tutela academizante europeia pôs a descoberto uma falha de identidade matricial, tendo sido necessário forjar o mito Caraíbe de que *Macunaíma* (1926) de Oswaldo de Andrade é o exemplo mais conhecido; no caso de Cabo Verde, pelo contrário, a muito mais profunda síntese étnico-sócio-cultural, e a identificação homem-espaço parecem ter dispensado essa dor de ausência ancestral, não se tendo tornado necessária nenhuma forja mítica; tanto assim que o «jardim hesperitano» dos autores pré-claridoso era o que era a sua poesia que veiculava tal utopia e ingredientes anexos, um jogo dito «gratuito» que «nada representava» do real humano concreto ou do imaginário interessante; não perte-

cendo às verdadeiras raízes cabo-verdianas, morreu naturalmente.

É na justa compreensão desta maturidade repercutida no saber escolher as vias mais adequadas, e desta homogeneidade de consciência homem-cultura-espaço físico, em articulação dinâmica «passado/futuro», para o interior e exterior das ilhas que se move a problemática do texto de *Chiquinho*. Por isso nos parece, como teremos ocasião de ver na leitura que a seguir faremos da obra, que ela responde largamente, nos planos narrativo e discursivo, à dinâmica do processo literário desencadeado pela *Claridade*; dinâmica que no seu breve e conhecido ensaio sobre a poesia da *Claridade* Amílcar Cabral também considera como dialéctica, ao escrever que «É a claridade que surge, dando forma às coisas reais [...] o povo a debater-se nas crises, a luta do caboverdiano 'anónimo'»[24], e que «Os poetas, agora, são homens comuns que caminham de mãos dadas com o Povo, e de pés fincados na terra»[25], mas que «a evolução da Poesia Caboverdiana não pode parar. Ela tem de *transcender* a 'resignação' e a 'esperança'.»[26] [Sublinhado nosso, A. C.: «transcender = superar].

Notemos entretanto que, num outro contexto político-ideológico, e talvez por isso, estes «homens comuns» são interpretados como «elites feridas de inautenticidade» por Onésimo Silveira[27], no pressuposto de uma «matriz ideológica» determinada. Seguindo de muito perto o ensaio de Manuel Duarte, «Caboverdianidade e africanidade»[28], onde este autor pugna pelo reequilíbrio valorativo dos «apports» europeu e africano, O. Silveira desloca e radicaliza a questão, querendo mudar a etiqueta «Cabo Verde, caso de regionalismo europeu» em «Cabo Verde, caso de regionalismo africano», contra todas as diferenciações que temos rastreado.

O sentido da «autenticidade» cabo-verdiana, bem como a estética da *Claridade* que a postulava sofrem, deste modo, uma questionação epistemologicamente inadequada; porque, por mais pertinente que seja a contestação proveniente da circunstância ideológica, e por mais condicionante que ela deve ser em determinadas etapas Históricas, as suas apreciações, feitas a partir de um sistema estranho às teorias estética e poética, são, por definição redutoras e parciais. No interesse da cultura, em geral, e literária, em particular, pode-se evitar este arbítrio acerca da «autenticidade» e da «nacionalidade literária», considerando «*A literatura como sistema comunicativo*», «Sistema não abstracto, mas enraizado numa realidade bem concreta, a da nação (não simplesmente de Estado)», como propõe Fernando Cristóvão[29], fazendo aferir a «autenticidade» das obras pela base concreta do seu público, e conforme este público as reconheça como suas e nelas se reconheça representado, ou não.

Com esta base teórica de uma «poética da recepção» os argumentos de O. Silveira dissolvem-se perante o facto incontestável de a *Claridade* se ter tornado um referente cultural indispensável, e de significação que nos parece exceder a própria realidade cabo-verdiana. Aliás, este ensaista para contestar o valor do grupo da *Claridade*, toma Pedro Cardoso por modelo, por este autor ter praticado a temática africana e a dignificação literária do crioulo; mas, acerca deste procedimento enobrecedor da língua cabo-verdiana, fica-se por poucas linhas quando deveria, por justiça, nomear pelo menos o exemplo de Eugénio Tavares; no entanto, se o fizesse não poderia deixar de citar a *morna*, género literário em que este autor é considerado um exímio cultor da língua cabo-verdiana, e não se poderia furtar à questão do sentimento saudosista que ele contesta, por todos os testemunhos reconhecido como dominando na *morna*, para caracterizar a «alma», a «sensibilidade», a «saudade» do povo.

Ora, se excluirmos a enfatização da semântica e do lirismo da *morna*, gerados pelas particulares situações concretas da subjectividade individual e colectiva que ela é incumbida de exprimir (na cultura cabo-verdiana a *morna* é um símbolo e um significante nacional privilegiado de intimismo inter-pessoas e de amor pátrio), somos levados a reconhecer que foi a poética da *Claridade* que melhor soube dar forma literária de «escola» escrita universalizante aos temas da morna e afins; o que exemplifica o caso raro em qualquer literatura de ser o povo a dar o «mote» e o tema à literatura culta.

O. Silveira estava, portanto, impedido de aprofundar o tema do patriotismo literário da escrita do crioulo; o crioulo levá-lo-ia à *morna* e, esta, ao «saudosismo contemplativo» e ao lirismo que ela exprime; e sem que pudesse acusá-los de inautênticos porque a *morna* pertence ao povo, e o povo é sempre autêntico; e, por analogia, também não poderia condenar o «sacrossanto» Jorge Barbosa, poeta do «saudosismo», nem a *Claridade*, nem o *Chiquinho*, por estes e por outros motivos, como vamos ver em seguida.

> «Nuninha escreveu-me de S. Vicente uma carta corajosa. [...] 'O que eu chorei Chiquinho! A morna é sentida de verdade, principalmente naquela parte em que diz ca bô disquecê di bô pombinha morena, e outras recomendações tristes. [...]'»
>
> (*Chiquinho*, p. 293-294)

II — Nas suas linhas mais gerais Baltasar Lopes textualiza em *Chiquinho* a vida da personagem do mesmo nome, do menino que se faz homem, num percurso que se espacializa entre as ilhas de S. Nicolau e S. Vicente, para realizar o seu ciclo de aprendizagem formativa. Com este dispositivo o Autor filia o seu romance na linha do género do «Bildungsroman», de tradição europeia, o mesmo que a moderna literatura africana adoptou mais tarde para os seus romances ditos «iniciáticos».

Mas B. Lopes põe ainda em jogo o recurso teórico que consiste em o narrador dizer «eu» quando se refere à personagem; e como «ninguém sabe melhor de si do que o próprio», ao atribuir ao narrador a função de contar «hoje» o seu passado coopera decisivamente para que se produza um testemunho categórico de grandes efeitos persuasivos. E reforça-os, guardando a linearidade dos factos, e distribuindo o texto em três unidades tipográficas que recortam as grandes articulações lógicas da história e delimitam as etapas decisivas da formação da personagem em relação com a comunidade.

Na primeira dessas unidades, «Infância», o título refere o tempo de menino-jovem, a escola no seu Caleijão e o liceu no Seminário da vila; e, ao mesmo tempo, aponta para um recorte individualizante da personagem caracterizada por uma actividade lúdico-pragmática. Na segunda unidade, «S. Vicente» refere já um cosmos humano no qual o jovem se integra, contrariando a aparente individualização anterior; Chiquinho liceal é também um elemento dissolvido na solidariedade do grupo do «Grémio», empenhados todos numa acção sociológica; e S. Vicente em crise configura bem o palco onde se joga a cena da vida que desfalece, «rarefeita», e que termina em espaço dramático com a morte de Parafuso. E, na terceira, «As-Águas» como força telúrica pressupõe, finalmente, a referência à totalidade do cosmos. Chiquinho homem encontra-se completamente integrado no seu mundo adulto de S. Nicolau e nas instituições como professor de posto; porém, estranho e estranhado, perde-se no «cativeiro» de Morro Brás até se abrir o ciclo trágico: As-Águas que não chegaram: a fome generalizada: as mortes em cadeia: a partida para junto do pai.

Como se não bastasse esta familiaridade do assunto representado, o Autor documenta a «autenticidade» da história com uma balística referencial geográfica, histórica e sociológica muito precisa; ao mesmo tempo a vida de Chiquinho parece copiar muito de perto a própria vida do Autor. Desta conjugação sobressai o sentido do simbolismo geral, em que a ficção de *Chiquinho*, regida pelo verosímil da realidade possível, se lê como expressão verídica da realidade viva e vivida.

No entanto, contrariando esta aparente espontaneidade, a colecção de realidades-temas: estiagem, crise económica, morte, emigração, amor à terra,

nostalgia pelo desconhecido, saudade, etc., constitui apenas a tópica que compõe um cenário de figurantes secundários, visto que este «pinturesco» (O. Silveira) humano não se presta a roteiro turístico numa deambulação através dos sonhos, das esperanças, da festa, da descoberta do amor, das desilusões e da queda no abismo.

O constativo evidente de toda esta temática funciona como um «puzzle» social, como a malha na qual o Autor enreda um requisitório analítico-expositivo que faz a etiologia crítica total das instituições. Mediante uma criatividade muito hábil o Autor rompe a superfície dos dados para fazer a problematização complexa de uma consciência sensível em formação, da instituição formadora e do conflito que se gera entre ambos. Para isso desenha o trajecto das duas «escolas» e dissemina, imperceptivelmente, os antagonismos reais mas não assumidos, entre as suas respectivas versões, da «escola urbana», institucional, científica, digitalista, especulativa, professor-alunos, e da «escola rural», da vida quotidiana, empírica, analógica, factual, mais velhos-mais novos.

Com as suas diversas especificações, a coordenada espacial entra como operador de complexificação diversificante das duas versões escolares que, através de S. Nicolau e S. Vicente, vai formando e cindindo a consciência de Chiquinho. Tinha, pois, razão a crítica da época que não via em *Chiquinho* a urdidura de uma intriga, porque o romance não quer urdir intriga alguma; embora individualize a personagem, B. Lopes não a promove a indivíduo no sentido romanesco corrente do termo, em obediência à específica legislação com que articula o texto ao seu contexto cultural.

Pelo que já nos foi dado ver, a relação texto/contexto promovida pelo requisitório crítico, realizada esteticamente, textualiza-se em dois movimentos conjugados e divergentes da personagem, ao longo do seu percurso, o do menino-homem que caminha da margem da vida até se integrar na vida dos homens, e o da «ignorância → saber» que o desloca do familiar integrado até ao estranho desajustado, empurrado para a emigração.

Para bem analisarmos este processo de individuação-integração-expulsão, Iuri Lotman oferece-nos um teorema adequado onde diz que «O acontecimento no texto é o deslocamento da personagem através da fronteira de uma campo semântico.»[30]. Ele permite-nos considerar que as duas ilhas metaforizam todo o Arquipélago, recortando as ilhas de S. Nicolau e de S. Vicente as duas grandes categorias de espaços que naturalizam as duas escolas, a rural e a urbana, mas sem dicotomias maniqueistas, pelo que o rural e o urbano se projectam um sobre o outro.

Na matriz, Chiquinho é um produto do rural tradicional que, entre as duas, favorece esta escola; a propósito de tradições, e acerca dos Bambara,

diz Dominique Zahan que as falas dos «n'ziri dalá», os «griots», veículos das histórias tradicionais, «são um instrumento de instrução e formação»[31]; assim parecem ser Nha Rosa Calita, Mamãe Velha, Nhô Chic'Ana e todos os velhos, com a sua enorme verve; mas, na verdade, este universo cultural, que é já uma síntese crioula de tradições originárias de outras geografias, despojou-as das suas funções de pedagogia e exemplo imediatamente útil ao quotidiano activo. Mesmo Totone Menga Menga, de uma santidade e saber semelhantes às do «marabout» da África islamizada, do Mestre da espiritualidade Tao chinesa ou do eremita da tradição cristã, nada mais faz do que animar peregrinações em busca do saber escatológico.

O saber respeitável dos velhos respeitáveis reduz-se ao repositório dos valores que dão os sentidos de «Resistência moral» da «Gente que não cede ao desânimo», de duração e de sobrevivência. Ao submeter Chiquinho a esta visão do mundo tradicional B. Lopes desenha-lhe um perfil intelectual dominantemente imaginativo, dentro do qual se vai inquistar a sua aprendizagem de escola oficial. O primeiro sinal do antagonismo entre estes dois saberes realiza-se com a deslocação do campo semântico do Caleijão para o da Praia Branca; entre as opiniões da avó acerca de tio Joca e as suas próprias observações, instaura-se uma diferença que faz germinar a disjunção entre a doxa, valores de censo comum, e a sua análise lógica incipiente.

Mas o alargamento de vastas implicações sociológicas consiste em B. Lopes introduzir o eixo semântico da «posse», sobre o qual se desenrolam os conflitos inter-escolas na subjectividade de Chiquinho; qualificado pela «riqueza» em bens modernos (os dólares vindos da América) e em bens de raíz (as hortas) Chiquinho reúne uma «boa cabeça» curiosa de modernidade e uma fértil imaginação tradicionalista; no pólo oposto do eixo encontram-se os pobres Chico Zepa e Tói Mulato, para aprofundarem a sua disjunção, o primeiro oferecendo-lhe o modelo da modernidade inconformada e, o segundo, o do tradicionalismo obediente.

Ao entrar no campo semântico de S. Vicente, Chiquinho expõe a sua contradição máxima: «Entrei em contacto com o grupo de que Andrèzinho me falara. O programa era ambicioso e seduziu-me logo pelo que revelava de insatisfação e desejo de evasão das realidades circunstantes.» (*Ch.*, p. 124); a sua visão do mundo fá-lo descodificar como fuga para o evasionismo imaginário o que era justamente o contrário, um mergulho fundo nos problemas da realidade circundante.

É através da acção sociológica do grupo, do carnaval em contraponto com o drama da subsistência popular e do absurdo da morte de Parafuso, que Chiquinho acaba por encontrar a terapêutica consciencializadora necessária ao seu equilíbrio.

Ou seja, e este é um dos pontos fundamentais do romance, é pelas franjas da escola oficial que passa, exactamente através da abertura de S. Vicente, um saber questionante, de domínio sociológico capaz de perturbar a tranquilidade da Ordem geral, do mesmo modo que foi em S. Vicente que Chiquinho acedeu ao «saber-querer» amoroso, não previsto nas determinações familiares. A insatisfação urbana dos jovens faz germinar uma ameaça inesperada, susceptível de desequilibrar a frágil totalidade do universo cabo-verdiano representado no texto, num extremo, pelo tradicionalismo de S. Nicolau e, no outro, pelo modernismo de S. Vicente, tendo na escola integrada, que se prolonga entre todos os espaços, o fiel da balança.

Com toda a evidência B. Lopes induz no seu romance uma leitura de muitos sinais da realidade sócio-política e económica do seu tempo e de Cabo Verde, país que se encontrava numa situação duplamente dominada pela colonização e pela deficiência económica. A inacção do porto textualiza essa depressão geral e, no conjunto, a acção dos jovens com o seu idealismo inábil e mal sucedido, assim como o levante de S. João de efeitos práticos inúteis estão lá a configurar o modo de ser repressivo do colonizador. Ao contrário do que queria O. Silveira, todo este aparente ou real improviso de acção é a única saída literária realista; outra seria ficção «inautêntica».

O que sobressai é o modo da relação; o Poder político, figurado em S. Exa., Sexa dito ironicamente, torna-se um *ser* não nomeado, equivalente a ser «ignorado» por «indiferença», no sentido em que, na impossibilidade de vencer o inimigo, ele é transformado em hóspede intruso e indesejado; fazendo-o, os jovens ostentam a sua aptidão para pensarem, por si próprios, os seus próprios problemas; se bem ou mal essa é já a história da aprendizagem adequada, da liberdade e do «poder agir» livremente.

É importante notar que esta contestação desenvolvida com base no «Saber» científico corrobora, sobre todos os aspectos, o amadurecimento da nação cabo-verdiana, tal como o delineámos na primeira parte.

Com efeito, só em 1961 a questão foi *literariamente* posta no espaço cultural do continente africano, não para representar uma escola já dominada e integrada, mas a sua introdução como coisa estranha; no romance *L'Aventure Ambiguë*, o senegalês Cheick Amidou Kane tematiza a violação das tradições africanas e a alienação que causa a introdução da escola europeia; e mostra que ignorá-la não abole o seu fascínio. Por isso se faz a convocatória da tribo dos «Diallobé» (Toucouleurs): «É para vos exortar a fazer uma dessas coisas [que 'nós detestamos'] que eu pedi para vos falar hoje.» «Eu venho dizer-vos isto: eu, 'Grande Royale', não gosto da escola estrangeira. Eu detesto-a. Contudo a minha opinião é que é preciso mandar para lá os nossos filhos.»[32]: a escola científica, ao dar o «Saber» e o «Poder» ao colonizador,

mostra à «Grande Royale» que eles são igualmente uma condição para a libertação e progresso do seu próprio povo.

No caso cabo-verdiano, o facto de a escola europeia ter entrado através de uma componente étnica de matriz facilitou a sua acomodação; mas ao seu lado desenvolveram-se atavismos e crenças que o texto denuncia, p. ex., através de Chico Zepa; apesar de analfabeto, Ch. Zepa já aprendeu com o empirismo viajeiro no mar a recusar o determinismo dos camponeses: «— Qual destino, velho! Destino é cair de rocha...» (*Ch.*, p. 107); mas a verdadeira ameaça para o Poder não virá dos analfabetos, e sim dos intelectuais, de S. Vicente: «— Não te apoquentes, meu filho, não endireitas o mundo. Por causa destas e doutras é que não conseguiste ser nomeado professor de posto o ano passado...» (*Ch.*, p. 107) diz a mãe de Andrèzinho; mas mais ainda de Chiquinho que «aliena» a «realeza» da «casinha», coração do Caleijão: «Eu tinha de escrever o meu ensaio sobre a vida social de S. Nicolau.» (*Ch.*, p. 258).

Tão submissa como a mãe de Andrèzinho é Mamãe Velha: «fez-me ouvir a voz da razão. Para que havia eu de me insurgir contra os governos do destino?» (*Ch.*, p. 260); mas são diferentes as motivações; para a primeira, no espaço «laico» de S. Vicente urbano, a opressão vem do poder dos homens; e, para a segunda, no espaço «sagrado» de S. Nicolau rural, ela vem do poder do destino. Daí o impasse de Chiquinho quando reentrou no campo semântico de S. Nicolau, cindido entre o laico e o sagrado; o seu *progresso* científico fazia-o sentir «outra espécie de respeito perante os velhos que falavam da vida nhanida da enxada» (*Ch.*, p. 211) sem, contudo, ser menos evidente o seu *regresso* imaginativo em que «Os coqueiros eram os gigantes que comandavam o exército humilde da vegetação. E à noite viravam lobisomens e cumprimentavam com grandes vénias a Vila adormecida em pavor.» (*Ch.*, p. 221).

Este o grande dilema da representação cabo-verdiana no texto, e de qualquer universo moderno; são importantes as tradições para modelarem a «autenticidade» e darem sentido à identidade existencial; mas são também petrificantes ao não deixarem desenvolver-se a visão adequada e necessária ao rompimento do círculo da inércia e à superação do estado «destino-'resignação'» (A. Cabral; cf. Nota 24-26).

Vem daqui a germinação de uma isotopia profunda que articula a questão «novos/velhos», presente na consciência de Chiquinho desde a sua deslocação para o campo semântico da Praia Branca, em menino; define-se por duas Ordens em jogo que, finalmente, tematizam o grande núcleo textual da aprendizagem, a Ordem da «personagem» simbólica formadora, Caleijão, e a da personagem Chiquinho em formação. Obedecer apenas a uma dessas

Ordens salda-se por soluções banais, que nada acrescentam ao que se sabe da vida comum; mas juntando as duas alternativas B. Lopes cria um elevado rendimento cultural-literário e sociológico, e faz de Chiquinho um exemplo de alta positividade. Integrando-se na Ordem da avó sacrifica o saber iconoclasta e pratica um dever ético de respeito pelas tradições, e pela opinião dos mais velhos; mas este holocausto é moralmente injusto porque, p. ex., num espaço menos fechado (S. Vicente) a cultura urbana, embora reprima, não estrangula aquele saber, nem bloqueia a componente amorosa que o liga a Nuninha. Só a transcendente ironia trágica pode agir para corrigir a cegueira da Ordem tradicional: o «destino» (tragédia grega) desorganiza o cosmos tradicional, regido pelo «destino-determinismo», e liberta Chiquinho do seu compromisso anterior enviando-o em busca do complemento formativo moderno do «querer-livre arbítrio».

O Autor cabo-verdianiza esta trama com as personagens de tio Joca, voz afectiva e moral do paradigma a evitar, de José Lima que oferece o exemplo a prosseguir, e de Euclides Varanda que formula o suporte teórico e filosófico: «As ilhas eram a nossa base para partirmos. — Para onde, velho? — Para Cabo Verde... — Estamos em Cabo Verde... — Não estamos tal... As ilhas vivem é na alma de cada um de nós...» (*Ch.*, p. 234). Nesta fala do velho o Autor intertextualiza o filosófico e o esotérico espírita, o que exige, mais do que uma interpretação especulativa, a aproximação exegética.

Em função de todos os contextos implicados no texto, descodificamos aquela cifra como a pulverização dos lemas «ter de partir querendo ficar», «ter de ficar querendo partir»; aliás, o Autor já colocara um mais exigente na fala de Andrèzinho: «— Nós somos pássaros engaiolados. E o pior é que a porta da gaiola anda sempre aberta, e contudo não podemos sair dela...» (*Ch.*, p. 212), ou seja, «ter de ficar condicionados querendo ficar livres». A tese de E. Varanda contém a resolução da de Andrèzinho: «Querendo ficar livres é preciso arranjar meios para produzir essa situação»; assim: «partir das ilhas, espaço tópico politicamente sitiado, frequentar algures o espaço formativo necessário, vivendo Cabo Verde em utopia, e regressar ao espaço tópico em tempo adequado», sem cometer o erro táctico de José Lima, «um revolucionário.» (*Ch.*, p. 225) que chegou cedo demais.

O que vale esta aprendizagem tira-se de uma das raras intervenções do narrador-emigrante sobre o seu passado: «Como aquele avô heróico me parecia diferente dos homens que eu via todos os dias puxando na enxada, para voltarem à noite à casa pobre coberta de palha. Lá dentro faziam a sua vida de servos, numa resistência que eu não compreendia. Tinham povoado a minha infância de imagens que não me deixavam admirar aquela heroicidade constante e apagada.» (*Ch.*, p. 80).

Mas para além da edificação da consciência valorativa, a partida é também para Chiquinho o único modo de se constituir subjectivamente em «ser-homem», através da conquista de um Bem que o faça sentir poder querer Nuninha: «Nuninha. [...] Construí na América a casa para mim e Nuninha [...] uma boa casa para receber Nuninha. Uma boa casa para Nuninha.» (*Ch.*, p. 294).

Dentro da lógica realista esta história tem uma forma aberta: «acaba a história (reino do destino), começa a história (reino da vontade). E ao guardar silêncio sobre o lugar de onde fala o narrador, o Autor faz ressaltar diversos precedentes textuais de grande antecipação em relação ao seu tempo. Em primeiro lugar ocorre uma coisa muito rara que consiste em o Autor codificar, não só as condições de recepção do texto, mas também os motivos para a narração; em segundo lugar estas codificações põem todo o texto sob o signo da oralidade.

Notemos o «incipit» do romance: «Como quem ouve uma melodia muito triste, recordo a casinha em que nasci, no Caleijão.» (*Ch.*, p. 11). Todo o texto fica submetido à regência do «Como» comparativo, do qual diz Henri Meschonic: «A prática da poesia, ao contrário das ideias completamente feitas, revela em *como* o 'sésamo' de um elo novo, o mistério do possível, a própria palavra que significa poesia.»[33]. Ora, o «como» intervém sempre pela lógica da analogia, e no texto está incumbido de dar andamento a duas linguagens implicadas e conjugadas, a da «melodia» — musical — que ele «ouve» e a da «recordação» — verbal — que a melodia desencadeia na fala; mas, em virtude da analogia comparativa, as duas linguagens assemelham-se e desposam-se: a musical, que é um significante sem significado denotado (Louis Hjelmslev)[34] cede a sua modulação musical e recebe a substância da realidade, significada na fala.

Esta subtileza retórica facilita a linearidade do ladrilhado da história em capítulos que parecem somar-se: Casinha (cap. 1) + memória do pai (cap. 2) + contadeiras (cap. 3) + criado (cap. 4) + amigo velho (cap. 5) + amigo novo (cap. 6), etc., dando a ilusão que aquela ordem de apresentação pode ser alterada. E cria uma grande mobilidade de leitura, imitando a mobilidade da memória; ao passar rapidamente de um tema para outro, até regressar ao primeiro, a leitura mantém-se muito viva beneficiando da memória ainda recente da anterior ocorrência do mesmo tema.

No progressivo adensamento dos nexos semânticos entra a lógica da memória, por *contiguidade espacial e temporal*: Chiquinho na Praia Branca; organização do grupo de S. Vicente para agir, e agravamento da crise; por *associação*: o espectáculo corporal de Bibia Ludovina e a expressão da sexualida-

de de Chiquinho; por *contraste*: a progressão do carnaval e a doença e morte de Parafuso, etc.. Mas, ao mesmo tempo, a doença de Parafuso, ligada ao desemprego do pai, *associa-se* também à acção do grupo de S. Vicente; e, por uma idêntica relação, o capítulo de Bibia Ludovina, mediante o elemento «alma» de António Carrinho, morto num «batifundo», *associa-se* ao capítulo anterior, onde Nhô João fala a Mamãe Velha, *a propósito* do seu batifundo com o avô, *a propósito* do dinheiro ganho «de riba da água do mar», *a propósito* das chuvas, *a propósito* da horta, *a propósito* da caturrice da avó, *a propósito de...*

A lógica do texto constrói-se sobre um longo «a propósito» em que tudo faz eco a tudo: e os temas alternam, acabando por se encaixarem uns nos outros à medida que o narrador conta a(s) sua(s) história(s); e, assim, ele entra no dispositivo do Caleijão, imitando os velhos contadores de «Água do Canal», sempre prontos a recomeçar; e assim se desenvolve o efeito de «mise en abyme» em que a narração, alinhando uma fiada de histórias, parece ser a expansão do capítulo de Bibia Ludovina.

O narrador não imita só o que fazem as personagens, fazendo igualmente de contador de histórias, mas também, cumprindo a lógica do programa claridoso, realiza um máximo de verosimilhança na sua ficção do universo humano, tornando-o mais real do que a própria realidade. A criatividade linguística constitui a base desse procedimento literário que explora habilmente as virtualidades dos *modos narrativos*.

Nos diálogos, que instauram um espaço dramático, B. Lopes utiliza a «forma» de *discurso reproduzido* em rigorosa adequação entre as tipologias das falas das personagens e os seus respectivos estatutos sócio-culturais. E por mais comum que isso hoje pareça não devemos esquecer que tal «forma», ao tempo da escrita de *Chiquinho*, pertencia ainda ao domínio das técnicas raras e difíceis de manejar, obviamente inédita na literatura cabo-verdiana e que, p. ex., só posteriormente veio a ser explorada pelo neo-realismo português.

Aliás, o verdadeiro valor desta inovação «modal» decorre do facto de não se esgotar nas situações de diálogo, e de continuar a ser ainda hoje uma técnica incomum na «forma do *discurso narrativizado*, habilmente explorada pelo Autor no relato da vida de Chiquinho menino, passada em S. Nicolau.

No plano geral da linguagem que engendra na sua ficção narrativa, B. Lopes elabora uma síntese linguística entre a língua cabo-verdiana, falada, e a portuguesa, falada e escrita, cabo-verdianizando a portuguesa que também lhe oferece o suporte gráfico; «inventa» deste modo uma língua literária de grande *poder* expressivo e significativo, adequada à simbolização da unidade e completa autoctonia do universo cabo-verdiano representado no texto.

A versatilidade plástica desta língua literária responde assim às exigências dos *registos* culturais de matriz, que vão do totalmente *oral*, do povo analfabeto, até ao *oral-escriptível*, dos cultos E. Varanda, Andrezinho ou Chiquinho. Nos limites deste leque cabem então as personagens caracterizadas pelos seus *atributos* de fala compatível, com uma variedade e riqueza, literariamente forjadas, que suportam bem as exigências de uma tipologia linguística.

Assim, p. ex., o *atributo* de fala *popular*, tipo *gíria*, especificando um personagem *urbano-cosmopolita* do porto de S. Vicente: «— Palavra, moço, que me está fazendo lembrar nhô Mané Ponteiro. Quando foi da greve de 912, eu trabalhava na Companhia Cory, era donkeyman. Bem que falava, o malandro...» (*Ch.*, p. 188), e outra igualmente *popular*, de uma personagem *rural*, camponesa de S. Nicolau: «— Agora é virar... Tu é que és um hereje. Tomara teres na cabeça a metade do juízo que nhô Mané tem na pontinha do dedo mindinho...» (*Ch.*, p. 85) (cf. ainda, «greve» vs «hereje», a oposição dos discursos, a oposição «ateu vs teológico» e a extracção geográfica e social dos respectivos sujeitos).

Assim, igualmente, os *atributos* de falas de *nível familiar*, em personagens de meio *urbano*: «— Também já fui assim. Sentia gagê no corpo. Passava o tempo consultando o espelho.» (*Ch.*, p. 120), e de meio *rural*: «— Pitra, tu é que fizeste filho em Zepinha?» (*Ch.*, p. 27) (cf. também os discursos «femininos»: «sedução» vs «moral»); e de *nível culto*, aliás, homogeneizador visto que a Escola é idêntica em todas as ilhas:

«— Terra de agricultura, vizinho. Gosto muito de plantas. Eu devia ter ficado a cultivar a terra, em vez de me meter na vida parasita do funcionalismo.» (*Ch.*, p. 122), «Chiquinho, sabes, eu tenho todo o interesse no teu futuro. Conheci-te ainda eras rapazotinho.» (*Ch.*, p. 216) (cf., p. ex., o rigor de sintaxe, de lógica e de selecção lexical para caracterizarem um certo «saber falar»).

Se estas «formas» de *discurso reproduzido*, que caracterizam ou podem mesmo tipificar as personagens, se encontram já naturalizadas, os matizes de *discurso narrativizado* criam um efeito de surpreendente «teatralização», mediante o qual o registo discursivo literaliza a subjectividade das personagens; sejam, p. ex., os seguintes casos significativos: um *léxico* muito reduzido e uma *sintaxe coordenada* para representarem as estruturas *lógico-mentais* de Chiquinho menino: «Quando eu era tamanhinho, figurava a América uma ribeira muito bonita, cheia de hortas muito verdes. Na ribeira, Papai trabalhava de agricultura. [Cf. resto do parágrafo]» (*Ch.*, p. 20); um *léxico técnico*, muito expedito, de grande concisão e rigor, como convém à linguagem *telegráfica* do sociólogo politizado para a acção: «E rapidamente me fez um inquérito. Condições agrícolas. Os salários. Quanto deixava, em dólares, a

emigração. Contribuições, etc. Eu estava submergido num mar de perguntas que Andrezinho me dirigia.» (*Ch.*, p. 121); e um outro *léxico* de abundantes conotações *metafóricas* e *simbólicas*, num registo discursivo embalador, adequado ao *lirismo* de Chiquinho apaixonado por Nuninha: «Os fios de luar eram fios dos cabelos da moça-do-mar, que se penteava. E os peixes voadores, pagens alegres e estouvados, montando guarda ao idílio de Chiquinho com Nuninha.» (*Ch.*, p. 131).

Compõe finalmente esta linguagem literária um dicionário de *léxico típico* e de *expressões poéticas*, de grandes efeitos sugestivos, que enseminam o texto através das falas do narrador e das personagens, mas dominando nos estratos populares, que são, com o dos poetas, os de maior criatividade linguística: «meninência», «manhento», «tamanhinho», «agorinha», «colhetar», «porquidade», «avejão», «outrum», «exacto e qual», «pardal jardinol», «corpo queixoso», «lágrima comovida», «madrugada de barba», «mugiam a sua orfandade de uma noite», «tempo como areia», «não tenho brincadeira com aquele tanque grande».

Para além destes processos de construção e formas de linguagem, de que damos apenas alguns exemplos, é ainda importante a modulação musical que percorre o texto, com variações em crescendo disfórico: começam, no início do texto, por um *afectivo* de menino, passam pelo *lírico* do amoroso Chiquinho, pelo *dramático* com a seca, pelo *trágico* na elegia fúnebre a Nhô Chic'Ana, e culminam no *patético* da fala da avó, nas últimas páginas.

Embora sem qualquer afinidade com a poética surrealista, B. Lopes também explora, com a arte de um filólogo-escritor, o insólito da linguagem mas só até destruir o automatismo das falas correntes, e introduz nessa fenda as transformações necessárias para fazer literatura oral(izante), sem deixar de ser escrita. E o texto representa um longo intertexto que emalha também exemplos de morna, de canções de trabalho de menino, de uma fala emigrada e de outra presente, duas epístolas que religam no todo as partes, ilhas-ilhas e exterior-ilhas.

Por isso *Chiquinho* é o espaço simbólico onde a voz narrativa se confia às falas de Cabo Verde convocado à representação literária, para mostrar uma substância humana autêntica fazendo-se Literatura que rompe as suas próprias fronteiras, para ser universalizante.

Linda-a-Velha, Setembro-Dezembro, 1983

NOTAS

(1) Baltasar Lopes, *Chiquinho*, romance caboverdeano, S. Vicente-Cabo Verde, Edições «Claridade», 1947; 2.ª ed., Lisboa, Prelo Editora, 1961; 3.ª ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1972; 4.ª ed., Lisboa, Prelo Editora, 1974.

(2) Os outros foram: Manuel Lopes, Jorge Barbosa; Baltasar Lopes assina poesia sob o pseudónimo de Osvaldo Alcântara.

(3) Arnaldo França, *Notas sobre poesia e ficção cabo-verdianas*, Praia, Centro de Informação e Turismo, 1962, p. 14.

(4) Manuel Ferreira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa* — I, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977, p. 62, indica 1938 como data do acabamento de *Chiquinho*.

(5) Manuel Lopes, «Reflexões sobre a literatura cabo-verdiana», in *Colóquios cabo-verdianos*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1959, p. 7.

(6) Teixeira de Sousa, «Cabo Verde e a sua gente», in *Cabo Verde* — Boletim de Propaganda e Informação, n.º 109, Praia, Imprensa Nacional, outubro 1958, p. 12.

(7) José Osório de Oliveira, «A Literatura cabo-verdiana é uma realidade», in *Diário Popular*, Lisboa, 20 outubro 1951.

(8) António Pedro, *Diário*, Praia, Imprensa Nacional, 1929.

(9) Baltasar Lopes, *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*, Praia, Imprensa Nacional, 1956, p. 5.

(10) Roland Colin, *Les Contes noirs de l'ouest africain*, Paris, Présence Africaine, 1957.

(11) Gabriel Mariano, «Do funco ao sobrado ou o 'mundo' que o mulato criou», in *Colóquios cabo-verdianos*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1959, p. 24-49.

(12) Arnaldo França, «O movimento cabo-verdiano evoluiu», in *Cabo Verde* — Boletim Documental e de Cultura, n.º 13-15/169-171, Praia, Centro de Informação e Turismo, outubro-dezembro 1963, p. 7.

(13) Guilherme Rocheteau, «Pontos de vista», in *Cabo Verde* — Boletim de Propaganda e Informação, n.º 37, Praia, Imprensa Nacional, outubro 1952, p. 13; cf. também os n.os 35 e 36.

(14) Manuel Ferreira, *A aventura Crioula*, 2.ª ed., Lisboa, Plátano Editora, 1973, p. 258.

(15) Teixeira de Sousa, «Cabo Verde e a sua gente», in *Cabo Verde* — Boletim de Propaganda e Informação, n.º 109, Praia, Imprensa Nacional, outubro 1958, p. 12.

(16) Mário Dionísio, «Crítica», in *Vértice*, vol. V, n.º 54, Coimbra, fevereiro 1948, p. 144-146.

(17) René Girard, *Mensonge romantique et vérité romanesque*, Paris, Bernard Grasset Pluriel-poche, 1978.

(18) Afrândio Coutinho, (Direcção), — *A literatura no Brasil*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana S. A., 1970, p. 1-37.

(19) Idem.

(20) Idem.

(21) Idem.

(22) Idem.

(23) António Aurélio Gonçalves, «Problemas da literatura romanesca em Cabo Verde», in *Antologia da ficção cabo-verdiana contemporânea*, Praia, Edições Henriquinas — Achamento de Cabo Verde, 1960, p. XXVIII.

(24) Amílcar Cabral, «Apontamentos sobre poesia caboverdiana», in *Cabo Verde* — Boletim de Propaganda e Informação, n.º 28, Praia, Imprensa Nacional, p. 7-8.

(25) Idem.

(26) Idem.

(27) Onésimo Silveira, *Consciencialização na literatura caboverdiana*, Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1963, p. 23.

(28) Manuel Duarte, «Caboverdianidade e africanidade», in *Vértice*, vol. XIV, n.º 134, Coimbra, novembro 1954, p. 639-644.

(29) Fernando Cristóvão, «A Literatura como sistema nacional», in *Cruzeiro do Sul, a Norte* — Estudos Luso-Brasileiros, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1983, p. 13-43.

(30) Iuri Lotman, *A Estrutura do texto artístico*, Lisboa, Estampa, 1978, p. 379.

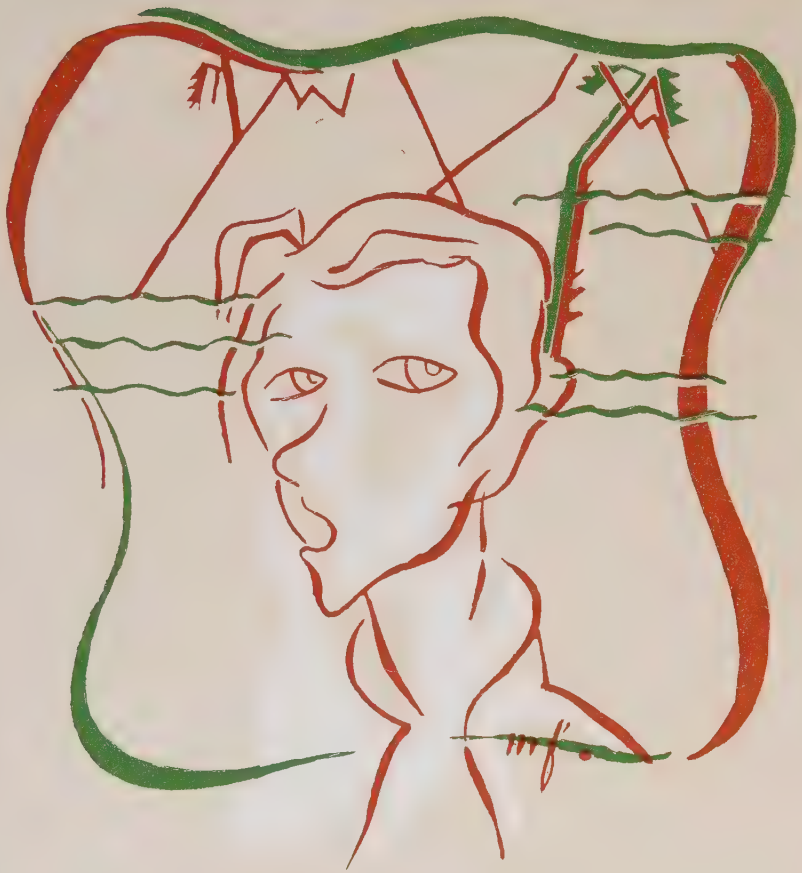
(31) Dominique Zahan, *La Dialectique du verbe chez les bambara*, Paris, Mouton & Co, 1963.

(32) Cheikh Amidou Kane, L'Aventure ambigue, Paris, U.G.E.-10/18, 1961, p. 56 (trad. do francês).

(33) Henri Meschonic, *Pour la poétique I*, Paris, Gallimard, 1970, p. 121.

(34) Louis Hjelmslev, *Prolégomènes à une théorie du langage*, Paris, Minuit, 1971, p. 142.

CHIQUINHO



romance caboverdeano

BALTASAR·LOPES

CHIQUINHO

BALTASAR LOPES

CHIQUINHO

Romance

EDIÇÕES "CLARIDADE"

S. VICENTE — CABO VERDE

A SEGUIR:

PONTA DE PRAIA

ROMANCE

À memória dos meus pais
e do meu irmão Augusto

INFÂNCIA

Corpo, qu'ê nêgo, sa ta bái;
Coraçom, qu'ê fôrro, sa ta fica...

(O corpo, que é escravo, vai;
O coração, que é livre, fica...)

Batuques da ilha de S. Tiago, de Cabo Verde

1

Como quem ouve uma melodia muito triste, recordo a casinha em que nasci, no Caleijão. O destino fez-me conhecer casas bem maiores, casas onde parece que habita constantemente o tumulto, mas nenhuma eu trocaria pela nossa morada coberta de telha francesa e emboçada de cal por fora, que meu avô construiu com dinheiro ganho de-riba da água do mar. Mamãe-Velha lembrava sempre com orgulho a origem honrada da nossa casa. Pena que o meu avô tivesse morrido tão novo, sem gozar direitamente o produto do seu trabalho.

E lá toda a minha gente se fixou. Ela povoou-se das imagens que enchiam o nosso mundo. O nascimento dos meninos. O balanço da criação. O trabalho das hortas e a fadiga de mandar a comida para os trabalhadores. A partida de Papai para a América. A ansiedade quando chegavam cartas. Os melhoramentos a pouco e pouco introduzidos com os dólares que recebíamos. Mamãe deslisava como uma sombra silenciosa no trafêgo da casa. Mamãe-Velha não parava, indo de um lado para

outro, como se nada pudesse fazer-se sem a sua fiscalização e os seus gritos. A minha avó só sabia querer a sua gente descompondo.

Ao lado da casa grande, de quatro quartos, ficava a casinha desaguada, onde Mamãe fazia a despensa, e que nos dias de chuva servia para abrigar as galinhas da criação. Encostada à casa de moradia, ela tinha de longe, com o seu tecto rectangular, inclinado para drenar a água, um ar de bezerro a pojar nas mamas da mãe.

A casinha desaguada era a tentação da meninência. Mamãe guardava lá o barril da farinha-de-pau, a talisca que ficava da rala da mandioca e o peixe seco da ilha do Sal, tão bom para se misturar na boca, mesmo cru, com a mãozada de farinha apanhada às escondidas. Os meus dois irmãos mais novos incitavam-me às incursões na despensa. Lela e Nanduca não mediam bem a responsabilidade que resultaria da descoberta do delito. Por isso choravam, quasi gritando, quando eu hesitava:

— Mano Chiquinho, Mamãe não vê...

Geralmente era depois do almoço que eu me arriscava no interior da despensa. Àquelas horas, Mamãe estava lá para dentro ocupada a escarolar a louça e a tirar o queimado da caldeira para dar ao Baluca, um cão de guarda manhento de comida que nem menino nascido na fraqueza da lua. Ou então ficava sentada no baú a dar pontos na roupa e a botar chapas nas calças da meninência. Mamãe-

-Velha, coitada, tinha depois do almoço o seu descanso bem merecido. A casa ficava mergulhada em silêncio. É que depois da comida vinha-lhe sempre aquela maldita dorzinha no joelho, complicada às vezes de caimbras no osso-de-varanda, que a apoquentava, por via da sombra-de-ar ganha havia anos, depois de uma chuvada que apanhara ao vir da Fajã. Causava mesmo espanto entre os entendidos como aquela mofina dor no joelho só se lembrava vir depois do jantar do meio-dia e não em outra hora. Certa ocasião Mamãe desceu com ela à Vila a consultar o doutor. Mas este, um barbaçanas carrancudo, de olhos brancos, receitou uma xaropagem qualquer que Mamãe-Velha fincou os pés à parede e se recusou a tomar. Não; não tinha jeito aquilo; parecia mesmo vomitado de gato. De mais a mais, entrava na cabeça de uma pessoa de muita experiência, ganha no lidar da vidinha e na criação de filhos, que dor de ossos se curasse com beberagens? Mais seguro era socorrer-se das mèsinhas da terra, tanto mais que os doutores nunca acertaram com remédio para sombra-de-ar. De maneira que Mamãe-Velha passou a pôr no joelho um cozimento de malva e contra-herva, estendido em lã de carneiro, e receitado por nhô Luís Babá, homem antigo, de muita lábia, bonita cabeleira branca, e que fazia lembrar aqueles velhos referidos na história de Carlos Magno.

Assim, depois do jantar do meio-dia, tínhamos

jazigo para as nossas aventuras na casinha desaguada. Mal eu punha o último bocado, fazia o Pelo-Sinal e abalava para fora com jeitos manhosos de mula-velha. Mamãe ralhava comigo:

— A Virgem Santíssima há-de te dar juízo e governo na cabeça! Pareces o cavalo de nhô António Aninha, não pára nunca na mangedoura...

Eu saía direitinho à cancela, para dar a entender que ia ter dos camaradas da brincadeira, mas depois deslisava encostado à parede do tapadinho, dava uma volta debaixo da casa e entrava na despensa. Obtinha a cumplicidade de Tanha e de Pitra Marguida com palmos de tabaco de rolo que apanhava a Mamãe. Nem sempre a operação se fazia sem incidentes. De uma vez o Baluca denunciou-me à saída porque, como lhe tivesse engatado o rabo na porta, começou a uivar com a sua voz esganiçada de sopleta-e-fogo. Naquele dia comi uma sova de lato que me deixou o corpo talhado de vergônteas. Mamãe pegou-me com uma indignação que lhe fazia tremer as mãos. Furtadela só própria de menino sem eira nem beira. De mais, ela não queria que a fama da sua casa fosse injustamente minguada na boca dos linguareiros, que só sabem nicar na vida do próximo. Mamãe-Velha interveio em minha defesa. E foi um chover de atenuantes sobre as minhas culpas. A minha avó só se arvorava em juiz rigoroso quando ela mesma verificava os delitos. No resto, era um passa-culpas de olhar severo.

2

Conheci bem Papai em casa, apesar de ele ter embarcado pela primeira vez para a América andava eu por cinco anos. Mesmo depois de ausente, ele era uma presença constante na nossa casa. Bastava olharmos para a mobília americana, o gramofone, os quadros na parede, para sentirmos Papai assistindo connosco, embora tão longe. Mamãe dizia-nos que Papai não pensava em embarcar:

— Não sei como lhe deu aquilo na cabeça...

Foi quando da seca de novecentos e quinze. Os sequeiros não deram nada e no regadio a água quasi secou. Ao tempo éramos só dois filhos, eu e Lela, porque Nina que era depois de mim, morreu com três anos. Lela era menino de mão quando Papai embarcou. Mamãe lamentava sempre a morte daquela única filha:

— Hoje eu teria quem me ajudasse no governo da casa...

Quando Papai viu o tempo tão ruim, disse à minha mãe:

— Maria, eu preciso dar uma ordem na vida. Este tempo não está capaz...

— Ordem de que maneira, criatura?

— Estou pensando em embarcar para a América.

Mamãe quis dissuadi-lo.

— Não, menina. Precisamos criar esses meninos. Hortas não estão dando nada.

O grande amigo de Papai era nhô Roberto Tomásia. Nhô Roberto concordou:

— Eu também, se fosse como você, embarcava, António Manuel... Felizmente não tenho filhos...

Todo o mundo dizia que Papai era um chefe de família exemplar. E todos da casa muito unidos. Apenas com tio Joca, Papai teve durante algum tempo seus dares e tomares por causa de uma horta que titio licitava quando, muito mais tarde, combinaram partir a herança do meu avô materno. Mamãe contava que viveu mortificada por ver aquela zanga do irmão com Papai, tudo por via de uns casais de terra.

— Partilha dá sempre agravo.

Mas quando foi da grande doença de Papai, titio levantou-se da Praia-Branca e não largou a cabeceira do doente, dando ordens como o único homem da casa. A zanga acabou-se.

Mamãe referia constantemente:

— António Manuel é um burro de trabalho.

Papai andava sempre para riba e para baixo, ora no trabalho das hortas, ora no trafêgo da vida, conforme Deus fosse servido. Rico não era porque não estava na linha do destino, mas, na filosofia de Mamãe-Velha, maior ainda do que as riquezas do mundo era a consolança de sentir o coração limpo e a cabeça livre de pensamentos de maldade.

Quando voltava das hortas, de tardinha, sentava-se na cadeira de balanço e íamos tirar-lhe as pega-saias e as setas das calças. Papai nunca se esquecia das encomendas para nós: eram mandioquinhas tenras, de menos de duas as-águas, batatas de formas caprichosas, em semelhança de gente ou animais, e aboborinhas rabo-de-gato, em vista das merendas.

Papai, apesar de não se ter aplicado nos estudos, dizia sempre:

— Não aprendi com Joca, mas, graças a Deus, sei o suficiente para livrar a minha cabeça.

Ainda encontrei em nossa casa três livros que, segundo me referiram, Papai tinha em grande estima: uma gramática portuguesa de Bento José de Oliveira, um código civil e um Lunário Perpétuo. Quando havia jazigo, apareciam os amigos e Papai lia o código civil. Nhô Chic'Ana deixava apagar o cachimbo, embebido na leitura dos artigos do código. O velho contava até que, certa ocasião, três homens antigos, de muita experiência, ganha neste rodar de pau-de-almanjarra que é a vida, fizeram reparos no código civil, a-fim de ele seguir sempre as linhas da razão natural.

Papai apreciava muito um homem de cabeça clara, cheia de saber, para governo seu e dos semelhantes. Todos os anos, no dia 5 de Outubro, era certo ele descer à Vila a assistir à sessão comemorativa na Câmara Municipal. Papai tinha admira-

ção especial por nhô Miguel Pintor cujo falar valente e gestos de pessoa decidida lhe caíam muito no paladar. Saboreava as palavras dos oradores, e quando regressava ao Caleijão comunicava aos amigos que nhô Fulano ou nhô Cicrano tinha feito um discurso muito importante. Era o seu maior elogio:

— Fulano é um homem importante.

O Sr. Euclides Varanda era cotado de uma maneira diferente.

— Que velho esquisito — dizia Papai. Mas sabedor lá-fora. Antigo republicano, que nos tempos da Propaganda escrevia artigos no «Jornal da Província». Papai admirava-lhe a abundância com que lia folhas e folhas, suas lunetas fortes de míope desencavalitando-se com a transpiração.

E assim, tudo na nossa vida, a casa, as mobílias, as recordações, os nossos interesses, fazia uma reportagem sentimental que dava a Papai uma presença quase física no meio de nós. Anos depois voltou com licença de seis meses. Quando já Papai estava outra vez na América foi que Mamãe teve Nanduca.

Chegavam cartas e retratos. Nhô Roberto Tomásia ia sempre receber as suas mantenhas. Ficava admirando os retratos de Papai, vestido de casimira e com uma grande corrente de relógio atravessando o colete:

— António Manuel está um americano perfeito...

Quanto Tuta de Melo esteve na ilha, Mamãe foi tirar retrato a Nanduca para Papai conhecer o seu codê.

Só nos faltava Titio Joca, desterrado na Praia-Branca, para toda a família estar reunida. Apesar de morado em 102 South Second Street, Papai estava constantemente connosco. No quarto em que, à hora da deita, diante do oratório, Mamãe e Mamãe-Velha pediam a Deus por ele; na salinha, em que os móveis e os retratos falavam dele, principalmente depois da ceia, quando a conversa caía comovidamente em Papai, a trabalhar lá para essas terras que ficam tão longe, debaixo da linha do mar; na hortinha em frente da casa, onde Papai fazia a sementeira para as assadas dos meninos; na barraca onde, boquinha da noite, se recolhiam os burros de jornada que ele levava quando saía para as hortas; ele estava nas cartas que nós os meninos recebíamos da América, com muitas mantenhas do "Papai sempre amigo". Eu é que lia as cartas da casa.

— Chiquinho, lê tu que tens a vista mais clara.

O mundo trepidante que corria à sua volta não engulia as vozes pequenas que chamavam Papai para a sua casinha do Caleijão. A fábrica não matou a voz do pilão e do moidor rolando. E a dos amigos também. As preocupações de sempre não faltavam. «Maria, você diga Pitra para ter

cuidado com as cabras para não estragar planta no Trás-de-Pico. No «Daisy» mando vocês umas pranchas para um portal novo». Consignava tantos dólares para brocas e assento de covas. Mamãe visse bem a questão da água da rega da Ribeira de João. Se fosse preciso demanda, consultássemos para S. Vicente um *lawyer* bom, que ele mandava dinheiro para as despesas.

A América ficava bem perto de mim. Meu coração de menino não a colocava mais longe do meu círculo de afeições do que a Água-do-Canal ou o António Gegê, onde eu ia brincar com a meninência e correr navios de purgueira e de cana de milho.

Quando era mais tamanhinho, figurava a América uma ribeira muito bonita, cheia de hortas muito verdes. Na ribeira Papai trabalhava de agricultura. Lá tinha suas hortas. Hortas de cana e bananeira. Hortas de sequeiro, com milho e feijão. Os trabalhos eram os mesmos que na Fajã e nas baixadas. Só lhe faltava Pitra Marguida para o ajudar. Papai tinha as suas horas de ração de rega. Lá a água seria mais abundante, porque chovia mais e caíam trovoadas mais fortes, que rebentavam as nascentes. Papai fazia farinha. Com duas as-águas a mandioca estava pronta para a farinhagem. Eu imaginava os trabalhos da rala, os tachos sobre o lume, e as mulheres mexendo o rodo para evitar que a farinha se empedrasse. O trapiche na lavra. Os bois gira-

vam, pachorrentamente, na roda da almanjarra, no terreiro-de-trapiche. Os rapazinhos tangedores cantando atrás dos bois:

— Vira, Pintor, dá-me milho, eu dou-te farelo...

Eu vivia longos momentos a nostalgia do aboio.

3

A noite tinha para nós o atractivo das histórias. Depois da ceia, Mamãe arrumava tudo e lavava a cara a Lela e Nanduca. Já não havia o receio de saírmos para a cabritagem da rua. Àquela hora tolhia-nos o medo do escuro. A cena era sempre a mesma. Mamãe-Velha postava-se diante do altarinho armado ao canto da casa, e ali desfiava as suas orações. Não esquecia nunca dois Padre-Nossos pela segurança dos que andam sobre as águas do mar, a trabalhar no braço da Virgem Maria, e três Padre-Nossos e dois Glória-Patri por alma do irmão, morto na flor de idade, de uma dor posteimosa que não cedera nem ao leite de figueira brava nem ao cáustico confortativo. A data da morte era lembrada num quadro orlado de preto com uma cercadura de flores secas de rosa-querela. Tudo arrumado e rezadas as orações, Mamãe e Mamãe-Velha iam sentar-se na salinha, onde já estávamos, acomodados em bancos. A casa enchia-se de meninos. A nossa imaginação vivia apaixona-

damente no mundo variado que as histórias criavam. Acaçapado ao pé de Mamãe-Velha, o Baluca também fazia parte do serão, de orelhas caídas e cabeça pensativa, como se estivesse recordando as roncações da sua mocidade com as cadelinhas levianas que lhe davam trela.

Grande contadeira de histórias era nha Rosa Calita, velha pretona a quem os rapazes trocistas chamavam Camões, por lhe faltar um olho, em virtude de pau-de-finado mal curado. E que lábia que ela tinha! Era um gosto ouvir-lhe referir aqueles casos todos, contos de meninos presos, a engordar, dentro de caixas grandes, por velhas feiticeiras, pastorinhos que se casavam com a filha do rei, rapazotinhos sabidos que tinham enganado aquele-homem-pelo-sinal-da-santa-cruz, e as demonarias das feiticeiras que iam ao Espongeiro tomar ordens no seu chefe, um diabo trocista, de cara descarada, e depois saíam, transformadas em bichos, a agoirentar a vida da criatura.

— História, história!

— Fartura do céu, amen!

— Era uma vez uma princesa que andava a correr mundo à procura de Passo-Amor, seu noivo mas para o alcançar tinha de furar a sola a sete sapatos de ferro:

> Acorda, Passo-Amor,
> há mil léguas, em procura de ti...

Chegou à casa da Mãe do Vento, e esta escondeu-a dentro de um cancarã. Entrou o filho, muito malcriado, com grande barulho, catã, catã, e disse:

— Aqui cheira-me sangue real...

Nós todos queríamos mais e mais histórias A ouvir nha Rosa Calita, o sono fugia-nos totalmente; mas as histórias de feiticeiras, tão cheias de cantigas aziagas e fachas de lume voando, aqui e ali, na noite, punham-nos um medo tal no corpo, que nos chegávamos mais para o centro da salinha, a evitar a sombra de uma bombardeira, que parecia lobisomen de chapéu na mão, cumprimentando. Mas muitas vezes nha Rosa buscava casos que contivessem lições de vida moral para nosso ensinamento. Os exemplos que ela botava vinham vestidos daquela lábia pitoresca com que as palavras, saídas da sua boca mocha de dentes, se animavam de vida real. Eram verdadeiras cenas abertas à curiosidade atenta da meninência, que nelas assistia às experiências criadas na imaginação plástica da contadeira.

— Nha Rosa, se você contar mais histórias, dou-lhe uma mãozada de herva para você encher de melaço o pito do seu cachimbo...

— Eu dou-lhe um litro de farinha para você fazer pirão...

Além dos casos das feiticeiras, era muito apreciada a história de Carlos Magno.

— Mas que homem mofino, aquele Galalão!

— Nha Rosa, você conte a história de sexta-sábado...

— Nhor não. As bruxas são amigas do nosso inimigo, e se eu mentar o nome dele, aquele-homem aparece...

Esconjurávamos:

— Figas, canhota, mar de Espanha, beldroegas, rabo de gato preto...

— Certa ocasião havia grande fome na terra. Desde dois anos o mês de Outubro não dera pinga de água para refrescar a planta, já amorrinhada do léu-léu escasso de Setembro. Um homem de Fajã de Baixo vivia na sua casinha com duas filhas já raparigas, na vida castigada da pobreza. Vocês sabem, pobre é como cama de chão, todos lhe passam por cima. Um dia, assim que os galos deram a última pousa (tinham dormido sem cear), saiu com as filhas a furar a vida onde Deus fosse servido de mostrar a sua misericórdia. Andou, andou, passou a Assomada do Mancebo, e ali por em-direitura de Fragatinha, encontrou grande estendal de batata conteira num fundo de quebrada. Encheram os balaios, mas o homem, com a voz cheia de respeito, recomendou às filhas:

— Oh minhas filhas, vocês não dêem a ninguém conta desta senhora comida!

E seguiam os pormenores da história, em que a humildade e a modéstia eram premiadas com um

saco de dinheiro, e a cobiça arrogante era castigada com um açoite de pau de tamarindo.

Mamãe-Velha dormitava na cadeira de balanço, pois, além de ser já pessoa antiga e ter o corpo queixoso, levantava-se logo assim que os galos davam a última pousa, no alvor nascente da ante-manhã. Mamãe, essa, entretinha-se na sua renda de duas agulhas, cuja perfeição de acabado era muito gabada pelas menininhas luxentas da Vila. Mas nós os garotos ficávamos despertos, de sentido cegueirado nas histórias. Nha Rosa era incansável, tanto mais que a certa altura Mamãe dava à gente o café bom que cria conchego entre a família, parentes e aderentes. Vinham no fim os contos do Lobo e do Chibinho, em que a contadeira pitorescamente opunha a estupidez lorpa daquele à esperteza deste.

Nha Rosa ia-nos assim abrindo o entendimento às coisas desta vida, com as suas histórias cheias de segundo sentido, e seu falar sentencioso, vestido de parábolas e alegorias.

4

Pitra Marguida era o homem e o palhaço da casa. Cabriolava, ágil como um gato. Mamãe fechava os olhos quando Pitra começava a mostrar as suas habilidades, o corpo todo contorcionando-se.

— Faz aflição, Pitra, pareces uma cobra, Deus te salve, com esse corpo todo dobregado...

Mas Pitra continuava, como se nada tivesse ouvido. Quando queríamos divertimento, subornávamos Pitra com tabaco que íamos furtar na despensa. Tio Joca, as vezes que vinha ao Caleijão, entretinha-se com as suas gimnásticas. Pitra era tratado como família. Afilhado de Papai, estava em nossa casa há muitos anos, desde que ficou órfão. Mas o trabalho não era inimigo do seu corpo de acrobata. Mal luzia a manhã, já se ouvia lá fora o assobio de Pitra no tratamento dos animais.

— É o homem da nossa casa — repetia mamãe.

Pitra é que ia às hortas distantes, vigiava os trabalhadores, ele mesmo trabalhando de enxada, e brigava com os meeiros quando desconfiava de pés de milho arrancados pelo toco ou de abóboras tiradas. Uma ocasião até ganhou um talho no rosto lutando com um homem da Portela que tinha mudado os manjolos que separavam a sua horta da nossa. E ninguém nos fizesse uma desfeita. Brigava pelos meninos da casa, assanhado como gato bravo.

O seu grande orgulho era o retrato que mandou a Papai para pôr em ponto-grande. Tinha a fotografia dentro da caixa, embrulhada numa toalha. Não raro o surpreendíamos a namorá-la:

— Só pena eu não ter posto gravata...

Pitra assobiava como pardal jardinol. Passava a vida a assobiar. Dava todos os tons, indo com a

maior facilidade para as notas mais agudas. Só uma vez vi Mamãe zangada deveras com ele. Foi quando Zepinha pariu. Todo o mundo dizia que o filho era de Pitra. E indicavam pormenores flagrantes de parecença:

— É a mesma cara de bolacha de Pitra...

Quando constou, Mamãe chamou-o:

— Pitra, tu é que fizeste filho em Zepinha?

— Nhá sim...

Mamãe ficou vermelha de zanga. Pegou um lato e bateu rijo em Pitra. Este apanhou tudo calado, sem esboçar um gesto de fugir. Mamãe dando:

— Atrevido! Fazer pouca vergonha em minha casa! Esta casa é uma casa de respeito, ouviu?

Pitra apanhando calado. Quando Mamãe se cansou, ele anunciou que se retirava da nossa casa. Pegou a caixa e naquela agorinha saíu. Pitra levava a cara fechada. Nem parecia o mesmo que descascava os dentes num bom riso largo quando contava as suas graças. A meninência agarrou-se às saias de Mamãe. Trancava-me a saudade de Pitra, tão bom, tão amigo de nós todos. Pitra foi para casa da dona de Tói Mulato. Vi-o nos dias seguintes sentado nos lugares de conversa mudo e com ar de pássaro dado-de-fogo. Dias depois Mamãe mandou-o chamar outra vez para casa.

5

Grande amigo nosso, nhô Chic'Ana. Seu corpo esguio e balançante era vulto familiar em nossa casa. Ficava de conversa pegada com Mamãe-Velha, ambos perdidos nas recordações dos tempos antigos. Nhô Chic'Ana saboreava lentamente o café da hospitalidade. O cachimbo sempre aceso. Todo ele era solicitude pelos interesses da minha gente: notícias de Papai, quando é que ele voltava para as ilhas.

Nhô Chic'Ana trabalhava uma horta nossa na Chã de Marcela. Apesar de velho não desperdiçava um dia de trabalho no tempo das águas. Na época seca não deixava que as freiras invadissem a hortinha. Nos seus braços descarnados ainda havia força para manejar o ferro das roçadas. Mamãe não queria outro trabalhador para a horta:

— Não é por você estar presente, mas tomara que todos tivessem tanto luxo em trabalhar uma horta, nhô Chic'Ana.

Mamãe insistia por que ele tomasse também de-meias o tapadinho de baixo. Mas nhô Chic'Ana recusava sempre. Dois casais de terra eram muita horta para um velho como ele, que só contava com a filha e com uma ou outra pessoa que ela ganhasse em mão-trocada. Nhô Chic'Ana queixava-se da escassez. Tanto trabalho, e no cabo só se colheta-

vam alguns leios e balaios de milho solto, que não botavam fora direitamente todo o tempo seco. Arrependia-se de não ter continuado a vida de marinheiro. Eu tinha sempre interesse em ouvi-lo falar das terras que conhecera.

— Por que é que você largou o mar?

— Já não podia ver as águas chegando e eu no mar, menino. Era marinheiro enquanto não via as rochas das ilhas pintadas de branco. Largava tudo e vinha fazer as águas. Até que me casei com Nhanha e vim morar de vez na casinha do Campo.

Mas o velho agora arrependia-se:

— Fiz mal em não seguir os conselhos de Totone Menga-Menga...

— Que lhe dizia Totone?

— Totone dizia-me que desembarque é que matou embarque.

— Ainda hoje, se você encontrasse jazigo, embarcava outra vez...

— Já não tenho pernas para aqueles caminhos, rapaz... Mal que eu fiz em não ouvir o que Totone me dizia...

Nhô Chic'Ana esquecia o cachimbo pensativamente. Os seus olhos fechavam-se, morrendo com o lume do seu canhoto. O mistério que envolvia Totone Menga-Menga na minha imaginação adensava-me. Era sempre com gravidade que falavam no velho Menga-Menga.

— Você fala muito com Totone?

— Há tempo como areia que o não vejo. Eu não posso mais ir no Chamiço, e Totone nunca sai da sua casa.

A minha curiosidade irrompia de súbito:

— Explique quem é Totone, nhô Chic'Ana...

— Ninguém sabe, Chiquinho... Ele próprio não diz nada à gente. Ninguém lhe conhece parentes.

— Qualquer dia, Mamãe dá-me licença e eu vou com Tói Mulato ver Totone Menga-Menga...

— Se é para o explorares não vás, que Totone lê no coração da criatura. Se queres ir, para ele te dar bons conselhos, então sim, porque as palavras de Totone tornam clara a alma da gente.

Apesar do respeito quasi supersticioso que eu tinha pelo nome lendário do velho Totone, esbocei uma dúvida. Nhô Chic'Ana sentenciou:

— Olhos de lagarto da terra nunca podem receber a benção do nosso papai sol...

Mamãe-Velha repreendeu-me:

— Totone Menga-Menga é um sábio. Seu coração é muito limpo, e os seus olhos vêem para lá daquilo que nós todos enxergamos...

Nhô Chic'Ana:

— As palavras de Totone Menga-Menga são como a escuma do mar que bate nas rochas. A escuma do mar que bate nas rochas é muito branca, porque não se sujou com a porquindade da terra da praia...

Mamãe-Velha:

— Em eras de tribulação da vida, Totone rodeia a alma da gente de um véu, branco assim como grinalda de noiva...

— No coração de Totone tem tanta luz como o facho que o sol deixa no mar, e como as estrelas que Nossenhor semeou no céu... Não dá boa sorte, não, troçar de Totone, rapaz...

Apesar de tudo, nhô Chic'Ana era muito meu amigo. É que eu ouvia com toda a seriedade as suas longas conversas. Muitas vezes, de-tardinha, passava tempo esquecido com nhô Chic'Ana, na empena da sua casinha. Eram casos antigos, histórias de pessoas conhecidas, conselhos para meu bom governo na vida. A sua boca mocha de dentes era uma bica inesgotável. As palavras lentas do velho pareciam-me revestidas do prestígio das coisas que já passaram. Muitas vezes a noite pegava-me ainda na casinha do Campo. Eu voltava para casa, olho adiante, olho atrás, assobiando para sacudir o medo.

Nhô Chic'Ana dava licença para desninharmos os pardais, que faziam ninho em quantidade no beiral da casa. O velho não gostava de Izé da Silva, que não se contentava com os ovos e também tirava os pardais novos.

Achávamos graça à solicitude exigente com que a mulher de nhô Chic'Ana o tratava. Parecia-me esquisito o nome dela, Nhanha Bonga.

— Bonga porquê, nhô Chic'Ana?

— Bonga é nome de gentio, rapaz...

A velha:

— Gentio tem o seu dono, velho mofino... Eu não tenho raça de negro...

A filha de nhô Chic'Ana oferecia-nos café com milho aliado. Tenho ainda presente o sabor especial do milho da casa de nhô Chic'Ana, torrado em brasa de enganha, misturada com areia, para o milho estalar menos. Ninguém conhecia filhos naturais ao velho. Nhanha Bonga fazia-lhe esta justiça.

— Chic'Ana, graças a Deus, nunca desgraçou mulher. Só eu é que pari com ele.

Quando não sonhava, dentando o cachimbo, nhô Chic'Ana tecia ceirões. A velha fiscalizava tudo. Ia e vinha, no trafêgo da casa, num milagre de actividade que eu não entendia direito. Ela dava uma fugida ao fogão, a ver a caldeira, e depois vinha espiar nhô Chic'Ana tecendo. Encontrava sempre motivo para descompor. Viviam assim os dois velhos havia quasi cinquenta anos, numa afeição constante, povoada pelos gritos e descomposturas de Nhanha Bonga. Nhô Chic'Ana não se zangava. Já estava acostumado:

— Nhanha é como mês de Setembro, só sabe querer com barulho de trovoada...

Também, passaram a vida querendo-se assim. O mesmo destino os uniu e lhes fixou o horizonte pequenino da sua casinha, onde nada se mudara

desde o casamento. O mesmo pote de barro, ao canto, com a água tão fresca. O mesmo chão de barro batido. A mesma cama de finca-pé onde se amaram e onde Nhanha Bonga pariu a filha. A enxada de nhô Chic'Ana deu-lhes a resignação dos escravos da terra. Só o velho, de quando em quando, se evadia do seu mundo para lembrar as viagens que fizera no mar.

— Se eu tivesse continuado marinheiro, a minha vida seria melhor. Não me teria amarrado a esta tranca velha...

— Nem eu a êste pau velho...

— Cala a boca, criatura. É destino que a gente traz da barriga da mãe...

6

Tói Mulato era o mais puro de todos nós. Na escola, a cada momento, aparecia um a conclusar o companheiro ao Sr. Carvalho:

— Professor, Joca Cuscús está-me fazendo cócegas, não me deixa acabar a cópia...

Todos pediam constantemente licença para irem lá fora fazer um serviço. Tói Mulato não. Nas nossas questões, êle era sempre o mais velho. Pegávamos queda, brigávamos de boca, mas ao chegar Tói Mulato acabava tudo.

— Por quê vocês estão brigando?

E bastava a sua presença para irmos muito amigos, esquecendo a guerra, jogar a reianata. Algumas vezes, Tói Mulato aparecia com um brilho estranho no olhar. Já sabíamos que ele tinha estado a ouvir nhô João Joana falar das terras longe por onde o velho marinheiro navegara. E nas nossas corridas de barcos de purgueira no tanque de António Gegê, a sua galera «Valkária» é que chegava aos portos mais distantes, de gentes cujas mulheres tinham os olhos verdes como o limo do mar e cabelos que se aloiravam à lua, como as sereias que se penteiam nos fios de chuva peneirados por entre o sol. Tói queria é que alguém lhe tatuasse no peito uma moça-do-mar igual àquela que nhô João Joana tinha no braço.

Às vezes, nas noites de lua, fugíamos à vigilância da casa e íamos vaguear pelo Campo da Preguiça. Eu largava para trás as histórias da velha Calita. O luar dissipava a cortina de medo que me trancava dentro de casa ao ouvir os casos tenebrosos de feiticeiras e de velhas que engordavam meninos em caixas de madeira, para os comerem.

— Meu netinho, deita o dedo mindinho de fora para eu ver se estás gordinho...

E havia mocinhos sabidos que botavam fora um rabo de lagartixa. Logo a velha acreditava na magreza do netinho:

— Ui, meu netinho, estás magro como cação! Come e engorda, Pelamba...

Tói Mulato não queria que fôssemos desmamar os bezerros arrelhados. E referia-nos que nhô João Joana lhe contou que, no princípio do mundo, a Terra era uma mulher muito bonita e muito infeliz. Vendo os seus filhos morrer por falta de comida, saía todas as noites a vaguear e ia chorar nos cumes das rochas os seus amores perdidos. Ela tinha-se casado com um moço leviano que nunca lhe aparecia inteiro, mas sim partido em pinguinhos de água. A Terra ficava sempre com gana do amor incompleto do seu marido. E este saía pouco depois, a visitar as mãis-de-filho que tinha por esse mundo fora.

7

Algumas vezes, depois da ceia, quando Mamãe-Velha estava de maré e o seu cabecear sonolento tardava em vir, revezava com nha Rosa Calita, e contava coisas e loisas que tinha visto e ouvido. Serviam-lhe de pontos de referência o ano da Ventona e a Cólera.

— Naquele ano encheram-se os cemitérios e tiveram de fazer enterros fora do sagrado.

Ela era ainda menininha, mas tinha na lembrança os horrores daquela quadra maldita da Cólera. Na mesma casa morriam três e quatro pessoas num dia. Não havia lei, nem rei, nem roque. Os homens sãos

tinham-se tornado verdadeiras feras sem entranhas. Alguns, quando iam enterrar os mortos, levavam logo de uma vez os moribundos e os sepultavam, para pouparem o trabalho de lhes irem dar terra no dia seguinte. Assim, muita gente foi enterrada viva. Os que tinham posses fugiam da Estância para os pontos do interior onde supunham estar mais a salvo da moléstia. Saíam à noite, para evitarem os ardores do sol, e era uma verdadeira procissão — homens, mulheres, crianças transidas de medo, e as sombras silenciosas dos negros com a carga à cabeça. Muitos negros foram feitos forros então. Cheios de pavor perante a ideia da morte, os senhores livravam-nos dos trabalhos suados nas plantações de milho e hortas de mandioca.

Grande negreiro era nhô Maninho Bento, capitão de navios de escravatura. Ia buscar negros à Costa d'África para Cabo Verde, Brasil e Oeste Índia. Os escravos vinham em três-mastros, a monte, e dizia-se que em viagem muitos morriam e os botavam ao mar. Mamãe-Velha ainda conheceu um escravo trazido por nhô Maninho. Falava um crioulo arrevesado, misturado com palavras da língua dele, e todos os dias prostava-se no chão, a matutar não se sabe em quê. Ficaram na tradição as crueldades de nhô Maninho. Dizem até que na casa onde ele morreu há todas as noites grande arrastar de correntes e gritos agoniados. É a alma de nhô Maninho, remorsada pelas judiarias com os negros. Nhô Quimquim

Soares era outro Senhor cruel com os escravos. Botava-lhes correntes nos pés para o trabalho. Por qualquer coisa, dava-lhes de rebém e nas cortaduras punha sal e pimenta. Teve um fim triste, nhô Quimquim. Certo dia, só por desaforo de corpo, deu dois lanhos na cara a um escravo da Guiné, rapaz brioso e decidido. O negro suportou a afronta em silêncio, mas à noite, em companhia de outros negros, entrou feito um leão no quarto do senhor e amarrou-o. Levaram nhô Quimquim para o fundo da Tabuga, abriram uma grande cova, e ali o enterraram vivo. Mas de uma maneira geral, os escravos eram tratados quási como família. Tinham as suas festas, e era um gosto vê-los nas danças. Sua grande festa era a Páscoa do Espírito Santo. Nesse dia tinham liberdade. Saíam em procissão, mas tudo com governo: havia reis, rainhas, pagens. Á frente, ia o meirão com a vela encruzada ao vento, segurada por uma linha a servir de escota. À noite os negros iam foliar para casa de nhô João Tomé, na Ladeira, onde dançavam lundu e outras danças trazidas da Costa d'Africa. Mamãi-velha gostava de entoar na sua voz tremida uma dessas músicas de outros tempos, muito arrastada, que os negros cantavam com palavras que ninguém da ilha entendia:

Malé, malé; malé combá lêlé
assim malé, malé;
assim combá samba lêlé;
assim combá samba lêtán...

Quando chegou a S. Nicolau a lei que alforriava os negros, houve grande festa na escravatura. Jireco, negro de nhô Miguel Lopes, foi à casa do senhor quando lhe deram alforria:

— Senhõ, já tenho a minha liberdade...

— Para que queres a liberdade, Jireco?

— Para ir beber vinho de palma à minha terra, nhônhô.

Nesse mesmo dia Jireco apanhou grande bebedeira e queria trocar a alforria por uma garrafa de grogue. Levantou um funco no Caleijão e lá morreu miserável tempos depois, à míngua. Alguns negros forros prosperaram com as encomendas mandadas da América pelos filhos emigrantes. O velho Nhenhano Bandeira, hoje mestre-de-tenda e dono de trapiche, era escravo de nhô António Sabina.

— No tempo do Dr. Júlio apareceram pateados na terra. Eram encantados que tinham pacto com aquele-homem. Em noites de luar desembarcavam na Praínha, de galeras que ninguém podia ver, vindos de ilhas que ficam muito longe, no meío do mar. Passavam pela Vila em cavalgadas ruídosas, com grande cantarola, mas nenhum filho-de-parida tinha ânimo de abrir a porta para espiar. Subiam a ladeira do Cachaço e dirigiam-se à Cintinha. Referia o povo que chegavam à rocha da Cintinha e diziam:

— Sésamo, abre-te!

Abria-se a rocha e lá dentro era uma boniteza de endoidecer. Um grande palácio, armado de ricas

mobílias. Mesas cobertas das toalhas mais finas. Comidas da melhor qualidade. Luzes por todos os cantos. Músicas que levantavam a alma da criatura, tão bonitas como as da Igreja, no Sábado-Santo, depois da Aleluía. Um ou outro mais destemido que se afoitava a ir sindica rnão via nada, não ouvia nada. Mas, chegado à Cintinha, era um esmorecimento no corpo, uma turvação na vista, nem que o mundo estivesse acabando. E por dias ficava crã, simples, como se a alma lhe tivesse fugido do corpo e a graça do Senhor o houvesse abandonado.

O que Mamãe-Velha não conhecia, ou não queria dízer, eram as misérias que tinham levado a maldade dos homens a inventar a lenda dos encantados. Isto — só mais tarde vim saber.

Havia ainda os casos dos piratas. Não eram do tempo de Mamãe-Velha. Ela ouvira-os referir às pessoas antigas. Os piratas vinham em navios muito veleiros, autênticos cavalos do mar. Quando sabiam que havia forte, ficavam lá fora a bordejar, à espera da noite. Assim que vinha o betume da negrura, caíam sôbre as povoações, e era uma grande desgraça. A gente da costa vivia em constante sobressalto. Por isso, quási todos se fixavam no interior, confiados na defesa das rochas temerosas.

— Raça maldita, a dos cartajanas...

Estas histórias da ilha impressionavam-me profundamente. Era a vida da minha terra que ressurgia para mim nas palavras pausadas de Mamãe-Velha. E

delas desprendia-se este não se sabe o quê que a pouco e pouco ia formando a minha alma de crioulo.

8

Meu tio Joca era uma espécie de filósofo que vivia lá para a Praia Branca, com uma lojinha. De tempos a tempos, aparecia-nos ele no Caleijão com uma barba de meter-menino-medo. Assim que chegava, sentava-se à porta da casa e pedia logo um seca-suor. Mamãe-Velha brigava sempre:

— Joca, quando é que deixas êsse vício da bebida?

Mas titio não se ralava. Ouvia pacientemente os ralhos de Mamãe-Velha e por fim levantava-se e ia êle mesmo buscar a garrafa no armarinho. Mamãe vivia apoquentada por ver o irmão cair tão frequentemente na bebida. Pedia-lhe por tudo que não abusasse, para não estragar a saúde e mortificar os parentes.

Uma ocasião titio trouxe consigo um rapazotinho dos seus dois anos:

— Mamãi, eu trouxe você este menino para você abençoar...

— Quem é a gente dele?

— É seu neto...

Mamãe-Velha fartou-se de deshonrar tio Joca por se estar a encher de filhos naturais.

— É planeta que está mandando, mamãi... Dê a sua bênção ao menino...

Titio Joca, desta vez, resolveu passar alguns dias connosco. Mamãe gostou do rapazotinho e ofereceu-se para o criar.

— Ao menos, este há-de crescer entre gente, há-de ter modos e não estar com os teus maus exemplos nos olhos...

Um dia titio apanhou uma grande fusca com os amigos na Agua-do-Canal. Chegou em casa numa grande cantarola. Já mesmo antes de ele entrar no portal ouvimos a sua voz desafinada que procurava acertar uma cantiga qualquer.

— Pronto, lá vem Joca a andar no arame...

Mamãi deu-lhe uma chícara de café forte com sal. Titio dormiu como um justo. Quando acordou pediu um grogue.

— Tens coragem de beber mais depois daquele naufrágio, Joca?

Chegou nhô Roberto Tomásia, que foi direito ao quarto onde titio estava deitado ainda. Mamãi e Mamãe-Velha conferenciavam lá fora. Momentos depois apareceram com o copito de aguardente. Tio Joca bebeu; mas dali a nada estava ele todo ansiado, dizendo que tinha o estômago revolto. Depois vomitou as tripas da barriga. Ficou furioso quando percebeu que lhe tinham posto coisa no grogue para o tirarem da bebida. Foi um levante dos diabos. Tio Joca, de ordinário tão bonacheirão, nem parecia

a mesma pessoa. Sarou logo da bebedeira. Vestiu-se e, sem uma palavra de despedida, pegou o filho e abalou na mulinha para Praia Branca.

9

Além de outras cabeças largadas na Galhana e na Praia dos Garfos, tínhamos sempre vacas paridas no Campo da Preguiça. Eu é que as ia arrelhar. Era trabalho de menino, arrelhar. Pitra Marguida ficava para outros serviços. Íamos para o Campo em bando. Cada qual levava o seu farnel de farinha-de-pau, milho aliado ou batata assada. No campo os animais pastavam dispersos, conforme as conveniências do pasto escasso de mané-gatinho e sem-trabalho. Aos grupos, os burros largados na palha paravam a distância, de cara ao vento e orelhas espetadas. E o nosso regalo era espantá-los com pedras atiradas nas fundas de carrapateira, que trazíamos na cintura, a prender as calças. Os burros davam um espirro de gente constipada e largavam na corrida, de cara para o lado, até pararem mais adiante. Quando as vacas estavam reunidas, a caminho dos currais da Ponta do Focinho, metíamos os bichos na luta. Tínhamos os nossos campeões, em que apostávamos. Havia vacas e bois famosos pelo ímpeto que punham nestes combates, às marradas cegas. A Pardinha de nhô Roberto Tomásia era a mais valente. Quando defendia o filho, era cega, não conhecia ninguém. O Sonegal,

com aquele corpanzil todo, era um prenha na luta. Fugia sempre com medo. Também, quando se lembrava de que tinha força, atirava-se como um leão.

Nestas andanças, os mais velhos iam pervertendo a nossa imaginação com conversas maiores do que nós. Joquinha Cuscús era o melhor discípulo de José Calais, Pedro Xamento e outros, que encontravam sempre auditório atento. A história da geração cedo deixou de ter segredos para nós. Eu não tinha coragem para imitar os outros, mas espiava tudo com uma curiosidade deliciada. Faltava-me a pureza de Juloca e de Tói Mulato. Verdade que estas porcarias eram título de glória. Quem tivesse tido contacto com os mistérios do fruto proibido era uma espécie de herói aos olhos da meninência. Até as pessoas grandes os apontavam com uma censura complacente:

— Aquele não esperou pelo quarto para brotar...

As doenças-do-mundo cercavam de prestígio quem as tivesse apanhado. Eram apontados a dedo os rapazes iniciados nas moléstias. Nas conversas de-tardinha ferviam os ditos, portadores da simpatia dos rapazes e das raparigas por aquelas provas de virilidade. Até copiávamos o passo coxeante dos molestrados. E aprendíamos a dizer palavras sujas às raparigas. Mas elas não nos ligavam importância. Vingávamo-nos divulgando as cenas que surpreendíamos. Bibia Ludovina levou açoite do pai e esteve fora de casa uns dias, por a termos apanhado com José Calais. O amor era tratado como assunto fami-

liar, sem mistérios nem disfarces. Mesmo as pessoas mais velhas falavam sem reservas na nossa frente de doenças feias, mulheres parideiras, raparigas que tinham sido deshonradas, e das mãis-de-filho de cada um. Quando as raparigas se não casavam, faziam-se mãis-de-filho. Iam viver com o seu homem na mesma casa e lá passavam a vida inteira. Ninguém distinguiria um casal recebido na Igreja de outro simplesmente amigado. O mesmo destino, as mesmas necessidades os uniam para sempre. A casa palhaça de um só quarto, com uma mesa, um banco, a esteira para dormida dos meninos e a cama de finca-pé, era a mesma para todos. A enxada não dava para mais. Só a América permitia parir em casas caiadas e telhadas, com mobília estrangeira e quadros com óleogravuras na parede.

10

Quando caíam as chuvas, acabava-se para nós a vida boa de malandrear pelo Caleijão depois das horas de aula. A terra exigia o seu tributo desde os primeiros anos. Gozávamos largamente a nossa liberdade no tempo sêco, porque já sabíamos que nas as-águas o dia todo era para as hortas. A enxada esperava gulosamente os seus párias. Enxadinha curta encabada em rabo de laranjeira, lá tinha a meminência com que se entreter o dia todo, puxando ao sol como os mais velhos.

O trabalho mais leve era a guarda do corvo. Eu, que não lombava na enxada, tinha também de ir para a guarda. O dia todo, enchíamos o ar com os nossos gritos, espantando as aves. Os mocinhos gozavam aquela liberdade, na antecipação dos trabalhos pesados mais para diante.

Quando caía molha boa, a terra renascia no verde das plantações. A herva tenra encabritava-se na pressa de aproveitar a humidade. A vitalidade renascente da terra acordava a bicharada do seu torpor dos meses da estação seca. Rasteiras, alapardadas entre as hervas e moitas da lantuna, as codornizes orquestravam o seu cantar estralejante, precipitado no final com uma decisão súbita de viagem, que lhes punha certa inquietação no vôo rasteiro e repentino:

Pedro Piedade, Pedro Piedade,
béu, béu...
Pró norte, pró norte,
com todo tarreco...

Sôbre o verde das hortas e dos campos de pastagem, era já a multidão metediça e perturbadora das moscas, que vinham de-zoada participar no banquete de verdura e atrapalhar o sossêgo das vacas pachorrentas. Os corvos vinham voejando baixo sôbre as sementeiras. Quando se assentavam nas hortas, ficavam pulando de cova em cova em saltitos cómicos de velhos de andar assimétrico. E o povo tinha agouro com aquele quá-quá constante que parece estar sem-

pre chamando a morte para os tectos da criatura. Nas hortas em que ainda se semeava, o comilão não se esquecia de recomendar aos trabalhadores que não enterrassem apenas três grãos, mas sim quatro; o quarto era décima devida à sua alta senhoria de proprietário vagabundo, sem impostos e sem trabalho:

Põe quatro, põe quatro!

Onde o milhinho já estava crescido e livre das suas arremetidas, o grande filho-de-quarenta-pais até mudava de língua, e era em americano que ordenava aos trabalhadores que se apressassem, para mais cedo o milho dar espigas:

Hurry up, hurry up!

Receberia a décima nas colheitas, pondo no peito as espigas debulhadas grão a grão. De-balde enxotávamos os corvos com pedras lançadas nas fundas, gritos e bater de latas. Lançavam-se em flexa no céu claro, davam uma volta escarninha, com demoras filosóficas junto dos companheiros da farra, para voltarem momentos depois a esvoaçar baixo, passando e repassando a sua sombra malfazeja sôbre as nossas cabeças:

— Vai ensombrar a tua mãi, maldito! Não tens sombra para ti, quanto mais para dares!

A guarda mais difícil era a dos pardais. Para êles de nada serviam as pedradas. Tínhamos de correr de uma banda para outra, dando estalos nas fundas.

Os que tinham vacas largadas no campo eram

rendidos na guarda para as irem arrelhar. A tarde descia numa poeira muito fina, que envolvia de paz os homens e as coisas. Quando o bispo estava no Caleijão, as badaladas do Angelus caíam como uma chuva benéfica sôbre as cabeças dos trabalhadores, que, de volta das hortas, agradeciam a Nossenhor a graça de terem largado mais um dia para trás. E do Campo subia o bombar profundo das vacas, inundando o crepúsculo com a nostalgia do seu lamento prolongado, à boca dos currais, onde os bezerros arrelhados mugiam a sua orfandade de uma noite.

II

Uma rapariga da Praia Branca chegou com um recado de tio Joca para se mandar gente assistir à colheita de milho na horta da Covoadinha. Mamãe-Velha decidiu que era melhor eu ir com Pitra Marguida, e passar uns tempos com meu tio. Precisava mudar de ares, a ver se ganhava mais carnes no corpo. Além disso, a minha ida era uma mensagem de reconciliação.

Tenho ainda presente na minha retina aquela paisagem agreste do Canal da Fragata, a terra coberta de barba-de-bode, os picos das rochas a quererem cair sobre a cabeça da gente. Pitra ia-me indicando os lugares, com os casos que se ligavam a cada um deles:

— Neste fundo uma mula espantou-se por causa

de um cachorro mau, e arrastou o homem por toda a ladeira. Quando o apanharam já não tinha figura de gente.

Pitra levava um bilhete para tio Joca, em que Mamãe lhe pedia que não me desse maus exemplos e me pusesse na escola para continuar os estudos. Ele contou-me casos do meu tio, as suas pândegas, a sua vida de pai-de-filhos, mas também as suas generosidades. A sua casa era franca para todos os que iam da Estância nas épocas de festa. E brigador como poucos. Não levava abuso de ninguém. Magrinho, mas coragem para dez. Ia ao chão, levantava-se, e sempre achava jeito de meter a sua calaca para derrubar o adversário.

Titio recebeu-me muito contente. Mandou logo Guida dar-me café. Cafèzinho bom, com farinha-de-pau e torresmos.

— Pitra, vai mudar a mula... Ela já bebeu? Guida, arranja também café para Pitra.

Depois tio Joca veio sentar-se muito amável junto de mim, a preguntar-me pela nossa gente. Quis saber se Mamãe-Velha ainda o deshonrava muito:

— Ela parece mestra-régia e eu menino de escola...

Garantiu-me logo que eu iria para a aula do Sr. José Martins. E havia de gostar. Muitos meninos, companheiros para brincadeiras no largo. Contanto que estudasse. Para ver o meu adiantamento, obrigou-me a ler o bilhete que Pitra levara:

— Sabes o que são maus costumes? Ter muitos filhos, gostar de grogue...

Guida veio dizer que uma mulher queria comprar açucar e petróleo.

— A loja está fechada! Hoje não vendo porque é dia de festa. Chegou Chiquinho...

Nem parecia o tio Joca que eu vira no Caleijão, levantado como um leão quando lhe deram aguardente com coisa, para o tirarem da bebida. Pediu a Guida que lhe levasse um seca-suor. Bebendo o grogue:

— Tu ainda não usas... Depois verás que isto não é mau...

Ordem a Guida:

— Vai à casa da Bia Lai e diz-lhe para mandar aqueles meninos para virem conhecer o seu primo.

Tio Joca para mim:

— Vais conhecer os teus parentes...

Fiquei achando titio muito simpático.

12

— Vocês leiam!

Toda a classe leu em voz alta. O joão-da-câmara tinha trechos muito bonitos. O Sr. José Martins ficava de pé no estrado, com o ponteiro encostado ao ombro, a ouvir a leitura em côro.

— Dick, estás lendo com a voz muito fina. Um homem deve ter voz de homem...

A sala era pequena e não chegava para tanta gente. Eu, como era novo na classe, ficava com os outros junto da porta, quási na rua.

— Maninho, não sabes ainda a lição que te pássei ante-ontem.

Seis palmatoriadas. Nasolino foi cumprir a ordem do professor. Os rapazes da 3.ª classe faziam-nos biôco, a troçar da nossa leitura. Um garoto veio condenar um companheiro que lhe estava tirando penicos nas pernas. Quatro palmatoriadas. Nasolino cumpriu. Os decuriões foram tomar lição aos mais atrasados.

— Sr. José, dá licença para eu ir fazer um serviço na rua?

Os alunos do 1.º grau estão em classe. Quando um erra uma resposta e outro mais para o rabo emenda, trocam as colocações.

— O que é o metro?

Um menino foi apanhado por Nasolino a furtar batata assada da bolsa de um aluno da Ribeira dos Calhaus. O ladrão foi chamado à presença do professor.

— Menino sem vergonha!

A carinha magra dele torna-se mais miuda perante o exame da meninência. Doze palmatoriadas.

Mano vai ler. É aluno do 2.º grau e tem um joão-da-cambrona já muito usado. O Sr. José:

— Faz favor de forrar este livro! Menino ímpossível! É a terceira vez que te faço esta re-

comendação! Parece um rolo de contas em papel de embrulho...

O trecho do dia é «O Pinhal». Mano lê muito alto e depressa, atropelando a pontuação.

— Não é *encôsta, é encósta, en-cós-ta!*

— «Vem descendo o pinhal pela encosta da montanha»...

Nasolino toma-me a lição individual. Para o Sr. José:

— Está fraco em taboada...

O Sr. Martins passou-me para o dia seguinte a taboada de multiplicar.

13

De-pressa arranjei as minhas novas amizades. Tio Joca, a-pesar-de tão bonacheirão, obrigava-me a ter disciplina. Fêz um horário para distribuição do meu tempo depois de vir da aula, ao meio-dia. E eu era obrigado a ficar em casa amarrado à mesa a estudar enquanto ouvia lá fora os meus companheiros assobiando ao Fragatinha. Tio Joca vinha tomar-me as lições. Eu gostava da sua leitura, com voz cheia, de nasais muito abertas. Sentia gosto em ouvi-lo a corrigir-me a pronúncia do meu nome:

— *Fràncisco!* Assim é que o Cónego Coimbra pronunciava...

— Titio, você tem uma leitura muito bonita...

E ele contou-me que tinha sido um bom aluno

do Seminário. Aprendeu a pronunciar com o Cónego Coimbra. Não era para se gabar, mas como ele não havia para reconhecer e classificar as figuras da Estilística. Os companheiros até lhe puseram o nome de Joca Metonímia.

— O Cónego Silva era nosso professor de Latim. Sabia o Vergílio de cor. Quando alguém dava uma silabada ou errava na tradução, o Cónego Silva arrepelava-se: «Tá quieto, Vergílio! Oh menino, cuidado! Vergílio está debaixo da mesa a puxar-me pelas calças... Tá quieto, Vergílio!»

Meu tio entusiasmava-me quando recordava os seus tempos de latinidade. Ia buscar um vergílio muito bem conservado e mostrava-me versos.

— O Cónego Silva lia assim...

Só mais tarde, no liceu, vim a reencontrar a harmonia de Vergílio, que meu tio me lia quási todos os dias na Praia Branca, e que então me fazia o efeito de uma música muito bonita, que eu não compreendia.

Depois do estudo tínhamos merenda.

— Guida, vamos fazer lanche...

Guida circulava como uma sombra providencial na casa do meu tio solteirão. Chegava logo cedinho e ia logo direito ao quarto de titio:

— Padrinho, bote-me a bênção...

E toda a roda do dia não parava. Meu tio tinha um respeito religioso pela afilhada. A-pesar-da sua má vida de pai-de-filhos, ninguèm dizia tantinho assim dele com Guida. Titio até quebrou o nariz a um

atrevido da Vila qne, num dia de festa, rondou demais a cozinha, atraído pelos seios rijos de Guida, frescos nos seus dezasseis anos núbeis. Foi um levante que lhe pôs escuma no canto da boca. Tio Joca tinha de longe a longe destas indignações generosas que o transtornavam completamente. Fusca que tivesse ficava logo sarada. Pouco depois estava ele muito sorridente, obsequiando ao almôço os amigos da Estância.

Pobre tio Joca, hoje, quando relembro a minha meninência, reconheço que ele me tratava com uma afeição viril de irmão mais velho. Por isso, nunca pude concordar com a severidade com que Mamãe e Mamãe-Velha o deshonravam.

14

O meu horário marcava em grandes letras, para depois da merenda: RECREIO. Era a minha hora de brincar com os companheiros na Laginha. Fazíamos reianata. Escondíamo-nos atrás dos pés-de-mato, e depois fugíamos fazendo zig-zagues, a evitar o toque que nos mataria. Não gostávamos de Mano, que no dia seguinte nos ia acusar ao Sr. José:

— Sr. professor, fulano fez isto, cicrano fez aquilo...

Havia um rapazito de S. Vicente. Troçávamos do seu crioulo cheio de x. x. Quando pegávamos queda, ele era sempre derrubado, pouco habituado

que tinha sido às lutas na areia. Levantava-se com a cara fransida e manejava a lâmina de barba:

— Dou-te um corte fixo!

Outras vezes discutíamos a importância relativa das nossas terras.

— Vocês em S. Vicente não têm que comer... Lá não tem milho, não tem feijão, não tem mandioca...

— Sim, mas lá tem vapor, tem soldado, tem teatro...

Íamos pregar partida ao Fragatinha. Da fechadura do portão espiávamos o seu vulto esguio passeando no quintalão de um lado para outro, constantemente. Atirávamos pedras ao doido, mas nada o enfurecia tanto como os assobios, em que ele via o seu nome imitado pelos garotos. Desesperado, Fragatinha dava grandes pancadas no portão, como pessoa que queria sair para nos bater. Engolfávamo-nos em todas as esquinas, fugindo.

15

Quási todas as noites havia grande jogatina em casa do meu tio Joca. Nhô José Francês era rixado com titio no jôgo:

— Joca, tu roubas de-mais...

O gorita-e-pau jogava-se com mais compostura. O jôgo exigia lealdade. Ninguém podia procurar

enganar os adversários, senão a partida era nula. Havia um homem de cara bexiguenta, muito sorteado no 31. Quando batia as cartas na mesa e dizia triunfantemente «três reis», eu sentia uma grande raiva dele a ganhar ao tio Joca.

Nos dias em que não havia jôgo e meu tio saía, eu aproveitava para ir com os companheiros mamar as vacas no campo da Boca da Ribeira. José Zeferino tinha uma vaca muito leiteira chamada Brasina. Depois deitávamo-nos de barriga para o ar, namorando o céu carregado de estrelas. Ao fundo, o mar fazia um ronço de meter medo. As constelações eram rebanhos pastando. Dávamos nomes de vacas conhecidas às estrelas mais brilhantes. De-trás das estrelas, Nossenhor era um velho pastor vigiando o seu gado. Tínhamos um outro respeito pela Estrada de Santiago. Quando ela estava mais gorda pensávamos na nossa cabeça: hoje morreu gente de fome. As pessoas que morriam de fome eram enterradas na Estrada de Santiago. As estrelas cadentes eram tumbas para as pessoas que morriam de fome serem levadas para a sua cova na Estrada de Santiago. Ficávamos parados, possuídos de um respeito religioso pelos mistérios com que a noite envolvia nossos corações de meninos. Nos dias de luar perfilavam-se aos nossos olhos os vultos das Desertas. O Ilhéu Branco era para nós um imenso navio de quilha para o ar. O mocinho de S. Vicente contava-nos as bonitezas da sua ilha. Lá tinha tudo. Lojas cheias de coisas lindas. Soldados

que faziam exercícios. Estrangeiros que desembarcavam dos vapores, e voltavam para bordo carregados de bolsinhas de sementinha. Para além da ilha de Santa Luzia, ficava-nos essa terra, cuja civilização a cintura do mar roubava à nossa curiosidade.

16

Fui à Ribeira da Prata assistir a um casamento para que titio fôra convidado. Ribeira da Prata! Este nome soava dentro do meu coração como um preságio aziago. Era um grito em noite escura que eu sentia quando evocava os casos que na ilha contavam daquela ribeira povoada de feiticeiras. Quando disse que tinha medo de ir, meu tio garantiu-me que tudo eram histórias. Ele, que já andara ceca e meca, nas horas minguadas da noite, nunca encontrara coisa ruim. As palavras cépticas do meu tio não conseguiram desagregar da minha alma o maravilhoso com que as contadeiras de histórias povoavam o meu mundo.

Titio Joca foi de véspera para aproveitar o batuque. E com ele quási todas as famílias conhecidas da Praia Branca. O batuque prometia ser bom. As bandejas eram em quantidade. Presentes de carneiro, de galinha, de arroz. Havia vinho do Porto. No dia seguinte fui cedinho em companhia de Guida e de outros olhantes. Mané Pretinho ia à frente, fazendo

habilidades na mulinha briosa. O caminho à beira-mar seduzia-me pelos aspectos sempre novos que apresentavam os caprichos da costa. E o mar, constantemente assanhado, batendo nas rochas. Levantavam-se fumaradas de espuma que nos salpicavam. À direita os animais comiam pachorrentamente o pasto de soca e bredo. Pegou-me o medo de passar no Pau. Vinham à minha memória os perigos que contavam da passagem estreita, com rochas altas dum lado, e o mar lá em baixo, batendo como um leão. E cantava na minha cabeça a morna do «Pau-matou-o-meu-filho» em que, numa melopeia muito arrastada, a velha deplora a morte do filho que, de regresso da América, desembarcou no Barril e, querendo encurtar caminho, na grandeza de ver a mãe, caiu no Pau e se afogou no mar. Tudo obra das feiticeiras da Ribeira da Prata, que não podiam ver um filho abraçando sua mamãe já muito velhinha, depois de ter trabalhado como um escravo naquelas terras que ficam lá longe, no meio do mar. Ou que não feitiço de sereia, penteando seus longos cabelos no luar bonito de Ferrabraz.

Ribeira da Prata! Não esqueço o seu encanto penetrante, que vem não se sabe de onde. A povoação disseminada pela ribeira, com as casas perdidas no meio do canavial. A sua gente de voz cantante. E o mar, sempre na boca da ribeira, a envolver-nos o coração de uma mortalha verde de esperanças. Os bois, no terreiro-de-trapiche, rodando lentamente,

de focinho levantado, sob a canga, como que a beberem pensativamente, de olhos fechados, o ópio adormecedor que vem da voz arrastada dos rapazinhos tangedores, cantando de mão na boca, para velarem a toada com maior intimidade crepuscular. E a cintura envolvente das rochas, estrangulando todo o mundo no fundo do vale. A água corre todo o ano na ribeira, e a terra vermelha se cobre, na parte alta das encostas, do tapete raso dos batatais e das barbas-de-bode. Não encontrei feiticeiras; mas ficou-me para sempre depositado no fundo da alma o respeito pelo mistério da Rocha-Escrevida, em que há letras inscritas pelos piratas, quando desembarcavam aos tiros na praia agreste, atraídos pelo verde dos canaviais. Os povos fugiam para as rochas. Mas o vale cantava de tiros estalando, penedos rolando dos picos na defesa da casinha que ficou lá em baixo.

...A companha do casamento chegou da Vila com o seu cortejo de foguetes. Lembro-me ainda da marcha nupcial com que os rabequistas e os violeiros esperavam os noivos à porta da casa. Os pais da noiva choravam. Na primeira mesa os brindes oficiais. O padrinho recitou um discurso que lhe escreveram na Estância. Titio Joca também falou. Chaleirei tudo, bebendo gostosamente as palavras dos oradores. Na segunda mesa encontrei uma esporinha de galinha. Fui tirar à sorte com Guida qual de nós queria o companheiro mais. À noite baile.

17

Do Caleijão escreveram bilhete ao tio Joca, pedindo para eu regressar. Mamãe-Velha não deixou que eu completasse os três meses previstos da minha estadia na Praia Branca. Tio Joca bem queria que eu ficasse mais, com certeza pela variante que levara à sua vida. Dizia-me êle às vezes:

— Ao menos, estando tu cá, entretenho-me a tomar-te as lições. Assim fico com a certeza de que ainda sei ler...

Era de facto sem horizontes a vidinha que meu tio levava na Praia Branca, diluindo a sua antiga ilustração, adquirida no Seminário, na chateza de um viver em que só entravam as partidas de gorita-e-pau, o movimento da lojinha e as mulheres parideiras que o enchiam de filhos. Não era sem melancolia e uma rude censura por si mesmo que meu tio me comentava a sua degradação actual:

— Fui obrigado a enfurnar-me aqui. Antigamente eu sentia gosto em ler, tinha a impressão de que o futuro me pertencia. Gostava de me vestir bem. Andava atrás das raparigas para namoros sem consequência. Hoje é isto: cheio de filhos e bebedor de aguardente... Antes eu tivesse ido para a América trabalhar nas fábricas de algodão, como teu pai.

Eu sentia-me comovido pelo destino falhado do meu tio. E as suas palavras, repassadas de desabu-

sada melancolia, aumentavam mais a afeição penetrante que me ligava àquele tio tão bom, de voz velada que quási surdinava as palavras quando me fazia o seu exame de consciência. E as histórias tão interessantes que ele me contava... Que maravilha, os casos que vinham subtilmente envolvidos num calor muito humano, aproximando os títeres das histórias do nosso coração e dos exemplos da nossa vida quotidiana! Tio Joca parece que sentia a lição de humanidade que os seus casos continham, e então puxava-me aos joelhos, e era como se fosse uma voz muito elementar, muito profunda, enchendo o meu mundo de criança. Vinham sempre as lições heróicas das histórias de Carlos Magno, do romance de Passo-Amor, de Brancaflor, de Roldão morrendo pela sua honra. A voz do tio Joca molhava-se de lágrimas quando me descrevia a vida trabalhosa dos que lutam pelo seu ideal. Interrompia a narração para me dizer muito sério, fazendo de conta que falava a gente grande:

— Não queiras imitar titio Joca!

Ele queria-me de uma maneira diferente de Mamãe e Mamãe-velha. Tio Joca chegava-me mais a si. Elas amavam-me com um amor que se traduzia em descomposturas e recriminações, mas que se desvelava, numa solicitude carrancuda e grave, todas as vezes que viam o seu Chiquinho com qualquer sinal de doença. Por isso, quando cheguei à Assomada do Matinho e que ia largar para trás a Praia Branca,

foi como se qualquer coisa de muito íntimo, de muito chegado a mim, ficasse na esteira os mèus passos, para nunca mais.

18

Tói Mulato apanhou uma grande sova da sua dona. Levou sem uma lágrima. Só dizia:

— Não furtei, dona!

— Que fizeste então do milho?

— Não furtei, dona!

— Não queres dizer? Então levas até descobrires, menino de não-sei-que-diga...

Como sempre que apanhava, Tói Mulato foi para nossa casa. Mas chegado ali, desabafou em chôro.

— Por que levaste, Tói?

A avó deu-lhe dinheiro para comprar três litros de milho. Na volta foi salvar nha Lalaga, que estava doente, Encontrou-a muito fraca, com os meninos em volta da cama, chorando fome. Deixou um litro de milho. E a avó açoitou-o.

— Devias ter dito o que fizeste com o milho; a tua dona não te açoitaria...

— Ela não acreditava...

— Se a tua mãe estivesse viva, não apanhavas assim...

Mamãe-Velha, tão rigorosa connosco, era muito compassiva com os outros meninos, Tói Mulato,

então, era os olhos da sua cara. Já a conheciam como passa-culpas. Menino que se acolhesse à sua protecção estava livre. Vinha a mãe para levar o culpado e minha avó recebia-a assanhada:

— Deixe o anjinho-de-Cristo sossegado, criatura! Quando você era menino, fazia pior...

Ela queria que Tói Mulato ficasse connosco por algum tempo:

— Ao menos, assim, estás livre daquela víbora velha...

Tói recusava insistentemente:

— Ela não pode dormir sòzinha...

A-pesar-de criança, Tói Mulato era o homem da casa. Trabalhava de enxada como qualquer, nas hortas da dona. Quando ela estava doente, ele mesmo cozinhava os caldos. Ia buscar água e, havendo necessidade de cinco tostões, atravessava na horta e ia vender um feixinho de palha na Vila. Mas ninguém lhe chamava menino fêmea. Todos o respeitavam:

— É o menino mais direito do Caleijão.

E tinha tempo para tudo. Na escola nunca falhava uma lição. Estudava pelos meus livros. Algumas vezes só podia preparar as lições à noite, à luz da vela de purgueira, quando a dona dormia. A-pesar-de tudo, era o decurião da classe e o mais puro e habilidoso de todos nós.

A sua avó quási nunca saía. Quando a doença não a pregava na cama, ela passava o tempo no

fogão, de pernas abraçando o moidor, e enxotando moscas com um pano. Diziam que ela estava afrouxando de juízo.

— Quantos anos tem a tua dona, Tói Mulato?

— Não sei. Ela é velha como areia, rapaz...

Mas os seus braços conservam-se rijos para castigar de lato. Tói Mulato que o dissesse. Nunca entrávamos em sua casa. Tínhamos medo da sua cara de bruxa, um nariz curvo debaixo de dois olhos como brasa. Nhô Roberto Tomásia dizia que brasa nos olhos é doidice morando na cabeça da gente. A força para o lato vinha-lhe dos olhos. Nha Totonha era a única que podia gabar-se de o beiral da sua casa não ter sido esgarçado por nós, à procura de ninhos de pardais. Ela mesmo lhes dava comida, estendendo grãos de xerém nas pedras lágeas do patamar. O carinho que recusava a Tói Mulato, a velha reservava para os seus passarinhos do céu. Podiam eles amar-se e ninhar-se à vontade, que não era a meninência capaz de lá ir gadanhar nos cunhais, à procura de ovos para filhós e pardalinhos para assadas em brasa.

19

Chegaram navios baleeiros na terra. Correu logo a notícia. Navio-de-baleia era fartura para a ilha. Os rapazes alvoroçaram-se, porque todos tinham

vontade de ser recrutados. Começaram a chover pedidos aos encarregados do engajamento, pois o número de tripulantes de que os navios careciam era menor do que o dos pretendentes. Desembarcaram para ver a família muitos rapazes que faziam parte das tripulações. Mas não eram rodeados da admiração que cercava os *americanos* de verdade, que voltavam das fábricas e plantações da América com a algibeira pesada de dólares. Rapaz-de-baleia não traz dinheiro. Trabalha para os outros. Meses e meses nas pescarias do mar do sul e quando regressam à América recebem um pataco furado.

Fomos chaleirar o recrutamento, que se fazia na Administração do Concelho. O encarregado era assistido por dois homens de bordo, um deles de olhos muito brancos. Ele distribuía os rapazes pelos barcos:

— Este é para a barca «Wanderer». Você vai para a «Morgan».

Lembro-me ainda da cara triste de Antoninho de nh'Ana Lanta, por não ter encontrado lugar. Era condenado a continuar a vida no rabo da enxada. Tive pena das suas calças rotas, que já não tinham onde pegar remendo. Antoninho e os outros recusados tinham de continuar a ganhar três tostões por dia, puxando nas hortas.

De-tardinha, Tói Mulato contou-nos maravilhas dos navios-de-baleia. Até Joquinha Cuscús, o malandro, ficava preso na narração de Tói.

— Oh rapaz, lá tem um grandão que é um mundo de navio...

— Foste a bordo?

— Não me deixaram. Eu bem queria ir, e pedi a um rapaz de bote.

— Tens lá algum parente? — disse-me ele.

— Não, é só para ver.

— Então vai ver a tua avó. Navio não é brincadeira de menino. Zanguei-me, mas ele ficou a rir.

— Dizem que os navios trazem no cocuruto dos mastros as almas dos capitães que morreram...

Tói Mulato:

— Eu quando for grande, serei capitão de navio. Quando eu morrer a minha alma ficará espiando do alto dos mastaréus.

— E depois? Continuarás sempre espiando dos mastros? Não poderás aguentar o frio...

— Não me importa o frio. Ficarei lá para ensinar o caminho aos outros.

— Eu prefiro embarcar numa estrela...

— O navio de purgueira que nhô Chic'Ana me vai dar será chamado "Estrela da Manhã".

— O mar é uma horta sem morouços...

— Totone Menga-Menga é que disse...

— Pedi a Dinha Lua uma casa grande como o Morro Bissau...

— E eu uma noiva bonita para me casar quando for grande...

— Eu pedi uma varinha-de-condão para me dar toda qualidade de coisas...

Toi Mulato:

— E eu um navio grande como a barca "Wanderer", para eu navegar...

— E se tu morreres?

— Minha alma ficará ensinando o caminho...

— Nhô João Joana disse que não é a agulha que mostra o caminho, mas a alma dos capitães que segreda ao homem do leme: "para a direita, para a esquerda"...

Tói Mulato era assim. Quando vinham navios grandes fugia à sua dona e ia à Preguiça. Era sova certa de nha Totona quando voltasse, mas Tói não se importava. Nas nossas reuniões não vinham então à conversa os casos que ordinàriamente nos entretinham. Ficavam para trás os exemplos de nha Rosa Calita. Ela sabia contar-nos os dramas e as comédias das pessoas que vivem apegadas à terra. Filhas de rei, príncipes à procura da noiva, herois de guerra, tudo era gente que pisava o mesmo chão que nós pisávamos. Conversávamos com eles na intimidade do nosso dia-a-dia. Quando Tói Mulato vinha da Preguiça, os navios que ele vira passavam a nossa cabeça. Era um mundo desconhecido que caminhava ao nosso encontro e que nós não podíamos reter e prender na nossa experiência. A reportagem de Tói Mulato enchia de mistérios a nossa vida. As estrêlas da noite eram navios que navegavam havia longos séculos, para nos virem

buscar. A Estrada de Santiago, um barco muito branco da forma de um caixão, enfeitado de galões dourados, para enterrar aqueles que morriam de fome. E de manhãzinha, o sol era um velho papai remoçado que vinha num navio iluminado de fogo para nos levar para a América.

20

Chico Zepa, trancador da barca "Wanderer", veio ao Caleijão visitar a mãe. Todo o mundo foi salvar Chico. Ele falava muito, dando gargalhadas altas. A todo o momento metia palavras americanas na conversa. Chico Zepa fez uma grande festa a nhô Roberto que lhe pediu o avacote que Chico lhe tinha prometido.

— Está a bordo...

— Com certeza? Olha que sempre faltaste no estreito ao que prometeste no largo...

— Juro! Nha Guida, como está? e nhá Iría, nhô Luiz, tôda aquela velhada?

— Rebolando...

Para nha Tudinha:

— Vi seu filho em Providence Rhode Island. Está bom. Parece que vem em Outubro.

Nhô João Joana informou-se da América:

— Ainda tem *light ship* à entrada de Betfete?

— Ainda. Mas agora govêrno mandou pôr uma bóia de sino perto do Stream, *you know*...

— Quando eu assistia por aquelas paragens, era preciso olho muito aberto. Mas nunca me aconteceu nada, porque o capitão Luiz conhecia toda a costa como a palma das suas mãos.

— Aquilo hoje está muito mudado... Há quanto tempo você esteve por lá, nhô João?

— Há anos como areia, rapaz. Com certeza ainda não eras nascido...

— Oh Gee...

Dei as mantenhas da casa e perguntei notícias do meu pai. Ganhei uma grande admiração pelos modos desembaraçados de Chico Zepa, que lhe davam superioridade sobre os outros rapazes. O que eu sabia da sua infância confirmava êsse prestígio que o distinguia dos moços de enxada. Chico não queria saber de disciplinas. Não aturava desaforos. Luta em que entrasse, era dêle a vitória. Dizia sempre que não estava disposto a consumir a vida ganhando cinco reis no rabo da enxada. Aproveitou a primeira oportunidade, e anos atrás embarcara na barca «Wanderer».

Mas Chico perdeu o barco. Os seus amores com Antónia Bia prenderam-no no Caleijão, e quando chegou à Preguiça já o seu navio tinha montado a Ponta da Vermelharia. Tempos depois descalçou-se. Mas todos diziam que ele continuava o mesmo refilão de sempre, que nem respeitava a barba-cara dos velhos. E depois, ele tinha umas coisas que passavam a cabeça dos outros. Descompunha a enxada, e dizia

que não estava para ser escravo, que não tinha raça de negro. Quando condescendia em dar um dia de trabalho, quási nada fazia na horta. Dava uma enxadada e punha-se de pé a chacotear.

Para nós os meninos, Chico Zepa não conhecia canseira. Passava tempo esquecido connosco, como se falasse a gente grande. Dizia-nos:

— Quem não saíu daqui não sabe o que é mundo. Eu não fico. Dou um salto em S. Vicente e embarco fugido em qualquer vapor...

Mas o vapor de Chico Zepa não chegava nunca. Continuava naquela vida de malandro da Agua-do-Canal, contando as pedras da Combota e espiando o mar ao longe. Quando precisava de dinheiro para cigarros, ia dar um dia de trabalho. A mãe descompunha-o:

— Não sei a quem esse moço saiu... A mim não, que vou levando a vida consoante Deus é servido; o pai também não, que era um burro de trabalho...

Chico quási que só se dava com a meninência. Os outros rapazes faziam pouca farinha com ele. Chico tinha lábia e sabia engodar as namoradas dos outros. E a quási todas foi pondo no peito.

O certo é que ele nos tocava de uma maneira diferente. Todos nós nos criávamos embalados nas histórias de cavaleiros que, pela sua honra e pela sua fé, saem a correr mundo, combatendo a toda a hora. Sonhávamo-nos heróis de espada desembainhada. A

sugestão das conversas de Chico Zepa prometia-nos uma vida cheia de aventuras, de lances arriscados, de lutas pela defesa não sabíamos ao certo de quê. Contanto que exercitássemos aquela porção de generosidade que fremia na epiderme da nossa alma. Quando eu via os outros, Antoninho Bia, Pedro Xamento, Mané Péta, presos nas hortas, a lombar no duro, considerava-os seres inferiores. Por que não eram como Chico Zepa, que não queria ser criado de ninguém? Por isso tomávamos partido por ele. E quando furtávamos um palmo de tabaco de rolo, era para o cigarro de palha de milho de Chico Zepa.

21

Fomos dez que o professor deu para o exame do 2.º grau. Tói Mulato era o primeiro e eu o segundo da aula. O Sr. Carvalho disse-nos:

— Vão com sossêgo para o exame, que vocês dois têm obrigação de apanhar uma distinção.

Tói Mulato andava muito triste por não ter fato novo para vestir no dia de exame, na Vila. Ele mesmo botou umas chapas nas calças de cotim militar. Nos últimos dias o professor dava-nos aulas extraordinárias à tarde, intensificando a nossa preparação em Aritmética e História. Levei para Estância calção azul e blusa branca em que Mamãe bordou os emblemas da Fé, Esperança e Caridade.

Todos os meus companheiros se reuniram em

nossa casa para irmos juntos para a Vila. Os pais dos alunos connosco. Vestiam os seus trajos de Domingo, os homens de fato de casimira, vindos da América. O meu vizinho demente Cabeça-de-gato-totonha tinha uma cara triste. Ao irmão de Pimpinha não era dado sentir a nossa alegria.

À saída da casa, Mamãe-Velha não poude reprimir uma lágrima comovida. Jesus, como o tempo se parece com pano-de-pente, mergulhado em pote de tinta! Agora é uma listra verde, logo esbranquiçada, tirante a clara de ovo, a seguir afirmando-se para o azul ferrete do céu depois de chuvada de Setembro.

— Parece que ainda ontem tive Chiquinho nas mãos, nú como a graça do Altíssimo o mandou para este mundo. Tão miúdo, não excedia duas mãos-travessas...

E agora lá ia eu para a Vila sujeitar-me às provas da examinação na escola-do-rei, sobre assuntos que passavam a cabeça de Mamãe-Velha.

— Pela paixão do Santo Filho do Senhor, que passou com a cruz às costas na Rua da Amargura, seja o caminho que vais andar hoje tão liso e direitinho como a consciência do justo, limpa do pecado do nosso primeiro pai!

Não apanhei distinção porque me atrapalhei um pouco na prova de Aritmética. Mas o meu exame de Leitura e História foi cheio.

Tói Mulato é que foi o herói do dia. Tão sereno, tão exato, nas suas respostas havia tanta certeza, que

ele parecia ser o mais velho da sala. Quando lhe deram a distinção e que o presidente do júri o abraçou, felicitando, e depois quando o rodeámos dando vivas, Tói Mulato tinha a mesma cara de sempre, como se, em vez de ter alcançado uma vitória, ele apenas houvesse acertado com uma forquilha melhor do que nós no alvo marcado no pé da mangueira da Água do Canal.

À tarde, tivemos festa de exame. E como nha Totonha não podia festejar a distinção de Tói Mulato, ele comeu um bolo de mel em nossa casa, guardou outro para ela, e foi cedo para casa, porque a dona era velha e não podia ficar muito tempo sòzinha.

Para mim ia abrir-se uma nova vida. No ano-lectivo seguinte eu seria matriculado no curso do liceu, no Seminário. Com a boa cabeça que Deus lhe tinha dado, seria pena que Chiquinho ficasse a lombar na enxada. A escola esperava-me de braços abertos para me conceder a carta de alforria. Assim, mais tarde eu poderia falar de alto para aqueles que apenas tinham feito o 2.° grau.

22

O meu desejo de conhecer Totone Menga-Menga ia realizar-se. O mistério que o rodeava aguçara a nossa curiosidade de conhecermos aquele velho, que sentíamos diferente do resto da humanidade. Para nós,

Totone era um mágico, ou um sábio igual àqueles que no princípio do mundo andavam de terra em terra ensinando e dando conselhos à gente. Quem sabe se não seria Nossenhor disfarçado e vivendo sòzinho numa casa do Chamiço? Imaginávamos Totone um velho muito velho, de grandes barbas brancas que infundiam respeito. Todos diziam que ele tinha um amor inesgotável. Devia gostar muito de menino. Criança que apanhasse desejava que estivesse ali perto Totone Menga-Menga para se ir acolher às suas barbas brancas e ao seu abraço de infinito amor. Havia até mocinhos que, depois de apanharem, ameaçavam as mães:

— Deixa estar que vou fazer Totone queixume...

Em momentos de tribulação da vida ia-se a casa do velho Menga-Menga, porque a sua palavra era sol que dissipava o nevoeiro que envolvia o coração da criatura. E choviam presentes de toda a casta. Muitos privavam-se de coisas boas para mandarem ao velho. Mas também ele era um mãos-rotas. Ninguém ia queixar sua falta que lhe saísse da casa com as mãos a abanar.

Várias vezes eu pedira licença para ir visitar Totone. A meninência chegou mesmo a combinar uma fugida. Amanhecemos por denúncia de Cabeça-de-gato-totonha, que não poderia ir. Mas nenhum de nós apanhou de lato. Não havia coragem para se açoitar menino que queria fugir de casa para visitar o velho Menga-Menga.

Tói Mulato falava de Totone como de uma sombra familiar. Fantasiávamos como seria ele.

— Menga-Menga é como o Rei Bandeira, que distribuía doces e frutas à meninência no seu palácio de pedra de cantaria...

— Não, rapaz. Penso que Totone é um homem que quis virar feiticeiro, mas não conseguiu, por não ser capaz de comer inocentes. Como é muito bom, ficou conhecendo os segredos das feiticeiras, que nada podem com ele.

— Dizem que todas as noites, em volta da casa de Totone, há música que os anjos do céu vêm tocar por mandado de Nossenhor. As bruxas ficam ao longe cheias de raiva.

— Uma vez Totone recebeu a visita de uma mulher. Era uma feiticeira que queria chaleirar a casa do velho e ver se podiam dar cabo dele. Totone conheceu-a muito bem...

— Totone conhece todo o mundo — disse Tói Mulato.

— Totone conheceu-a bem e pôs na sua cabeça amarrá-la. Chamou a mulher para o quintal, para ir espiar um galo de crista vermelha e branca que tinha lá...

— Se calhar era uma bruxa que Totone tinha pegado...

— Exacto e qual. A mulher foi, contente de ver o quintal de Totone, esperando descobrir qualquer coisa. Totone disse-lhe:

— Por favor você espie se aquela galinha tem ovo... A mulher foi espiar e Totone de-pressa voltou para dentro e num dizendo-fazendo virou de pernas para o ar o banco em que a bruxa tinha estado sentada. Quando Totone voltou para o quintal, disse-lhe: «vamos para dentro»... Ela bem queria ir, mas não conseguia passar a soleira da porta porque, já se vê, tinha sido amarrada. Totone muito sério, mas rindo para dentro. Ela dançou, cantou, fêz o diabo-a-quatro. Depois virou burro, mula, porco, cabra. Por fim, Totone, condoído, rezou umas orações e desamarrou-a. Ela virou figura de gente. Totone disse-lhe:

— Para você nunca mais se meter na minha vida...

Foi com profunda alegria que recebi autorização de acompanhar Pitra Marguida, que ia ver a nossa horta do Chamiço. Mamãe-Velha deu-me um presentinho para Totone. Eu queria que Tói Mulato fosse comigo. A dona dele opôs-se. Ela não estava para cavalagem de meninos. Nha Totonha era a única pessoa que considerava cavalagem uma visita a Totone-Menga-Menga.

Quási não senti a íngreme ladeira do Caleijão. Na luz incerta da ante-manhã as casas despertavam lá em baixo. Dos fogões levantava-se o fumo caseiro denunciador do café de pela-manhã. Era um canto humilde e alegre em honra de Totone Menga-Menga. que eu ia visitar. Pitra seguia no seu assobio infati-

gável de pardal jardinol. Parecia que a mesma alegria inundava todos nós, fazendo mais leve a caminhada. Quando chegámos à Assomada do Cabaçalinho, despontava de-trásd o Morro Bissau a enorme bola do sol. Era o grande amigo de Totone que o vinha cumprimentar.

Fomos encontrar o velho sentado num pilão, à porta da casa. O amigo sol entrava por toda a parte, espalhou-se pela terra do massa-pé, tomou conta da casa e da alma de Totone. Todos os dias de manhã êle realizava aquele gesto ritual de receber o seu amigo sol. Pedimos a bênção ao velho. Totone tinha umas barbas muito brancas e compridas. Eu, que sentia sempre um respeito receoso quando via um velho muito velho, de barbas brancas, cheguei-me gostosamente a Totone. Ele teve-me um longo pedaço entre os joelhos. De quando em quando, interrompia o seu silêncio pensativo para murmurar umas palavras como de oração. Eu não tinha coragem de lhe falar. De-mais, estava assim tão bem, gozando aquele prazer de nada pensar, nada sentir, mergulhado na paz que envolvia tudo. Nem sequer me lembrei de pedir a Totone que recomendasse à Dina Lua uma varinha-de-condão para mim.

Chegaram várias pessoas. A todas Totone deu conselhos, indicou remédios, botou sua bênção. Dizia coisas numa língua que eu não entendia. Quando Pitra voltou da horta, com o burro carregado, recebeu a bênção do velho e tomou-me.

Não levei para o Caleijão a varinha-de-condão. Mas durante alguns dias, os meus camaradas olhavam-me como a uma pessoa que tivesse visitado Deus.

23

Vivíamos todos na esperança das as-águas. Depois das colheitas limpavam-se as hortas da palha de milho e dos feijoeiros já secos. Em alguns lugares mais frescos invernavam as aboboreiras. Ficavam de ano a ano, parindo os botões mais cedo, sem a preocupação da capadura justamente na época em que a monda ocupa todo o mundo. Com Abril chegava o tempo de brocar e assentar covas. A época seca permitia pouco lazer. Trocava-se a enxada pelo ferro das brocas e roçadas de freira. Mamãe-Velha não largava Pitra da mão:

— Pitra, precisas arranjar gente para assentar covas em Trás-de-Picos...

— Lá tem trabalho feito outrano, nha Júlia. Estou pensando que é melhor abrir mais horta na Portela...

— Faz o que eu digo, atrevido! Eu é que mando!

Mamãe-Velha não queria convencer-se de que não era com as suas descomposturas que o trabalho se fazia. Não abandonava os seus gritos de dono autoritário. Não tinha brincadeira com a horta de

Trás-de-Picos. Para ela, todo o nosso esforço agrícola se concentraria lá. Volta e meia estava ela a dizer, com o braço estendido:

— Aquela horta é sagrada... Foi comprada com dinheiro ganho de-riba da água do mar...

Em matéria de trabalho só ouvia com nhô Roberto Tomásia. Caturravam, se se devia fazer isto, se aquilo. Nhô Roberto ouvia pacientemente as razões da Mamãe-Velha, mas, no fim, a sua opinião acabava por vencer. Mamãe consentia sem resistência aquela autoridade aparente. Deixava que a mãe ordeasse tudo, e ao cabo dava contra-ordem. Minha avó não dava por isso. Ela precisava apenas daquela ilusão de actividade.

Logo no mês de Julho começavam as sementeiras em sêco. Semeava-se o milho com pedras arrumadas sobre as covas para impedir que os corvos fossem desencovar. Nas terras altas o milho nascia mais cedo, com os primeiros borrifos. Nhô João Joana tinha uma horta na Cruzeta. No terreno fresco, os coquinhos-de-milho vinham mais depressa. Dias depois das sementeiras passava ele pela nossa porta.

— Que tal Cruzeta, nhô João?

— Milhinho bonito. Não é para me gabar, mas como Cruzeta não tem. Nossenhor andou por lá...

Nhô João animava todo o mundo. A chuva geral não tardaria nas baixadas. A névoa já tinha guindado no Morro Bissau.

— Chuva está de-riba de nós...

Dava uma semana para cair uma boa rega. Tanto mais que a linha do mar estava clara. E nhô João dizia que quando era marinheiro conhecia chuva nas terras das ilhas só pela clareza do mar:

— Mar branco e névoa no céu como algodão sujo, é vestir o avacote, que a chuva não tarda em molhar o convés.

Nhô João não era capaz de falar sem meter o mar nas suas conversas. Tinha-lhe um amor quási supersticioso. Abaixava a cabeça e dizia, de braços estendidos em direcção ao mar:

— Não tenho brincadeira com aquele tanque grande...

E explicava que quási tudo o que tinha comprara com as soldadas ganhas no mar.

— Dinheiro sagrado, velha...

— Eu sei, nhô, João. O falecido foi assim que adquiriu o que nos deixou.

— Moço direito, velha. Encontrámo-nos uma vez em Oeste Índia. Estávamos perdidos do companheiro havia um ror de tempo. Não calcula a alegria que a gente sente quando encontra um filho-das-ilhas nessas terras longe. A gente sente uma saudade... Também, não queira saber o batifundo que fizemos ambos os dois. Você não tem ciúmes, não, nha Júlia? E nhô João ficou rindo.

— Não tenho, não. Ele nunca me faltou com nada. Pena ter morrido tão novo, sem gozar direitamente o seu trabalho.

— Estou-me lembrando, velha. Eu estava a pescar baleia no sul. Quando voltei para a América soube que o navio dele tinha desaparecido em viagem para as ilhas. Aquele ano foi mortal para os filhos-das-ilhas. Caíu um tempo medonho no golfo. Outrum navio que tinha saído para Cabo Verde, cheio de passageiros e carga, nunca mais apareceu.

Era a figura do meu avô que ressurgia. Sem o ter conhecido, tocava muito de perto ao meu coração. Gostaria de ser como ele, e sair a percorrer mares na pesca da baleia, conhecendo terras. Admirava a sua vida heróica. Havia em casa um quadro que representava uma cena da pesca da baleia. O mar coalhado daqueles bicharões e uma canoa investindo a remos. Na proa um homem de harpão, com o corpo tendido no esforço preparatório do arremêsso. Como aquele avô heróico me parecia diferente dos homens que eu via todos os dias puxando na enxada, para voltarem à noite à casa pobre, coberta de palha! Lá dentro faziam a sua vida de servos, numa resistência que eu não compreendia. Tinham povoado a minha infância de imagens que não me deixavam admirar aquela heroicidade constante e apagada. As guerras de Roldão e dos Doze Pares enguliam o heroismo obscuro da minha gente. E o mar era para mim umc ampo de batalha em que se lutava com gigantes enormes para se conquistar o amor da moça-do-mar. A terra não tinha um amor igual para premiar as guerras dos seus heróis. Nhô João Joana vira a

moça-do-mar cantando. Uma ocasião eu disse isto a tio Joca que quiz desenganar-me:

— Estás enchendo a cabeça de coisas sem sentido...

— Nhô João Joana é que disse...

Havia em casa um retrato de meu avô, em ponto-grande. Representava um moço de cara enérgica, olhos decididos. Lisongeava-me a parecença que notavam entre mim e ele.

— O cabelo, então, é o mesmo... Cabelo bom, de indiano ...

Custava-me a crer que aquele moço do retrato tivesse amado Mamãe-Velha. Ela devia ter nascido assim, com a cara enrugada, e pregando descomposturas em todo o mundo. Meu avô ficava eternamente o moço que o retratista surpreendera num porto do estrangeiro. Com certeza que a moça-do-mar o amou. Ele não morreu. Foi à casa da moça-do-mar e lá ficou para sempre, gozando do seu amor.

24

Bibia Ludovina estava com alma. Logo depois da ceia, eu e a restante meninência ouvíamos na Água-do-Canal a conversa dos maiores quando Pedro Xamento chegou dando a notícia. Bibia trabalhava na roupa. De-repente parou, ficou a bater com os braços e começou a gritar. Só sabia dizer que a queriam matar.

— Será mesmo alma? — duvidou nha Rosa Calita.

Pedro Xamento garantiu. Aquilo era alma, tão certo ele ser filho de sua mãe. A voz que falava em Bibia não era de Bibia. Era uma voz grossa, de homem, e com um tom de zangado de capitão por força. Nhô João Joana veio em reforço de Pedro Xamento. Chegava mesmo da casa de Bibia, e largou logo a novidade:

— Espírito ruim está cangado em Bibia Ludovina...

— Explique como foi...

— Não estão vendo, gente? O espírito, quando o corpo morre, deixando alguma culpa ou promessa por cumprir, volta penando.

— Fina Canda morreu de espírito — lembrou nha Rosa. O falecido, que Deus haja, viu à hora da morte da Fina um grande avejão branco levando a alma dela.

Nhô João Joana sabia exortar espíritos. Explicou:

— A vida da criatura é uma luta entre espirituais e corporais. Espirituais de maldade cativaram os corporais de Bibia Ludovina.

Pediram-lhe pormenores.

— Este que cangou em Bibia não é de brincadeira. Só quere gritar e descompor toda a gente.

A conversa seguiu no assunto que mais me inte-

ressava, almas do outro mundo. Não que eu fosse destemido, pelo contrario, ficava cheio de medo quando contavam histórias de finados. Mas seduzia-me o mundo desconhecido que vivia nessas histórias, o pitoresco aziago das correntes arrastadas, gritos angustiados, choros alta noite, pedindo orações. Veio-se a falar de uma casa grande em ruínas que havia no Salto. De memória dos mais velhos, já ela estava assim abandonada, as telhas de madeira voando ao vento, e as paredes cobertas de S. Caetano no tempo das águas. Contavam dela casos tão terríveis, que era o meu maior desejo conhecê-la. Uma vez que Pitra Marguida ia de jornada para Juncalinho, fui com ele de propósito para a espiar. Cheguei a sonhar com ela. A casa cresceu para mim. O seu vulto aumentou do tamanho de um gigante. Os buracos no telhado eram olhos, negros e medonhos. O vulto avançou para mim feito um monstro da altura de uma rocha. Quiz correr, mas as pernas ficaram crã, sem obedecer à minha ânsia de fugir ao abraço terrível. A figura avançava cada vez mais. Eu sentia a respiração do monstro vassoirar-me o rosto como uma lixa. Já os seus braços, encurvados em arco, me tocavam. Ao sentir o contacto, dei um grande grito. Acordei cheio de medo. Cobri a cabeça e rezei Padre-Nossos e Avè-Marias.

Nhô João contou o que sabia da casa. Fôra seu dono o velho Zeferino, antigo capitão de escravatura que enriquecera vendendo negros em Cabo Verde e

outras partes. Os mais antigos referiam coisas terríveis que ele fazia à sua escravatura. Para ele não havia rei nem roque. Era um herege, nem sabia fazer o Pelo-Sinal. Também, o Sujo tomou conta da sua alma logo assim que ele morreu. E a sua alma ficou penando. Nas longas noites, ele enche aqueles descampados com gritos e barulho de correntes arrastando. Diz o povo que ainda a alma do veiho Zeferino procura um grande tesouro, muitas peças de ouro que êle entulhara em terra, dentro de um pote de barro da Boa Vista.

Chico Zepa não acreditava nestas histórias da alma do capitão Zeferino errando por este mundo mais de cem anos depois da morte. Nhô Chic'Ana garantiu. Tinha visto a alma. Era uma figura alta, embrulhada num grande lençol branco. Na cabeça trazia um chapéu de abas largas que não deixava ver bem a cara. Só se enxergava a ponta do nariz, meio comida, e os dentes descascados num sorriso de meter medo. Foi de uma vez em que, tendo de vir de Juncalinho para Morro Braz, nhô Chic'Ana se enganou com o pôr do sol. Lá para aqueles desertos, sol no mar, noite na terra. A escuridão apanhou-o pelo caminho. Quando passou ao pé da casa assombrada, ouviu gemidos que partiam a alma da gente. De dentro das paredes saiu a figura do capitão Zeferino. Vinha muito curvado, como se arrastasse um grande peso. Nhô Chic'Ana ficou crã, sem poder dar um passo. A alma passou mesmo junto dele. Quando

deu acôrdo de si, nhô Chic'Ana desabalou na carreira como cavalo de ôlho furado.

O cepticismo de Chico Zepa não se rendeu perante o testemunho do velho. Nha Rosa Calita confirmou:

— Nhô Mané de Ramos leu no Lunário que o tesouro lá está, e será encontrado por menino que tiver nascido com dois dentes, na hora em que o galo arrepiado dá a primeira pousa...

— Lunário virou à cabeça de nhô Mané de Ramos...

— Agora é virar... Tu é que és um herege. Tomara teres na cabeça a metade do juízo que nhô Mané tem na pontinha do dedo mindinho...

Nhô João esclareceu:

— Os finados têm por sentença desfazerem eles mesmos o malfeito que tiverem deixado neste mundo. O dinheiro do velho Zeferino foi adquirido na venda do corpo de filhos-de-parida. Dizem que a sua alma, depois de desentulhado o dinheiro, tem de andar sete anos a parti-lo pela pobreza. Se não partir, vira capotona...

— Se você enxergar a alma do capitão, lembre-lhe que Chico Zepa faz parte da pobreza... Que ele não se esqueça de mim...

Pedro Xamento acudiu:

— Se queres dinheiro, vai ganhá-lo debaixo do sol como qualquer outrum. As esmolas de Deus não foram feitas para calaceiros...

— Quem te mandou meter aqui a tua colher

furada? Calaceiro tem o seu dono, filho de quarenta pais, afora os passageiros.

— Gente! Vocês sirvam-me de testemunha que Chico Zepa insultou minha mãe!

— Vai chamá-la então para te desafrontar...

— Corro-te a mão, Chico Zepa!

— Se és filho-macho, experimenta...

Pedro Xamento atirou-se para o adversário. Mas Pedro tinha só força. Chico era ágil e passador de calaca. Montou Pedro no selim e jogou com ele em terra. A guerra generalizou-se. Quási todos tinham raiva de Chico. No fim, todos davam moquetes uns aos outros, sem saberem já porquê. A custo a autoridade de nhô João Joana serenou o conflito. Chico Zepa ficou todo emproado, basofiando:

— Em querendo é só experimentar. A minha mão direita é cemitério e a esquerda hospital!

Nha Rosa Calita recordou um acontecimento da sua mocidade. Preguntou a nhô João:

— Você lembra-se do caso de Fina Canda?

— Fina Canda? Não estou a enxergar...

— Fina Canda, uma brancona, filha de nha Canda Marguida, das Pombas... Moravam perto do Fundo de Balanta, junto do trapiche da casa do Dr. Júlio... Você não se lembra?

Nhô João recordou-se:

— Ah sim, a Fina, uma rapariga de pôr no catálogo... Estou-me agora a lembrar muito bem. Era um bom pedaço de carne de pomba... Dizem que

o Sr. Pina esteve doido por ela. Até quis tirá-la de casa, mas dizem que a mulher dele, sabendo da história, procurou nhô André Crioulo e pediu feitiço para o marido.

— Exacto e qual. Não havia como nhô André Crioulo para botar feitiços e fazer curas, apenas com hervas e orações numa língua que só ele entendia. Foi nhô André que curou a ferida ruim de José Capado.

Os dois velhos, afastados do caso contemporâneo de Bibia Ludovina, mergulharam nas recordações da mocidade. Todos nós ficávamos atentos, embebidos na narração dos velhos. Eu largava tudo para os ouvir. Nos dias em que sabia que eles iriam depois da ceia para a Água do Canal, engulia a cachupa à pressa e não sossegava enquanto não me via no caminho da Combota. Era sempre guerra certa com Mamãe-Velha. Minha avó não compreendia que era ela, nha Rosa, nhô Chic'Ana, todos os velhos, que, com as histórias que a sua experiência tinha depositado, iam modelando minha alma de menino. E era extraordinário o seu talento de narradores. As cenas apareciam na nossa frente, vivendo.

Contaram o caso de José Capado. Era homem casado, mas tinha uma mulher muito ciumenta. Ele andava amigado com uma tal Maria Guida, das Fontaínhas. A mulher experimentou tudo para os separar, mas nada. Nhô José estava mesmo mandingado para Maria Guida. Ela tirou da sua cabeça um remé-

dio terrível. Um dia em que Maria Guida desceu à Vila, ela deu ao marido um chá de dormideira que pôs o homem na cama com um sono de morto. Mandou chamar a rival. Que tinha um assunto de importância a tratar com ela. Maria Guida, na sua inocência, apareceu. A mulher recebeu-a muito bem, ofereceu-lhe café com cuscús. Foi assim enganando Maria Guida, até que esta lhe preguntou para que a queria.

— Espere aqui um bocadinho...

A mulher foi para o quarto onde estava o marido. Este dormia sono que não parecia sono da vida. A mulher botou-lhe as calças abaixo e capou-o. Depois chamou Maria Guida. Mostrou-lhe o marido, todo sujo de sangue, e disse-lhe:

— Agora você vai-se amigar é com isto...

E virando-se para nhô José, que se estorcia:

— Ké, kléklé, klé! Galo capão já não pode fazer porcaria!

Maria Guida caiu no chão espumando pela boca com um faniquito. Foi um grande abalo na Estância. A ferida custou a sarar. Nhô André Crioulo é que a curou com uns emplastros de hervas piladas juntamente com cabelos do sovaco de Maria Guida. Mandaram a mulher por cinco anos para o degredo da Costa d'África.

Pedimos à velha Calita que nos contasse o caso de Fina Canda. Era uma história de espíritos, com todos os pormenores habituais; voz de pessoa dife-

rente, gritos, pedidos de reza para cumprimento de promessas que a morte deixou em aberto.

Nestas conversas a morte andava ombro a ombro connosco. Todos os finados tinham os mesmos gostos e as mesmas necessidades dos viventes. Nós concebíamos a Morte como uma outra vida semelhante a esta. O nosso destino além-túmulo perdia assim parte dos seus mistérios. Cada qual podia perfeitamente imaginar o que faria depois de morto, seus amores, seus ódios, suas camaradagens.

Nhô Roberto Tomásia chegou esbaforido chamando nhô João Joana. Bibia Ludovina estava mais alterada e não deixava ninguém sossegar. Nhô João que fôsse rezar e exortá-la. E moços de força também, para segurarem a rapariga. Fui com eles dar fé. Ainda longe da casa, já se ouviam os gritos de Bibia Ludovina, furando a noite. Ela gritava, gritava:

— Não me matem, não me matem!

Ainda tenho nos ouvidos esse grito lancinante de Bibia: *não me matem, não me matem!* Depois dava umas gargalhadas que faziam mal à gente. Aquelas gargalhadas feriam-me como faca bem afiada. Tinha a impressão de que dentro de mim havia um exército de demónios atassalhando-me a alma com lanhos. E eu chegava-me para mais perto dos companheiros, tomado de medo. Mas não sentia medo da alma que estava cangada em Bibia. O meu instinto dizia-me que o espírito só queria Bibia, não queria os outros. Eu sentia medo dos gritos e das gargalhadas de Bibia Ludo-

vina, furando a noite. Ia a rezar baixinho. Quando passava junto de uma sombra de pé-de-mato, fazia o Pelo-Sinal. E Bibia Ludovina gritando. Eram a única realidade da noite, aqueles gritos e aquelas gargalhadas. Eram uma presença vivíssima na noite:

— Não me matem, não me matem!

E as gargalhadas seguiam prolongadas, sinistras, como se saíssem de gargantas de demónios. Uma estrela cadente riscou a noite. Recolhi-me numa oração. Avè Maria graça! A companha ia em grande silêncio. Nos intervalos dos gritos e das gargalhadas, só o batuque dos grilos. Nem Chico Zepa se atrevia a dizer as suas graçolas. É que os gritos de Bibia Ludovina nos apertavam a alma. Quando chegámos perto da casa, nhô João começou a rezar Avè Marias. Os outros respondiam em côro a Santa-Maria-Mãi-de-Deus, como nos terços das Divinas.

Bibia estava completamente transtornada. Mal se conhecia. Suas feições torcidas em jeitos medonhos. A boca alargava-se como uma fenda, entortada para o lado direito. Os olhos tinham uma expressão desvairada. O que ela fazia era gritar e sacudir-se. Dois homens mal podiam aguentá-la. Cativaram-lhe os braços e as pernas, mas mesmo assim o corpo agitava-se todo, sacudido de tremores convulsos. De repente, surpreendia os homens com um esticão. O corpo ficava encurvado em arco, a barriga proeminente. Nestes momentos emmudecia, boca cerrada,

dentes apertados. Duas mulheres procuravam impedir que ela fechasse os dedos. Depois voltava a si. Novamente o corpo ficava sacudindo em tremores. E as gargalhadas anavalhando-me a alma. Parecia-me que uma caterva de demónios avançava naquelas gargalhadas para me devorar. Tive uma vontade desesperada de fugir. Mas trancava-me ali o medo. Sentia que não teria coragem de ir até casa, acompanhado todo o caminho pelo riso de Bibia Ludovina.

Quando ela viu aquele povo todo entrando, gritou:

— Que é que vocês vêm cá fazer? Para trás, vão todos para fora, saiam! Vocês vêm-me matar! Não quero que me matem!

Seu olhar desvairava-se ainda mais. Depois a voz suplicava, enfraquecida:

— Não me matem, não me matem!

Nhô João Joana avançou para Bibia. Gritou, imperativo:

— Da parte de Deus, quem sois?

Bibia soltou uma gargalhada longa, que lhe botou a cabeça para trás. Nhô João autoritário:

— Em nome de Deus Nossenhor Jesus Cristo, que veio à terra para nos remir e salvar, ordeno-te que me digas quem és!

— Quere saber quem sou? Pois você há-de ficar com esta graça...

Nhô João intimou-nos:

— Concentrem-se e rezem duas Avè-Marias e dois Padre-Nossos pelo descanso das almas penadas...

Todo o círculo silenciou, no recolhimento da oração.

— Credo e Glória Patri pelas almas que penam no Purgatório!

Nhô João, de pé, no meio do quarto, derrubou a cabeça, orando. Bibia serenava. De repente, ficou a resfolegar.

— Tu estás muito cansado... Parece que andaste muito.

— Venho de muito longe... Estou cansado e quero-me ir deitar...

— Aonde?

— Não sei... Há muito tempo que não tenho cama. Tenho feito é andar errante pelo mundo, como filho sem pai...

— Pela misericórdia do Senhor da Vida e da Morte, irás descansar na glória do Paraíso...

— Meu lugar é no inferno!

E Bibia gritando:

— Quero-me ir embora! Quero-me ir embora!

— Vai! Quem te impede de ir?

— Vou, mas tenho de levar Bibia!

— Ah, isso é que não levas...

— Quero levar Bibia!

— Em nome de Deus, não a levas. Bibia é desta vida, e tu és do outro mundo...

Nhô João pegou no dedo mindinho de Bibia e torceu até quási estortegar. Puseram a Bibia um binde na cabeça. Sentaram-na num pilão. Rezámos. Nhô João interrogando:

— Da parte de Deus, quem sois? Que queres dos viventes?

Bibia estava agora menos rebelde.

— Sou António Carrinho...

E contou que era António Carrinho. Saiu de S. Nicolau num navio-de-baleia. Depois de seis meses de pescaria, tocaram em Dominica. Acamaradou com uns naturais, com quem esteve bebendo. Depois, por uma questão de mulheres, um deles deu-lhe dois lanhos no pescoço. Morreu, mas deixou sem cumprir uma promessa que havia feito, quando esteve doente de febres ruins, de rodear a igreja da Vila de joelhos, com uma vela na mão. Agora voltava para pedir que rezassem orações para descanso da sua alma e desconto da promessa não cumprida.

Bibia retomou o seu grito:

— Não me matem, não me matem!

Tinha mesmo olhar de quem estivesse a ver na sua frente a morte luzindo na ponta de uma navalha. Estendeu os braços para diante, como que a impedir que alguma coisa avançasse.

Nha Rosa Calita saía. Aproveitei a companhia. Atirei-me para fora como quem sai de uma prisão. O ar fresco desoprimiu-me um pouco. Mas, caminho a casa, lá me chegava sempre o grito de Bibia. Tôda

a noite aquele grito me esteve martelando nos ouvidos:

— Não me matem, não me matem!

Sonhei que quatro homens, negros como carvão, avançavam para mim, de navalha aberta, para me matarem. Mas todos tinham a cara mesmo de Bibia, tal como a vi nessa noite, boca retorcida, olhos desvairados. Quando chegaram ao pé de mim, soltaram uma gargalhada que parecia vinda do fundo do Inferno. Quis gritar, mas tinha a garganta apertada. Só pude pedir:

— Não me matem, não me matem!

25

O que eu via à minha volta não era de molde a reprimir em mim os gritos da natureza. O amor era assunto que todos tratavam com um realismo desabrido, sem eufemismos. Izé da Silva, Joca Cuscús, Mané Pretinho foram os meus professores, em consecutivas lições, que eu não aplicava na prática, mas cujos pormenores perseguiam a minha imaginação. Tornava-me olheirento. O meu buço despontava atrapalhadamente, como grama em horta de milho. Com vidro raspava a minha madrugada de barba. Mamãe-Velha peocupava-se com a minha magreza. Atribuía aos estudos. Tanta coisa a meter na cabeça. Eu espigava em altura. Volta e meia, lá tinha Mamãe de botar abaixo as baínhas das calças e dos casacos. Mamãe-Velha:

— Este moço precisa botar corpo...

E a minha pele se arroxeava das ventosas que me deitavam para pegar o corpo. Os meus olhos começaram a crescer para as formas sólidas de Tanha. Eu arranjava sempre pretexto para estar emburlado nela. Mesmo na cozinha ia chaleirá-la; sentir seu corpo bem presente, sem coragem para lhe falar francamente. Quando ela ia levar comida no trabalho, procurava acompanhá-la. Não me faltava justificação:

— Preciso de ver como Pitra está espiando os trabalhadores.

Um dia, num fundo, tive coragem para lhe pegar na barra da saia. Ela melindrou-se tôda:

— Tira a mão! Menino de não-sei-que-diga!

Depois pôs-se a rir. Mas logo a seguir, depôs o balaio na parede, chegou-me a si e começou a fazer movimentos de quem dança o S. João. Nessa mesma noite fui pé ante pé ao quarto dela. Tanha mostrou-se surpreendida. Mandou-me embora:

— Menino impossivel! Amanhã vou fazer queixume a Mamãe!

Fiquei todo encolhido, com receio do escândalo que Tanha levantaria logo de manhãzinha. Súbitamente ela puxou-me a si. Envolveu-me num abraço forte e ficou um longo momento chupando-me a boca num beijo penetrante. Saí do seu quarto com a sensação de haver cometido um pecado.

26

Quando chegavam cartas da América eu era requisitado para a leitura. A minha fama de bom aluno do Seminário fazia de mim o confidente necessário das intimidades dos emigrados. Eu ia assim conhecendo a saudade crioula dos filhos-das-ilhas. Tão variadas as cartas, mas tôdas elas revelavam a voz do arquipélago chamando tenazmente os emigrantes para o canto do mundo de onde partiram. Cartas para os pais e procuradores, para comprarem a trincha de horta em que se havia de levantar a casa coberta de telha de Marselha e ornada de retratos e oleogravuras com o Presidente Wilson, e a bandeira americana, de 48 estrelinhas paradas ao canto; cartas para os compadres recomendando os filhos largados na graça de Deus e na cachupa dos padrinhos; cartas para as namoradas, mandando o sinal-de-amor que traduzia a esperança do casamento no ano segninte, para as novidades. Vinham também retratos para a ornamentação das paredes e das mesinhas americanas. Eram grupos em que os crioulos apareciam janotas nos seus fatos de casimira, grossos anéis nos dedos e cadeia de relógio em curva, sôbre o colete. Geografia sentimental, que situava a América bem perto de mim. Ela não era a terra que fica lá longe. A América estava ao alcance da minha mão. As distâncias quási que se anulavam para aquela intimidade que as cartas estabeleciam com a ilha. Ir para a América era um passo

natural que os filhos-das-ilhas tinham de dar para se vestirem com fatos de bom pano, terem relógios e sapatos, e ganharem dólares para a compra de trinchas de horta e da mulinha resistente de jornada.

Assim, a pouco e pouco, ia a distância entrando na minha vida. Distância tão pouco misteriosa, tão tocada de intimidade, que me parecia que a minha ilha não parava nos rifes da Ponta da Vermelharia, antes continuava para além do mar, até abranger a América tôda, reduzida, no sentimento crioulo, à rua onde se preparava o conchêgo carinhoso de cada lar.

27

Com as aulas no Seminário, era cerceada a minha liberdade. Tinha de ir logo de manhãzinha cedo para a Vila, de onde só podia voltar à tarde, ao lusco-fusco. As obrigações da minha nova vida de estudante liceal traziam-me um sentimento de restrição, como se a Vila fôsse para mim um lugar de degrêdo. Parecia-me que eu me ia separar para sempre daquele mundo que até então enchera a minha alma. Já não poderia mais sair pelos campos logo de madrugadinha, como de antes. Àquelas horas, ainda os grilos enchiam o campo com o seu cri-cri metálico. Enquanto eu esperava o café, sentia uma vontade desesperada de ir

espreitar as codornizes despertarem com o seu palparate característico da ante-manhã:

> Pedro Piedade, Pedro Piedade,
> béu, béu...

No campo da Preguiça as vacas ajuntavam-se ao pé dos currais onde pernoitaram os filhos, e era um bombar continuado, nostálgico e profundo, que inundava de tristeza meu coração de menino. Já não podia mais ir à boca do curral beber a caneca de leite espumoso. Pela primeira vez, as necessidades e as ambições da vida amputavam as minhas tendências espontâneas. Eu ia para o Seminário como quem vai para a cadeia. Deixava atrás de mim a liberdade. Invejei Tói Mulato e os outros que não podiam freqüentar as aulas do Seminário.

Era um mundo novo que se abria para mim. Agora obrigavam-me a ter várias aulas por dia e a estudar matérias novas. Adquiri outros gostos. Ainda influência da Guerra, dividíamo-nos no Seminário em grupos que eram nações lutando em combates, como nos campos de batalha da Europa. Fincávamos no chão soldados recortados das ilustrações e, ao canhoneio intenso de pedradas, íamos dirimindo os nossos pleitos, em prol do Direito e da Civilização. Outras vezes lutávamos corpo-a-corpo, a ôlho-de-boi e berbiaca. As nossas batalhas deram-me a admiração, que longo tempo me prendeu, por tudo o que represen-

tasse fôrça dominadora e triunfante. Imaginava-me general, comandando exércitos numerosos. Nunca tivemos soldados de chumbo para brincarmos. A nossa imaginação contentava-se com os soldados de Foch das ilustrações e com os cavaleiros de Carlos Magno. A princípio, eu fantasiava as guerras à maneira antiga, com homens cobertos de ferro, distribuindo espadeiradas formidáveis. Distinguia os estilos de lutar de Roldão, Oliveiros, Agulha da Vergonha e do grande mofino do Galalão. Oh aquele combate com os sete gigantes de Alexandria, do tamanho de sete léguas, olhos faiscantes e boca que mais parecia a entrada do Inferno! O campo de luta era um cavouco esconso como a cratera de Caldeirona. Nós víamos a batalha. Mãos fechadas em tremenda ameaça. Espadas enormes, mais pesadas do que o negrume das rochas em noite escura. Lanças voando em pedaços. Armaduras rasgadas. No fim, havia sempre o bálsamo milagroso que sarava os ferimentos dos cavaleiros de França.

Mas a pouco e pouco a minha imaginação foi saindo das rudimentares guerras de Carlos Magno. A minha fantasia descabelava-se românticamente em grandes correrias envolventes, cabelo flutuando à brisa heróica, olhos chispantes, espada rebrilhando ao sol da glória. E esboçava manobras. Olhava para a planície do Campo da Preguiça, cinturada de colinas, com jeitos de general consumado nas artes da guerra sabida. E saboreava os fumos da vitória, paradas espetacu-

losas em que populações agradecidas me vitoriariam em clamores de apoteose.

Nhô Loca foi outro meu instrutor de coisas militares. Aquele velho tão velho só sabia sair da sua modorra de caduco para nos contar como se fazia na guerra do Paraguay.

Nhô Loca não falava connosco. Monologava sòmente. Quando a sua cabeça caía no assunto que lhe bulia, podíamos fazer tudo, que êle não dava por nada. Tirante a guerra do Paraguay, o que sabíamos da sua vida era contado pelos outros. Para o resto, o velho era uma sombra muda.

Ainda muito novo, saiu de S. Nicolau num navio-de-baleia, para a pesca no sul. Anos como areia andou lá fora. Um dia, quando já ninguém se lembrava dêle, surdiu na ilha, curvado pelos anos, e com um saco de roupa e uma espingarda velha. Ganhou fama de maçónico. Quási não falava. A quem o interrogasse só respondia que voltara para morrer na sua terra. Dava grandes passeios pensativos, e parecia arrastar no seu passo lento um grande segrêdo. Agora era encarregado da criação do Seminário. Questão de êle se entreter, que o bispo gostava daquelas maneiras apagadas do velho. À tarde êle era certo atravessando o alto da Cancela, por cima da Coima, com um grande ar indiferente às coisas desta vida. Geralmente, às nossas preguntas, só respondia resmungando não se sabe o quê. Mas bastava falar-lhe na guerra do Paraguay para êle sentir sangue

novo no corpo de velho. Narrava como para si mesmo, esquecido de que tinha ouvintes. Evocava. Porque tinha sido voluntário na guerra. Na sua voz de solilóquio passavam todos os pormenores da luta:

— Naquele dia matei dois paraguaios, pode ser que tenha matado mais, dois tenho certeza...

A trôco de um palmo de tabaco de rôlo, passava êle longo tempo na sua narrativa pegada, esquecido da velhice, e o pito do cachimbo entalado ao canto da boca.

Eu bebia as palavras de Nhô Loca. Quando regressava ao Caleijão, no desamparo do crepúsculo, as piteiras da Ladeira da Lapa aprumavam-se ante a minha imaginação, como soldados em formatura. E à noite sonhava.

28

Com o mês de Agosto, derramava-se todo o mundo nas sementeiras gerais. Quando a chuva de verdade tardava nas baixadas, o bicho-de-chão dava cabo do milho que rebentara com os primeiros borrifos. De pais a filhos ia-se transmitindo aquela esperança sempre renascente no ano agrícola. As as-águas não deram nada no ano anterior, mas assim que caíam as chuvas não ficava um palmo de terra por semear. Eu não compreendia aquela resistência ao desânimo.

Para nós os mocinhos, era um trabalho obscuro, que não tinha a beleza das aventuras que povoavam a nossa cabeça. De quem gostávamos não era de Mané Péta, Antoninho Bia e dos outros que lombavam o dia todo no rabo da enxada. Era de Chico Zepa, o marinheiro, que não queria passar a sua vida preguntando ao céu se a chuva viria cedo aquele ano.

Todos tinham os seus casais de terra. Trabalhavam nas hortas dos companheiros, que, em troca, lhes dariam os mesmos dias de trabalho. Era assim, assistindo-se mùtuamente, no sistema de mão-trocada, que de geração em geração iam agüentando o cativeiro, levando sempre açoites de Nhanha Terra, dona de uma grande escravatura. Todos nós éramos escravos. Para ser escravo, bastava prantar a enxada no chão e partir em viagem para a época das as-águas com uma grande fé em Deus:

— Nossenhor nos ajude e nos dê boas as-águas...

Vinha o mês das colheitas e quando, quási sempre, Nhanha Terra não mandava comida bastante para a sua escravatura, ninguém se revoltava. Nunca morria no coração aquela luzinha que anúnciava que o ano seguinte seria farto. Enquanto não vinham as colheitas prometídas pelo Lunário, todos sujeitavam-se gostosamente ao alimento de milho aliado e café de milho queimado. E havia sempre disposição no corpo para dançarem, tocarem violão e cavaquinho, e amigarem-se, as mulheres parindo todos os anos nas camas de finca-pé.

29

Minha querida irmã do meu coração Gertrudes Ana Duarte, S. Nicolau, Caleijão

Eu peguei nesta pena para fazer estas duas regras e eu desejo que estas encontrarão você numa boa saude na companha dos meninos, igualmente meu desejo e eu graças a Deus estou bom.

Tudinha você ponha consolança na seu coração e eu desejo você uma consolança e resignação na vontade de Deus. Tudinha triste novidade que eu tenho para você é teu filho Manuel que faleceu no dia 3 de Novembro, derivado de uma máquina que pegou ele e matou na fábrica. Nós tudo ficou muito triste, coitado de Manuel era um bom moço e nós tudo tinha com ele uma boa vivencia. Tudinha teu filho teve um fanoral bonito e todos amigos de Betfete acompanhou ele até no cemiterio. Tudinha eu não mando você agora a mala do falicido porque conse disse que papel dele não está ainda tudo claro. Faleceu também outrum rapaz de S. Nicolau e ele não era da nossa ribeira. Tudinha eu não mando você uma lembrança porque agorinha assim não

está na jeito. Tudinha eu tenho vontade de ir para Cabo Verde mas não estou na altura porque serviço está escasso. Abença que eu manda meus sobrinhos. Recomendação para todos aqueles que preguntar para mim. António Bia já está perto de ir para S. Nicolau. Uma boa consolança que eu deseja você na seu coração. Nada mais deste teu irmão

Antonio João Duarte

Nha Tudinha mandou-me chamar a tôda a pressa para lhe ler a carta que veio da América. Pimpinha, que levou o recado, tinha a cara espantada.

— Que cara é essa, Pimpinha? Que aconteceu?

— É para Chiquinho ler mamãe uma carta que veio da América...

— Mas não é razão para teres essa cara...

— Mamãe ficou chorando, a carta é de luto e mamãe disse que seu coração deu-lhe sentido numa desgraça...

Saí deixando nha Tudinha entregue aos seus gritos. A casa encheu-se de gente, que esteve fazendo a guisa. Voltei depois a dar pêsames, por mandado de Mamãe. Nha Tudinha desculpasse ela não ir logo. Naquele momento não podia ser, porque Mamãe-Velha estava queixosa. Nha Tudinha tinha a voz enfraquecida de tanto chorar. Pediu-me que lesse novamente a carta para todos ouvirem:

— Vocês venham ouvir a carta que Totói me escreveu...

Caiu o silêncio por momentos. A minha voz, lendo, era a máquina que matou o filho de nha Tudinha. Dois velhos, sentados a um canto, abanavam reprovativamente a cabeça. Não valia a pêna ter ido tão longe para ser morto pelas máquinas. Antes o falecido tivesse ficado em S. Nicolau. Talvez chegasse a velho, no meio da probreza dos outros, mas a cama de finca-pé e o chão de barro batido não o matariam, como a máquina.

Os dois velhos, fora da casa, continuavam conversando. Os canhotos dormiam esquecidos no canto da boca.

— Estou pensando, velho, que vida é uma coisa muito triste.

— Não sei para que Deus fêz a pobreza...

— Os antigos não conheciam as terras longe, por isso não chegavam estas notícias tão tristes...

— É destino de cada um, velho...

— Destino não é só cair de rocha. Pode ser que nesta pedra em que estou sentado Nossenhor tenha fechado o meu destino...

— Quando eu tinha fantasia no corpo, parecia-me que eu mesmo era capaz de ordear a minha vida...

— Você não era capaz, velho. Vida é um caminho que a criatura vai andando, vê o que fica para trás, mas para diante não enxerga nada.

— Totone Menga-Menga é que disse...

— Eu tive quatro filhos e duas filhas-fêmeas. Carrinho está na América e vivo debaixo dele. Os outros não podem levantar a cabeça da enxada, carregados de filhos como estão. Por que serão tão diferentes? O retrato mostra Carrinho um rapaz estilado, bem vestido; os outros nem gaze têm no corpo.

— Vieram assim da barriga da mãe. Sempre destino, compadre. Foi destino que fêz Mané Tudinha correr para América, para donde a máquina que o matou. Calê, criatura! Estamos ocupando o nosso bocado de chão, velho, até sermos semeados...

30

Pela cara que levava, o ano seria de fome. Eu devia andar pelos meus catorze anos, e não me lembrava de ver tanta miséria estampada na cara de todo o mundo. Sempre havia falta. Passado o mês de Fevereiro, era niclitar conforme fosse possível. Os leios de milho e os balaios de feijão quási nunca botavam fora o tempo sêco. A criatura tinha de apertar o cordel na cintura e arranjar coragem para encarar o tempo, muito feliz se pudesse ter uma reserva para os meses das as-águas, enquanto a favinha-inglesa não pintava.

O mês de Setembro, passados os borrifos certos por Nossa Senhora da Lapa, esteve sem um pingo de

água. Com o mês de Outubro nem contar, que chuva nele é rara como ambargrise. Nhô João Joana, de ordinário tão animado, abanava a cabeça:

— A coisa está feia...

— Deus há-de olhar para os seus filhos...

Nhô Chic'Ana:

— Estou-me a lembrar que o tempo está muito parecido com a seca de noventa e seis...

Nhô António Benvinda aventurava-se a ir mondar o seu milhinho murcho da Chã.

— Você é de coragem, criatura, aquilo agora não deve servir senão para palha.

— Sem remédio... Não tenho outro recurso. Quando Nossenhor quere, dá milho de-riba de pedra...

Nhô Roberto duvidava:

— Deus, quási, já se esqueceu de nós...

— Cale a boca, homem sem fé! Fé em Deus é que salva a criatura.

— E se fé em Deus não nos der chuva?

— Destino, homem...

Chico Zepa revoltou-se:

— Qual destino, velho! Destino é cair de rocha...

— Destino não é só cair de rocha. Trazemos o nosso destino desde que abrimos os olhos ao sol.

— Não acredito. Nós é que fazemos o nosso destino consoante o que pensarmos na nossa cabeça...

— Então, se é assim, por que é que tu, que pen-

sas em embarcar outra vez, não embarcaste ainda? Queres mas destino não deixa...

— Deixará, velho... Não acabo apodrecendo aqui. Se fôr preciso, brigarei com o destino...

— Deus não deixou isto à criatura. Só uma pessoa venceu o destino. Totone Menga-Menga...

— Explique como Totone venceu o destino...

— Ninguém sabe, Chico.

Sem esperança na colheita, os comerciantes não davam praso. Não havia a garantia do milho, que em Janeiro pagaria os géneros tomados nas lojas em Setembro para auxílio das as-águas. A mãe de Pimpinha, que esperava receber o espólio do filho, conseguiu arranjar um alqueire de milho. Mas lamentava-se:

— É uma dor de alma. Tenho de pagar mais adiante peio dôbro do preço...

— Você vá com sorte, criatura. Sempre é um auxílio...

O milho quási desapareceu da venda. Os que o tinham fechavam-no nos depósitos para quando ele subisse a maior preço a quarta. Nunca nas lojas se vira tanta farinha do Brasil e papinha americana.

— É uma comida que não tem sustento...

— Ainda assim feliz quem a pega...

Nhô José Catrina não nos largava a porta. Vinha com o saco e já de longe gritava:

— Esmola de sábado de Nossa Senhora!

— Mas hoje não é sábado, nhô José...

— Todos os dias são de Nossa Senhora, menino...

Podia ser de-tardinha, ele dizia sempre que ainda não tinha comido:

— Estou em jejuminho natural...

— De-veras, de-veras?

— Juro pela fé da minha madrinha Santa Rita!

Brincávamos muito com nhô José, que não tomávamos a sério. Dizia que Santa Rita lhe aparecia todas as noites.

— Por que é que você não lhe pede uma varinha-de-condão? Você ficaria rico como o Rei Bandeira, no seu palácio de pedra de cantaria...

— Só as sirenes, ou que não a Lua, é que dão varinhas-de-condão a menino. E eu não sou menino. Já tenho uma chuva de anos no corpo, rapaz!

Mamãe-Velha desmentia. Nhô José ainda podia trabalhar. Ele é que fazia o corpo corumbado para dar a entender que estava doente:

— José foi sempre malandro. Desde menino que não fazia nada. Trabalho não foi feito para as suas mãos...

— Nha Júlia, Deus há-de perdoar você... É ferida ruim que tenho na perna tem um rôr de anos...

— Você não conte mentira, homem! Ao menos respeite a cara da gente!

— Juro pela fé da Senhora Santa Rita!. E então este ano, nha Júlia, não me parece que eu serei capaz de botar Janeiro fora. Tempo está ruim, velha... Como este ano não vi há muito.

— É tudo o mesmo para você... Você vive debaixo do trabalho dos outros...

— Vivo debaixo do braço da Virgem Maria!

A-pesar-de tudo, nhô José saía sempre levando a sua esmola. Entretinha a meninência imitando a voz dos animais. Tratava Lela de compadre. O meu irmão é que lhe fornecia tabaco.

— A minha raçãozinha de herva, compadre...

— Você faça primeiro como carneiro...

— Robéeerto!

— Como galo...

— Cristo já nasceu!

— Agora como zabelinha...

— Zabelinha-diogo não tem aportamento.

A sua obra-prima era o arrulhar dos pombos. Esquecia-se da sua ferida ruim e saracoteava-se todo, imitando o pombo a namorar a fêmea:

> Runcum-cúme, runcum-cúme,
> runcum-cúme até no cume...
> Dou-te tudo quanto quiseres,
> dou-te tudo quanto quiseres...

Papai era padrinho da mãe de Juloca. Assim, nha Nené, quando tinha necessidade, era a nós que recorria. Mas nunca nos importunava. Curtia a sua falta, e só em ponto de miséria nos chegava em casa, tôda envergonhada, cara no chão, sem coragem de olhar direito para a gente. Mamãe zangava-se com ela:

— Não és franca connosco, Nené...

— Sou, dinha, mas tenho mêdo de vos encomodar...

— Não encomodas nada. Sabes que tudo quanto estiver na nossa altura não te faltamos...

Ausente meu pai, nha Nené tratava Mamãe de dinha. Não saía sem levar alguma coisa para ajuda da comida dos meninos. As nossas roupas usadas eram para ela enjeitar nos seus filhos. Juloca estimava-me muito. Da mesma idade que eu, queria que eu fôsse seu padrinho.

— Padrinho como, Juloca, se já és baptizado?

— Padrinho de estimação, Chiquinho...

Nha Nené morava sòzinha com os filhos, no Morrinho. Juloca era o mais velho. Ela não se casou. Mas só conhecera um homem.

— Juloca desgraçou-me. Fêz-me os filhos e foi correr mundo. Nem mantenha nos manda...

Mamãe consolava-a:

— Hás-de ser feliz com os teus meninos. Êles hão-de ser o amparo da tua velhice...

Apesar-de ainda nova, nha Nené parecia ter mais de 50.

— Estás ficando velha cada dia mais, Nené...

— Cuidados do mundo. Se soubesse, dinha, a vida apertada que eu levo...

E ela, coitada, não descansava. Trabalhava de tudo, consoante as necessidades.

— O que me consola, dizia nha Nené, é que posso ter a cara levantada. Ninguém pode dizer tantinho

assim de mim... Não enjeito trabalho nenhum que me dê um auxílio para a criação dêsses anjinhos-de-Cristo.

Quando pegava em algum dinheiro, fazia pão, batanca, fonguinho, e punha os filhos na venda com os taboleiros. O seu trabalho de rendas era perfeito.

— Muito mal empregada, a Nené, dizia Mamãe. Tem mãos de fada.

Juloca não se misturava nas nossas brincadeiras. Não tinha tempo. Se não saía na palha, para a venda na Vila, cuidava dos irmãos.

Nha Nené esteve um ror de dias sem nos aparecer. Mamãe:

— Nené deve estar com a irmã no Morro. Como terá ela passado êste tempo ruim?

Depois viemos a saber que Quinquim, o mais novo, estava doente. Não houve remédio que o salvasse. Quinquim ainda não tinha corpo rijo para curtir fome. Mandámos fazer um caixão branco em que levámos Quinquim aos ombros para a Tabuga. Mamãe queria que os meninos viessem para nossa casa, emquanto nha Nené não se consolava.

— Não, dinha. Deus que me levou Quinquim há-de me dar uma consolança.

Nha Nené não tinha hortas. Mas o prémio do seu trabalho dependia do ano, bom ou mau. Quando Quinquim morreu, ela confessou que estava sem esperança de acabar a criação dos seus meninos.

— Se Deus se lembrasse de mim...

— Não tentes Nossênhor, Nené, dizia Mamãe. A gente só morre quando chegar a sua hora...

— O que me prende são êsses meninos que me ficam. Talvez fôsse uma caridade se Nossenhor os levasse também...

— Estás pecando, Nené....

— Estou pensando que Quinquim foi mais feliz. Que esperanças podem ter êsses inocentes com êste tempo que vamos passando? Eu sou mulher, sou fraca, e trabalho não está aparecendo. O que vale é que dinha não me tem abandonado.

Na medida das nossas fôrças íamos auxiliando a pobreza. O que nos valia eram as nossas hortas de regadio, que sempre davam alguma coisa, não obstante a água escassa para as regas. Papai não nos faltou da América com dinheiro para auxílio da temporada. A América ajudava-nos a manter a pequena realeza que exercíamos no Caleijão no meio da pobreza. Mamãe-Velha algumas vezes arrenegava-se:

— Qualquer dia somos nós que ficamos sem comida para a caldeira se o povo continua pensando que esta casa é Irmandade.

Mas não deixava sem amparo quem aparecesse queixando a sua falta.

Um dia chegou pedindo esmola um velho que não conhecíamos. Não tinha nada o ar de pedinchão de nhô José Catrina. Havia dignidade nos seus olhos sérios.

— Donde é você, velho?

— Sou da Ribeira dos Calhaus, irmão.

— Porquê você veio de tão longe?

— Falta é que está obrigando...

— Você sente-se e descanse. Está com cara de cansado.

Mamãe mandou Tanha trazer-lhe uma chícara de café. O velho encarou em Mamãe-Velha:

— Estou pensando que conheço você...

— De onde, irmão?

— Você não é parente daquela gente de nha Rosa Maria Antiga, da Ribeira dos Calhaus?

— Sou, sim...

— Está-se vendo. A cara não perde...

— Seu nome, velho...

— Sou Joaquim Naninho, da nação de Gaída Branca, você não conhece?

— Conheço, conheço, velho... Gente direita e com quê de seu... Mas então?

O velho abriu os braços desconsoladamente:

— Aqui onde me vê, sempre êstes braços é que foram o meu sustento. Ainda êste ano, a-pesar-de fraco, semeei as minhas hortinhas. Mas o que colhetei outrano não me botou fora o mês de Maio, e neste ano nem é bom falar... Acabou tôda a esperança. Agora estou no braço da caridade. Parece que Deus se esqueceu de me vir buscar...

— Você é só?

— Tenho dois filhos que embarcaram faz muito

tempo, mas nunca mais deram notícia. Penso que morreram.

— Quem sabe, irmão? De um dia para outro são capazes de aparecer...

O velho levantou para o céu um olhar carregado de esperanças.

31

Passei cinco anos estudando no Seminário as matérias do liceu. Estava com o 5.º ano. Latim, História, Geografia, Ciencias Naturais, tudo isto procurava iniciar-me nos segredos da vida que homens que eu não conhecia criavam fora das pontas e dos rifes da minha ilha. Fui descobrindo que o mundo não se limitava ao universo de nha Rosa Calita e á lenda misteriosa do velho Totone Menga-Menga. Mas continuava extraordinário o seu poder de atracção. O Chiquinho que a cultura liceal ia modelando não era substancialmente diferente daquele que namorava as estrêlas, pedia varinhas-de-condão à lua e desejava ter o braço tatuado, como nhô João Joana. Eu era matéria plástica que se submetia a todas as experiências. E tôdas iam-me deixando seu depósito de sabedoria e perversão.

O amor, para mim, não passava ainda do apêlo físico das Pimpinha e Nina Zepa, que namorei. Meu coração era como a menina de cabelos côr de luar que, na história de nha Rosa Calita, jazia adormecida à

espera do príncipe andante que a iria acordar num dia em que as chuvas caissem em cordas nutridas, à semelhança de punho de homem, e os trovões estivessem estalando grosso, que nem as trombetas do fim do mundo.

Agora eu seguiria para S. Vicente estudar o 6.º e o 7.º ano no Liceu. Papai deu ordem e Mamãe e Mamãe-Velha concordaram. Era justo aproveitar a minha boa cabeça. Em S. Vicente ficaria em casa de uma nha Cidália em quem nunca tinha ouvido falar. Mamãe-Velha disse, com o seu abundante recheio de *autem genuit*, que nós ainda éramos parentes.

Ficavam-me para trás os campos em que me criei e os companheiros da minha infância. Mas tinha vontade de conhecer S. Vicente. Era a ilha que eu sentia da Praia Branca, quando estive com meu tio, para além da cintura do mar. S. Vicente era para mim a terra em que a civilização do mundo passa em desfile. Estava farto de ouvir falar no Porto Grande, no seu movimento, nos vapores de trânsito, nas imagens da Europa que passeiam pela cidade. Queria ver o mundo. Eu não sentia o ímpeto inquieto de Chico Zepa, de embarcar fugido num vapor, para percorrer os quatro cantos do mar, mas possuía espírito de aventura suficiente para ir até S. Vicente. De lá adivinhava o que o mar escondia aos meus olhos e podia ouvir a voz da minha gente, chamando-me.

S. VICENTE

I

Fiquei hospedado em casa de nha Cidália. Ela também me garantiu que éramos parentes:

— Minha avó era de S. Nicolau. E Eusébio é da tua terra, a-pesar-de ter vindo criança para S. Vicente.

Gostei da casa, situada no Alto de Miramar. Era um espectáculo quási novo para mim esse do mar sempre à vista. Eu vinha de uma ilha em que o trabalho da terra não deixa ver o mar direito.

Nha Cidália tinha em casa a irmã e os seus três filhos. Mostrou-me o retrato do marido, tirado na Argentina:

— Repara que Nuninha é a cara do pai. O nariz, então, e a boca são de Eusébio...

Nené preguntou-me se não lhe trazia nada:

— Dizem que em S. Nicolau tem bananas, mangas, goiabas de mundo...

— Larga Chiquinho da mão! Não repares. Nené foi sempre assim ardigado. Agora, então, está impossível. Mas deixa estar que o vou entoar. Vou mandá-lo para escola. Enquanto ele lá estiver não nos anda a apoquentar a vida.

Apresentou-me à irmã:

— Alzira, este é Chiquinho. Dizem que é rapaz esperto. Chiquinho, espero que tu farás muitas lei-

turas a Alzira. Ela gosta muito de ler, mas Andrèzinho não tem paciência, diz que não está para aturar coisas de outro tempo.

Andrèzinho:

— Oh rapaz, se tu dás muita trela, ganhas com certeza uma escada no céu. Isto é gente que podia ter nascido na idade da pedra... Mamã, você largue Chiquinho para eu lhe mostrar a cidade.

— Vais mostrar o quê? Falas de cidade, parece que isto é qualquer coisa de encher a boca. Miséria, Chiquinho, miséria é que vês por onde andares. Esta terra não está capaz...

— Mamã, já sei que você vai acrescentar: «Antigamente não era assim, esta terra tinha vida, havia dinheiro, etc. etc.» Deixe isso para depois. O que você poderá dizer é programa para nós os novos...

Nha Cidália manou Nené chamar Nuninha, que entrara para o quarto logo assim que me cumprimentou. Eu desculpasse. As raparigas gostam sempre de toaletar melhor quando vêm uma cara nova. E eu chegava quási de surpresa.

— Também já fui assim. Sentia gagê no corpo. Passava o tempo consultando o espelho... Mas depois vem a criação dos filhos e uma pessoa descuida-se...

Andrèzinho pegou-me, enquanto arranjavam o café, e disparou-me uma chuva de preguntas:

— Mas responde precisamente. Deves ter muitos dados, vens de uma ilha característica, com o teor

de vida que lhe dá fisionomia não direi diferenciada, mas própria...

E ràpidamente me fez um inquérito. Condições agrícolas. Os salários. Quanto deixava, em dólares, a emigração. Contribuições, etc. Eu estava meio submerso no mar de preguntas que Andrèzinho me dirigia. Com cerca de dois anos mais do que eu, parecia ser muito mais velho. Contudo, o seu corpo era todo vivacidade, os gestos sublinhando cada frase.

Mas eu estava era sentindo o olhar de Nuninha a espiar-me. Talvez o meu fato estivesse mal feito. Verifiquei se as calças caíam bem, se não me ficavam a meia-canela. O cabelo devia estar acamado, com reflexos azues de asa de corvo.

Não cheguei a apurar bem que idade Tia Alzira devia ter aproximadamente. Não podia responder com precisão se ela me parecia nova ou velha. Fiquei sendo seu sobrinho, como Nené, Nuninha e Andrèzinho.

Não tinha vontade de tomar café. Café no mar enjôa. E eu via tudo rodando. Parecia-me estar ainda a bordo do palhabote que me trouxe de S. Nicolau. Aquela tarde, para mim, continuava ainda a minha primeira sortida marítima. Como gostaria de ser Chico Zepa, para não enjoar, e assim sentir o mar abandonando-se debaixo da quilha fremente dos navios!

Andrèzinho, esquecido da sua promessa de me

mostrar a cidade, pediu-me licença e saíu. Eu estava sentindo uma vontade desesperada de ficar só. Nuninha espiando-me, sempre que achava jazigo. Mas eu queria era ver-me sòzinho, sem ninguém que me espiasse.

Mamãe e Mamãe-Velha, onde ficaram vocês? Dondê Tói Mulato, que não me vem buscar para irmos passear? Dondê todo o mundo que ficou atrás de mim? Eu agora queria era ouvir nha Rosa Calita contar uma história só para Chiquinho ir dormir sonhando com a filha de rei que o está a esperar.

Quando Andrèzinho me veio chamar à porta para o jantar, eu estava chorando um chôro baixinho de menino orgulhoso que apanhou.

2

Caminho do Liceu, era certa aquela vista quotidiana do Sr. Cecílio Firmino regando umas túlipas que não floriam nunca. Tinha a cara pergaminada, talhada de rugas, mas os olhos eram de uma vivacidade extraordinária. O velho pegou-me de simpatia quando soube que eu era de S. Nicolau.

— Terra de agricultura, vizinho. Gosto muito de plantas. Eu devia ter ficado a cultivar a terra, em vez de me meter na vida parasita do funcionalismo. Você para lá caminha, vizinho... Liceu, e depois lá está o emprego público. Se topar, claro está...

Prometi-lhe pedir para S. Nicolau uns pés de quatro-horas que me disse desejava tentar.

— Isto é só para matar o vício, que jardim em S. Vicente não pega... A terra parece escomungada...

— Andrèzinho, quem é aquele homem barulhento que anda sempre conversando com o vizinho todas as manhãs?

— Aquele é S. Vicente escrito e escarrado... A sua história é a história da ilha...

Andrèzinho veio logo cheio de pormenores estatísticos:

— Zeca Araújo. Antigo negociante. Chegou a estar rico, ou quási. Pelo menos, considerava-se rico, o que vem a dar na mesma. Hoje vende pacotilhas para safar a vida. Ele sugere-me uma tese que te exporei com vagar.

— Podias já dizer... Ele parece-me interessante...

— Ainda não. Precisas fazer a habituação ao nosso *clima*. Sabes, vens de S. Nicolau. Ilha respeitável, sem dúvida, pela sua resistência moral. Mas aquilo ainda deve ser primitivo. Depois compreenderás. Aquilo, como isto, como Cabo Verde em peso... Nós os novos devemos ser a consciência da nossa terra e desta geração. Temos agora um grupo. Rapazes do Liceu, de quem aglutinei as vontades. Tenho a certeza de que farás parte do grupo. Vens precedido de boa fama, como aluno inteligente. A vontade, que é do que precisamos, forja-se na luta.

Foram das primeiras imagens que mais fundamente se vincaram no meu espírito: o velho Cecílio Firmino, obstinando-se a fazer uma jardinagem de que êle mesmo se confessava desesperançado, e Zeca Araújo, na desgraça, como asseverou Andrèzinho, mas com ar de gente satisfeita com a sua sorte.

3

Entrei em contacto com o grupo de que Andrèzinho me falara. O programa era ambicioso e seduziu-me pelo que revelava de insatisfação e desejo de evasão das realidades circunstantes. Êle despertava em mim o Chiquinho que em S. Nicolau sonhava com aventuras longínquas por êsses mares e terras de Cristo, lutando com gigantes, e tomava partido por Chico Zepa, o marinheiro. O programa do Grémio Cultural Caboverdeano afagava êsse apêlo do desconhecido que enchia de prestígio tudo o que excedia a minha experiência. E depois, Andrèzinho, que o redigira, encontrou expressões magníficas que acabaram de me conquistar. Para êle, os nossos problemas tinham uma tonalidade específica, que resultava do «cêrco atlântico» e do «drama ancestral da formação étnica». O que se impunha era reorganizar completamente a nossa vida, de harmonia com as nossas peculiaridades. Na vida administrativa. Na estrutura social. Na arte. A obra do Grémio era, assim, de profunda renovação: renovação de métodos e programas administrativos

renovação de atitudes espirituais que garantissem a expressão particular, e ao mesmo tempo humana, dos nossos problemas. Andrèzinho deu a fórmula: enquadramento do nosso *caso* nas aspirações, sempre as mesmas, sob qualquer latitude, da alma humana.

O meu amigo tinha o segrêdo das expressões incisivas, lapidadas em recorte nervoso. Poucos anos mais novo do que êle, eu sentia contudo que a sua inteligência era já adulta. Por isso, os camaradas lhe chamavam o «Erudito». Era vê-lo, de gestos sacudidos e bruscos, expondo as linhas da nossa acção.

Andrèzinho já tinha o 7.º ano, feito no ano anterior. Mas passava a vida no Liceu. A idea da organização do Grémio veio-lhe da camaradagem com condiscípulos mais novos no curso. A minha admiração pelas fórmulas recortadas do «Erudito» assegurou-me lugar no Grémio. De-mais, eu representava uma ilha que, no dizer de Andrèzinho, era um «um caso sério» dentro do Arquipélago.

— Sim, Chiquinho, aquilo é gente que tem o sentimento da duração. Gente sólida, equilibrada... Heróis da vidinha miúda de todos os dias...

Andrèzinho fêz-me conhecer melhor a minha ilha. Cenas que eu tinha presenciado, dramas que me haviam impressionado, tudo isto adquiria agora um significado, que a interpretação do meu camarada tornava claro para mim. Fiquei vendo na minha ilha um vasto laboratório de experiências humanas.. Gente

que não cede ao desânimo, desejo imperioso de defesa, quaisquer que sejam os resultados do esfôrço. Sôbre tudo isto, permanentes evasões para o sonho, para a distância, para destinos desconhecidos, que o mar oferece sempre na curva azul e inconstante das suas águas. Resistência moral. Que outro nome podia ter a fé da minha gente semeando, ressemeando sempre? A luta contra as indicações do Lunário, contra o bicho-de-chão, que dá cabo do milho de dois coquinhos, contra a falta de chuva em Outubro, a lestada, o mau clima do tempo. A luta de Chico Zepa, o marinheiro, contra o destino, que não o deixava embarcar para S. Vicente e ali fugir a bordo de qualquer vapor para essas terras longe que para sempre o tinham roubado à enxada. Nhô João Joana de braços tatuados. No braço direito uma rapariga de longos cabelos, que lhe oferecia, no olhar quebrado e langue, as delícias de um amor que não acaba nunca. E vovô morto tão novo a bordo da galera que o trazia para Cabo Verde. Mamãe-Velha devia tê-lo querido muito, vovô com os seus olhos enérgicos, sua pele mate, seus cabelos de indiano, que agora só a moça-do-mar afaga em longas horas de um amor quási enervante. Como vovô devia gostar de voltar cá para cima, para o convés do seu navio, e pescar baleias, lutar contra as surpresas da flôr da água e dominar, com a sua jovem coragem, temporais, ciclones, ventos desencadeados!

Eu tinha mais três camaradas no Grémio. Nonó,

filho da Boa-Vista, era o poeta lírico do grupo. As mornas que êle compunha não tinham o sainete atrevido e saltitante das canções da sua terra. Era sempre uma história de amores tímidos, desesperos silenciosos, pasmos contemplativos perante a morabeza e a graça branda da crecheu. Muitas vezes, no meio de uma conversa, Nonó largava tudo e seguia a serenata que passava, com o seu toque de violão, em cujos segredos Frank Beleza o tinha iniciado.

Humberto Tavares era o especialista das questões sociais, na medida em que qualquer actividade não contendesse com o seu sólido bom-humor e a sua insolente alegria de viver. Alcides, da Praia, não tinha função definida no Grémio. Era apenas Cara-Bonita, o ai-Jesus das raparigas do Liceu, que gostavam dos seus olhos ausentes, sua bela face de crioulo moço, seus cabelos ondulados. Agora Alce estava querendo Maninha. Crecheu platónico, sem a lúbrica realidade dos namoros de Humberto.

No meu curso do 6.º ano encontrei um rapaz que me impressionou profundamente. Manuel de Brito morava no Monte Sossego. Era o mais pobre de todos nós. Alto como um pé de coqueiro, as calças ficavam-lhe muitas vezes a meia-canela. Era o jeito que a mãe, nha Noca, dava ao problema de vestir o filho para ir ao Liceu beber a prenda.

— Parafuso, podes dar-me uma ajuda?

Era sempre um camarada do curso, ou então os alunos dos anos mais atrasados, com o texto de Cor-

nélio ou Virgílio, ou a retroversão, a necessitarem de intervenção urgente de entendido. Manuel era o latinista que estudava em livros emprestados. Parafuso. Êste nome veio-lhe da sua linha física, com certeza. Parafuso, feito Galalão, a torcer lanças em lutas pacíficas contra as surpresas da gramática e da composição latina.

4

Eu estava mas era gostando de Nuninha. Ela era outra, diferente das labregas que eu tinha cobiçado no Caleijão. Calê Nina Zepa! Faltavam-lhe os modos estilados de Nuninha, os seus sapatos-sandálias, tão elegantes, os seus olhos morridos, que me faziam sonhar com cenas que não se fixavam bem na minha imaginação. Nina Zepa, Pimpinha, guardando vacas e pondo feixes de lenha à cabeça para irem vender na Vila. A hora das refeições era sempre esperada ansiosamente por mim. Nha Cidália e Andrèzinho sentavam-se às duas cabeças da mesa. Dos lados, Nuninha e Nené, eu e Tia Alzira. Nuninha defronte de mim. E eu me esmerava em maneiras civilizadas. Punha em evidência o comer à inglesa. De quando em quando surpreendia Nuninha espiando-me. Mas logo ela baixava os olhos para o prato. O meu sólido bom apetite sacrificava-se à sereia de olhos negros que se sentava em frente de mim. Nha Cidália apoquentava-me:

— Come, Chiquinho, não faças cerimónia... Olha que esta garoupa tem muito paladar...

Qual garoupa! Eu via era Nuninha à minha frente.

— Chiquinho é muito fidalgo no comer — dizia Tia Alzira.

Fidalgo. Êste velho adjectivo de S. Nicolau agradava-me. Êle afuselava as minhas linhas físicas e morais.

Nené comia com grande espalhafato, derramando comida sôbre a toalha. A mãe preguntava-lhe se era para descarregador de cais que êle estava fazendo tirocínio. Mas o irmãozinho da minha mais-que-tudo não se importava. Êle não tinha nenhuma Nuninha inundando-o com olhares de noite líquida. Os sete anos de Nené não conheciam ainda a tortura deliciosa de estar querendo uma morena de cabelos anelados e olhos quebrados. Nuninha inclinava-se tôda maternal para lhe afeiçoar o guardanapo no bibe e ajeitar-lhe a comida para a boca. O gesto punha-lhe em evidência os braços torneados. Sôbre a sua blusa, no peito, pasciam furtivamente os meus olhos, esquecidos da cachupa guisada e da batanca. Eu não concebia o meu amor por Nuninha abundantemente nutrido às garfadas largas. Na minha cabeça cantavam as velhas canções sentimentais que celebravam heróis magros e pálidos, do tempo em que Mamãe-Velha era rapariguinha nova.

Algumas vezes Nonó jantava connosco. Eu tinha-

-lhe pegado simpatia especial. E, depois, sabia prender-nos com as mornas que êle mesmo compunha e cantava na sua bela voz, velada e quente, acompanhando-se ao violão. As mornas revesavam com os sambas novos que os discos popularizavam e espalhavam pelos bailes e serenatas de todo o arquipélago. Eu sentia-me deliciosamente quebrado no ambiente meio lírico, meio sensual, que a melodia criava. Espiava os efeitos que a música produzia em Nuninha. Dançávamos uma ou outra peça. Ela abandonava-se, tôda langue, nos meus ombros. A voz de Nonó tecia subtilmente o fio que ia envolvendo os nossos destinos.

Andrèzinho não era para êsses enternecimentos. Tinha sempre o ar de quem esperava com impaciência o final da música. Êle queria era falar de coisas sérias, o programa do Grémio, o jornal que tínhamos de publicar, os factores que condicionavam o *nosso caso*. Eu queria lá saber de nada disso! A única coisa séria que para mim contava era Nuninha. Andrèzinho não parecia ter vinte anos.

5

Nonó tinha uma morna muito certa:

Amor ê suma passadinha azul
sentado na rama di jamboêro...
Olhá-l, dixá-l cantâ, dixá-l boâ...
Si bô pegá-l êl tâ chorâ,
Si bô dixá-l êl tâ cantâ
e di note êl tâ ninábo bô sono...

Não, eu não queria espantar o passarinho azul que povoava as minhas horas. Como na morna de Nonó, receava que êle chorasse, maguado da minha brutalidade, e fugisse para nunca mais. Nuninha. O meu amor por ela vivia só nos olhares que lhe lançava, sem coragem para lhe falar do que me ia no coração. Traçava planos de diálogos, em que lhe declararia o crecheu que me iluminava. Mas faltava-me ânimo. E se o passarinho fugisse? Nem sequer me dava ao trabalho de procurar saber se ela gostava de mim. Por dias, não quis sair depois de jantar. E o serão estendia-se tépido, desenrolado em longas horas silenciosas, apenas cortado pelo cri-cri dos grilos lá fora.

Da janela eu via o porto e a ilha de Santo Antão, com o seu vulto enorme a perder-se no betume da noite. Quando havia vapores na baía, as luzes faziam-me viajar por essas terras longe que os velhos marinheiros de S. Nicolau conheceram antes de caírem de novo na enxada. Eu já não estava na salinha de jantar de nha Cidália, com as mulheres costurando. No deck de um paquete da Blue Star ia um par de namorados. Os fios de luar eram fios dos cabelos da moça-do-mar, que se penteava. E os peixes voadores, pagens alegres e estouvados, montando guarda ao idílio de Chiquinho com Nuninha. Muito em surdina chegava a voz de Nonó. A morna falaria, com certeza, da alegria de amar e da doçura incomparável que desce, líquida e envolvente, dos olhos negros de uma crioula. A morna de Chiquinho com Nuninha

não falaria, não, de saudades lancinantes, da tristeza da separação e do desespêro das noivas pelo destino dos namorados emigrantes que os navios-de-vela sepultam no fundo do Golfo quando regressam da América para se casarem com a crioulinha de olhos de uva madura que os estava esperando.

Nuninha. Mas ela envolvia-me com olhares roubados à contemplação das roupas que Tia Alzira ia cosendo. Quando Humberto aparecia, eu ficava danado com as atenções que Nuninha lhe dispensava. Ela, tão recolhida quando não havia ninguém de fora, era toda amabilidades, deferências, segredinhos ao ouvido, que Humberto sublinhava com o seu riso grosso. Achei razão a Andrèzinho, para quem Humberto era um felizardo que não tinha problemas. Riso gozado largo, riso de homem que não tem problemas.

6

Quando voltei do Grémio para me deitar, dei com Nuninha no meio da escada. Não tive dúvidas de que ela me estava esperando. Vivemos colados um ao outro uma eternidade de segundos. Ela tinha a cabeça derrubada para trás, os olhos pasmados, só se vendo o branco. Saí com a sensação humilhante de não ter sabido saborear o beijo completo que Nuninha me ofereceu. Eu vinha de S. Nicolau, habituado

ao amor bruto do dedo mindinho estortegado até obter sim. Mas sentia-me plenamente feliz. O meu amor próprio, que Nuninha beliscara com Humberto, estava vingado. Via bem que Nuninha me pertencia completamente. Nonó percebeu no dia seguinte o meu estado de felicidade:

— Chiquinho, viste passarinho novo...

Contei-lhe tudo.

— Cuidado, moço, olha que parece-me que Nuninha sabe mais do que tu...

— Não se trata de saber, trata-se de querer...

— Não me estás entendendo...

— Então explica-te...

— E se amanhã fores obrigado a casar-te?

— Pode ser que eu venha a casar com Nuninha. Quem sabe?

— Sim, mas eu digo casar à força, com justiça... Nuninha é lume, Chiquinho...

Mas eu não liguei importância às calúnias de Nonó. Nuninha estava a gostar de mim. O resto não contava. Não tinha cabeça para outra coisa. No primeiro exercício de apuramento que houve no Liceu, deixei o ponto de história quási em branco. O professor:

— Senhor Soares, o senhor está a distrair-se... Cuidado com o fim do período... Esta espingarda — e mostrava a caneta — dá tiros sem fumo...

Queria lá saber do professor de história, com os seus contos de merovíngios, albigences, gentes que

nunca conheci! O amor de Nuninha enchia a minha capacidade imediata de viver. Passava o tempo a decorar poesias para lhe recitar. Eu mesmo escrevi um poema:

> Meu pobre coração fez uma viagem
> para junto do teu...

Mas esse poema não o li ao grupo. Faltava-me coragem para submeter à apreciação de Andrèzinho uma poesia feita ao meu amor pela irmã. Era a única sombra na minha felicidade. Andrèzinho, tão amigo, traído por mim. Também, ele tinha sua porção de culpa em não aterrar das suas preocupações de sociólogo para as realidades miúdas da casa. Cheguei a dizer a Nuninha:

— Somos felizes. Mas é melhor disfarçarmos por enquanto... Depois nos casaremos. Dói-me trair a confiança de Andrèzinho...

A indignação de Nuninha humilhou-me:

— Cobarde!

Por dias, ela mal olhou para mim. Depois me explicou:

— Andrèzinho foi sempre lunático. Papai pregunta-lhe sempre se ele ainda anda na lua...

Eu não tinha objecções a opor ao beijo aspirante de Nuninha, que me sugava a alma. No fim do período tive nota negativa em duas disciplinas.

Chiquinho:

Mantenhas que nós todos te mandamos. Meu filho, esta casa está numa tristeza com as médias que apanhaste neste trimestre. Ficámos todos tristes, e não sei o que hei-de mandar dizer a António Manuel. Chiquinho, como perdeste a tua fama de bom aluno? Estuda, meu filho, não queremos que fiques lombando na enxada. Mamãe pensou na sua cabeça que talvez seja fraqueza Mandamos ovos para beberes cru em jejuminho natural, porque dá substância no corpo. Chiquinho, experimenta comer camoca com mel, Nina de nha Zepa, quando esteve fraca, foi assim que pegou o corpo. Abença que te mando para Nossenhor te dar uma boa cabeça para prenda e para nos dares a consolança de um bom resultado no fim do ano. Lela e Nanduca estão bons, só com muitas saudades de Mano Chiquinho. Abença que te manda mamãe. Recomenção de todos os amigos e conhecidos. Benção da tua mãe muito amiga,

Maria Júlia da Encarnação Soares

Pegar o corpo. Mamãe queria que eu pegasse o corpo com ovos crus e camoca com mel. Foi

assim que Nina Zepa pegou o corpo quando esteve fraca. Eu não queria pegar o corpo, queria era pegar Nuninha. No meu coração havia casa de-mundo para ela morar. Nuninha passou ordem de despejo para todas as que em S. Nicolau me haviam iniciado na vida do amor. Queria casar com ela, gozar o seu abraço apertado, os seus beijos chupados, sem a preocupação de estar olho aqui, olho ali, a ver se outras pessoas estavam espiando. Queria ser o único médico para os seus desmaios amorosos. Pensava dentro do meu coração: «Mamãe, o seu filho está tratando de dar a você a filha que lhe morreu. Nuninha vai substituir Nina que se foi embora para nunca mais.» Depois eu iria para Caleijão passear Nuninha, nós dois de braço dado, metendo inveja às Pimpinha, Tanha, Bibia, ao verem a mulher tão civilizada que eu pegara em S. Vicente. Os sapatos-sandálias de Nùninha haviam de causar furor às pés-no-chão, deformadas pelo bichinho. Chico Zepa veria que Nuninha era bem mais estilada do que as namoradas que ele punha no peito.

7

O nosso Grémio ia-se corporizando. Alugámos um quarto à Fonte de Cónego, para discussões e leituras. Numa das nossas reuniões, resolvemos publicar um jornal que fôsse o órgão do grupo. Di-

vergimos longamente sobre o título. Humberto propôs que a nossa folha se intitulasse «Renovação — jornal irreverente da mocidade». Achei a designação pretenciosa, mas com um conteúdo generoso de entusiasmo. Todavia, para contemporizar com Nonó, que lembrava que não devíamos ferir demasiadamente a susceptibilidade ronceira do público patrício, resolvemos acrescentar ao título apenas: «folha académica». Andrèzinho era o director, eu, Nonó e Humberto os redactores.

Líamos também as nossas produções. No final do meu curso do liceu atravessei uma quadra febril de solicitações e aspirações literárias. Todas as noites, à hora de me deitar, não pedia a Deus felicidade nem riquezas, mas que Ele fizesse de mim um grande escritor. E eu mergulhava fervorosamente nas leituras. Atraíam-me principalmente os autores em que o desarticulado do estilo põe na emoção um estremecimento mórbido de nevrose. Fialho era o meu Deus. Ainda hoje tenho na alma o travo do respeito religioso que me invadia quando eu penetrava na prosa do «Cancro». Aquele final de Fialho, em que o cancro transforma a beleza da heroína num fruto podre, cadaverizando-lhe a vida lentamente, por entre paixões e festas, num inferno pavoroso de agonias, ficava-me bulindo cá dentro, como modelo inultrapassável de expressão de certos destinos enigmáticos.

Escrevi contos sobre contos. Num número antigo da «Revue des Deux Mondes» descobri uma espé-

cie de vida de Buda. À volta do assunto bordei uma novela que foi o meu maior êxito de leitura no Grémio. «As núpcias do Príncipe Siddartha». Descrevi a infância do jovem Siddartha na velha capital de Kapilavastu. Figurei a sua adolescência predestinada com grandes pasmos místicos perante a glória da natureza. Depois as jovens mais formosas, a mando do velho rei Soudhodana, desfilaram diante do príncipe, a ver se o amor curaria «aquela tristeza tão grande que ele parecia oferecer ao céu em ardentes olhares». Todas o deixaram impassível. Por fim passou Yasodhara. E eu vestia o meu estilo de um pluvial esmagador de imagens. Os olhos de Yasodhara pareciam repousar em paisagens lunares, e, quando ele sorria, o Príncipe tinha a sensação de «haurir o perfume de uma rosa a evolar-se de um turíbulo de ouro». Quando sentiram que dos seus olhos nascia o amor, do fundo das colinas pareceu erguer-se um côro longínquo de invisíveis gandharvas, «glorificando, em sua canção nupcial, a beleza de Yasodhara, o desenho da sua boca de peregrina escultura, a linha pura do seu colo de ave sagrada que voasse embalada ao ritmo perdido da imensidade» ...

Senti um secreto prazer de musicalidade com esta maneira por que dei a reacção da natureza perante o amor humano de Siddartha. Fiz notar a Andrèzinho que o período tinha ritmo amplo, sugeria uma presença para além da realidade. Eu tinha a atracção inelutável da música vivendo de vida real nas minhas

imagens. E eu as rebuscava com uma ansiedade masturbante. Assim, no final, quando, na minha novela, Siddartha teve de seguir o seu destino de criador de uma religião, ele ouviu «um canto sombrio, melancólico, como os coros soturnos que as feiticeiras entoam na noite dos encantamentos». Mas de quando em quando «desanúveava-se a tonalidade dessa música, e então passavam rajadas de notas de beleza cristalina, brancas como asas de anjos, puras como os cisnes que estacionam nos lagos dos bosques sagrados». E no momento em que Siddartha fugiu ao amor de Yasodhara, a música continuou o seu apêlo divino, «insinuando-se na alma de Siddartha, como as notas, esparsas e perdidas, de um concerto fantástico, depois que os violinos se calaram atrás dos poentes orvalhados de ouro».

Tenho funda saudade dessa época, em que o boleio da frase me causava um prazer torturante de onanismo.

Vivíamos das expressões que a nossa emoção retinha, pelo seu recorte plástico. Elas eram adaptadas por nós às mais diversas situações do nosso dia-a-dia. O Aquilino da *Surflamme* e da *Via Sinuosa* era o nosso mais pródigo joalheiro.

— Nos Bernardins as badaladas eram cristalinas e febris, como chamamento de mulher ao gôzo...

Eu achava à frase um gosto de perversidade sábia. Ela era o meu sinal de entendimento com Nonó, quando as minhas pernas procuravam ansiosamente

debaixo da mesa as pernas imperativas de Nuninha. Realizado o penetrante contacto, eu avisava Nonó:

— Nos Bernardins as badaladas eram cristalinas e febris...

8

Tratámos de distribuir as matérias para o primeiro número do jornal.

Andrèzinho opinou que devíamos dar uma nota premente das nossas necessidades. E traçava o sumário:

— Temos aqui matéria que baste. O homem é uma consequência das suas possibilidades económicas. Estão de acordo?

Perante o nosso assentimento tácito, continuou:

— Portanto, entendo que devemos frisar o nosso condicionamento geográfico e económico. A província vivendo dos rendimentos do Porto Grande. A decadência de S. Vicente. A falta de navegação. Por conseguinte, a depressão nos espíritos. O trabalhador não sente disposição para nada quando não vê coisa nenhuma para dar aos filhos. O seu objectivo imediato é o milho para a cachupa. Mas, por outro lado, focar a sua alegria de viver, as suas festas, o seu bom-humor natural...

Humberto entendia que devíamos dar uma nota universal, que enquadrasse o nosso *caso* nas aspirações que agitam o mundo:

— Precisamos sintonizar Cabo-Verde com o Universo...

Preconizava, por isso, artigos em que, partindo embora do nosso *caso* particular, coincidíssemos com a «melodia do mundo». Eu e Nonó queriamos um sentido mais literário. De certo modo, tínhamos Andrèzinho do nosso lado:

— Temos matéria abundante à nossa volta...

E acentuava:

— Voces precisam abandonar motivos estranhos e dar, nos vossos poemas e contos, a nota da realidade ambiente.

Nonó entusiasmava-se:

— Precisamos escrever coisas que não pudessem ser escritas senão em Cabo Verde, coisas que não pudessem ser escritas, por exemplo, na Patagónia... Não nos importa a Escandinávia com os seus fiordes. Interessa-nos o carvoeiro que não trabalha em S. Vicente há muito tempo.

Andrèzinho, de acôrdo:

— José Castanha, negociante de bordo, passando contrabando de tabaco e carne-do-norte para aguentar a crise, é uma bela tese...

O «Erudito» propôs um programa sério para os primeiros números do jornal. Agitar a idea de um Congresso Caboverdeano. Reunir os representantes das ilhas num congresso aglutinante de vontades e aspirações.

— Sim, porque eu não sei o que se passa na tua

terra, Chiquinho. Nem na dos outros. Amanhã, se aparecesse um homem de boa vontade, com o querer firme de fazer obra construtiva, preguntava-nos: «Que é dêle o vosso programa de trabalho?», e nós não teríamos reunido nada em dossier. Quando muito lhe apresentaríamos um rabequista e dois violeiros tocando a morna. O Congresso terá a vantagem de nos preparar uma troca de vistas.

— Mas onde, o Congresso?

— Em S. Vicente... Tem a vantagem de depois se não dizer que trabalhámos sob sugestões vindas do Palácio. Para os estatutos podíamos adaptar o regulamento do Congresso da Índia. Tenho duas brochuras que me foram oferecidas pelo Dr. Brito.

Marcámos a data para o primeiro número da «Renovação». Depois, em reunião especial, fixaríamos a colaboração. Eu e Humberto ficámos de negociar as condições em que a Tipografia faria a impressão.

9

Humberto estava com uma dakariana. Não nos acompanhava nas nossas excursões noturnas, que, a demais, serviam a Andrèzinho de fontes para o «inquérito social» a que andava procedendo, em vista da elaboração de uma tese do Grémio para o Congresso.

Largo da Salina. À porta das lojas, grupos de

homens e mulheres. Dentro das tabernas a luz de petróleo desenha figuras estranhas nas paredes. O largo está mergulhado em sombra. Os coqueiros semelham gente, com o seu corpo dobregado, a abanar. No esteirado de *cricket* há silhuetas de raparigas. Sons apagados de violão e cavaquinho.

— Psiu...

— Larga-me da mão...

— Vamos!

— Eu não! Vocês do Liceu são muito abusados, não pagam...

— Juro que pago...

— Deixa-me ver o dinheiro...

— Tu és novinha de mais...

— Adá! Eu sou mocrata, moço...

Nhola arranjou-nos conhecimento com Armanda. É um quarto térreo, separado em dois por um biombo de cana. Armanda reina sôbre o seu grupo de mocratas. Recebe o dinheiro e garante-lhes casa e comida. As mocratas vivem felizes naquele albergue em que recolheram a sua infância cheia de fome. Atendem aos freguezes de Armanda e em troca comem duas refeições ao dia e têm um colchão de côco de milho para se deitarem.

— Quem te deshonrou?

— Foi o Sr. Carlos Gomes...

Armanda lamenta-se:

— Isto não está dando nada...

Nha Marilisa aparece para conversar. Quási

sempre arranja fregueses para Armanda. Ultimamente levou-lhe a pequena Lucinda, cuja honra vendeu ao comerciante Joaquim Silva por cem escudos. Armanda não quere mais gente. Isto de mocratas não está rendendo. Os bons fregueses escasseiam. Falta de dinheiro. Quási sempre só aparecem rapazes que vão chaleirar e deixam um pataco furado. Nem com menininhas de leite os homens se estão tentando. Mocratas arranjam-se por aí em qualquer parte. Os polícias, também, estão abusados. Querem tudo de graça, senão no dia seguinte põem uma pessoa com a caderneta na mão, o que é uma desgraça. Acarreta logo as inspecções aos sábados, no Hospital. E todos fogem de menina de caderneta. Armanda:

— Qualquer dia liquido e vou para donde minha irmã, na Praia. Você quere ficar com êsses meninos, nha Maria?

Humberto esteve um ror de tempo sem aparecer à noite no Grémio. Passava até alta noite em casa de Zefinha.

— Que andas fazendo até tão tarde?

— Gozando...

Era mentira. Humberto estava todo aquele tempão mas, era assegurando o seu lugar, para evitar que Zefinha o enganasse com a malandragem que lhe frequentava a casa. Pedimos instrução. Humberto levou-nos.

Zefinha veiu de Dakar por três meses, recompor o corpo das febres. Aproveitava as férias na farra.

— Menina sem juízo... Em vez de economizar o dinheiro que o francês lhe dá, quere é vida de festas e bebidas.

A casa de Zefinha é um atravancamento de peles de cobra. Postais nas paredes, representando cenas eróticas. Vistas de Dakar. Outras dakarianas aparecem sempre. Luísa é a mais ajuizada. Aproveita as festas das outras, mas dinheiro seu não gasta. Bia, Filhinha e Zefa que estafem as mesadas à vontade.

— Não sou doida, menina... Velhice está esperando a gente. E quando ele se enfariar de mim?

O chauffeur quere arrastar Filhinha para dentro. Um mulato claro tem Bia presa a um canto, tocando-lhe violão. José Castanha, depois que Alcinda foi outra vez para a Guiné, quere arranjar encosto nas dakarianas. O negócio da baía não está dando nada. Se pegar uma dakariana, até é capaz de ir para Dakar tentar a vida. Dizem que lá tem muito movimento no pôrto. Um patrício escreveu-lhe, propondo que fôsse, para o ajudar no seu negócio de shipchandler. Castanha tem a consciência do seu valor. Faria bons jobs no contrabando de whisky e tabaco. O negócio não pegou, porque o amigo não quis contrato escrito. Castanha para Luísa:

— Tenho o rabo esfolado, patrícia... E se você pegasse o negócio?

— Dondê dinheiro, Castanha?

— Dizem que você tem, patrícia...

— Não tenho nada. Pequenas economias...

— Não largue assim negócio da mão, criatura! Eu compreendo, você tem as suas desconfianças, não quere empregar o seu dinheiro à toa... Mas eu sou homem e sério, você sabe...

— Não digo que não, mas não tenho dinheiro, já disse...

— Você tem, escusa de negar, todo o mundo sabe... Assim mesmo é que é. Devemos gastar com peso e medida. Você faz muito bem em não imitar as patrícias. Olhe, eu hoje torço a orelha e não dá sangue. Nos bons tempos fartei-me de ganhar dinheiro. Não economizei e hoje estou quási em ponto de miséria. Felizmente que não tenho filhos...

— Porque você os largou no mundo...

— Não, não tenho filhos, patrícia. Se os tivesse, diria. Sou franco. Como lhe dizia, não tenho dinheiro, mas jeito para negócio de bordo chegou em mim e parou. Se você quisesse...

— Está bem: eu daria dinheiro... E você?

— Dinheiro não tenho, você sabe. Mas sei trabalhar. Só preciso do suficiente para passagem, ou por outra, passagem não, porque conheço muitos capitães de Oil-Tanks. Qualquer deles me leva de graça. Preciso apenas de dinheiro para morada e comida, um bote e os primeiros fornecimentos. Aceito-lhe uma letra. Repartiríamos os interesses. Garanto-lhe que em pouco tempo furaria. Qual é a percentagem que me leva? Conheço muitas línguas. Noruega, só Sossêgo fala melhor que eu, e o próprio

Karantonio não me tapa os olhos a bordo dos vapores gregos.

— Se eu tivesse dinheiro, Castanha...

— Você tem, escusa de negar, criatura! Sinto que você está quási convencida. E depois o negócio engrossaria. Podíamos até montar uma firma. Você está vendo o que seria uma firma nossa em Dakar, patrícia? Você faria a escrituração e eu me encarregaria do porto. Sei escrita. Ensino-lhe em pouco tempo. Para o ramo é simples...

— Ça c'est bon...

— E depois, você adquiria a sua liberdade... Largava o francês da mão e ficava sendo a dona de uma firma de shipchandler...

— Se calhar, eu, no fim, casaria com você...

E o riso forte de Luisa sacudiu as ilusões de José Castanha.

— Atrevido! Zefinha, põe este malandro na rua! Você vá para sua casa! Você tem mulher e filhos...

Zeca Araújo queria, com a sua lábia de bêbado, tirar dinheiro a Bia:

— Já tenho anos no corpo, mas tenho uma experiência, menina... Ensino-te coisas que não sabes... O francês fica gostando mais de ti...

— Velho chaleira!

— Ouve, menina, Sei uma coisa que o sueco me ensinou. Mostro-te e dás trinta escudos. Não quero mais...

— Vá cozer a bebedeira na cama com a sua mulher. Ela que o ature. Ainda por cima, basofaria! Vá para casa, chaleira!

O mulato claro empurrou Zeca Araújo, que caiu de borco, e ficou estendido no chão, na dogadura da bebedeira.

Humberto bebe cerveja com Zefinha. Beijam-se:

— Chéri! Je n'aime que toi!

Humberto olha-nos com ares de importância. Quere que acreditemos que ele é senhor absoluto de Zefinha.

O gramofone toca uma béguine. O chauffeur sai com Filhinha na sala. Dançam dando umbigadas. Acabam por se escapulir pela porta do interior.

10

A crise estava apertando. Havia dias em que não entrava um vapor no porto. E quando entrava, era quáse sempre vapor de óleo, que não deixava nada. Nha Cidália nunca vira coisa assim.

— S. Vicente está uma saudade. Antigamente esta terra tinha movimento... Alzira, ouviste falar da Guerra do Transval... Oh rapaz, as libras andavam atrás da gente... Não sei como se está vivendo nesta terra. Cá em casa, o que vale é a mesada que Eusébio manda, senão tínhamos de sair pedindo por caridade.

Lembrava os bons tempos em que só com o serviço da costura sustentava a casa.

— Hoje nem um vestido se aparece para a gente coser... Parece que todo o mundo anda nu...

Tia Alzira:

— Se eu não fôsse casada, saía para qualquer parte. Ia, por exemplo, para a Argentina, para donde Eusébio...

— Casada? Podes dizer que és casada? Estás é amarrada a um pau bichado. O que é que o casamento te tem rendido?

— Nada absolutamente...

— Estás vendo... Nunca gostei da cara daquele ranhoso. Não sei por que não tratas do divórcio. Vai ter com advogado, já te tenho dito tantas e tantas vezes...

— Divórcio é coisa feia, mana; demais não sei direitamente onde Amâncio mora hoje.

— Não tem importância. Dizem que estando o marido ausente não é preciso ele dar assinatura no divórcio. Ana de Brito ganhou o divórcio assim. Terias a tua liberdade. Não é que nos estejas pesando, bem sabes que não. Mas é triste ver uma pessoa sem uma esperança na vida. Ainda és nova, a-pesar-de estares amarrada há tantos anos àquele ranhoso...

Andrèzinho escreve. Os óculos dão-lhe um ar de pessoa velha. Nha Cidália repreende:

— Já te disse tantas e tantas vezes que faz mal

estar escrevendo depois da comida. E, depois, sabes que a tua vista não é muito católica...

— Você largue-me da mão, mamã; você não pode deixar uma pessoa trabalhar com sossêgo?

— Pensas que já não sei açoitar de lato, atrevido? Deixa estar que qualquer dia te ponho na ordem...

— Deixe-o, por favor, está escrevendo para o jornal...

— Ainda vocês estão com essa ideia do jornal? Para quê jornal, Chiquinho?

— Serve para muito... A gente defende os interesses da terra. É sempre uma força...

— Agora é força... No tempo do Sr. Augusto Ferro não havia jornal, mas esta terra conseguia tudo o que queria. E ele não tinha mais que 2.° grau. Vocês aprendem hoje tanta coisa, e no cabo não servem para nada. Eles não falavam tanto, davam uma saltada em Lisboa e arranjavam as coisas lá na fonte...

— Havia dinheiro então. Hoje ninguém poderia fazer o mesmo.

— Isto é verdade, muitas vezes penso que futuro vocês poderão ter...

— Chiquinho, larga as donas da mão e escreve o teu artigo... Lembra-te de que precisamos reunir os originais para a Tipografia.

Tia Alzira gosta de jornais. Nos primeiros tempos de casada Amâncio mandava-lhe jornais americanos ilustrados. Havia umas figuras muito engra-

çadas. Nha Antoninha Leite é que lhe traduzia as legendas.

Agora faço questão de publicar o poema que fiz a Nuninha. Ela é que me pediu. Andrèzinho torceu o nariz:

— Isto é uma poesia feita a uma mulher de imaginação! Já vos disse que vocês precisam aterrar, dar o ambiente...

No Grémio, depois de um drink, pegou nervosamente de uma tira de papel e escreveu um sumário para poemas:

— Estamos fartos de ouvir cantar a beleza abstrata nestes rochedos de seca e fome! Dou-vos material, vocês realizem!

Humberto e Nonó aparecem para a cópia. Nha Cidália:

— Oh rapazes, para quê tanto escrever? Não vale a pena, vocês não melhoram a situação desta terra. Dali a dez anos não haverá gente aqui...

— Mamã, você está pior que Jeremias...

Nha Cidália não sabia quem era Jeremias.

— Só conheci um, Jeremias Profeta Lopes, moço de S. Nicolau, que era um futra na guitarra, lembras-te, Alzira?

Quando soube o que era, ripostou:

— Mas é o que tu andas sempre a dizer, filho...

— Eu digo certas coisas, ou por outra, não sou eu; apenas dou a reacção da minha inteligência perante o nosso caso. Sou uma retorta em que se

dão determinadas reacções, com certos e determinados reagentes...

— Não te entendo, dizes coisas, parece que é uma alma que está falando em ti...

— Nem você pode entender...

— Isto agora é moda nova... A mãe não pode entender os filhos... No meu tempo não era assim...

— Escute, mamã, é que nós os novos pertencemos a um mundo diferente. Você, a Tia Alzira e também Nuninha são de outro mundo...

— Isto é muito engraçado... Eu não sabia que nós já tínhamos morrido...

— É isso mesmo! Vocês já morreram... Mas deixe-me escrever, por favor...

— E Eusébio, também morreu?

— Não, papai é um herói...

II

Zeca Araújo angariaria assinaturas para a «Renovação» na cidade. Contávamos muito com Santo Antão e Praia. Para Santo Antão escolhemos como representante Joca Pires, que no ano anterior completara o liceu e agora era professor de posto no Paúl. Ele estenderia a rede de assinaturas pela ilha toda.

Zeca Araújo é que se ofereceu:

— Garanto que vos arranjo mais de duzentas assinaturas.

— Não aspiramos a tanto. Umas cem chegariam...

— Arranjo mais, moço, olá se arranjo! Vocês não me conhecem. Tive pouca escola, mas língua doce na boca, como eu, há poucos...

— O que não impediu que você desse com o negócio em pantanas...

— Azares... Qualquer está sujeito... Negócio é fêmea, rapaz. Estive bem, vocês devem ter ouvido falar. Mas depois veio a crise e lambeu-me tudo. O que vale é que não dou parte de fraco. Haja alegria e tudo vai bem... Aqui onde me vêm para riba de cinquenta, estou em tudo como se tivesse vinte...

— Deve ser basofaria...

— Juro!

— Palavra de honra?

— Palavrinha escorrida... Tenho muita experiência no lombo...

Humberto:

— Mas vamos aos pormenores. Você arranja as assinaturas: e a percentagem que leva?

— Deixo isto na vossa consciência...

— Mas diga sempre, homem...

— Vocês são rapazes, dinheiro não tem. Eu levo pouco. Só preciso trabalhar. A-pesar-de ter sido dos primeiros negociantes da terra, não enjeito trabalho que me dê dois vintêns...

— Para terminar: 10%. Valeu?

— Valeu. Não paga o castigo, mas vocês são bons rapazes. Agora uma patrícia para Tio Zeca,

vocês sabem, não há nada como um grogue para abrir as ideias. Quando bebo dois cacos, até me sinto orador...

— Lábia você tem...

— Não é para me gabar, mas é de-veras. Vocês não reparem eu pedir-vos uma patrícia. Podia ser vosso pai, mas façam de conta que sou um tio mais velho. Dêm-me a groguinha, rapazes. Depois titio faz vocês um brinde bonito pela felicidade do jornal. Então, entendido. 10%. Eu pego. Entretém, e demais a mais é sempre bom ajudar a rapaziada...

12

— O homem chega amanhã...

— O homem? Qual homem?

— Deves ser a única pessoa que não sabe quem é; Sexa, rapaz...

— Vens logo dizer «o homem»... Não adivinho...

— Eu era capaz até de dizer que não te interessa a chegada de Sexa...

— Interesse imediato não vejo...

— Pois interessa — e no mais alto ponto...

Andrèzinho concerta os óculos. Há uma ideia que o persegue desde que se falou da vinda do novo governador a S. Vicente.

— Estou pensando em o grupo promover uma conferência com o Governador. Será a «jornada da

mocidade». Precisamos ir em pêso manifestar-lhe a nossa vontade de viver. Gritar-lhe até, se êle for surdo...

— Com que elementos contaríamos?

— Ora essa! Mas com a gente do Liceu! É necessário arrancar esta malta da indiferença em que vive por coisas que interessam profundamente ao seu destino.

A chegada do novo governador alvoroçou a cidade. Vem da Praia, para onde seguiu da Metrópole a tomar posse do cargo. Depositam-se em Sexa as esperanças de Mindelo, no sentido de se debelar a crise.

No Central, as conversas fervem. Pelas mesas, grupos bebem. Joga-se bilhar chinês. Na parede fronteira, um edital convida a população para o desembarque de S. Ex.ª o Governador, que vem «animado dos melhores propósitos e conta com o apoio seguro da Metrópole para uma rasgada política de fomento em prol da Província». Engraxadores entram no Central à procura de fregueses.

O velho Cecílio Firmino abana a cabeça perante os dizeres do edital:

— Foi sempre assim, rapazes. Desde que me conheço, todos vêm com as melhores intenções de trabalhar. Mas a verdade è que Las Palmas e Dakar nos tomaram a dianteira...

Alguém pregunta:

— Mas um programa definido do que é preciso fazer?

— O mal não vem da falta de programas. Todos têm dado a sua opinião sobre o porto...

Há um que defende calorosamente o Plano João de Almeida:

— Mindelo transformava-se numa base naval e de trânsito formidável... Vocês estão a ver o que seria isto fortificado? João Ribeiro, o Ilhéu e o Morro Branco tapavam a entrada. Sem falar que aumentaria a afluência de ingleses: à Inglaterra convinha ter uma base amiga, numa posição estratégica admirável, para a sua política no Atlântico... E os ingleses são libras correndo...

— Estou pensando que ponto-de-partida magnífico isto não seria para uma política pan-lusa no sul-atlântico. A posição geográfica, a meio caminho entre a Europa e a África e a América do Sul...

— Aí vem você com a posição geográfica! Isto é já uma cantiga muito estafada... Onde está a posição geográfica especial de Dakar? E, no entanto, a navegação aflue e aquilo tem vida...

— Vida própria que nós não podemos ter. Dakar tem movimento de exportação...

— Não. O Plano João de Almeida peca por grandioso de mais. Não temos dinheiro para tanto. Se a minha opinião fosse pedida, eu apresentaria bases mais modestas, mas mais viáveis. Supressão pura e simples das mil taxas e alcavalas que pesam

sobre a navegação. Livre concorrência para o estabelecimento de depósitos de carvão e óleo. Repressão da mendicidade, afastando dos olhos dos estrangeiros a multidão que os assalta pedinchando, mal desembarcam. Para tanto, criavam-se receitas especiais à câmara para albergues, recolhimentos e uma maternidade.

O Sr. Cecílio Firmino continua a abanar a cabeça:

— Quando vem um governador, vou invariàvelmente deixar-lhe o meu cartão. Se ele me parece de boa cara, peço-lhe uma conferência e digo-lhe o que penso cá dentro. Sai-lhe por um ouvido o que lhe entrou pelo outro? Não me interessa. Durmo o meu sono sossegado, porque cumpri o meu dever. Lá diz a Bíblia: eles têm ouvidos e não ouvem... Não tenho a culpa quando são surdos...

S. Vicente tinha de fazer ao governador uma recepção que o impressionasse bem e lhe fisesse ver a importância capital do Porto Grande na vida económica e financeira do arquipélago.

— Deixá-los falar: nunca deu certo a política de afastamento que em outros tempos foi adoptada relativamente aos governadores.

As coisas tinham mudado — e a valer. Por que é que a Praia conseguia tudo? É que ela é mais diplomata. Faz a côrte aos governadores. Lá Sexa sente-se verdadeiramente o chefe, a cabeça que manda e a

mão que dispõe. Lá vai-se ao palácio. S. Vicente precisava pôr debaixo de uma pedra aquele orgulho de fidalgo arruinado que indispunha todos os governadores. Era preciso receber Sexa condignamente. Atraí-lo. Era de boa política. É claro que isto não excluía uma exposição enérgica de verdades sobre os males que afligiam S. Vicente. Tudo tem a sua medida. Receber o governador condignamente, sem dúvida, mas também, embora com o devido respeito, falar-lhe de cabeça levantada sobre as medidas que as circunstâncias urgentemente exigiam.

O programa girava à volta do problema do Porto Grande. Resolvido este, o problema geral do arquipélago estava quási solucionado.

— Lá o disse o Dr. João Augusto Martins: o Porto Grande é o pulmão por onde Cabo Verde respira...

— Belo livro esse... Como «Madeira, Cabo Verde e Guiné», ainda nenhum outro caboverdeano escreveu. Lá tem um capítulo sobre governadores e governantes, que é um monumento da actualidade...

O Sr. Manuel Abrantes conheceu o Dr. Martins. Feio como um macaco, mas muito interessante...

— E republicano histórico. O seu cadáver foi velado em Lisboa, na redacção da «Lucta».

Discutiu-se que discurso conviria fazer ao governador no dia seguinte, na Câmara Municipal. Devia ser um discurso recheado de factos, pondo todos os pontos nos *i. i.* Sexa devia ver logo de entrada

que havia muito por onde pegar. O Sr. Cecílio Firmino:

— Muita falta nos faz nesta conjuntura o Rebêlo de Oliveira. Oh rapazes, se ouvissem o discurso que êle fez quando Joaquim Nabuco passou em S. Vicente...

O velho assistiu ao banquete que o cônsul brasileiro ofereceu a Nabuco e comitiva.

— Belo começo que êle teve: «Eu, talvez neto de escravos, curvo-me reverente e beijo as mãos do redentor da minha raça!» Nabuco estava empolgado. Parecia hipnotizado pelo discurso. No fim estava êle em frente de Rebêlo, recebendo na cara as rajadas...

— É que Nabuco era surdo, homem...

13

O carvoeiro João Col há muito que não consegue trabalho. Os filhos andam na gandaia, esmolando. Outras vezes vão mergulhar lá fora, junto dos paquetes, para pegarem as moedas que os passageiros atiram.

— Give me one pêní...

Têm a carapinha aloirada da água do mar.

João Col passa o tempo na muralha espiando o mar. Sinal no Ilhéu, anunciando vapor do Norte ou do Sul, é baque no seu coração. Os vapores passam o Canal sem entrarem na baía. É mais uma ilusão que foge da alma de João Col. O filho mais velho, vinte anos batidos de fome e venéreo, fugiu a bordo de um vapor grego.

Badala o sino na ponte de uma companhia carvoeira.

— Oh-na-mar!

O sino alvoroça os lares de todos os trabalhadores da baía. O sino chama-os para o trabalho suado das lanchas e das bunkers.

— Hardwick Grange, rapaz, canudo preto com cintura encarnada...

— Aquele é West Africa Line. Não estás enxergando aquele letreiro grandão no costado?

João Col regressa ao Monte cabisbaixo. Não apanhou trabalho. Eram precisos só quinze homens e o Sr. Goodson teve de partir mais de trinta. Robertina anda pelas ruas vendendo rebuçados e açucrinha de uma loja da Salina. Bia, treze anos esmirrados, é mocrata. Caiu na vida. João Col não pegou trabalho. A mulher está sentada à porta da casa de madeira.

— Trabalho não tem, menina...

— E agora? O dono da casa disse que nos dava só mais cinco dias para pagarmos a renda. O prazo termina amanhã. Que havemos de fazer?

A casa tem um quarto só, que nha Tutuda dividiu em dois com tábuas de caixote de petróleo. À porta o fogareiro. A telha de madeira é cheia de aberturas que deixam ver a lua e as estrêlas. João Col senta-se calado na parede do quintal. A sua roupa, toda em rasgões, põe à mostra pedaços do corpo. Já não tem onde pegar remendo.

Passa na estrada da Chã do Cemitério uma camionete carregada de ramos de tarafe. O Chauffeur vem a nove. João Col segue com a vista as habilidades que êle faz, guiando a máquina aos *s. s.*, para evitar os solavancos do caminho. Nha Tutuda:

— Dizem que governador chega amanhã...

João Col agora olha para o mar. O mastro do Fortim içou um sinal. João Col diz automàticamente: «vapor do Norte». Esboça um gesto para ir à Muralha espiar direito, mas deixa-se ficar sentado na parede. Nha Tutuda sacode a esteira de góia em que os meninos dormem. Robertina ainda não chegou. Maria deve estar com algum freguês. Talvez esteja no grupo de mocratas de Armanda. O vapor passou ao norte do Ilhéu. Não entra. O canhoto de João Col está apagado. Antigamente João Col fumava manoco. Cheiro doce, gôsto bom. Até chegou a fumar tabaco Príncipe Alberto. O vapor continua rumando para S. Pedro. Não entra. Decididamente. Alguns capitães, pouco práticos, passam ao norte do Ilhéu, em vez de aproveitarem o caminho mais curto, entre o Ilhéu e João Ribeiro. Depois fazem uma bordada, aproam à terra e içam o sinal de pilôto. Este não entra. Já vai longe de mais para embicar para dentro. Deve ir para Oeste-Índia, pela proa que leva.

Finita chega. Dez anos. Os seus olhos hoje não são de fome. Não houve paquete no pôrto, mas Finita deve ter pegado em dinheiro de esmola. Com-

prou bolacha ou cachupa, com certeza. Nha Tutuda senta-se perto de João Col. O fogareiro está apagado. O sol está quási a mergulhar no mar, no meio-canal. Bia continua não chegando. Talvez nha Marilisa a tenha pegado para algum freguês de Armanda.

João Col rezou o Angelus:

— Nossenhor nos dê boa tarde!

— Bô tarde...

Cai um silêncio pesado. João Col vai entrar para dentro. Há um foguete que estoira no ar. João Col volta a cara para a mulher, que continua sentada na parede:

— Nossenhor há-de olhar para a pobreza.

14

Foi constituída uma comissão para organizar e executar o programa da recepção do governador. Por outro lado, a comissão estaria em contacto com as forças vivas, a fim de se fixarem os pontos sobre que incidiriam as reclamações. Primeiramente haveria festas. Os assuntos graves ficariam para as conversas demoradas no gabinete. O desembarque seria às oito horas.

O governador vinha no «Moçambique». Na baía haveria cortejo de vaporinhos embandeirados, cedidos pelas companhias inglesas. Estaria na ponte a Banda Municipal. Todo o elemento oficial foi convidado para o desembarque. A recepção oficial seria na Câ-

mara. Para o sábado, grande baile na Associação Comercial, oferecido pelo comércio. Convidados, todos os funcionários de categoria, forças vivas, elementos da primeira sociedade e colónias estrangeiras. Consertou-se a escadinha de desembarque, na ponte, que estava sem dois degraus. Todo o trajecto até o palácio, com escala pela Câmara Municipal, foi brunido. O carro das águas da Câmara saiu a passear, acalmando a poeira. O «Moçambique», segundo aviso da Agência, ancoraria às seis. Mas o desembarque era às oito. Quando o paquete fundeasse, a cidade seria avisada com dois tiros de peça. Meia hora antes do desembarque, um tiro no Fortim. A camionete da Câmara trouxe da Ribeira de Julião e da Chã do Madeiral cargas de ramo de tarafe para ornamentação dos postos de luz eléctrica e mastros que especialmente se plantaram.

15

A «jornada da mocidade» de Andrèzinho morreu logo nesse dia. A massa académica não se interessou pelo plano do «Erudito.»

— Nem com esporas esta malta se mexe...

— Já te dizia. Não lhes interessa nada disto...

— Se os convidássemos para um baile, não faltariam, garanto...

A sala de jantar de nha Cidália recolhe a nossa decepção. Tínhamos marcado reunião no Grémio, à noite, para fixarmos o programa da jornada, mas,

perante o fracasso, mandámos contra-aviso aos camaradas. Andrèzinho, furioso, mal jantou:

— No dia em que se verificar de vez que nesta terra não há energia para proclamarmos uma elementar vontade de viver, o que restará é uma obra de engenharia colossal: pôr uma bomba de dinamite na base da ilha e mandar isto para os ares!

— Não te apoquentes, meu filho, não endireitas o mundo. Por causa destas e doutras é que não conseguiste ser nomeado professor de pôsto o ano passado...

— Mamã, por amor de Deus, você não fale nestas coisas, você não pode entender! Mamã só pode compreender que uma pessoa trabalhe para um fim cuja utilidade imediata se veja. Você não tem culpa, assim é que a fizeram...

Tia Alzira costura em silêncio. Trabalha muito chegada à lâmpada, por causa da vista, que já está falhando. Algumas vezes pede os óculos a nha Cidália, mas não pode agüentar:

— São muito fortes, faz dôr de cabeça...

Nuninha examina com curiosidade algumas peças de costura que Tia Alzira está fazendo. São roupas de um enxoval para casamento. Néné aplica-se a copiar as letras de um cartão que lhe deram na escola. Nha Cidália:

— Não sei como há gente com coragem para casar num tempo dêstes...

— Jeremias já chegou, — disse Andrèzinho.

Tia Alzira não suspende os olhos da costura. Quando ela casou, o seu enxoval foi muito bonito. Amâncio mandou dinheiro para as despesas do casamento. Ela, também, tinha com quê. Os tempos eram outros. O procurador de Amâncio foi o Sr. Carlos Duarte. Estava solene na sua linda sobrecasaca preta, tão lustrosa e fina. Fez um brinde bonito à felicidade dos noivos, congratulando-se com os pais da noiva pelo filho tão bom que Deus lhes dera, por via do casamento de Amâncio com a "gentil Alzira". Ela leu em tempos um verso muito sentimental em que era cantada uma Alzira de olhos "em que habita a luz diáfana do arrebol". Tê-la-iam intrigado com Amâncio, para êle deixar de lhe escrever logo um ano depois do casamento?

Nha Cidália olha pensativamente para Nuninha. Dezassete anos são já idade de casamento. Haverá alguém com coragem para casar num tempo de tão grande crise?

Eu também ponho grande esperança na chegada do novo governo. Nuninha está virando muito romântica. Algumas vezes fica a olhar-me, de olhos muito profundos, sem dizer uma palavra. Depois esconde a cabeça e fica a soluçar:

— Chiquinho!

Sobe, não sei de onde em mim, uma onda enorme de ternura. Meu velho Totone Menga-Menga, será que tu me comunicaste o teu poder de amor imenso, só para eu querer Nuninha mais e mais? Amparo-lhe

a pobre cabeça descaída. Corro-lhe os dedos pelo cabelo anelado. Sinto-me poeta de se afogar "nas ondas dos teus cabelos". Da janela junto da qual estamos sentados vê-se a baía. O poente, que inunda céu e rochas maravilhosamente, traz um baque aos corações apaixonados.

Nuninha adora os versos de Eugénio. Leio-lhe poemas crioulos:

Sol brando ca ta quemâ
pele di rosto di nha crecheu
Sol brando, el ê sol di gosto
Pa ta lumiano porta di ceu...

— Outra vez, Chiquinho...

— Não; quero justamente que o sol da saudade queime a pele do rosto do meu bem...

— Maldoso... E se amanhã tu embarcares, Chiquinho?

— Ficarias com uma saudade...

— Já começo tendo, só pensar nisso... Ouve, não quero que vocês falem tanto da crise, da necessidade de saírem para fora... Fico com uma tristeza no coração...

Esta Nuninha é diferente da outra, eléctrica, do escuro da escada. E da outra, implicante, que gosta de chaleirar com todos, metendo-me ciúmes. Andrèzinho, o «Erudito», devia explicar isto direito.

Há uma velha que aparece sempre de-tardinha, pedindo esmola. Ela tem uma cara muito má, uns olhos muito espertos, que me fazem lembrar as velhas

comedoras de meninos das histórias da nha Rosa Calita. Ela interrompe os meus encontros com Nuninha à tarde, na hora em que todo o mundo está lá para dentro nos preparos do jantar. Quando lhe dou um tostão, sai abençoando-nos:

— Nossenhor fará vocês um casal bom, com muitos filhos...

O poente acaba a sua morte no mar. Nuninha descai amorosamente nos meus ombros. O sol-pôr matou a Nuninha a sua eléctrica energia de amar. A sua morabeza é uma voz muito elementar em surdina:

— Só quero estar tôda no teu coração...

— Gostaria de entrar no teu, devassar-lhe todos os segredos...

— No meu coração não tem segredos... Só tu vives lá dentro, Chiquinho...

A cidade também morreu no crepúsculo. Os camponeses de Santo Antão chamam à hora do crepúsculo "desamparinho". A luz, de facto, desamparou a terra. Totone Menga-Menga, quando o sol se põe, remexe a bôca numa oração e diz que a terra ficou na orfandade. Eu não quero desamparar o coração de Nuninha. Tanto que ela me quere. Ela bem tinha ha pouco os olhos marejados de lágrimas. Nónó diz a tôda a hora que no cabo temos que partir. A alma de Nuninha ficaria escura como a noite, ao ver Chiquinho lá para essas terras longe. E o meu coração também.

Os lavradores que estão atrás de mim suplicam

ao Sr. Governador que lhes perdoe as décimas prediais em dívida, para as suas hortas não irem à praça. Há um outro governador velho grandão de barbas brancas, a quem não pedem perdão de décimas que não podem pagar. Pedem chuvas boas e compassadas:

— Chova bem e temperadamente...

— Nossenhor, você olhe para os seus filhos...

Chiquinho não foi feito para a enxada, para andar no trabalho das hortas de ano a ano, para cumprir silenciosamente, resignadamente, o dever hereditário dos Pedro Xamento e dos Antoninho Bia.

Só desejo que o novo governador faça com que eu possa casar com Nuninha.

16

Parafuso esteve um ror de tempo sem aparecer no Liceu. Manuel fazia-nos muita falta, principalmente por causa do Latim. Nonó dizia-lhe sempre:

— Bem que te puseram o nome de Parafuso... Latim é madeira rija, mas parafusas nele de verdade...

Volta e meia, lá estava êle de cabeça tomada entre as mãos, tremendo de sesões.

— Parafuso, vem ensinar-me a tradução...

— Oh rapaz, larga-me da mão... Pega de cábula e traduz. Aquilo é só saber ler...

— Então o exercício de aplicação...

E Parafuso não descansava, enquanto não mondasse os nossos temas dos erros de gramática, que pulu'avam.

Monte Sossêgo. A casa de Parafuso é uma peça só, que a mãe dividiu em dois com tábuas de caixote de petróleo. Nela dormem o pai, nha Noca, Parafuso e os seus três irmãos.

Quando, ao cabo de alguns dias, o vi sem aparecer nem no Liceu nem no Grémio, fui à tarde ao Monte Sossêgo. Um menino me ensinou o caminho.

— Onde é a casa de Manuel de Brito?

— Manuel de Brito? Não sei quem é...

— Um rapaz alto, magro, que anda no Liceu... Manuel de Brito, que todo o mundo chama Parafuso...

A casa ficava no extremo do Monte Sossêgo, quási no caminho de Fernando Pó. A mãe estava à porta, estendendo roupas a secar na mormaça da tarde. Olhou para mim admirativamente. A mãe de Parafuso vê-se que não estava habituada a receber visita de gente calçada.

— Dá licença? Aqui é que mora Manuel de Brito?

— É, é aqui, moço...

Os olhos dela estão medentos. Será que nha Noca pensa que eu sou enfermeiro da visita sanitária? Ela dá uma ordem em voz baixa a um garoto dos seus doze anos. Dali a nada oiço uns grunhidos abafados de porco.

— Desculpe, mas quem é você?

— Sou camarada de Manuel. Somos condiscípulos no Liceu.

— Ah, você é companheiro de Manuel? Muito contente... Oh Antoninho, vai dizer a Parafuso que

está cá um amigo dêle. Parafuso não está nada. Febres não querem largá-lo. Sempre a tremer. Sou a mãe de Parafuso... Guidinha, traz um banco para êsse moço se sentar.

— Não se encomode. Não mande chamar Manuel cá fora, pode fazer-lhe mal. Quero só saber como está êle...

— Parafuso, chame-lhe Parafuso... É nome que todo o mundo lhe dá. Não me zango...

— Sim, mas estou bem, não o encomode...

— Encomoda nada. Febre precisa ser venteada. Já disse àquele moço que faz mal estar sempre dobrado no conchêgo da dormida. Assim o corpo não esperta nunca.

Eu não quero ver Parafuso. Tenho uma pena imensa da míséria em que o meu camarada vive. Parafuso, tão orgulhoso, a ponto de recusar a nossa merenda, quando os seus olhos estão gritando mas é fome.

Nha Noca:

— Pena que Fernando não esteja, você sabe hoje êle pegou serviço na Shell. Chegou um tanca para decarregar muito óleo.

Antoninho volta lá de dentro.

— Não, menino, vai dizer a Manuel que se deixe estar. Vim só saber como passa. Desejo-lhe melhoras.

De trás do taboado uma voz diz:

— Olá Chiquinho, já vou... Como estás, rapaz? Espera só um bocadinho.

A mãe de Parafuso vai falando comigo. Pena, de facto, que o marido não esteja. Mas que fazer? Com esta carestia, todo o trabalho que aparecer é pegar nele pelo cabelo para não fugir. A sua grande esperança é Parafuso. Com a boa cabeça que Deus lhe deu, êle será o amparo da família. Havia ainda aqueles anjinhos-de-Cristo para botar na prenda. Parafuso havia de arranjar depressa um emprêgo. Havia de furar cedo. E depois, tão bom coração, tão amigo da sua gente, não podia haver dúvida de que êle seria o amparo e conchêgo de todos.

Lanço um olhar para o pequeno terreiro. Nem sombra de caldeira ou fogareiro. A casa de Parafuso vê-se que não tinha que cear naquele dia.

O meu amigo, ao cabo, aparece. Vem todo embrulhado, com receio de apanhar qualquer ar mau. Ao pescoço traz uma faixa de fiada de lã de carneiro. Na cabeça o boné sebento. Mas Parafuso tem um grande ar de dignidade. Endireita o corpo esguio e diz-me que se sente já bom. Pensa que no dia seguinte já poderá ir ao Liceu. A mãe informou-me que Parafuso não tinha feito outra coisa senão querer ir à escola, a-pesar-do febrão dos dias anteriores. Se não fôsse a resistência formal dos pais, êle teria desapegado da cama e saído. Parafuso quere informações das coisas do Liceu. Mas nha Noca pede-me que a ajude a dissuadir o filho da idea de sair de casa pelos dias mais próximos:

— Febrona já baixou, mas agora é uma tossinha

que não acaba. À noite o desgraçado quási não dorme. Tosse não deixa...

Parafuso assegura que já não sente nada. Pega na minha mão e coloca-me na testa dele para eu verificar.

— A febre já passou, Chiquinho. Só me sinto fraco, mas isto é de ter estado tantos dias na cama. Preciso é sair, espairecer...

Parafuso olha silencioso para o Canal. Na baía há um vapor fundeado perto da Galé. Tem o canudo junto da pôpa. Deve ser naquele Oil-Tank que trabalha o pai de Parafuso. Chegam os meninos da casa a chaleirar a conversa. Parafuso enxota-os. A conversa deriva. Nha Noca recomeça o fio perdido. Deus queira que o vapor se agüente no porto por alguns dias. Trabalho de óleo é rápido. É só máquinas. A criatura empurra aqui e sai além um grande esguicho. Deus há-de ter compaixão dos seus filhos, porque, senão, será o que Êle quiser. E, depois, êles estavam bem precisados. Deus sabe de todos e cada um da sua vida.

Parafuso vê-se que não está gostando da conversa da mãe. E se nós saíssemos a dar um giro? Êle precisa é passear, espertar o corpo. Parafuso tem um pequeno acesso de tosse. Passa gente com latas à cabeça, levando comida para os porcos que estão nos chiqueiros, perto de Fernando Pó. Cumprimentam. Parafuso diz-me que é melhor irmos para os lados da Fontinha. Fica muito desviado da casa dêle,

mas é melhor vista. Os coqueiros e as palmeiras dão uma nota bem tropical. Nha Noca observa que é caminho muito comprido para quem acaba de se levantar de doença. E, depois, eu teria de desandar um bom bocado para levar o filho à casa e voltar para a morada. Parafuso insiste. Êle regressaria sòzinho à casa. Não era preciso eu encomodar-me. Já estava, a bem dizer, bom.

Saí com Parafuso. E fui com ele pelo Monte Sossêgo abaixo, a ajudá-lo a fugir à miséria do seu lar.

17

O carnaval vai desfilando pelas ruas. Grupos passam no ritmo apressado das marchas. Cow-boys. Há rapazes vestidos de mulheres. Os grupos estravasaram na rua a sua gente. O Bloco Floriano tomou a cabeça da festa. Estão todos fardados de oficiais da marinha brasileira. Tudo é sério. As praças fazem continência aos graduados. A marcha do Bloco foi feita pelo Franck Beleza.

Oh minha florianinha,
já toda a gente está dizendo,
que você é a raínha!
Você é a raínha ideal,
que veio para sapatear o carnaval...

O povinho deplora a ordem que não deixa atirar ovos chocos aos transeuntos. A autoridade apanha forte no protesto desanimado dos farristas. Outros não estão na festa. Vêm das companhias carvoeiras, enfarruscados no carnaval quotidiano do ganha-pão. Grupos engravatados fazem freguesia de cuspo nas cadeiras de vime do quiosque da Praça Nova. Passa um automóvel com meninas finas. Apeiam-se e enfarinham completamente um rapaz todo janota no seu fato azul escuro. Perseguição de bandidos. Um detective de espada desembaínhada vai aos *s. s.* atrás de um grupo de gansgsters. O cinema dá matinée com uma fita de Charlot. Os pais-de-familia levam a garotada. Alguns gravatas do quiosque vão ver Charlie Chaplin. Aglomeração de gente para ouvir o grupo Belo Horizonte num samba. Os automóveis, circulando em redor da praça, dão uma ilusão de movimento.

Nónó propõe que se vá acabar a tarde no baile do Mindelense, no Pavilhão. A nossa esperança é o baile dos derbianos, à noite. Alcides não dá palavra. Humberto:

— Fala, Alce, parece que Maninha te enguliu a alma...

Andrèzinho lembra que é êste precisamente o tema do seu artigo para o primeiro número do jornal. A miséria. As raparigas que caem na vida e depois vão para Dakar.

A tarde vem morrendo numa tristeza. O carnaval não agüenta a tristeza da tarde. O poente está mara-

vilhoso, com o sol afogando-se no meio-canal, cercado de uma coroa de flexas de tôdas as côres. A cidade virou roxa. Alcides continua pensativo. Maninha embarcou para Dakar no "Sol Nascente". Na ponte ela teve de suportar a presença de tôda aquela gente que foi despedir-se das raparigas-de-vida que iam procurar freguesia na cidade francesa. Aquela gente não via que Maninha é virgem, que o tubarão não gozou a sua virgindade? Não viram, não. Nem sequer adivinharam que Maninha só queria Alcides, e lhe prometia o seu amor no olhar longo que lhe deitava, quando êle passava, tímido e enamorado, pela sua porta. Uma voz isolada vem descendo a rua, a cantar. Há uma tragédia de amor que baila na voz aguardentada do cantador. Uma companhia carvoeira perfura a tarde mansa com um apito trágico. Sinos badalam descompassadamente na ponte da Wilson. Oh-na-mar! O carvoeiro que entra no pôrto alvoroça os lares dos desempregados. A voz aguardentada continua lançando a sua história de amor, que o batucado do violão acompanha. Mas há uma outra voz que canta na cabeça de Alcides . A rapariga era virgem. Aconteceu que ela viu um rapaz muito moço e começou a querê-lo bem. Mas o moço era tímido e não lhe dizia nada do que lhe ia no coração. Num dia de depressão, veio um macho esfomeado e levou-a. Abandôno. Passagem num navio-de-vela. E ela caíu, sempre virgem, na devassidão dos cabarés de Dakar.

No baile dos derbianos a farra ferve. O carnaval desembocou ali. Mete furor o samba novo que veio nos discos. Ao violão, Josèzinho canta:

Alguem me ama
sem me confessar,
eu adivinhei
no seu olhar...

Está-se num intervalo para darem vinho do Pôrto e bolachinhas às damas. Josèzinho aproveita para cantar. Canta bem, requebrando-se no dengue do samba. Êle está rodeado de rapazes que acompanham a meia-voz. Mas o samba pode mais. De-repente, os rapazes alteiam o canto e abafam em côro a voz de Josèzinho. O rapaz vestido de cow-boy não quere saber de coisas e vai tirar uma dama para dançar. Tói, mestre-de-sala, intervém. Não pode ser. Êle que respeite a ordem. Depois do vinho do Pôrto há tempo de-mundo para festa. O cow-boy insiste. Há um princípio de pancada entre êle e Tói.

— Eu vou propor que o clube o expulse. Você não tem linha para estar num clube de gente direita...

— Vá cantar ladaínha na Igreja... Não tenho medo de homens que vestem calças, como eu...

Os outros rapazes metem-se de permeio. Reconciliam-se:

— Não vale a pena estragar o carnaval...

Muito camaradas, vão para dentro confirmar as pazes com um chim-chim de aguardente com vermute.

Recomeçou o baile. Há fantasias de vários gos-

tos, mas todos têm de ostentar a legenda do Derby. Levantou-se uma grande rivalidade com o Grupo Baiano. Este está muito orgulhoso com o seu corpo musical chefiado pelo rabequista Mochinho de Monte, que foi contratado por todo o carnaval, mas o Derby tem o seu jazz privativo, rapazes do clube que tocam por amor da música e do bom nome da colectividade.

Dançam agora «Eclipse», a morna da temporada. Os violinos morrem na doçura da melodia. Os violões batucam o acompanhamento. Sobressaem os cavaquinhos, que fazem um fundo frenético à morna langorosa. Há um saxofone na festa. A melodia parece lubrificada pelo glu-glu oleoso e nostálgico do instrumento. Lela Bentinho é que faz a parte cantante na rabeca. A prima geme gemido muito sentido. A sala está cheia de pares dançando muito colados.

Nonó está emocionado. A morna buliu com a alma dele. Pedem-lhe que cante. A morna parece que vaporizou a meia fusca que ele trazia. Há gravidade na fisionomia de todo o mundo. Também desapareceu a electridade que havia no ar. A música espalhou uma neblina de tristeza no ambiente farrista de ainda agorinha. Os pares rodam muito chegados. Mesmo aqueles que associaram pessoas indiferentes. A melodia é cimento que unificou para uma eternidade de momentos destinos divergentes. Nonó caminha para o interior da sala. Tói ordena paragem das danças. Vai haver canto, senhores. O jazz deminuiu

o bater. Os violões morrem de espasmo nos bordões. A voz grulhenta dos cavaquinhos recolheu-se em surdina. Nonó chama os músicos para o meio da sala e começou a cantar.

Na sê campo simiado di strela,
Nhor Dês fichá Didinha Lua
na tumba di nôte sucuro...

Mas é que há mesmo noite escura na sala cheia das luzes das lâmpadas eléctricas. Nem sequer se sente o cheiro carnavalesco das bisnagas. Os perfumes das raparigas sumiram-se. Só ficou a voz de Nonó cantando.

Mocinhos de Cabo Verde,
jâ nhôs ficâ sim Madrinha
pamôdi Nhor Dés di Ceu
jâ fichá Didinha Lua
na tumba di nôte sucuro...

O violão é padre-mestre nesta cerimónia. A voz e os bordões dos violões vão muito juntos, acotovelando-se. A uma quebra de Nonó, o violão fica interrogando num meio-tom.

Quando todos acordaram, foi um êxito enorme. A namorada de Nonó veio oferecer-lhe um tofê. Nonó guardou o tofê, para perfumar a boca quando voltar do botequim, onde todos vão beber uma roda em honra do mornista.

Nuninha olha-me com olhos de quem quere dan-

çar comigo. Não vejo bem na minha frente, mas há qualquer coisa, da morna de Nonó, que ficou depositada no meu coração. Sinto a alma mais leve. Neste momento quero Nuninha mais. Esqueço as cenas ardentes da escada, os contactos imperativos das pernas de Nuninha debaixo da mesa. Quero casar com Nuninha. Há uma casinha perdida no meio de folhagens idílicas, que abrigam o nosso amor imaterial. O jazz toca uma valsa brasileira. Aperto Nunínha junto do meu coração. Do seu corpo vem subindo a pouco e pouco um calor ardente de vida. Sinto as suas coxas coladas às minhas. Tolhem-me os movimentos, e mal podemos avançar na roda lenta da dança. Sumiu-se a casinha idílica do meio da folhagem. A valsa expira langorosamente. Volta o frenesi carnavalesco. O jazz toca com intervalos muito curtos.

Andrèzinho ficou tocado com os chim-chins lá dentro em honra de Nónó. Puxou uma cadeira para o meio da sala, e encarrapitado nela queria fazer um discurso, mas as pernas não se agüentaram e êle caíu estrondosamente. Depois, muito dengoso, foi distribuír abraços pelas raparigas, de quem se dizia irmão:

— Hoje somos todos uma familia...

Há um rapaz de S. Tiago que chama uma viola e canta e dança um fuc-fuc:

Fuc-fuc, nhó Antone
qui dán bõm conselho
pán criâ mocinho...

Todo o mundo gosta da dança do badio, que se entusiasma e mete na festa um batuque. Canta *Diguigui Cimbrom,* e, na altura devida, amarra um pano na cintura e põe tôrno. Rebola a bacia, sem mexer as pernas nem o busto. Ràpidamente reconstitui a apanha do cimbrão. Os braços balançam o pé de cimbrão, as mãos fazem concha para apanharem os grãos que vão caindo. Depois é um desequilíbrio do corpo todo, catando no chão. A saia está em África pura, sol na achada e paisagem de savana, com macacos cabriolando. O badio leva todo o mundo consigo na sua viagem de regresso de séculos.

Fomos encontrar Alcides sentado muito encolhido numa cadeira no quarto que serve de gabinete de toilette das damas. Nem sequer correspondeu à minha palmadinha amigável nas costas. Humberto insiste, cruel:

— Tubarão levou o peixinho que Alce engodava...

— Está calado, homem!

— É dôr de cotovelo. Isto sara depressa. Vamos beber qualquer coisa, Alce. Faz esquecer as máguas...

Quarto de botequim. Fumarada. Gritaria. Foot-ball. Xima Sequeira não passa tal para o Sporting.

— Passa, sim, só fica jogando cricket no Mindelense...

Há um grupo isolado junto da janela. Dois afastam-se para um brinde particular:

— Às nossas boas inclinações!

Antónia circula entre os rapazes, na asáfama de lavar os copos. Adolescência. Os seios já se vêm enristando-se debaixo da combinação.

— Estás ficando cada vez mais bonita, Tanha...

— O proveito é para mim...

— Sei de um que era capaz de fundear o corpo na baía por ti...

A gritaria aumenta. O alcool unificou todo o mundo. Brinde geral.

Alcides não melhora. Há acalmia agora na sala. Quási todos os rapazes continuam bebendo no botequim. O olhar de Alce continua perdido. O mar, a distância, estão nos seus olhos. Dakar. Navios-de-vela que levam raparigas de S. Vicente para os cabarés da cidade francesa. José Castanha também quer ir para Dakar, a ver se safa a crise. Negócio de bumboat não está rendendo um pataco furado. Há uma que voltou e fala o francês lindamente. *Son homme* é de Paris. Samatãs, carteiras, cintos, tudo é de pele de cobra. Maninha foi para Dakar. Zeca Araújo apareceu a dar fé. Conversa com uma antiga dakariana que está fazendo de arrumadora no quarto de toilette. A mulata é gordona, grande papeira, roscas compondo-se e descompondo-se, no riso sacadeado que lhe lhe agita as carnes do pescoço.

— Dakar é grande escola — disse a gordona. Os franceses ensinam à gente tudo, tudo...

Alcides continua com Maninha na sua frente Nunca mais Alce sentirá o olhar longo de Maninha.

Acabou-se o poema. Para que teria Deus feito os poetas? A gordona:

— Gunga está muito bem. A mulher do seu homem vive mortificada com a mulata, que tomou conta da alma e do corpo do francês. Bom empenho: quem não arranja trabalho ou encôsto é chegar a Gunga, que ela compõe logo tudo.

— Até dizem que ela deu feitiço ao francês...

— Deu, deu... E o riso sacadeado da gordona acentua o sex-appeal de Gunga.

Quero afastar Alcides da conversa inconveniente, mas êle segue-a com interêsse. Está agora com Maninha num cabaré. Ela foi contratada, com outras caboverdeanas recém-chegadas, para dançar num clube nocturno. Gabinetes reservados. Os franceses escolhem. Aquele magrinho, de olhos amarelos, pegou a mulata de grossas coxas. Maninha está a um canto defendendo-se de um francês atarracado que lhe quere dar champagne e apalpar os seios. As outras despem-se e fazem quadros vivos. Alce intervém quando o francês quere despir a blusa de Maninha:

— Largue-a! Você não está vendo que homem nenhum a possuiu ainda?

O francês vomita uma gargalhada na cara de Alcides. Maninha deita a Alce um olhar muito longo, muito líquido. As outras saíram com os companheiros. O francês gordo arrasta Maninha pelo braço e leva-a.

Os músicos vão retomar o comando da festa.

Começa o afinar moroso dos instrumentos. Os rabequistas procuram o tom e dão o lamiré. Melodia triste e nocturna do mi menor. Os dedos dos violinistas emocionam-se nos glissandos. Os violões, afinados um tom acima, dão o ré. O sax solta um lamento prolongado de animal nostálgico. Novamente morna. O carnaval deixou-se vencer pela tristeza envolvente que vem da orquestra. Não se reconhecem as caras congestionadas do botequim. A cabeça das raparigas descai sobre os ombros dos chevaliês. Que é feito do carnaval, que não vem despertar todo o mundo do seu sonho circulante? Até a gordona está emocionada. Não é a mesma de há pouco, que contava a tragédia das raparigas que caem na vida e fazem quadros vivos e dançam nos cabarés de Dakar. Vão com um par ter com Alcides no seu encôsto do quarto de toilette. «Miss Perfumado.» Alce dança abstracto.

Jam querê morrê ta sonhá
na sombra di olho maguado
de um pequena gentil
di Grupo Perfumado...

Chega um grupo de gangsters. Fazem irrupção na sala, novamente barulhenta depois que a morna parou com a sua cocaína. Voltou o carnaval.

— Mão-z-o-ar!

O cinema local transportou-se para a sala de baile dos derbianos. Assaltos a bancos. Kid-napers. Ruí-

do de pistolas disparadas. Logo a seguir, penetram na sala os detectives. Esbôço de luta. Os gangsters são amarrados. Ficou morto o gangster de chapeirão, camisa branca, pescoço envolvido numa grande faixa e calças pretas com uma fita perpendicular de galão dourado. Seu corpo está estendido no meio da sala. Ressuscitaram-no com aguardente metida na boca através dos dentes apertados.

Nuninha faz-me sinal de que me quere falar. Sento-me ao lado.

— Que é?

— Não adivinhas?

— Não sou feiticeiro...

— Nem eu...

Reparo-lhe nos olhos, sombreados pelas pestanas longas.

— Feiticeira...

— Chiquinho, quero-te todo, da cabeça aos pés...

Grupos passam na rua cantando. Da janela observo os vultos apressados acompanhando o violão. Cantarola pegada de marcha carnavalesca. E não acaba a companha de gente, garotos e meninas-de-vida no coice.

Alguns senhores sérios chegam de madrugada. Os rapazes oferecem-lhes pares. Slow-fox. O saxofone sublinha, muito *blue*, a saudade da *baby*, que

está *away*. Um dos recém-chegados, rapaz alto e esgalgado, chega-se a Nuninha e tira-a para dançar:

— Vamos dançar êste slow?

Passam muito colados. Os olhos de Nuninha estão quási fechados. Fico sentado, sombrio, a um canto, com uma estúpida dôr de cotovelo.

— Vamo-nos embora?

O grupo liceal resolve sair. Já a madrugada está alta. Nuninha não quere que eu parta. Mas eu obstino-me.

— Andrèzinho é teu irmão, êle que te acompanhe. Ou então pede ao rapaz com quem dançaste...

— Estás doente, coisa doce?

— Estou com dôr de cabeça...

— Dôr de quê?

— De cabeça, já disse...

— Deixa-me correr-te a mão no braço, fica macio...

— Descarada... Que te disse o rapaz?

— Disse-me que os meus olhos são mais escuros que a noite... Mas que eu sou a sua aurora...

— E que lhe respondeste?

— Disse mais que só agora, depois de me ver, compreendeu que o seu destino se fixou...

— E tu, é claro, acreditaste nas suas chaleirices...

— Não sei... Êle fala tão doce...

— Está muito bem. Não quero mais nada contigo. Amanhã dás-me a minha mascote e o meu retrato.

— Entendido...
— Chiquinho!
— Chaleira!
— Só te quero a ti, Chiquinho...

Vamos acabar a noite na Pontinha, apanhando o fresco, para melhorar a cabeça. Vultos confusos de faluchos, palhabotes e lanchas na baía. O vapor do Estado bruxoleia uma luzinha tímida na proa. No Padrão a brisa bate-nos na cabeça, como um calmante. O farol do Ilhéu deflagra seu tríplice espasmo vermelho. Depois escuridão, a distância adivinha-se tenebrosa atrás do betume da negrura. A ilha de Santo Antão é um mistério para além da cortina negra. Mas a manhã pressente-se chegando. A cidade e o marulho das ondas enguliram a voz doméstica e despertadora dos galos. Um rebocador da Shell vem lentamente arrastando uma lancha para o costado de um Oil-Tank. Tenho uma dorzinha leve de cabeça. Vou para casa afogar em sono o carnaval.

18

— Zeca Araújo, nós precisamos de você...

Zeca perfilou-se:

— Pronto! Para ajudar a rapaziada estou sempre pronto...

— Magnífico! Pensámos maduramente quem havíamos de encarregar do que o grupo tem em

vista, e concluímos que você é o homem que nos serve.

— Se não é para matar nem roubar contem comigo... Matar não é para mim. Roubar, não falemos. Aqui onde me vêm, nunca fiquei com cinco réis de ninguém, palavra...

— Acreditamos piamente. Você escusa de dar palavra de honra. Você conhece Mestre Ambrósio?

— Se conheço? Bom velho... Meio maluco, mas direito.

— E com os trabalhadores de terra e mar, quais são as suas relações?

— Conheço bem todo o mundo...

Zeca Araújo pôs-se à nossa disposição. Pensávamos em dar vida nova a uma associação operária que houve antigamente em S. Vicente, organismo dos trabalhadores das companhias e dos vapores na baía.

— Você vai ser o nosso intermediário junto do povo. Precisamos de si para congregar as vontades de todos os trabalhadores.

— Palavra bonita, congregar... O velho Cruz Silva gostava de palavras assim esquisitas.

— Você é impossível com as suas divagações... Escute, Zeca, o caso é sério. O povo está passando necessidade, mais que necessidade, fome... Você vai ter dos trabalhadores...

— Vou... Conheço todo o mundo...

— Você vai ter deles e diz: venho em nome de

uns rapazes que querem melhorar a vossa situação...

Mas a cabeça de Zeca Araújo só era capaz de seguir o caminho que lhe indicava a sua fantasia. Lembrou logo a greve de nhô Mané Ponteiro:

— Palavra, moço, que me está fazendo lembrar nhô Mané Ponteiro. Quando foi da greve de 912, eu trabalhava na Companhia Cory, era donkeyman. Bem que nhô Manuel falava, o malandro... Ainda hoje pasmo onde êle foi aprender tanta coisa... Foi o que êle disse à gente quando nos reüniu: os donos do carvão estão-nos explorando como escravos, vocês querem melhorar a vossa situação?

— Bem mas não se trata agora de você ir desempenhar o papel de nhô Mané Ponteiro... Zeca, você mesmo diz que tem lábia... Não quere dizer que precisemos pôr em jogo habilidades e espertezas. O nosso intento é sério. Há dias esteve connosco Mestre Ambrósio e contou-nos a miséria do povo. Ora, quanto a nós, a situação dos trabalhadores pode melhorar muito se êles se associarem. Falta-lhes apenas gente que os oriente. É o papel que queremos desempenhar. Já tirámos informações e ficámos sabendo que houve uma associação operária, do tempo de nhô Mané Ponteiro, que pouca vida teve.

— Morreu com a greve. Govêrno mandou fechar.

— Sim, mas tem os seus estatutos devidamente aprovados. Trata-se de pôr novamente de pé o edifício...

— Para isso contem comigo. Muito contente por

vocês se lembrarem de que tenho algum préstimo. Estou às vossas ordens...

— Diga uma coisa, Zeca: em quanto calcula você o número dos trabalhadores das companhias?

Zeca esteve um momento botando contas.

— Número certo não tem. Vocês sabem que depende do movimento do pôrto, principalmente de carvão. Mas gente que viva sòmente de uns dias de trabalho que possa pegar nas companhias, há para mais de mil.

— É uma fôrça formidável! Você está vendo, Zeca, esta gente tôda unida, associada, pode conseguir muita coisa... Mas resumindo, você vai ter do povo e mostra-lhes as vantagens da nossa idea. Escolha dois ou três representantes de cada companhia. Com êsses delegados assentaremos tudo definitivamente.

Zeca Araújo prometeu não facilitar o assunto.

19

Depois da sua doença Parafuso pouco se demorou no Liceu. Constantemente lhe vinha um pequeno acesso de tosse. Tirava da algibeira um lenço sujo e escondia-o nas mãos para a sufocar. Depois continuava a conversa, sempre sorridente.

Parafuso também queria jogar o foot-ball no grupo dos complementaristas, no campeonato entre as turmas do Liceu. Queria jogar a médio direito.

É um lugar que exige discernimento para servir tanto a defesa como o ataque. Ele não se rendeu às nossas razões, que o aconselhavam a poupar-se, visto ainda não estar completamente sarado da doença. Inscreveu-se. Fizemos uma pequena conspiração para afastarmos Parafuso da ideia de jogar foot-ball no campeonato liceal. Obtivemos que a Associação Académica exigisse que todos os jogadores se apresentassem devidamente equipados. Especialmente tivessem o cuidado de levar sólidas botas de foot-ball para evitar desastres. Neste sentido foi afixado um aviso em que se lembrava o precalço sucedido recentemente a um back do Mindelense. Quem não obedecesse a estas instruções seria recusado em campo.

O tempo prometia invernada forte. Choveu oito dias quási seguidos. Fizemos uma subscrição para uns sapatos novos que substituissem o fleet-foot arruinado de Parafuso. O nosso camarada agradeceu, mas recusou. A tosse sempre teimosa. Fomos ter do médico escolar. Auscultasse Parafuso, porque ele continuava de corpo cada vez mais relampeado. As conclusões do médico foram alarmantes. O nosso companheiro tinha os pulmões em mísero estado. Parafuso foi proibido de estudar. O tratamento era severo e caro. Mudança de clima. Repouso absoluto. Alimentação fortificante. Injecções.

Dondê dinheiro para o tratamento de Parafuso?

20

A Associação Operária Mindelense renasceu. Os delegados das companhias acudiram pressurosamente ao nosso apelo. Zeca Araújo foi perfeito. Visitou os capatazes e expôs-lhes o assunto. Depois nos confessou que meteu coisas por sua conta e risco.

— Para maior facilidade, disse-lhes que é uma medida geral para todas as ilhas. Baixou lei da Praia determinando que todo operário se unisse, pois o govêrno quere entrar directamente em contacto com as suas necessidades.

— Você não devia ter mentido, Zeca. Nós lutamos só com a verdade...

— Ora essa! Verdade ou mentira que foi ordem do govêrno, não é ajuntar essa gente que vocês querem? Vê-se bem que vocês não têm prática da vida... No fim é o mesmo... E deixe-me dizer-vos que a minha ideia deu um resultadão. Vocês sabem, nestas coisas o melhor é a gente meter o govêrno. Ele é que manda....

— De acordo. Mas a ideia é nossa... Você precisava ter-lhes frisado que a mocidade das escolas não está divorciada da vida e tem a consciência dos seus deveres.

— Deixa estar que também toquei este disco. Eu disse-lhes: «Tem aí agora uns rapazes do Liceu que pensam em vocês. Com eles é que devem falar.

Govêrno encarregou-os de tratar deste assunto». Tanto que os delegados vieram ter de vocês...

— Não aceitamos os seus processos, Zeca. Bem, mas você conseguiu o que queríamos. Vai agora uma groguinha?

— Titio não nega...

— Vá lá, que você tem algumas qualidades...

— É deveras... Agora titio quere a patrícia...

Mestre Ambrósio não quis ser nada na Associação:

— Espírito está em toda a parte... Não preciso sentar-me na cadeira para eu estar de alma e coracão com os meus irmãos...

— Mas você também trabalhou muito, contribuiu imenso para que a Associação se levantasse...

— Não faz mal. Qando espírito está presente, eu estou, tu estás, ele está, nós todos estamos...

Foi Mestre Ambrósio que espalhou a ideia entre os trabalhadores da terra. Zeca Araújo ofereceu os seus serviços.

— Tratarei da escrita na loja da Cooperativa...

Entrava nos nossos planos a Associação ter uma loja para vender géneros de primeira necessidade aos associados, pelo custo e despesa.

Sentíamos sangue novo nas veias. Andrèzinho:

— Amanhã, quando pedirem contas à nossa geração, ela pode apresentar esta verba no activo.

A ideia de fazer ingressar os pequenos nego-

ciantes da baía foi minha. Castanha foi o nosso intermediário.

— Castanha, que pensam os bumboatmen àcêrca da sua situação?

— Nada... De resto não há vapores, não há bumboatmen...

— Mas vocês reunidos teriam mais força...

— Ora! A nossa força não chama a navegação para o porto...

— Não é tanto assim. Isolados é que nada podem fazer...

— Podemos fazer como os macacos: tapar os buracos e ir ao fundo... Ainda assim, talvez seja melhor...

Mas José Castanha comprometeu-se. Ficou de falar com os companheiros. Não tinha, porém, nenhum entusiasmo.

— Vocês desculpem, mas parece-me que isto não dá nada. Já vi muita coisa nesta terra. Aqui é cada um por si, Deus por todos. Todos faltam no estreito ao que prometeram no largo... Vou trabalhar para vocês. Mas não aqueço muito isto. Qualquer dia dou um ponta-pé em tudo e vou para Dakar.

— Então sempre pegou aquela proposta que você fêz a Luísa...

— Qual pegar! Ela o que é, é uma soberbona e uma sovina. Lá por ter algum dinheirinho ganho com o negócio do corpo, pensa que é mais que todo o

mundo. Mas deixa estar, nós todos somos filhos de Deus. Soberba saíu da boca e caíu no regaço...

O nosso plano ampliou-se. Eu mesmo lembrei que havia nas ilhas sindicatos agrícolas. Não funcionavam, mas estava tudo regulamentado desde o tempo do governador Fontoura da Costa. Estivemos a consultar as colecções de boletins oficiais de 1917. Concluímos que devíamos mandar circulares para as ilhas. Encarreguei-me de S. Nicolau, para onde escrevi particularmente a José Lima, antigo seminarista de regresso da América, onde fôra emigrante. Conseguida a reorganização dos sindicatos agrícolas, trataríamos de congregar tôdas as associações numa Federação dos Trabalhadores Caboverdeanos. Andrèzinho:

— Bem, meninos, nós estamos dinâmicos... Conseguimos reünir os trabalhadores de S. Vicente. Precisamos agora de qualquer atitude que mostre de forma concreta ao público a nossa inteira solidariedade com aqueles que de facto trabalham nesta terra.

Foi decidido que o grupo passasse a usar fato-macaco. Dias depois estávamos todos envergando o trajo operário, com as iniciais A. O. M. bordadas. Durante algum tempo fomos objecto da troça indígena. Por onde passássemos gritavam-nos das esquinas:

— Ah home!

Nuninha achou que éramos de facto homens. Preguntei-lhe se ainda me queria bem com o trajo de ganga.

— Tu és homem, Chiquinho. Ficas tão diferente dêsses rapazinhos luxentinhos...

— E se amanhã eu fôr operário numa terra grandona? Queres ser a operária da casa dêste que te está falando?

— Maluco! E se fôsses? Operário é gente, Chiquinho... Quero-te de qualquer maneira. Meu coração só por ti anda a viver...

— Então, fica entendido: quando eu fôr operário numa cidade grande, tu serás a dona da casa de um trabalhador chamado... Como se chama o teu operário, Nuninha?

— Não sei...

— Tens vergonha? Diz-me aqui ao ouvido... Qual é a primeira letra do seu nome?

— Mas tu não vais partir, não, Chiquinho? Se fôres, leva-me contigo...

— Se eu fôr mandarei buscar-te...

— Para a tua casa de operário...

— Para a minha casa de operário...

21

O pai de Parafuso estava sem serviço, mas era obrigado a ficar o dia todo fora de casa. Andrèzinho é que teve a idea. Fiquei fazendo um juízo muito diferente do meu camarada. Não, Andrèzinho não

era um deshumanizado. A princípio, eu supunha-o indivíduo que sòmente vivesse para as imagens que a sua inteligência perseguía. O caso de Parafuso revelou a sua piedade ardente, a sua camaradagem comovidamente forte. O estranho orgulho de Parafuso não lhe permitiria aceitar qualquer oferecimento monetário, modesto embora, dos camaradas. Tínhamos a experiência disto. Mais modernamente, a substituíção do seu fleet-foot.

Fizemos a derrama. Cada qual ficaria, além disso, a dar um tanto da sua mensalidade. Pusemos uma mulherzinha com uma lista de subscrição, para socorro de um suposto entrevado. Tudo junto não dava para um tratamento rigoroso, mas sempre chegava para se assegurar a Parafuso alimentação mais fortificante.

O pai de Manuel não fêz objecção alguma. Para todos os efeitos, êle tinha arranjado um bom serviço de apontador nas Obras Públicas. Era o dinheiro do seu salário que estava mantendo a casa e tratando de curar Parafuso. O velho agradeceu-nos. Nunca falta o socorro de um justo para outro justo. Nossenhor no céu não esquece nunca os seus filhos. Passaria os dias fora de casa para o filho não desconfiar.

E assim o nosso camarada tinha por algum tempo os ovos e a carne com que a nossa amisade tratava de aguentar a sua pobre carcassa de quixote tuberculoso.

22

Zeca Araújo veío escusar-se das funções que prometera desempenhar na Associação. Tinha arranjado um emprêgo de guarda de armazéns numa casa comercial, cujo dono lhe impôs como condição desligar-se de tudo.

— Não posso tomar como empregado quem ande metido em brincadeiras de rapazes e fantasias de trabalhadores. Você já tem idade para ter juízo.

Zeca justificou-se:

— A cachupinha é sagrada, rapazes. Tenho mulher e filhos a sustentar...

Muitos passaram a olhar para nós como se fôssemos uma quadrilha tenebrosa de malfeitores, principalmente depois de um projecto de parede que houve entre os trabalhadores de carvão. Um capataz de companhia foi despedido. Os carvoeiros resolveram dar-lhe a sua solidariedade, alegando que êle trabalhava na companhia há mais de trinta anos, e não era justo ser assim despedido. Decidiram não trabalhar na parte da tarde, e encarregar a Associação da solução do caso.

Nha Cidália apavorou-se e prometeu esconder o meu fato e o de Andrèzinho. Por fim despimos o fato-macaco. Só Andrèzinho continuou imperturbável passeando pelas ruas o seu trajo operário, com o seu ar distraído de quem, todavia, tomava fé em tudo.

As nossas esperanças de uma federação do trabalho em todo o arquipélago morreram logo. De S. Nicolau, José Lima escreveu-me uma carta revoltada e desconsoladora. A nossa sugestão, que êle perfilhou entusiàsticamente, não encontrou eco na ilha. «Isto é uma gente impossível, meu jovem amigo. Infatigáveis na enxada, mas nada vêm para diante do casal de terra que estão trabalhando. Não pensam que cada um por si pouco vale, mas que todos juntos, com as vontades tendidas num desejo imperativo de chuva, até conseguiriam que chovesse a tempo e horas. Os gravatas são o que você sabe. Formulei um questionário escrito a que nem se dignaram responder. Vi a mesma coisa na América. As associações caboverdeanas vivem da carolice de meia dúzia; os outros limitam-se a pagar os dólares e a ir às festas musicais e dançantes. No cabo, verifica-se que somos uns grandes musicos. Com um violão e um cavaquinho, somos capazes de ir até o fim do mundo. Sem musica, não valemos a cabeça de um cupim».

Das outras ilhas não recebemos resposta às circulares que expedimos para os sindicatos agrícolas.

23

Foi muito triste o entêrro de Parafuso. A ventania varria tudo furiosamente. Nuvens de pó se levantavam na Chã do Cemitério e na Galé. O dia ennu-

blado, côr de chumbo, destilava uma tristeza lenta para o coração da gente.

O acompanhamento fez uma grande volta, de regresso da igreja, para passar defronte do Liceu. Parafuso. Lá ia êle no esquife longo. Em casa, à saída do corpo, a mãe abraçara-se ao caixão, que mandámos fazer. Nos olhos dos garotos havia uma curiosidade receosa por aquela gente desconhecida que ia buscar o irmão. À frente seguia a deputação académica, com o estandarte do Liceu desfraldado. Quando o acompanhamento chegou defronte do Cemitério Velho, fizemos uma paragem. Lá em cima, na encosta da colina, ficava a casa de Parafuso, no Monte Sossego. Nha Noca juntou-se à companha pouco depois. O vento trazia terra vermelha para as nossas cabeças. O poente era côr de chumbo. Mal se adivinhava o sol, de trás das nuvens espessas.

O corpo do nosso companheiro baixou lentamente à sua morada. Parafuso. Nha Noca veio arrimada no meu braço e no de Nónó. Andrèzinho parecia estar tomando fé para a direita e para a esquerda. Fomos levar a mãe à casa. O pai estava sentado fora, a olhar não se sabe para onde. Nha Noca tinha deixado de chorar quando o corpo do filho deu entrada no cemitério. Encontrou outras mulheres em casa fazendo a guisa. Adeus Parafuso. Nunca mais os irmãozinhos haviam de ver Manuel de Brito. Nha Noca recebeu as nossas condolências.

Dondê a esperança de nha Noca num futuro me-

lhor, assegurado por Parafuso? Deus havia de olhar por aqueles meninos, que ficavam sem o irmão mais velho, que era a esperança da casa.

No ano seguinte Mano tinha de se matricular no Liceu.

Nha Noca ficou junto do marido, encolhida no seu chaile surrado, batido pela ventania que vassoirava tudo, vassoirava as nossas almas também. No coração dos dois velhos erguia-se uma nova esperança. Mano ia entrar para o Liceu. Pêna já não haver Parafuso para lhe ir ensinando as coisas novas que êle iria estudar. Parafuso.

24

O luar está vestindo a Ribeira Bote de branco. Nunca ela esperou ver as suas casas caiadas com um branco tão bonito. Há vozes nas portas-da-rua. A miséria deixou-se vencer pela riqueza de prata que cai do céu.

Os garotos, sentados na rua, pensam que Dina Lua é que está mandando tanta riqueza.

— Quero um saco cheio para comprar tôda qualidade de coisas...

— Eu quero tôda qualidade de coisas, mas também dou aos pobres...

— Já não tem pobre, rapaz...

— Uá! Tem pobre muito bem....

Passa uma estrela cadente.

— Cavalinho de Nossenhor está correndo no céu...

— Nossenhor não anda a cavalo, rapaz. Êle tem automóveis como areia...

— E quem é o chauffeur de Nossenhor?

Chegam até nós os sons de violão e clarinete de um batifundo. A casa fica no alto de uma subida. A luz de petróleo projecta fora sombras de gente dançando.

O luar vence o clarão da luz eléctrica que vem da cidade. Nónó continua resmungando motivos de uma morna nova. Vamos divagando sem rumo por entre os casebres de madeira. Andrèzinho anda à cata de apontamentos para o seu "inquérito nocturno". Depois serão os outros bairros populares, Monte Sossego, Craca, Alto de Selarino, que receberão a nossa visita.

Parámos junto de uma casa de lata e madeira. No terreiro em frente estão conversando um velho, uma velha, uma vendedeira do Pelourinho e um bumboatman. O velho não está a fumar. Não há recurso para a comida quanto mais para o fumo. Lá dizia o antigo que Pobreza é mãe da Virtude.

A vendedeira do Pelourinho:

— Nunca vi esta terra assim, velho.

— É de-veras. A criatura, durante o dia, olha para diante, olha para trás, e só vê a consolança da graça de Deus...

A velha:

— Destino é coisa forte, compadre. Eu já tive dinheiro guardado no fundo da caixa.

— E eu enjeitava trabalho, porque não podia dar vencimento. Quando foi da greve de nhô Mané Ponteiro, dei libras para agüentar o movimento...

O bumboatman não vende nada há que tempos. Vapores não tem. E quando tem trazem tudo, não compram nada.

A vendedeira do Pelourinho já botou o milho na água. Ela tem de se levantar de madrugadinha para pilar o milho. Logo às seis terá pilado o cuscús. A mais nova sairá vendendo com o taboleiro. Mas ela está apreensiva com o dinheiro do milho que ainda tem de pagar. Já tem um alqueire em dívida ao fornecedor. Negócio não está dando. O fornecedor é capaz de lhe fazer penhora nos tarecos da casa. A verdura que vem de S. Nicolau e de Santo Antão é negócio de coisa nenhuma. Muito trabalho e no fim quási tudo se estraga.

A vendedeira:

— Fina está para parir...

— Quem é o pai?

— Dizem que é um rapaz da Companhia d'Óleo...

— Talvez seja a sua felicidade...

— Pode ser que sim... Quem sabe se não, velho?

— Você já falou com o rapaz? Se é dêle, deve tomar o filho...

— Qual falar! Tenho-lhe é raiva. Êle fez isto

comigo porque eu estou como estou, mas se fôsse antes, quando eu podia, não aconteceria o que aconteceu...

— Dinheiro é respeito.

— Bem dito, velho...

— Pobre é escarrador de todo o mundo...

— Se eu pudesse, botava o malandro no braço da Justiça.

— Não sei por que Deus fez a pobreza...

— Destino, vocês não estão vendo?

— Agora é destino! Deus é que governa o destino.

— Pode ser que tenha um govêrno de-riba de Deus... Ninguém sabe...

— Cale a boca, filho-de-parida, você é capaz de ficar com a boca torta...

— O antigo dizia que os dentes da boca, filhos da mesma mãe, não são iguais.

— Mas todos são filhos...

— Você tem razão, velho. Por que será que uns comem e outros levam pescoçadas?

— É lei que vem do princípio do mundo.

— Quando Fina me confessou o que tinha, disse-me que queria perigar.

— Abôrto é pecado...

— É isso mesmo... Tirei-lhe a idea da cabeça. Mais tem Deus para dar que o diabo para levar...

O velho:

— E depois, quem sabe? Pode vir um menino de

capacidade. Você está vendo o que seria mais para diante um rapaz de cabeça clara na sua família? Você estará feliz... Se eu tiver necessidade de qualquer govêrno irei lá, ou, por outra, eu não, que nessa altura já estarei semeado...

Do batifundo vem uma voz cantando melancòlicamente. O velho ficou parado, de cabeça pensativa. Parece que uma saudade muito fina peneira no seu coração. Saudade é sol da velhice. Se não fôssem as pernas, talvez ele viesse connosco chaleirar a música que tocam no batifundo. E o seu canhoto acendia-se novamente com o lume novo vindo do coração.

Destinguem-se perfeitamente as variações melodiosas dos bordões do violão. A morna está falando das águas do mar azul, «mar de anil sagrado».

Agora há mais sombras dançando. No fim da subida a casa surgiu-nos de surpresa, fantasmada sob o luar. As raparigas descaem sôbre os ombros dos chevaliês. Uma rapariga da Boa Vista canta enquanto dança. Um mulato escuro parece que quere convencer a sua dama. A rapariga tem mesmo cara de quem está acreditando no seu ar sentimental, que lhe promete casamento. Talvez o mulato esteja pensando é em tirá-la de casa. No cabo, é a mesma coisa. Casada ou amigada, o destino é o mesmo. Não é preciso bênção de padre para parir os filhos e largá-los no mundo.

Acabou a peça. O mulato escuro e a rapariga debruçam-se na janela e ficam a ver a noite.

— O luar está bonito, está fazendo a gente querer companheiro muito...

— Mas o luar é falso... Ele pode dizer uma coisa e o coração outra...

O mulato escuro é de Santo Antão. Na sua hortinha de cana tem um terreiro de trapiche. Ele cantará no terreiro, atraz dos bois, se a rapariga for com ele para a sua hortinha. Ela tem medo de atravessar o Canal.

— Eu estarei no navio... Comigo não há perigo, porque sou rapaz lançado...

A ilha de Santo Antão perfila-se ao longo do Canal. Há um vulto de vapor desenhado nas nuvens que cobrem as rochas da Ribeira das Patas.

Continuámos o nosso inquérito pelo bairro. Encostado a uma esquina, um rapaz sifilítico está à espera de alguém. Um bando de meninos brinca perto uma dança de roda. No meio dêles uma mocrata da vida. Ela traz um vestido encarnado. A-pesar-do vestido encarnado, não perdeu a vontade de brincar. Tanto que ela está cantando com os garotos esta cantiga tão alegre de menino:

Jardineira das tantas rosas,
são rosas das colegueiras,
três brancas, três amarelas,
dá um beijinho
em quem tú quere...

A Ribeira Bote está um atravancamento de casebres. Ela parece uma mãe muito fecunda parindo a pobreza. Deviamos talvez ter trazido Zeca Araújo. Ele conhece a vida íntima da Ribeira Bote. Seria um óptimo elemento para o inquérito nocturno de Andrèzinho. Zeca tem na Ribeira Bote muitos compadres e muitas comadres, do tempo em que ele podia.

Há um fantasma perfilado. O pé de coqueiro parece troçar de todo o mundo. Junto das casas, dentro dos chiqueiros, os porcos dormem. Um cachorro, enroscado perto de uma porta, ladra à nossa passagem. Lá dentro dormem os pais e os meninos. Os resguardos que os mocinhos trazem ao pescoço afastaram o lobisomem que lhes queria chupar o sangue. Se não houver muito cuidado, o sétimo vira lobisomem e sairá à noite rondando as casas, a ver se pega menino que não esteja protegido por resguardos e orações.

Caminho da casa, o Monte Sossego estendeu-se ao luar, à nossa esquerda. Na forca do alto, a abertura para Fernando Pó. Travou-me a saudade pungente de Parafuso. Nunca mais, Parafuso. Dorme o teu sono no Cemitério Novo. Nesta agorinha nha Noca deve estar sonhando contigo. Mano também. Por que não vens, Parafuso, ensinar-lhe os primeiros mistérios da gramática?

25

O «Puritan» levava-me para S. Nicolau. Como bagagem para a vida, tinha o 7.º ano dos liceus. Não pude vislumbrar para que me ia servir o meu diploma. Ficava-me sem sentido a viagem a S. Vicente, com que tanto sonhara em S. Nicolau. Como me tinha desiludido a terra magnífica da minha infância, que eu adivinhava povoada de imagens da civilização do mundo!

Vida rarefeita, foi o que vi. Eu e os do meu grupo não encontrámos um grito que se concertasse com o nosso. Faltava-me a fé robusta de Andrèzinho, que não cedia à indiferença geral. A iniciativa malograda do nosso jornal, morto à falta de leitores, com dois números apenas, não impedia que ele agora estivesse pensando numa revista e na organização de uma antologia da literatura popular caboverdeana. Cada um de nós levava para as ilhas a sua alínea dentro do programa geral do Grémio. E a Associação Operária Mindelense era casa sua, em que ia discutir com os trabalhadores planos e programas de reformas.

Nós todos estávamos no centro de uma encruzilhada sem saída visível. Agricultura, funcionalismo, comércio, tudo caminhos em que não luzia uma esperança.

A cidade ia-se perdendo à medida que o veleiro rumava para S. Pedro. De longe ela era uma massa confusa de cadáveres cinzentos. Cidade morta. Dir-

-se-ia que um vampiro colossal tinha sugado a alma da cidade.

O sol poente era a única nota digna naquela paisagem de cemitério. Os reflexos do poente fantasmavam a rocha do Verde de um roxo desmaiado de bougainville de sonho. Depois que o sol mergulhou na água, flexas de ouro irromperam do mar.

Dondê Chiquinho, que não vai apanhar os tesouros do fundo do mar, que aquelas flexas de ouro estão indicando?

AS-ÁGUAS

1

O meu primeiro contacto com a minha gente foi quási doloroso. A-pesar-da alegria que no fundo de mim havia em reencontrar os lugares e as pessoas que haviam formado o meu mundo de criança, ainda tão próximo, era quási um estranho que Mamãe e Mamãe-Velha recebiam na nossa casinha do Caleijão. Eu já não tinha mais o mesmo sentido para a frase que a minha avó constantemente repetia:

— Esta casa foi feita com dinheiro ganho de-riba da água do mar...

Por que não sentiria eu ainda o frémito de entusiasmo heróico que me possuía quando Mamãe-Velha recordava a figura do marido morto tão novo? Lá estava sempre no mesmo lugar da parede, a gravura da pesca da baleia, diante da qual eu sonhara tanta vez. Por que me haviam dado alguma instrução, por que me haviam feito viver a experiência de S. Vicente, em que o arquipélago desemboca com as suas ilusões, imediatamente seguidas de desencantamento? Para quê? A revolta surda que eu senti contra aqueles que me puseram na prenda, para fazerem de mim *homem grande, homem de capacidade*...

— Este menino está diferente — dizia constantemente Mamãe-Velha.

Titio Joca veio logo da Praia Branca ver-me. Com seu jeito estranho de dizer as coisas, começou

por me dar pêsames. E os seus pêsames cairam-me como a própria verdade, no côro alvoroçado dos homens de enxada, das mulheres da lenha de tortolho, e dos velhos encanecidos no trabalho das hortas e nas manobras dos veleiros, para quem o saber é a maior riqueza deste mundo, e que iam salvar alegremente o menino *esperto* que tinha tanta prenda na cabeça.

— Este menino está diferente...

Ainda assim, Tói Mulato era quem dava companhia ao meu espírito. E eu sentia uma outra espécie de respeito perante os velhos que falavam da vida nhanida da enxada, dos horizontes do mar, e das belezas incomparáveis que êle guarda aos seus herois. Não compreendia como a minha inteligência não tinha conseguido absorver as emoções elementares que me solicitavam para aquela terra que me achava diferente. Totone Menga-Menga era sempre um velho muito velho morado numa casinha coberta de palha no massapé do Chamiço. Lela e Nanduca continuavam gostando dos casos de nha Rosa Calita. Ela aparecia sempre, com o seu farol apagado e as suas histórias.

Eu era da mesma idade que os meus irmãos mais novos, ao ouvir aqueles casos todos dc Roldão, de Brancaflor, de Galalão. E Ti Lôbo enganado por Chibinho.

De-dia, quando não andava fora em longos passeios, ficava encerrado no meu quartinho. Lela e Nanduca tratavam-me com respeito grande.

Servia-me disso para lhes proibir a entrada no nosso quarto comum. Muitos me achavam orgulhoso:

— Chiquinho virou soberbo com a prenda que foi buscar em S. Vicente...

Senti cruelmente a falta dos meus companheiros do Grémio. Queria era ter ali comigo Andrèzinho levantando teses sôbre a *situação humana* da minha ilha. Sorria-me ao vê-lo *reagindo* perante o *caso* de S. Nicolau, com seu gesto de cortar o ar com a mão direita.

— Nós somos pássaros engaiolados. E o pior é que a porta da gaiola anda sempre aberta, e contudo não podemos sair dela...

Nónó fazendo as suas mornas e preconizando poemas sôbre motivos que fôssem nossos, *bem nossos*:

— Rapazes, vamos condenar os fiordes da Escandinávia a degrêdo perpétuo...

E Cara-Bonita também. Alce tinha gostado de Maninha. Mas veio o Tubarão e levou-a. Os marinheiros do cais e os rocegadores de carvão da baía tiraram das suas entranhas a morna dolorosa e lúgubre do *Tubarão:*

Tubarão, tubarão, bô ê mau,
Oh mar, bô ê funde...

O marinheiro pede ao tubarão que tenha piedade, para êle poder ver outra vez os seus irmãozinhos. Mamãe era muito velhinha e não podia mais trabalhar.

Eu desejava adormecer ouvindo as mornas de Nónó. Como «Eclipse», que tirou quando foi repelido por uma moreninha que êle queria bem.

— Êste menino está diferente...

Escrevi longas cartas aos meus camaradas. Descambei na lamentação lamecha, que sempre me repugnou. Depois fiquei esperando com uma espécie de terror a vergastada sêca que o «Erudito» me havia de dar na sua resposta. Procurei não pensar em Nuninha. As minhas esperanças de casamento, nascidas com a chegada do novo governador, foram emoção ocasional de uma tarde de S. Vicente, morrendo docemente no desamparinho do crespúculo. Os montes em volta desmaiando côr de bougainville. A velha da esmola desejava que nós fôssemos um casal muito feliz, com filhos como areia. O que eu sentia à minha volta não possibilitava o meu casamento com Nuninha.

— Quero ver se no teu coração tem lugar só para mim...

Mas eu via-a na minha frente. Enternecia-me, chorava, sentia raiva de Nuninha enganando-me, tinha ciumes, e redigia mentalmente cartas tremendas rompendo. Melhor ainda um sêco cartão-de-visita:

FRANCISCO ANTÓNIO SOARES

agradece os momentos agradáveis, e lamenta comunicar que a sua vida tem agora um sentido diferente.

Nuninha não compreenderia os dizeres demasiado literários do cartão. Ensaiei nova redacção. Mas não encontrei estilo exacto. Caí em crises de sentimento. Queria ter Nuninha junto de mim, beijar o seu cabelo ondulado e os seus olhos cerrados. Não pensava em aspirar-lhe a bôca veemente.

Mamãe-Velha não me largava à hora das refeições. Devia ser fraqueza. S. Vicente não tem comida forte que dê boa substância ao corpo. Tudo já lá chega murcho.

— Nada como a comida que a gente tira da horta e sabe de onde vem...

Depois, eu tinha dado um grande pulo. Estava agora um verdadeiro homem. Tinha arca que exigia comida para se encher de carnes. Com um bocadinho mais de almofada, eu era a figura de meu avô.

— Basta, Chiquinho faz-me lembrar só Que-Deus-Haja...

E vinham os pormenores da semelhança, o tamanho do corpo, os olhos, a boca e principalmente o cabelo de indiano.

— Lela e Nanduca puxaram mais para Antônio Manuel...

Nina, coitada, era a minha figura. Mamãe acrescentava que parecíamos gémeos. Tão boazinha, Nossenhor a quiz para si.

Nós dois tínhamos puxado para o moço pescador de baleias que morreu no mar quando o seu navio desapareceu no Golfo, em viagem da América para Cabo Verde.

O padrinho de Nanduca veio à nossa casa. Chegou com muitas cerimónias, e envergando o fato preto dos grandes dias. Não quiz requisitar a cadeira-de-balanço para gozar a sombra do pé de azedinha. Sentou-se com ar muito protocolar. Eu e Mamãe fazendo-lhe sala. Havia um silêncio constrangido perante a atitude do Sr. Mano Almeida. Não fôsse a gravata clara, Mamãe havia de pôr na sua cabeça que havia notícia ruim. O Sr. Escrivão de Fazenda rompeu o silêncio felicitando-me. Como filho de S. Nicolau, regozijava-se por ver um moço tão inteligente e aplicado, que no Liceu tinha honrado as tradições do Seminário e da ilha:

— Porque, digam o que quizerem, como o Seminário não tem, para diferençar o homem das alimárias. Não desfazendo, mas estou certo, Chiquinho, de que tu sentiste nìtidamente os beneficios da tua preparação no Seminário...

— Sem dúvida...

— E depois, êste sossego... O estudante pode aqui trabalhar, sem as distracções dos meios grandes. Aqui é só livros. Nada há que distraia a atenção do estudante...

Senti uma raiva surda ao Sr. Mano Almeida. Então não me havia servido de nada o que vi e ouvi fora do Liceu no meu tempo de S. Vicente? Tive pena de não estar presente todo o Grémio, para em conjunto darmos uma estocada funda nas ideas do Sr. Escrivão de Fazenda. Enguli as réplicas veementes que sentia dentro de mim.

— Chiquinho, sabes, eu tenho todo o interêsse no teu futuro. Conheci-te ainda eras rapazotinho. Sou da casa. Compadre é irmão dos pais e pai para os filhos. Esta casa espera que tu a auxilies e olhes pelos teus irmãos mais novos. Lembra-te de que o teu pai trabalha no pesado na América...

Quem deu ao Sr. Mano licença para falar de assuntos que eu entendia melhor que êle? Eu calado, ouvindo. O Sr. Mano perguntou por Nandúca para lhe botar a bênção. A-pesar-dos seus doze anos feitos, Nando veio sorvendo o ranho do nariz. Fugiu ao padrinho assim que pôde.

— Já me chegou aos ouvidos que estás um pouco esquisito. Deixa que eu te dê um conselho, Chiquinho, sabes, velho é como árvore antiga, árvore velha tem melhor sombra...

O Sr. Mano parou na sua exposição. Interrogou Mamãe com os olhos. Depois rompeu:

— Comadre, você sabe, o meu dever é comunicar-lhe o que se diz. Ora eu sei que dizem que Chiquinho está um pouco, como direi, soberbo, é mesmo soberbo... Estou pensando, comadre, que hoje em dia é um bocado perigoso a gente dar prenda aos filhos. Você sabe, comadre, êsses moços de agora pensam que êles é que fizeram o mundo...

Mamãe respondeu-lhe com duas pedras na mão. Ela ainda não tinha perdido, louvado Deus, o juízo com com que veio da barriga da mãe. Agradecia muito ao compadre o seu interêsse, mas sabia com

certeza certa que Chiquinho era ainda o mesmo menino bom que ela criou debaixo de hissope e água-benta. Deus sabe da vida de cada criatura. O compadre dormisse descansado, que a casa de António Manuel, graças a Deus, não era arame em que se ande aos tombos.

Nem que fôsse encomendado, Mamãe-Velha surdiu da porta do interior, de lunetas encavalitadas na ponta do nariz, e nas mãos umas calças em que ela estava enjeitando uma botana. Assim que soube do assunto da conversa, a sua energia deflagrou:

— Vaca maninha é pior que vaca prenha, nhô Mano... Quem não tem não perdoa a quem tem. Se Chiquinho fôr carga pesada, nós, que o agüentámos tamanhinho, poderemos, louvado Deus, sustê-lo nêste balanço...

— Mas eu sou compadre, compadre é pai...

— Pai é quem fêz e mãe é quem pariu! Você não sentiu as dôres da parição, não, nhô Mano?

Mamãe-Velha tinha dêstes realismos saborosos.

2

Fixei-me na Vila, por alguns dias, em casa de parentes. Pretexto para estar mais perto das minhas novas amizades, o Sr. Euclides Varanda e José Lima. À noite, o meu passeio constante é o caminho do

Lombinho de Cima. A Vila bruxuleia na mortalha da escuridão. Pobre necrópole de raras lâmpadas acesas nas encruzilhadas asiagas das esquinas! Que hei-de fazer? Prolongo o passeio, rumo à Telegrafia, mas lá está, insistente, o panorama lúgubre da Vila morta. Esta vidinha miúda da Vila... Como se pode viver neste rítmo monótono, que adormece como um ópio? Todas as noites durmo embalado pelo ruído constante, uniforme, da água que cai da Bica da Passagem. Dentro de mim há um não sei que marulhar confuso de grandes ondas que chocam nas minhas espectativas de vida. Mas esta bica faz chegar tudo diluído. E não há quem venha extinguir o seu sussurro, que salmodia fleumàticamente a morte da vida.

Algumas vezes organizo na minha consciência um tribunal solene. A acusação irrompe-me incisiva, violenta. O meu tribunal condena sem piedade aqueles a quem chamo desdenhosamente «os gravatas»

— Que é que vocês estiveram fazendo, dorminhocos de má morte?

Limpem este caminho, que eu quero passar com o meu cortejo triunfal de esperanças!

Sinto que todos me olham com desconfiança. Não que me tenham ódio. Não há aqui na Vila a fôrça tónica que produz o ódio.

Vou algumas vezes ao Terreiro, à noite, e oiço a conversa dos mais velhos. Mas êles não me falam directamente. Vêm com uns desvios de linguagem

em que se sente uma experiência secular de exprimir o pensamento sem o compromisso do corpo-a-corpo corajoso das opiniões desassombradas.

Mas que querem de mim? Que atitude esperam que eu tenha, aqueles a quem o meu tribunal chama «os gravatas»? Mas eu desejaria que êles percebessem o vivo impulso de colaboração que há em mim. O que não conseguem é matar esta labareda que me ganha, me impele para êles, mesmo nos momentos em que o meu tribunal os condena impiedosamente. Se êles pudessem sentir o calor desta amarga afeição que me liga inelutàvelmente às suas fisionomias indecisas...

Onde estarei amanhã? Nem eu próprio sei. Mas tenho a certeza de que, onde quer que esteja, lá sentirei a voz mansa dos que murmuram à noite, no Terreiro, assuntos de política local, no conjunto das grandes vozes que me hão-de indicar o caminho do regresso cansado para o meu berço.

Que discutem êles, à noite, nos bancos dorminhocos do Terreiro? Não discutem nada. Falam imperceptìvelmente, sob a sombra confidente do busto do Dr. Júlio. Baixinho, que as paredes têm ouvidos...

O Largo da Sé adormece lentamente ao som daquelas vozes que sairam já adormecidas. Os garotos untaram de óleo os bancos em que êles costumam sentar-se. Êste *êles* é uma obsessão em mim. Quero combatê-los, que diabo, sou portador de ares novos

que os hão-de ajustar à vida grulhenta que se agita para além da Ponta da Vermelharia. Sei que o ar que respiro está cheio da influência *dêles*. Tenho uma idea? Logo aparece um *dêles* que segreda na família qualquer coisa de terrível contra mim. E a minha idea estrebucha debaixo da capa estrangulante do que *êles* disseram em casa.

Tudo me repele. Tudo me quer dar a impressão de eu não ser dêste meio.

Tôdas as vezes que saio depois do jantar e quero passear as minhas esperanças, da noite amortalhante e das conversas amortecidas do Largo da Sé vem-me uma impressão física de agressão.

3

Deram-me uma grande novidade: O Sr. Euclides Varanda foi apanhado rondando a casa de Gaída. E o mais singular é que êle não se escondeu nas sombras da ruela onde morava a crioula. Apitou três vezes, e, quando a rapariga apareceu à meia-porta, disse:

— Sou o Quiqui...

Depois entrou, todo empertigado, com o seu passo metódico de quem tem tudo regulamentado na vida. Achei esquisito aquilo de o velho estar fazendo vida de rapaz. Além disso, Gaída, que me mostraram, era

uma crioula sólida, com uma côr acanelada, revendo saúde insolentemente. José Lima explicou-me:

— O velho quer ter um filho...

— Nesta idade? Para quê?

— Diz que errou a vida e quere deixar alguém que viva como êle desejaria ter vivido.

Não compreendi. Era quási uma imagem nova para mim, o Sr. Euclides Varanda. Eu conhecera, em garoto, a sua figura sêca e direita. Causaram-me sempre espécie o bigode branco, inquieto, de pontas com uma mobilidade constantemente interrogativa, e os olhos muito vivos e muito infantis de-trás das lunetas de aros de metal branco.

Tomei gôsto por aquele passeio pela tarde maravilhosamente mansa na estrada do Lombinho, com o velho e José Lima. Eu revia a terra, depois de dois anos de S. Vicente, em que o mar, sempre à vista, é uma presença obsidiante. As hortas da margem esquerda adquiriam um único tom, verde-escuro. Os coqueiros eram os gigantes que comandavam o exército humilde da vegetação. E à noite viravam lobisomens e cumprimentavam com grandes vénias a Vila adormecida em pavor.

— Eh coqueiro, você está galalão...

— Boa noite, menino. Sobe no cocuruto para tu veres direito as estrelinhas do céu...

— E lá de cima eu pego uma estrelinha?

— Sim, menino, tu pegas uma estrelinha e depois viras mais rico que todo o mundo...

— Uá, coqueiro! Você é mau! Minha mãe é que disse...

— Ela enganou-se, juro pelo fim da minha alma. Sou tão pobrinho... Espia o meu corpo magro, menino, parece-te que eu sou mau? Ladrão não é magro, ladrão é gordo, porque ladrão furta comida de pastor, de lavrador e da mesa do rei...

— Vou já galalão...

Alongávamos o passeio até Pico de Mãe-Clara. O Sr. Euclides fazia sempre questão de chegar até onde pudesse enxergar a Praínha direito. Para a esquerda, via-se a mancha branca de uma casinha, mesmo na selada do Boqueirão. O Sr. Euclides tinha mandado construir a casita, que tinha um só quarto e era coberta de palha. Uma janela dando para o mar do Norte. Eu soube por José Lima que na Vila tinham estranhado que naquela idade, e sem filhos, o Sr. Euclides Varanda tivesse a idea de levantar uma casa, e logo num lugar ventoso e árido. Mas até certo ponto, tudo era desculpado ao velho. Todos viam que êle era maluco. Só mesmo de maluco aquilo de passar a vida a escrever um livro de que ninguém conhecia uma página. O velho, de resto, impedia com um pudor quási feroz que lhe devassassem a obra:

— Depois da minha morte verão...

Também, os homens direitos que se sentavam todas as noites nos bancos do Terreiro não o tomavam a sério. Até pagavam a garotos para irem rasgar

o rectângulo de papelão em que ele escrevera o seu letreiro famoso:

> À PORTA DE UM ESCRITOR NUNCA SE BATE, PORQUE NUNCA SE SABE A HORA EM QUE ELE ESTÁ ESCREVENDO UMA PÁGINA ETERNA.

Um dia vi José Lima de-veras indignado com a partida que haviam pregado ao sr. Euclides na noite anterior. Durante muito tempo alguns gravatas estiveram perturbandò o sono do velho, gritando-lhe: Quiqui!, e chorando-o, como se ele tivesse morrido:

— Adeus, Quiqui, para a terra da saudade...

— Estes homens têm o defeito de nunca terem visto horizonte mais vasto. Não compreendem que cada qual tem o plenissimo direito de viver em imaginação o que não pode viver de verdade. São dotados de uma capacidade de troça que excede a sua experiência. Pois este velho vale mais que todos eles juntos. Os outros só vêm a chuva que não cai sobre as hortas, e as suas *bacas* que morrem por falta de pasto. O velho tem do mundo uma imagem mais generosa.

José Lima caía logo no assunto da sua experiência americana. Ele tinha uma maneira sempre nova de dizer as coisas. De cada vez as suas palavras traziam um aspecto diferente para mim. Contou-me as suas ilusões de adolescente. A sua vida de estudante in-

teligente, mas inadaptado, do seminário. O seu desejo de se evadir dos compêndios e fazer deles o ponto-de-partida para a descoberta de novos mundos da Inteligência. Esse desejo sempre insatisfeito e a inconformação com a vida medíocre que o esperava nas ilhas fizeram-no emigrante. Depois, foi a cena, para sempre dolorosa ao seu espírito, na Casa da Emigração, em New Bedford. O exame humilhante a que o submeteram. Ele levava um fatinho qualquer de kaki com que supunha estar muiio bem trajado para o desembarque. O veleiro ainda no Stream, viu o ridículo da sua indumentária, logo assim que receberam a visita das autoridades americanas. Por fim, foi o horror de um desabalado fato azul escuro e de umas botas enormes com o bico de carambola, que um patrício lhe deu para saltar. Gente reunida nos cais. Dixotes que fustigavam o jeito canhestro do *green* que desembarcava de um navio-de-vela. Seus companheiros de emigração iam com o sorriso bom de quem, do mundo, nunca tinha visto outra face, além da horta que largaram para trás. Nas fábricas de algodão ele ganhou a tosse seca que cortava a miude as suas conversas. Mas a sua experiência enriqueceu-se extraordinàriamente. Em Second Street, em Acushnet Avenue, em Water Street, foi encontrar Cabo Verde reproduzido em minúsculo na terra americana. O pilão cochindo o milho para a cachupa. O banco de urim. As cantarolas com viola e violão, como nas ilhas. Toda a gente falando crioulo misturado com palavras

e frases americanas. A esquina, o *jew* impingindo a sua mercadoria. E o badio caindo. Casaco grande de mais, de preferência a casaco justo, porque leva mais fazenda. Maneira inconsciente de enganar judeu. Era a capacidade de resistência das ilhas que ele via no cabo do mundo. Porquê essa impermeabilidade ao ambiente?

Depois mergulhou nas bibliotecas. Aprendeu o inglês depresssa. Matriculou-se num Senior High School. O humilhante da sua condição de *portuguese black man* contactando a alegria triunfal de conhecer novos mundos. E no cabo foi a lição americana. Ele viu de que o homem é capaz.

— Já conheces o meu ponto-de-vista a esse respeito...

Não fiquei estranhando que os homens sérios da Vila chamassem José Lima revolucionário. Ele era, de facto, uma pessoa diferente deles. José Lima era um revolucionário.

4

O Sr. Euclides Varanda morava numa casinha ao pé da ponte. Vivia sòzinho, apenas com uma criada velha que lhe arranjava a casa e cozia a comida. Preguntei-lhe por que não tinha consigo alguma parenta que olhasse por ele melhor e lhe desse assistência.

— Não conheces o mundo... Parente é pai e

mãe. Irmãos quando calha. O resto algumas vezes costuma dar certo...

A casinha, além das dependências, tinha duas divisões. Numa, o quarto do Sr. Euclides. A outra, logo à entrada do peitoril da escada, era o gabinete de trabalho do velho. Na parede havia apenas os retratos dos seus pais, sobranceiros à secretária larga de laranjeira, feita na ilha, e o quadro com o diploma da nomeação do Sr. Euclides para escrivão da Alfândega.

— Naquele tempo a estação era na Vila. Na Preguiça só havia um posto fiscal, que comunicava as ocorrências.

O Sr. Euclides fez carreira até segundo oficial. Aposentou-se e veio morar de vez na sua terra. Contou-me que estava farto de desilusões. Além disso, sem filhos, fez os maiores sacrifícios, vendeu hortas e tirou dos seus vencimentos o suficiente para educar em Lisboa um sobrinho que não deu nada.

— Tirou o curso completo da pândega e regressou ao porto de origem com uma porção de dívidas que cá o velho teve de pagar.

O seu quarto de trabalho era um atravancamento de livros, almanaques luso-brasileiros, jornais velhos e boletins oficiais. Um dia o Sr. Euclides mostrou-me um número do Almanaque, encadernado em carneira, que guardava religiosamente na gaveta da secretária.

— Êste número é sagrado para mim... Estimo-o como talvez não estime muitas pessoas...

Aventurei uma dúvida. Expuz ao Sr. Euclides as restrições que eu fazia aos almanaques, com os seus logogrifos e charadas, e a correspondência impossível das primeiras páginas.

O velho esclareceu:

— Não falo de almanaques, falo dêste número do Almanaque Luso-Brasileiro...

— Sabe, Sr. Euclides, nós hoje queremos coisas mais directas, mais incisivas...

— Nós quem?

— Nós os novos...

— E eu não sou novo? Deixa-me explicar-te, Chiquinho. Velhice é como um destino. Há gente que já nasce velha... A gente traz a velhice dentro de si, ou não a traz, como poderá trazer outras qualidades, da barriga da mãe. E eu não nasci velho... Nasci moço e hei-de morrer moço...

O Sr. Euclides, excitadíssimo, passeava agitadamente pela salinha. De quando em quando interrompia o passeio e ficava parado, resmungando como se não houvesse ninguém presente:

— Moço! Como se só êles fôssem... Resta saber qual de nós é mais... Êles não conhecem a fôrça do Grande Foco Gerador. Haverá alguém que falará por mim, depois, há com certeza...

Quando o velho serenou, perguntei-lhe a história do número do Almanaque. O Sr. Euclides sorriu-se. Pegou no volume, e abriu-o numa página que estava marcada com uma tira de fita azul. Aproximou-se da

janela e, encostado à bandeira de pau, ficou um longo momento embebido na leitura. A sua fisionomia transfigurara-se. O velho estava arrebatado com a leitura de qualquer coisa, que fiquei com curiosidade de conhecer. Depois veio colocar o número aberto diante de mim.

— Lê e depois dá-me a tua opinião. É a primeira composição que publiquei. Mandei para o almanaque e tive o primeiro prémio de poesia. Este volume é sagrado. A poesia que publiquei é a primeira vitória das minhas forças espirituais sobre a Matéria... Lê e aprecia, mas francamente... Quero esta poesia muito...

Comecei a ler para mim.

— Lê em voz alta! Gosto da tua leitura...

A poesia intitulava-se «Trindades». O poeta Euclides Varanda dava a impressão da sua alma de «devoto da Verdade Eterna» perante «a grande voz de Deus omnipotente». O poeta, do alto de um outeiro, «divisava» a ermida, «que se erguia, branca e contemplativa», em atitude de quem dirige aos céus a prece das almas confortadas na paz que Deus lançou com mão pródiga sobre os filhos do «seu amor imenso». E a vida humilde da ermida era «embalsamada» dos aromas de rosmaninhos e alecrins silvestres, que tinham no seu acre perfume a marca «indelével» «da força criadora e alma do Universo». Que é que de súbito se ouviu neste cenário de maravilha, que transportava o espírito «aos páramos elíseos» onde «deambulam

as sombras dos bem aventurados»? As badaladas suaves da Avè Maria. E o poeta deu a nota do seu carinho filial pela Virgem Mãe. O Angelus era a asa do Senhor roçando com infinito amor pelas almas atribuladas das criaturas...

Interessou-me sinceramente a emoção religiosa que se sentia atrás dos alexandrinos mal medidos do poeta. Lembrei-me da poesia da Harpa do Crente. Preguntei ao velho se não teria sofrido uma forte influência de Herculano. Disse-me francamente que sim.

— A Harpa do Crente era a minha bíblia de cabeceira. O Soares de Passos e o Tomaz Ribeiro também. Foram os companheiros mais assíduos dos meus lazares de funcionário. O «Firmamento», que beleza, que pujança de concepção...

De Tomás Ribeiro ficou-lhe o gosto da rima encadeada e a quadra:

Triste de quem der um ai
sem achar eco em ninguém...
Felizes os que têm pai,
mimosos os que têm mãe...

O Sr. Euclides confessou-me que era a rima que mais lhe agradava, a encadeada.

— Mas isto quando eu fazia versos... Depois passei a fazer despachos de navios e mercadorias...

Quando eu vinha à Vila, era certa a sessão da

tarde com José Lima, em casa do Sr. Euclides. Fazíamos tempo até que o sol cambasse de trás da rocha do Cabeçalinho, para sairmos para o passeio do costume. O velho obrigáva-nos a lanchar. Ele tinha sempre café num termo.

— É o meu ópio: só trabalho com café ao lado...

O Sr. Euclides foi-me mostrando tôda a sua produção poética, díspersa pelo Almanaque Luso-Brasileiro e por jornais antigos do arquipélago. De prosa pouco, apenas algumas impressões de paisagem, em descrições de passeios pelo interior das ilhas, e um ou outro artigo de carácter político. O velho era republicano histórico. Já nos tempos da Propaganda a sua tendência política se afirmara corajosamente. No dia 5 de Outubro era certo êle falar nas sessões comemorativas na Câmara Municipal. Embora não tanto como o Sr. Miguel Pintor — um futra a falar — o Sr. Euclides fôra uma das admirações de meu pai, pelo seu saber. Verdade que Papai o achava esquisito. Já naquele tempo o velho estava escrevendo o seu grande livro, que ninguém sabia direito o que fôsse, porque a todos o Sr. Euclides fechava a obra com a sua frase invariável:

— Depois da minha morte verão...

O velho tomou-me de grande simpatia. Confessou que eu e José Lima éramos as únicas pessoas com quem êle podia conversar sem a preocupação de «se defender».

Há muitos anos que virara espírita. Explicou-me as razões que o levaram a abandonar a modalidade

cardecista, para abraçar "o verdadeiro Espiritismo, racionalista e cristão".

Um dia o Sr. Euclides lamentou-se de não ter filhos:

— O homem precisa ter sempre pelo menos um filho, alguém que possa continuar a sua obra e compensar a morte material.

— Mas compensar como? — perguntei.

— Compensar, sim... Deixa-me explicar-te, Chiquinho. O homem não morre, o homem é espírito e o Grande Foco Gerador não consente que êle morra. Vês um homem que os outros vão levar ao cemitério? Todos julgam que êle morreu para nunca mais. Não morreu, não, desencarnou apenas... A sua vida material, o seu corpo, a sua côr, os seus cabelos, as suas feições, foram sòmente um fato que o Espírito pediu emprestado à Matéria para vestir durante algum tempo. Vestes um fato durante uns meses, um ano, dois anos, o fato envelhece e rasga-se, mas o corpo ficou intacto... Neste caso, o teu corpo, mal comparado, equivale ao Espírito, que não desaparece com o gasto da vestimenta. O fato é qualquer coisa que não tem a duração das rosas de... Como se chama aquele poeta francês das rosas?

— Malherbe...

— Malherbe... É isso mesmo... Nunca o li. A frase aparece a cada passo... Oh rapaz, vocês hoje aprendem muita coisa... Eu levei anos para encontrar êste verso, que é tão comum...

José Lima andava sempre em desacordo com as teorias espíritas do Sr. Euclides Varanda:

— Não acredito... Não há mais nada além do que nós vemos. Só assim compreendo a responsabilidade absoluta que impende sôbre o homem para cada um dos seus actos. Não há nada, não, Sr. Euclides, atrás das nossas determinações... O homem é o único senhor de si mesmo. Êle é que constrói a sua casa...

O Sr. Euclides saltou como uma fera:

— O homem! O homem é tudo e não é nada... Êle é tudo quando se confessa servidor da grande fôrça que nos governa... Dentro da sua pequena casa pode fazer tudo: mas quem lhe deu a idea de construir a casa? Responda, amigo... Sim, quem lhe deu a idea?

— Êle mesmo... O homem é tudo quando pensa que pode ser tudo e trabalha para isso, não é nada quando pensa que não pode ser nada. Nós trazemos a nossa casa dentro da nossa cabeça, velho...

O Sr. Euclides não concordava. Era sempre certa aquela discussão entre os dois quando ambos se encontravam neste terreno escabroso. Todos os dias o velho zangava-se com José Lima. Acabava por falar só para mim, que assistia em silêncio à disputa. Mas sempre dirigindo de soslaio olhares consultivos para José Lima.

— Mas voltando ao ponto. Todos devem ter um filho. Por mais que pensemos, só encontramos na nossa cabeça explicação para sermos continuados pelos

nossos filhos. Sangue do nosso sangue... Produtos da fôrça expansiva do nósso espírito...

Nha Dos-Reis trazia-nos o cuscús torrado para molharmos com o café de termo do Sr. Euclides Varanda. Depois de fazermos lanche sairíamos para o passeio pela estrada do Lombinho.

O velho confessou-me que precisava de um continuador. Preguntei a mim mesmo que idea ou que realização o Sr. Euclides deixava incompleta para ter necessidade de alguém que lhe desse a expressão última. Quando o interroguei a êste respeito, êle puxou-me pela manga do casaco. Levou-me até à janela, e, levantando o braço acima das casas que lhe tapavam a vista para o norte, disse-me:

— Olha, não vês? O que é que enxergas na tua frente?

Não quiz dizer-lhe que só via tetos de casas. Mas o Sr. Euclides tinha partido:

— É aquilo, é aquilo que nos cerca e que olhamos mas não vemos... Só tenho pena de ter visto tão tarde. Eu estou errado, tu estás errado, Chiquinho, todos nós estamos errados... É êle, é só êle que comanda a nossa vida... E só temos dado por isso incidentalmente, quando a seca nos aperta...

Eu quiz saber que relações havia entre esta explosão e a teoria do Sr. Euclides sôbre a necessidade de ter filhos. O velho deixou cair os braços desconsoladamente. Depois disse-me em voz de confidência:

— Pensei tarde... Talvez não seja... Quem me

faz pensar assim actualmente dá-me com certeza os meios de realizar o que tenho na cabeça... Não te deixes prender, Chiquinho. Esta terra de Cabo Verde, com a sua pobreza, não sei o que tem que puxa, atrai e pega como um grude... Estás na idade. Se eu tivesse os teus anos!

O Sr. Euclides desejava ter um filho. Um filho que vivesse como êle desejaria ter vivido. O velho deixar-lhe-ia em testamento o resultado da sua experiência e a proibição de se meter na vida medíocre das ilhas, avassalado pelas misérias da Matéria. Só o mar lhe daria a libertação. Êle era a nossa razão de ser. Éramos pontos lançados ao acaso no meio do Atlântico. As ilhas eram a nossa base para partirmos.

— Para onde, velho?

— Para Cabo Verde...

— Estamos em Cabo Verde ..

— Não estamos tal... As ilhas vivem é na alma de cada um de nós... Êstes bocados de terra só servem para amesquinhar o nosso espírito. Vi isto tarde, mas vi. Tenho certeza... Chego a sentir inveja do filho que hei-de ter. Porque hei-de ter um filho, Chiquinho... Assim o quere a força que sinto dirigir os meus passos...

O velho disse-me:

— Por isso fiz a casinha na selada do Boqueirão. Vou lá e passo dias inteiros em contacto com o mar. Os cavaleiros medievais iam velar armas nas igrejas.

É em frente do mar que eu vou velar as armas de quem será o meu realizador...

O Sr. Euclides confiou-me que o livro que escrevia há anos se intitulava «Arrependimento». Era uma espécie de breviário para as «gerações jovens». Nele condensava as conclusões da sua vida. Retomou a pena de escritor para deixar qualquer coisa que fosse útil aos seus semelhantes.

—A pena deve ser posta sempre ao serviço do homem, do melhoramento do seu espírito, nunca te esqueças, Chiquinho...

Só depois da sua morte a obra seria publicada e conhecida, porque o velho queria submeter-se a todas as experiencias, em especial, à grande prova da «desencarnação». O capital do seu seguro de vida destinava-se justamente à edição da obra. Era um «breviário» para todos, principalmente para quem fosse o realizador da sua «missão inacabada na vida material».

Nha Dos-Réis recolhia os restos das fatias de cuscús torrado do nosso lanche. O Sr. Euclides pegava no chapéu mole, preto. Saíamos. Logo a seguir à casa do velho, era a Ponte. Algumas vezes parávamos, observando a vegetação da ribeira e os coqueiros contemplativos, abanando para cá e para lá o seu corpo inofensivo de gigantes magros. Os rapazes da minha idade, caídos no grogue e na vida pasmada da Vila, preguntavam-me se eu era maluco para aturar as exquisitices do Sr. Euclides Varanda. À direita,

desatava-se a fita sinuosa da estrada do Lombinho, orlada de carrapateiras. Lá ao fundo, à esquerda, a casinha do Sr. Euclides, mesmo na selada do Boqueirão.

5

Já não encontrei viva a dona de Tói Mulato. Pitra Marguida informou-me que a velha tinha sido requisitada pelo diabo para açoitar de lato as almas penadas.

— Deus há-de me perdoar, mas mulher como aquela não tem lugar na glória...

Esconjurou:

— Eh! Muitos anos sem mim! Longe de mim, perto do inferno!

— Você não calcula o que nha Totonha fazia a Tói Mulato. Quando lhe vinha a fúria, até tirava Tói comida que ele estava jantando. E o moço dormia sem cear. Outras vezes pedia: «Tói, deixa ver o prato para eu te pôr esta trincha de toucinho. Não quero mais, sabes, estômago de gente velha não aguenta muita gordura...» Pegava no prato e cuspia: «Agora come, mocinho malandro...»

Quando eu era pequeno, preguntei um dia a nha Rosa Calita se a dona de Tói Mulato não era mesmo igual àquelas velhas que engordavam menino para comerem.

Pitra pegou também de me tratar por você. Explicou-me:

— Não dá jeito tratar de outra maneira. Chiquinho agora é um homem com muita prenda na cabeça...

Eu sofria com esse afastamento em que me via, relativamente aos companheiros da minha infância. A prenda que tinha na cabeça estabelecia o vácuo à minha volta. Nunca mais eu comungaria na quente e humana intimidade da minha gente.

Depois que a sua avó morreu, Tói Mulato continuou trabalhando as hortas, que ficaram a pertencer ao seu tio, emigrado na Argentina. Mas passado algum tempo, o tio casou por procuração, e Tói teve de entregar tudo. Agora procurava embarcar. O meu amigo nunca perdia a coragem. Os seus olhos conservavam a mesma fé ingénua dos tempos de menino, que fazia nhô Roberto Tomazia dizer:

— Os olhos desse moço nadam em água...

Nhô João Joana confirmava:

— Tói tem olhos de marinheiro. Marinheiro tem olhos que andam sempre a chorar...

— Chorar porquê, nhô João?

— Marinheiro é como menino manhento a quem comida nenhuma chega. Menino manhento sente manha, chora. Marinheiro tem sempre manha de conhecer terras, mais e mais...

Uma vez, Tói Mulato deu a nhô José Catrina um leio de milho que colhetou no seu pedacinho, em

troca de uma garrafa com navio dentro. Nhô José chegou com a sua cantiga de sempre:

— Sábado de Nossa Senhora te acompanhará, moço... Ah menino, já não verás mais por muito tempo nhô José, nhô José está quási a descansar no braço da Virgem Maria. Ainda hoje estou em jejuminho natural, juro...

— Que coisa é que você traz dentro do surrão?

— Oh! Isto é obra fina... Foi encontrado na praia do Curral Velho. Dizem que é trabalho de maçónico...

— Maçónico, nunca vi maçónico...

— Tem, tão certo como a conta que eu tenho de dar a Deus no dia da sentença.

— Dizem que maçónico quando fala aparece o peito todo pregado de alfinetes...

— Exato, menino... Mas quem te disse? Olha, pregunta a nha Tudinha, ela foi a uma loja na Estância, estava falando com o dono, de repente viu o peito da criatura cheio, mas cheio de alfinetes.

— Eu queria era ver o que você tem no surrão...

— Mostro, já vou mostrar, mas dá-me primeiro uma trinchinha de tabaco, sabes, canhoto de nhô José anda apagado dias há...

Tói Mulato deu o palmo de tabaco e ficou deslumbrado com a garrafa que nhô José Catrina trazia no surrão. Dentro dela, sôbre uma massa de grude, estava uma galera com as suas vergas. Os cabos eram de linha de barbante fino. Pena não ter velas.

A galera estava com certeza ancorada no pôrto, com as velas todas arriadas. O barco era todo pintado de preto. Pena também não se ver o nome escrito no quadro da pôpa. Quem sabe se a galera não era de teca, como a barca «Viajante»? Ela também era pintada de preto. O pai de Tói Mulato foi marinheiro da «Viajante». Conheceu mares como areia, e foi morrer em Biscaia a bordo de um carvoeiro noruega, onde era donkeyman.

Tói Mulato achava que a galera devia ser mesmo a barca «Viajante». Se calhar, algum maçónico teve inveja do navio, e, não o podendo comprar, imitou-o em ponto pequeno. Tói só tinha, para obra de tanto valor, a sua colheita do pedacinho que a dona lhe dera para trabalhar. Nhô José Catrina levou o milho, carga pesada para a fraqueza que, coitado, estava fazendo das suas costelas quási barrela de lavar roupa.

Agora Tói estava morando com nha Lalaga. Mamãe-Velha mandava-o chamar sempre para passar a tarde e cear connosco. Ele não foi dos que ficaram a tratar-me com cerimónia. Contou-me a sua vida dos últimos tempos. A morte da avó. Coitada, ela sofreu muito. Durante meses e meses, foi uma fraqueza que parecia levá-la a cada momento. Bem Tói lhe cozinhou papinha com azeite doce e goma de mandioca, para lhe pegar a barriga solta. Até lhe falava nos passarinhos do céu que estavam à espera dos grãos de xerém para o jantar da tarde, antes de irem

para os ninhos. Ela já tinha os olhos vidrados. Já não pôde ouvir o que o neto lhe dizia dos seus bichinhos de Nossenhor. Toi Mulato ia estender os grãos de milho moído nas lágeas do quintal, para os pardais de nhã Totonha não sentirem falta.

Parece que agora, em Dezembro, embarcaria. Nha Lalaga tinha os filhos já crescidos. Já pegavam na enxada. A velha não sentiria mais falta de braço de homem. Tói tinha falado com o capitão do «Vitória» para o tomar como marinheiro. Nhô Chico Cachupa o faria desenjoar. Ia, como eu, conhecer S. Vicente. No pequeno veleiro, Tói ia aprender o que é manobrar velas. Ficaria sabendo mexer nos cabos, quartelar a polaca, manejar a trapa do traquete, desengatar o vergueiro nas mudanças de bordo. Pena só o navio não ter velas redondas e mastros muito altos para Tói gadanhar na manobra do joanete grande.

Tói Mulato já tinha a sua galera para viajar nos mares caprichosos das ilhas.

6

Venho sempre à Vila procurar não sei o quê. Meia hora de caminho, e galgo a fita da estrada da Assomada de Marques e da Ladeira da Lapa, toda desenhada em curvas. Esse espectáculo tão repetido é sempre novo para mim. Todas as vezes é com ansiedade que venço os últimos metros que me separam do Rezadouro. De lá vejo a Vila, que se estende

de um extrêmo a outro, com o mar despontando para além das últimas casas da Chãzinha. As hortas ladeando as margens da Ribeira. Manchas de mandiocais, bananeiras, cana-sacarina. Adivinha-se vida humilde e nhanida no fumo que sobe dos fogões das casas pobres da Ladeira. A cachupa que ferve na panela é produto do feixe de palha ou de lenha que a dona-de-sua-menaja foi apanhar para vender. Os meninos correm navios e apanham góia-góia nos tanques da ribeira. O homem foi buscar carga na Preguiça, com os burros arreados de sela, à frente. A vida que vem da Estância aperta a minha alma com uma emoção que não sei definir. Vida nhanida da pobreza.

As conversas dos gravatas à noite, nos bancos do Terreiro, dão-me uma impressão de pequenez que me faz mêdo. Não é uma lição de pequenez que eu trouxe das sugestões da nossa camaradagem no Grémio. Andrèzinho, sobretudo, tinha uma imagem generosa da vida. O «Erudito» achava Nonó muito *descentrado*, com as suas mornas divagantes, que punham tôda a gente a mirar mundos imaginários que nunca se fixavam em imagens precisas.

— Vê-se bem que és homem de planície...

A origem de Nonó, boavistense de marca, a trair-se nos *s s* sibilados dos fins de palavra, dava ao seu modo de ser o imprevisto das planuras da Boa Vista, cheias de surpresas nos montes de areia e nas palmeiras que aparecem abruptamente detrás das dunas. Sôbre tudo isto, contemplativo como um pastor do

deserto. O «Erudito» achava-me mais *recortado*. A chateza ambiente, o possidonismo do meio (o têrmo é de Andrèzinho), o culto provinciano das pequenas glórias locais, davam-nos uma impressão iniludível de pequenez. Mas nós vivíamos em grande. Nababos nos mundos que criávamos.

O Sr. Euclides Varanda faz-me lembrar Andrèzinho. E se o «Erudito» amanhã vier a ser como o Velho? Penso que também posso virar êsse maluco do Sr. Euclides.

— Quiqui, ah Quiqui, Gaída está dormindo com gente nesta agorinha!

Os gravatas da Vila fazem constantemente partida ao velho. Pagam garotos para irem espatifar o pedaço de papelão em que êle defende a sua paz de anacoreta. Fazem-lhe gritaria à noite e choram-no como se êle tivesse morrido:

— Adeus, Quiqui, para a terra da saudade...

Mas o Sr. Euclides tem uma grande fé no Grande Foco Gerador. Êle há-de ter um filho. Um dia o velho apareceu no Terreiro, à noite, com uma alegria exuberante:

— Creio que desta vez é que sim... Gaída está com o corpo indisposto, sempre a cuspir...

Os gravatas aproveitaram logo e disseram-lhe que êle tinha de festejar data tão memorável. Foram todos à casa do Sr. Euclides, que mandou nha Dos-Reis acordar o caixeiro da loja de José Maximiano para vender um litro de vermute.

— Vocês sabem, era preciso que eu tivesse um filho... Agora é que é... Aquele corpo mariado, enjôo, sempre a cuspir, aquilo é sinal que não engana...

Perguntaram-lhe se êle não tinha ido consultar o doutor ou uma parteira.

— Logo imediatamente! — respondeu jubilosamente o Sr. Euclides. Sim, porque não quero que o meu filho nasça sem a devida assistência. É o momento mais sagrado da vida dos seres, o nascimento. Uma criatura que vem a êste mundo para viver e sofrer...

Um dos presentes, empunhando o cálice de vermute, brindou:

— Á sua saude, Sr. Euclides. E que o miúdo seja feliz...

O velho, a-pesar-de não gostar de bebidas, esvasiou conscienciosamente o seu cálice. Alguèm perguntou-lhe se êle acreditava de-veras no Espiritismo. O Sr. Euclides reagiu imediatamente. E foi com uma grande explosão, em que o Foco Gerador, a Fôrça e a Matéria (que substancialmente constituem o Universo) e as Partículas da Inteligência Universal (os homens) tiveram uma presença generosa. Largado no assunto, o Sr. Euclides fustigou as »formas inferiores do Espiritismo». Magia Negra. Mais feitiçaria vulgar de badio da ilha de S. Tiago do que o verdadeiro Espiritismo »racionalista e cristão».

No cabo, o Sr. Euclides estava meio embriagado com os vários chim-chins a que o obrigaram os brindes pela felicidade do »nascituro».

Já cêrca de uma hora da manhã, fui passea-lo pela estrada do Lombinho, a tomar frêsco, para se curar da bebedeira. A paz descia não se sabe de onde, na noite. Os passos cambaleantes do Sr. Euclides não perturbavam a imagem que a noite estendia diante de mim. O Sr. Euclides era uma pêna ao vento, dentro do movimento que punha tudo em marcha não sei para que estranhos destinos. Lá ao fundo à esquerda, a casinha do Sr. Euclides. Lá êle iria velar o destino do seu filho que estava para nascer. O velho estava quási adormecido quando o reboquei para a sua morada, junto da Ponte. Êle ficou no seu quarto de cama, ao lado do escritório, em que a secretária de laranjeira e o diploma da sua nomeação para aspirante da alfândega lembravam uma vidinha pacata, a que o velho conseguiu insuflar um pouco da fôrça cósmica "que decorre do Grande Foco Gerador".

7

Bem certo que Tói Mulato já tinha o seu navio para navegar. Largado na cabotagem das ilhas, Tói tocava constantemente em S. Nicolau. Menos de uma hora de marcha e estava êle no Caleijão. Os rapazes reüniam-se na Água do Canal ouvindo Tói Mulato. Ainda era só as ilhas que êle conhecia, mas já possuía uma experiência que passava a cabeça de Pitra Marguida, Lela Bento, Antoninho de Nh'Ana Lanta, todo

o dia presos no rabo da enxada. O «Vitória» era o construtor do prestígio de Tói Mulato junto dos enxadeiros do Caleijão. Ainda marinheiro frêsco, Tói imitava o andar gingado dos velhos marítimos. A galera de nhô José Catrina já não balançaria mais nos sonhos de Tói Mulato. Êle agora tinha o seu navio, um navio de verdade que podia acariciar, sentindo o mar fugir debaixo da quilha nervosa. O vento zunindo nas enxárcias. Tói citava o nome das velas, as manobras que convém fazer quando se entra ou sai do pôrto, quando cai a refrega das bocanas do mar, quando o vento, rondando de noroeste, se fixa no sueste brabo que levanta maresia e empurra os veleiros para o cemitério dos navios. Os enxadeiros ficavam de boca aberta, abertos os olhos de boi manso, perante aquele mistério. Diferente que era o mar. Na terra é só pegar no cabo da enxada e bater rijo todo o dia. Ou que não no ferro dos roçados e das brocas. O mar não. O mar tem caprichos de mulher. É preciso acarinhá-lo, cantar-lhe canções muito tristes, para o seu dorso de gigante se entorpecer, tolhido da tristeza vaga que vem nas asas da cantiga. Que o digam os marinheiros das ilhas, com os seus violões e cavaquinhos na proa dos veleiros, ninando a tristeza do mar com mornas dolentes. O mar é fêmea. Capaz até de haver um grande palácio no fundo do mar. Os marinheiros velhos dizem que sim. Nhô João Joana ouviu a moça-do-mar cantando e não quis ir para o seu palácio tão rico, mais bonito que o palácio do

Rei-Bandeira, todo armado de pedra de cantaria. Por isso, nhô João teve de lombar o resto da vida no rabo da enxada.

Eram imagens novas que Tói Mulato trazia aos enxadeiros. Aos seus olhos habituados à apertura das rochas estendia-se uma grande estrada ao longo da qual havia outras ilhas, cidades, continentes. Lá não se via a cabeceira nem o coice do que se estivesse trabalhando. Também não havia a face negra da fome rondando casa de pobre. Lá fora não devia haver pobre, não havia com certeza. Em terra os enxadeiros só viam adiante de si os casais de terra que era preciso cavar. Não era como nos mundos do mar, em que a criatura não vê onde começa e onde acaba o seu trabalho. À noite, os meninos chorando porque a cachupa não chegou. Ou que não, porque iam dormir sem cear. Coisa só de cortar o coração, fome de menino. Lá fora não devia haver pobre. O mar tinha tanta água, que dava comida para todo o mundo. Tói Mulato enchia de riqueza a alma dos enxadeiros, já carregados de filhos. Não eram casados, para quê casar? Pobreza liga mais indissolùvelmente que reza de padre. Não havia mais nada que fazer, as mulheres pariam cada ano um filho. O mar era uma abertura que os enxadeiros tinham para o mundo. Mas não saíam. Por isso sofriam mais. A enxada não permitia que êles fôssem espreitar o mundo direito. As narrativas de Tói Mulato aumentavam o sofrimento dos trabalhadores mais velhos. Lela Bento, Pitra, An-

toninho Bia, já com os cabelos branqueando. Os outros da minha idade tinham caído há muito na enxada, que os namorava desde pequenos, quando semeavam os pedacinhos e faziam a guarda dos corvos, com a enxadinha leve pronta para a replantação. Bem Chico Zepa nos tinha prègado a sua rebeldia. Êle próprio não deu o exemplo. Nunca mais se meteu num veleiro para embarcar fugido em S. Vicente, a bordo de um vapor de trânsito. Teve de agüentar o pesado, no rabo da enxada, como os outros, embora refilando sempre. Mas agüentou. E agora estava com a perna manca, devido a ferida ruim que não sarou bem, por causa das doenças-do-mundo.

Para a companha da Água do Canal, a chegada de Tói Mulato era um acontecimento. Verdade que êle ainda só conhecia as ilhas, mas Tói era diferente de todo o mundo. Falava das terras longe como se as tivesse conhecido. Nasceu assim, já com os olhos arregalados para as coisas desta vida. Em todo o caso, êle já passara a água mansa do Tarrafal, já tinha conhecido outro mundo, que fica além da Ponta da Vermelharia. S. Vicente principalmente. A civilização que lá passava em desfile, a bordo dos vapores de escala, enchia a alma de todos. Gente branca. Morenos e loiros. Soldados e marinheiros de vapores-de-guerra, apitos trágicos de rebocadores, teatro, cinema, tudo fazia parada em S. Vicente. Mindelo era a estação necessária para o conhecimento mais directo do mundo. Tói Mulato contava o que havia na cidade, os edifícios

bonitos, os divertimentos, os jogos de foot-ball e de cricket, as mulatas provocantes que faziam do amor brinquedo ao alcance de tôda a gente.

Quando Tói ia outra vez para seguir viagem, deixava restos de sonho para os enxadeiros de olhos mansos ruminarem, pensando na viagem necessária a S. Vicente.

8

O ano agrícola começou com boa cara. Com a chuva geral logo em princípio de Agosto, tôda a ilha foi semeada. Em nossa casa foi a asáfama de sempre, que bem conheci nos dias da minha infância. Tantos litros de milho de semente para êste, tantos para aqueloutro. Mamãe recomendava sempre aos meeiros que semeassem todo o milho, não cedecem à guloseira de aproveitar parte dêle para a comida. Pitra passava todo o dia fora, fiscalizando o trabalho nas hortas que cultivávamos directamente. Êle continuava sendo o homem da casa. Eu era um verbo encher no meio de tôda aquela actividade que se agitava à minha volta. A prenda que tinha na cabeça imunizava-me contra o trabalho agrícola. Enxada não é para gente aprendida. Eu era da categoria de Cabeça-de-Gato-Totonha, que só servia para a guarda dos corvos. Bem queria fazer qualquer coisa, mostrar que era homem como qualquer um. Também não contavam comigo em casa para uma ajuda nos trabalhos. Chiquinho, com a prenda que

tinha, estava marcado para um lugar público. Enxada era para os outros, que tinham ficado bestas, apenas lendo e escrevendo, sem tanta coisa na cabeça como eu. A alegria animal que eu sentia vendo chuva chovendo não compensava as alfinetadas que a certeza da minha inutilidade dava ao meu orgulho. No cabo, valia menos que Lela e Nanduca. Êstes, ao menos, ajudavam na guarda de corvo e iam cedinho em companhia das mulheres que traziam o leite das nossas vacas largadas no campo. Vinham de lá pletóricos de fôrça, sentindo no corpo o leite espumoso pojado das mamas das vacas. E o dia fora, no tapadinho da Horta Nova, as suas vozes infantis repetiam o mesmo grito alegre que Chiquinho soltava havia anos.

Mamãe-Velha era a única que me descompunha e achava que o que eu tinha no corpo era calaçaria. Eu devia andar atrás dos trabalhadores, em vez de, volta e meia, estar caído na Vila, a ouvir as conversas daquele velho tonto Sr. Euclides Varanda. A minha avó não perdia os seus jeitos de dono. Para ela tôda a nossa vida se fazia à custa do que o marido ganhara de-riba da água do mar. Não tomava em conta o que António Manuel tinha agenciado e os dólares que mandava de 102 South Second Street.

Exercíamos uma espécie de pequena realeza no Caleijão. No meio da pobreza geral, a nossa pobreza menos rapada dava-nos fama de apolentados. Não era preciso muito para mantermos o título: bastava que não nos faltasse a farinha-de-pau no barril, leios

de milho nas cantreiras, e que da América recebêssemos de quando em quando alguns dólares enviados por Papai.

Como a chuva começou a escassear em Setembro, depois de Nossa Senhora da Lapa, e o dinheiro americano chegava cada vez menos, os comerciantes não davam prazo: Nenhum negociante tinha coragem de emprestar tantas quartas de milho para receber redobrado nas novidades. Era cheque sacado sôbre desgraça certa, visto o ar do tempo. A alguns íamos socorrendo como nos era possível. Sempre com as descomposturas de Mamãe-Velha. Mas também, já a conheciam. Não metia mêdo a ninguém a cara assanhada com que ela recebia menino ou mulher-de-menaja com jeito de ir pedinchar:

— Vocês querem é despir um santo para vestir outro! Se nos faltar milho na cantreira, quero saber quem toma a responsabilidade desses meninos! Se calhar é você, com essa cara de gongom-dado-de-azeite...

Não ligavam. Iam falar directamente com Mamãe. Pouco tardava para a minha avó esquecer a zanga e continuar no conserto da roupa, com a sua dedada firme que os anos respeitavam sempre.

Pitra Marguida trazia as piores notícias das hortas. Milho murchando, com as folhas enroladas, como cebola. Os gafanhotos começavam a aparecer. Já seria altura da monda, mas até ela vinha escassa e morrinhenta. Contudo, ninguém largava as hortas.

Todas as tardes era certa a passagem de gente que morava da Horta Nova para baixo, vinda do trabalho do dia. Os meninos com os feixinhos de gremim e soca nova para as alimárias do pé-de-porta, e a enxadinha de cabo magro balançando com orgulho no braço. Quando Deus quere, dá milho de-riba de pedra. Ainda havia esperança. Novecentos e dezóito tinha sido a mesma coisa: carestia até meados de Setembro e depois chuva compassada que garantiu o ano. S. Mateus não ficaria assim, equinócio é malcriado e não respeita nem os navios no mar. Por Nossa Senhora do Rosário a festa havia de ser boa. Havia anos Chico Zepa organizara a Divina no Caleijão. Era pretexto de Chico, para ter mais jazigo de apalpar e abraçar as cantadeiras no escuro. Faziam-se projectos sobre a marcha para a Vila, à noitinha, para levar a Divina à Igreja, no dia de Festa de Outubro. Caleijão não ficaria a dever nada às outras ribeiras. O milho já estaria espigado e barbado para as canas-de-igreja que ornamentariam a mesa. No cortejo haveria também plantas de mandioca de duas as-águas, favinha inglesa, já com as vagens pintando, rebentos novos de cana-sacarina. Para a coroa de Nossa Senhora, flores de amor perfeito e cravos. Do Alberto viriam rosas amarelas. As sempre-noivas seriam para os namorados saberem, debaixo do campanário da Sé, à hora da recolha da Divina, quando haviam de se casar.

Até Cabeça-de-Gato-Totonha se mostrava ani-

mado. Da sua boca rasgada de borda de tacho vinham sons que o hábito tornara inteligíveis. Passava o dia sentado no quintal da casa a namorar o seu jardim de mangerona e enxotando moscas com um abano de rabo de vaca. Depois da guarda dos corvos, Totonha entrava em férias. As suas pernas tortas de macaco manco não lhe permitiam dar uma ajuda na monda ou no trabalho-de-milho. Mas ele tinha o seu processo de adivinhar as chuvas. Punha caroços de sal por ordem, figurando os meses. Quando um caroço revia água, era chuva certa no mês. A sua experiência deu chuva em Outubro. Foi uma grande festa em toda a cara de Totonha. Mas não aguentava muito a conversa. Ia logo a seguir tratar dos seus pés de mangerona, consertar-lhes as ramas que os garotos estragavam. Ninguém lhe pedisse raminhos para fazer chá. As mangeronas de Cabeça-de-Gato-Totonha eram como criaturas humanas. Viviam a sua vida consoante Deus fosse servido. Quando um pé secava, Totonha ia enterrá-lo com grande cerimonial, sobre os ombros uma estola de saco, como padre em entêrro. Os seus caroços de sal marcavam chuva em Outubro. Nhô Mané de Ramos viu no Lunário e confirmou. Mas Totone, consultado, aconselhou a criatura a amarrar o cordel na cintura e confiar na graça de Deus.

Titio Joca deu em Outubro uma das suas saltadas ao Caleijão. Éramos dois camaradas, como se nos não separasse uma distância de mais de vinte anos.

Titio já era assim quando, tamanhinho, estive em sua companhia na Praia Branca. A mesma liberdade que lhe fazia confidenciar-me a sua vida amorosa e os meninos com que as suas mães-de-filho o brindavam todos os anos. E o mesmo calor de intimidade também, com que me tocava profundamente quando me chamava aos joelhos e me narrava na sua voz comovida as histórias dos heróis da honra. Contei-lhe toda a minha vida. S. Vicente e as moreninhas que amei. O meu romance com Nuninha. Andrèzinho e o Grémio. Tive de lhe entoar as mornas de Nonó. Titio procurou laboriosamente apanhar na rabeca de António Pedro a melodia de «Eclipse». Morna boa, só de a gente adormecer muito docemente nos ombros de uma rapariga. Titio entusiasmava-se. Sublinhava o canto do violino com a voz. À noite, em frente da casa, pôs os garotos que apareceram chaleirando a tocar a morna do meu camarada. Mamãe tinha tomado para criar o filho que Zepinha pariu com Pitra Marguida. Já fazia parte de uma banda de meninos, cujos instrumentos eram talos de cana de carriço com casa-de-aranha nas aberturas. A banda foi a orquestra do meu tio para a morna de Nonó, no terreiro da casa.

Titio deu as piores notícias do ano agrícola no sul. A nossa horta na Covoadinha, nem pensar em palha, sequer.

Preguntou-me quais eram os meus planos para a vida. Não soube que responder-lhe. A única aber-

tura à minha frente era ser professor de pôsto-de-ensino. Joca Pires também era professor de pôsto no Paúl de Santo Antão. Era o destino dos que saíam do Liceu. Andrèzinho professor de pôsto-de-ensino. Teria, pela certa, má informação no fim do ano. Devia ser espectáculo curioso uma aula do «Erudito». O a. b. c. seria vencido pelas prègações sobre coissa que os meninos não entenderiam direito. Eu tinha metido os meus documentos para concurso. Mamãe acalentava aquela ambição. Óptimo se eu conseguisse ser colocado no Caleijão. Seria muito bonito um filho da ribeira dando lições na Casa-de-Aula. António Manuel, em 102 South Second Street, havia de gostar, ao ver o resultado da prenda do filho. Eu deixava-me manobrar, sem vontade própria. Não sabia para onde dirigir com segurança os meus passos. A vida agrícola não me dava possibilidade para coisa nenhuma. Queria era casar com Nuninha. O nosso lar seria um lar de artistas. Eu próprio me ilustraria mais para lhe dar cultura. Aprenderia violino. Ela seria pianista. Povoaríamos as nossas noites com horas de perfeita espiritualidade. Eu tocando violino. Nuninha ao piano. Ela devia ser uma pianista fremente, com seus nervos tumultuários. Contruí a nossa casa no alto da Horta Nova. Amplas janelas rasgadas para o Mar do Norte. Na face sob o rochedo, a nossa cela de artistas. Para que ninguém perturbasse o nosso sonho quotidiano de arte. Eu tinha revistas francesas sobre estilos e artes decorati-

vas. Um rádio na divisão da frente, para nós nos sintonizarmos com a «melodia do mundo». A energia para o aparelho e para a luz vinha do wind-charger. Tínhamos uma sala para aulas de música. Era necessário aproveitar a vocação musical da nossa gente. Os rabequistas e os violeiros saberiam música, o solfejo seria a base para as suas interpretações da morna. Para os batuques e rodrigos de sotavento, grupos de cimbó e tamborim.

*

* *

Meu tio recebeu sem eutusiasmo a notícia de eu haver concorrido para professor de pôsto.

— Para um rapaz como tu, na flor da idade, é quási um suicídio.

— Se não gostar, largo, não tenha dúvidas...

— Não largas tal. Habituas-te a receber a folha no fim do mês e não pensas em mais nada. Assim hás-de passar anos e anos. Aturas maçadas de toda a casta, para receberes por mês uma ninharia...

— Mas não hei-de ficar às sopas da minha gente, sem fazer nada...

Meu tio arrebatadamente:

— Larga tudo isto! Vai para a Guiné, para Angola, para o Brasil, para o diabo! Mas não fiques aqui... Só conseguirás cair no grogue... Esta vida é como clorofórmio. Ao cabo, todas as tuas

aspirações se dissolvem. E o grogue espera-te... Olha para mim... Aguardente e mães-de-filhos... Não há mais nada que fazer, em que pensar, é claro que Joca tem de beber grogue e fazer filhos...

Titio era assim tão lúcido, na falta de piedade com que se julgava a si mesmo. Disse-me novamente da pêna que tinha de não haver feito como Papai. Partir para a América trabalhar nas fábricas de algodão. Nos *bargers* ou nos *light-ships*. Seria um animal de carga nas suas obras de trabalho. *Black portuguese* para todo o serviço. Mas tinha todo um mundo trepidante à sua volta. Livros, nas bibliotecas, para ler. Conferências para escutar. Imagens para absorver. Nada o impediria de matar a sua sede de saber e aperfeiçoar-se. O anónimo espectador da vida americana disciplinaria todo aquele mundo. E agora estava reduzido a viver entre montanhas. Hortas nuas, sem molha de chuva, e invadidas por gafanhotos.

— Filhos de quarenta pais, vestidos de fraque...

Perguntei-lhe por que não tentava emigrar. Ainda não estava velho. Quarenta e poucos anos ainda tinham largas reservas de vitalidade. Muitos haviam emigrado mais velhos.

— Já estou cozinhado. E com este seminário de meninos atraz de mim...

Nesse mesmo dia, boquinha da noite, titio apanhou uma bebedeira mestra. Manuel Cais e nhô Roberto Tomásia foram levá-lo à casa. Ainda os reteve um momento na cancela, a contar-lhes um incidente qual-

quer da história de Roma, com citações de Tito-Lívio, em Latim. As fuscas do meu tio davam-lhe para essas evocações eruditas. A sua memória tenaz resistia á vida-de-grogue. Depois caíu como morto sôbre a cama, com as ceroulas sujas das necessidades. Mamãe, segurando a chícara de café forte, sustinha as lágrimas.

Meu Deus, se eu teria de virar como tio Joca!

9

A lojinha de José Lima ficava pouco depois do Terreiro, no caminho da Estância de Baixo. O meu amigo explicou-me que estava na «parte descendente do gráfico». Ir para a América representou para êle o mesmo que para os moços que largavam a enxada e partiam para a grande aventura. Um momento culminante na vida, essa existência de emigrante na América do Norte. E a todos as fábricas nivelaram, reduzindo a nada a sua aristocracia de intelectual com que saira das ilhas. Mas os seus pulmões foram o aliado mais eficiente dessa saudade crioula que puxa irresistìvelmente para o arquipélago o filho-das-ilhas mais inveterado no ritmo da vida americana. E agora lá estava ele, ruminando as reminiscências da sua aventura, com uma tasquinha em que a mulher vendia, e as trinchas de horta adquiridas com os dólares que trouxe.

— Nem a compra de uma mula me faltou, para a imagem ficar mais perfeita...

D. Alcinda casou com José Lima depois do regresso dêste. A emigração trausformou em casamento de razão o namoro sentimental, alimentado a versos e serenatas, que vinha desde a adolescência. Os longos anos de espera mataram o romance que habitava os olhos mansos da «fada de cabelos côr da noite», cantada nos poemas do seminarista José Lima. Agora ela atendia aos fregueses da loja, enquanto o meu amigo entretinha longos colóquios com o velho Euclides Varanda, ou montava a mula de jornada para ir àr hortas distantes ocorrer às necessidades da sua agricultura deficitária.

10

Eu tinha de escrever o meu ensaio sôbre a vida social de S. Nicolau. Era a alínea que agora me competia no programa do grupo. Nos arquivos das repartições públicas não encontrei nada de interesse. Os documentos antigos, desaparecidos. Tudo queimado nas agitadas peripécias da vida passada de S. Nicolau. A história da minha ilha ficava sem base documental. Fiz uma excursão ao Porto da Lapa onde, segundo a tradição, se fixara o primeiro povoado da ilha. Levei pá e enxada para as escavações. Muitos ficaram desconfiando de tesouros enterrados em potes de barro, como se referia nas histórias de assombrações das casas antigas. Cacos de louça de Lisboa, fragmentos de cantaria do reino, um esbôço do po-

voado, tudo mandei para o grupo, ao cuidado de Andrèzinho. Eu teria de contentar-me com o aspecto humano e contemporâneo do problema.

Tinha de escrever o meu «ensaio». Esta preocupacão estudiosa determinava os meus passos no Caleijão. Eu não sentia mais a curiosidade desinteressada que me levava às conversas lentas de nhô Chic'Ana e de nhô João Joana. Filtrava as histórias de nha Rosa Calita através do meu interêsse «científico». Como na minha infância, queria ouvir mais e mais histórias. Elas eram expressões das mensagens da minha gente. Sentava-me junto de Lela e Nanduca, como nos outros tempos, mas agora eu ia aos serões munido de papel e lápis, em cata de apontamentos para poesia folclórica e de contos para a Antologia Popular Caboverdeana. Nhô João Joana, nhô Chic'Ana, Antonio Benvinda, eram «documentos» para mim, elementos para o ensaio «vivo», com base na «humanidade palpitante», que eu teria de escrever.

Não raro, porém, esquecia-me do «Erudito», do Grémio, da Antologia e do ensaio que Andrèzinho esperava. Vivia então no mundo que as histórias punham ante meus olhos. Exaltava-me contra a perfídia de Galalão, enganando cavaleiros tão fortes e leais. Grande espertalhão, o João-Que-Mamou-Na-Burra.

Eu era o rapazinho que montou no cavalo branco, para ir livrar da forca a filha do rei, e casar com ela.

II

Chegou a minha nomeação para professor de pôsto-de-ensino. Fui colocado no Morro Braz, lá para cascos de rolha. Nhô António Benvinda deu-me informações do sítio:

— Terra onde Nossenhor se esqueceu de passar, Chiquinho...

Só havia algumas casas. A população escolar vinha toda dos povoados de Norte-a-Baixo, quilómetros e mais quilómetros a fazer e a desfazer todos os dias. Lá só mar e rochas. A terra era árida e eriçada de colinas. À frente desatava-se a planície tempestuosa do Mar do Norte.

Mamãe ficou desiludida com a minha colocação no Morro Braz. A sua ambição de me ver leccionando na casa de aula, no Caleijão, não pôde ser satisfeita. Escrevi uma carta furiosa a Andrèzinho. Manifestei a minha intenção de não aceitar a nomeação. De mais a mais, ia ganhar um pataco furado em paga daquele destêrro. Mamãe-Velha fez-me ouvir a voz da razão. Para que havia eu de me insurgir contra os governos do destino? Ela ensinou-me a lição das gerações que me produziram. Foi por vontade que o meu avô se perdeu no meio do mar, a bordo da galera «Mary Curtiss», naquele lugar mesmo do Gôlfo por onde tantas vezes tinha passado? Não; acima da cabeça da criatura tem um govêrno que nós não podemos entender direito. E Antonio Manuel? Ninguém diria que

pessoa tão pegada nos trafêgos da casa havia, já em idade amadurecida de homem, de embarcar lá para aquelas terras da América, que ficam mais longe que catacumba-de-fogo. Era a linha que o destino tinha governado.

A voz pitoresca de Mamãe-Velha acalmou um pouco a minha emoção. Minha avó tinha desses momentos em que abandonava a sua rabuge. Então ela era a razão mesma, indicando os caminhos do bom-senso.

Quiz habituar-me à idea do meu destêrro. Talvez fôsse um bem o recolhimento forçado em que me ia encontrar. Eu teria de fixar residência no Morro Braz. O regulamento só me permitia deixar o lugar do meu magistério, para ver a família, às quintas e domingos.

A carta de Andrèzinho trouxe-me também um pouco de conforto filosófico. Em toda a parte, o homem de boa vontade pode produzir «de la bonne besogne». Fêz-me bem a lição que de S. Vicente me enviava, recheada de frases francesas, a austeridade de clergyman do Erudito.

Os meus companheiros do Grémio, dispersos pelos quatro cantos do arquipélago. Só Andrèzinho se obstinava em S. Vicente, assegurando a continuidade da «idea», como capitão que se agarra ao seu navio, batido por ondas mais negras que o betume da noite e por todos os ventos soprados do caldeirão de João de Aragão. À crónica trágico-marítima da minha

terra estava cheia destas mortes heróicas. A beleza severa do sacrifício era humanizada pelo amor da moça-do-mar, que esperava os que se casavam acompanhados pela música das tempestades. Raros eram os cobardes que fugiam ao abraço de Sirena. Como nhô João Joana, que dialogou com ela e não quiz ir ao seu palácio do fundo do mar. Nha Rosa Calita tinha introduzido no seu reportório de contos tradicionais a história do naufrágio dos três-mastros «Dream of Florida», em que um filho de Santo Antão morreu belamente na altura do Ilhéu do Boi, para salvar o cachorrinho da filha do capitão, que ele amava. E por muito tempo, os marinheiros que passavam no Ferrabraz ouviam a sua voz cantando nas noites de luar esta cantiga de minar menino pequeno:

Oh meu cavalinho,
leva-me contigo,
que eu quero ir ver a filha do rei
que me está a esperar...
Filha do rei,
contigo me hei-de casar...

Era uma nota palpitante de realidade contemporânea a història desse marinheiro que morreu pelo seu amor humano, tendo sob os seus olhos a aldeia de onde partira.

Nonó, Humberto, Cara-Bonita estavam espalhados pelas ilhas. No Boletim Oficial vi que Nonó tinha sido nomeado professor do pôsto do Fundo das Figueiras, e Alce da escola do Engenho, em S. Tiago.

Cara-Bonita tinha agora boa oportunidade de emmaciar a sua pele morena, que Maninha amou, nas febres da ribeira maldita, assombrada por histórias terríveis de levantes de badios.

12

O meu amigo José Lima estava-se embebedando todas as noites. Ainda conservo na alma o travo do terror que me dominou quando descobri a tragédia do meu amigo. Não me lembra já o que me levara à casa de José Lima. D. Alcinda bem me quis dissuadir de chegar ao sobrado. Debruçado sobre a mesa, em que jaziam papeis e livros, um cálice e uma garrafa de aguardente, o meu pobre amigo levantou penosamente os olhos amortecidos. Desabou sobre mim um chover de frases americanas. E foi um conselho dramático que emergiu dessa explosão de náufrago:

— Chiquinho, mind yourself!

Por semanas, não tive coragem de aparecer a José Lima.

13

Era seca, nua, devastadora como nas crises mais terríveis de que rezava a crónica da minha ilha. Desaparecidas, todas as esperanças, enganadas as promessas de chuva. De todas as ribeiras a notícia que vinha era a mesma. Não se colheria um grão de

milho, e dos feijoeiros nem falar, que a lestada de Novembro crestara tudo.

No meu degrêdo do Morro Braz eu ia tomando o pulso à crise pela deminuição progressiva da frequência do pôsto. O meu decurião Emílio foi o primeiro a desertar. Vinha de muito longe, de um lugar perto da Jalunga. Os condiscípulos informaram-me que a família de Emílio batera, fugindo à seca, em direitura da Preguiça. Soube tempos depois que ele não pôde aguentar a jornada e ficou numa moita de purgueira no Canal de Carambola. Lá fui com os meus alunos plantar uma cruz no lugar onde Emílio morreu.

Todas as manhãs era com a apreensão de chefe de patrulha de regresso do combate que eu fazia a chamada. E raro era o dia em que não faltava um um dos meus soldados.

— Manuel João!

— Não está...

— Cândido Almeida!

— Não veio...

— José Joaquim!

— Está muito mal, professor...

Constantemente passava pela minha porta gente que fugia dos povoados de Norte-a-Baixo, em direcção à Vila. Era um cortejo lamentável de homens, mulheres, crianças. Os animais domésticos faziam também parte do exôdo para outras regiões mais habitadas. Nelas, ao menos, havia a consolança de

um olhar de cristão no meio do drama lancinante. Os meninos, com as barrigas inchadas sôbre as pernas magras. E vinha tudo, o pote de barro, a cama de finca-pé, as esteiras. A vaquinha magra e as cabras do pé-de-porta não abandonavam os donos em tal provação. Os cachorros de língua fora, farejando restos de osso para enganarem a fome. Muitas vezes, os animais miúdos eram transportados no ceirão dos burros ou em balaios, à cabeça das mulheres. Homens e bichos não conheciam distâncias naquela irmanação perante o destino comum. Como representante da autoridade administrativa, cargo que acumulava com as minhas funções de professor de pôsto-de-ensino, não tive comunicação nenhuma de desrespeito da propriedade do próximo. Era de uma rigidez de pedra a concepção da honra daqueles homens que batiam para a Estância, acossados pela fome. Ao longo dos caminhos, as canhotas ficavam pairando, à espera de momento oportuno para se abaterem sobre a carcassa dos animais que caíam, desistindo da viagem.

Com a morte de Emílio, tratei de eleger um novo decurião. Apresentaram-se vários na classe. Tive de castigar um aluno do 2.º grau, das Casinhas, que esteve subornando os condiscípulos com talisca de mandioca, para o elegerem. Foi escolhido um mocinho dos Castelhanos. Respeitei dentro de mim a capacidade de sacrifício dêsse menino de doze anos, que tinha de andar dez quilômetros todos os dias, e levantar-se de madrugadinha, para ser o primeiro a

chegar à escola, e às 8 horas, quando eu entrasse, ter tudo arrumado para o regular funcionamento da aula. O pôsto não aguentava o luxo de ter uma servente. Professor e alunos, tínhamos de nos devotar na tarefa comum, sem contarmos com estranhos à nossa pequena cidade.

Conservo uma doce saudade dessa minha tão chegada camaradagem com os meus alunos. Tratavam-me como a um irmão mais velho. Mal sabiam eles que amargores de velho a minha mocidade encobria. Mesmo o mocinho das Casinhas não me ficou querendo mal. Passado o amúo, foi-me trazendo pedaços finos de talisca de mandioca para substituirem nos exercícios do quadro preto o giz que faltava na previsão orçamental das verbas do expediente escolar.

Mas o meu novo decurião não aguentou por muito tempo. Um dia ele teve de prestar também o seu preito de obediência à seca, quando a família fugia do Norte. Era muito longe Não pude ir, com os seus camaradas, fincar uma cruz no lugar onde Carrinho da Silva tombou.

Destino aziago, o dos meus chefes de classe.

De cada vez que ia ao Caleijão, era como se fosse uma terra estranha que eu visitava. A seca tinha modificado tudo. Desaparecidas, as reuniões na Água-do-Canal, mortas, as conversas alegres no desamparo do crepúsculo. Só nhô Roberto Tomásia não faltava nunca, mas tinha fugido, acossado por todos os ventos

da desgraça, o riso largo que lhe descascava os dentes plantados em gengivas vermelhas como goiaba madura. E o crepúsculo se desdobrava num manto tenuíssimo que envolvia tudo, homens e coisas, no mesmo abraço sereno de paz. A natureza desconhecia os dramas que remordiam o coração da criatura. Lela Bento morto no caminho da Caldeira, quando ia à procura de batata conteira para enganar a fome dos meninos. Uma doida, que tinha um filho, deu do sangue do seu peito, em que o leite estancou, ao mocinho morto. Depois atirou-o do alto da Combota, sobre o empedrado da fonte, e ali ficou por noites com a sua cantiga aziaga, ninando o sono do filho. As hortas, vermelhas, sem vestígio de planta. Foi com uma melancolia de general vencido que visitei o meu pedacinho em frente da casa, que Papai me distribuira, tamanhinho, para adquirir experiência agrícola à custa do meu braço. Só o mané-gatinho se obstinava a viver naquele deserto preparado pelas chuvas escassas dos anos anteriores. Nhô Chic'Ana esteve alguns dias doente. Mamãe-Velha, sentindo a sua falta, mandou-lhe caldo de tapioca.

Eu nunca tinha visto aquilo. Era novo para mim êsse espectáculo da vida que foge imperceptìvelmente dos homens e das coisas. Os lunaristas explicavam a fatalidade cíclica da seca. De vinte em vinte anos era aquela falsia completa da chuva, desamparando as ilhas para outras paragens no meio do mar. Eu estava habituado à face serena da vida rotineira da mi-

nha ilha. Até agora, tudo me parecia impregnado de imobilidade. Veria até o fim da vida as mesmas caras, a mesma mediania, a mesma resignação perante o Destino que Deus governou lá do alto. A insuficiência de outros anos não me tinha preparado para aquela batalha cruel e total. Por muito tempo que eu vivesse, Mamãe-Velha havia de acompanhar Chiquinho com as suas descomposturas e a sua solicitude grulhenta.

Os meses iam passando e com eles todas as esperanças da pobreza. Agora era a doença que minava as alimárias. Das nossas vinte cabeças de vaca nem uma se salvou. Bem Pitra cuidara delas no nosso tapado de pastagens do Campo, ainda forrado de soca velha. Uma a uma, todas foram caindo. Eram imagens da minha infância, ora familiares, ora heróicas, que fugiam. «Bismarck», «Napoleão», «Espertinho», tudo nomes que eu havia pôsto aos bezerros novos, ao sabor das minhas admirações de menino. Mundo em em que a vida real e a minha vaga divagação sentimental de mocinho crioulo se entrelaçaram de forma indissolúvel. Não sabia a quem devotar maior admiração, se ao filho da «Estrêla», nervoso de frémitos juvenis, se ao novilho da «Senegal», manso e calculador, que não tinha pressa em se levantar do seu repouso de criatura calma, para acudir ao desafio dos vizinhos levianos. «Napoleão» contra «Bismarck», eis aula prática em que eu aplicava a minha nascente compreensão da história moderna.

Para cúmulo, apareceram os gafanhotos. Os restos de palha verde iam sendo devorados pelas suas mandíbulas implacáveis. E uma côr única dominava tudo, o cinzento. O sol peneirava uma claridade baça através da cortina encinzeirada da mormaça.

Procurei aproveitar os meus ócios no Morro Braz para escrever o meu ensaio. Cheguei a redigir os primeiros períodos. Mas logo aquilo pareceu-me uma coisa tão estranha, tão fora de propósito, que puz de parte a caneta. Para quê, essas pretensões de história e sociologia numa terra que estava bradando por milho para a cachupa? A realidade imediata absorvia tudo.

Organizou-se na Vila um serviço de alimentação aos famintos das ribeiras distantes. Na Irmandade um grande caldeirão cozinhava cachupa perto do pé de tamarindo. Tio Joca veio da Praia Branca prestar o seu concurso. Preocupava-o principalmente a sorte dos meninos e dos doentes, que precisavam de alimento mais adequado do que a cachupa bruta de àgua e sal. E não descançou enquanto não conseguiu organizar uma dieta de tapioca, que uma comissão de senhoras se encarregou de fazer chegar às casas dos necessitados. Titio subiu na minha consideração com êsse seu dinamismo encharcado de piedade humana.

Das ilhas chegavam notícias alarmantes. Por toda a parte, a seca estendera as suas garras insaciáveis. Em S. Tiago, a Praia enchera-se literalmente de gente fugida do interior. E por onde se andasse eram fa-

mintos dormindo ao relento, no Monte Tagarro, na Praça dos Governadores, na ponte da Alfândega.

Andrèzinho mandou ao Ministro das Colónias, em nome do Grémio, um telegrama pedindo socorros urgentes. E lançou em S. Vicente a idea do que ele chamou «imposto sobre o cocktail». Cada qual pusesse em caixas que se colocariam pela cidade nos postos de luz eléctrica o valor do cocktail que tomaria, e de que era dever imperativo privar-se em tal conjuntura, para auxílio dos famintos das ilhas. Era bem de Andrèzinho êsse test das possibilidades de civismo dos mindelenses.

A minha escola no Morro Braz morreu de inanição. Os alunos foram desaparecendo um a um. O pão do espírito cedeu à necessidade mais imediata e absorvente da cachupa do corpo. Conheci uma época inteira de absoluta ociosidade no Caleijão. A minha vida era um navio desamparado, sem velas e sem norte, no meio da tormenta que batia a minha terra. Era para Andrèzinho e não para mim, pobre pena ao vento, introduzir um pouco de acção e de beleza na tragédia da minha gente. E para tio Joca também, que superava a sua vida-de-grogue numa actividade de assistência aos seus semelhantes. Eu era ser passivo que se abandona à influição do destino. Faltava-me a energia de amar e de viver de Nuninha, que chegou a propor-me fugirmos juntos para Dakar ou para o Brasil. E ela ia ficando uma imagem sempre presente no meu coração, mas cada vez mais dis-

tante da minha mão. Eu não tinha, afinal, o espírito de aventura do rapaz da ponta-de-praia, que tira passagem clandestina para o mundo a bordo de todos os vapores que tocam em S. Vicente.

14

Boquinha da noite. Eu estava sentado debaixo do pé de azedinha, quási totalmente alheio às coisas dêste mundo. Só via a cara descarada de uma lua que estava vestindo a terra de uma mortalha pardacenta. De repente fui despertado por gritos lancinantes. Orientei-me e vi que os gritos partiam da casa de nha Felipa Júlia. Corri para lá. Havia um ajuntamento de povo à porta da casa, situada à beirinha do caminho. Logo na cancela um vulto de rapariga corria de um lado para outro, à toa. Reconheci Candinha. Ela tinha os olhos desvairados. Atirou-me:

— O desgraçado está estertorando!

Clamava:

— Nossa senhora do Rosário, onde você está?

Muita gente, à porta, está espiando para dentro. Fazem comentários:

— Tenho mais pena é do rapazotinho. O homem, Deus há-de lhe dar boa morte e recebê-lo no seu regaço santíssimo.

Dentro da casa alguém geme. É um quarto térreo, com uma janela que olha para o Campo do Norte. A um canto, a cama de cancarã, com um colchão de

saco enchido de côco de milho. Uma lâmpada de azeite deita uma claridade difusa no quartinho. A casa encheu-se de gente. A parede está povoada de sombras. Numa esteira no chão um homem está deitado. Geme constantemente. De quando em quando o gemido é entrecortado de soluços secos que parecem ter arestas cortantes.

— Ele vai morrer! — exclamou sùbitamente nha Felipa.

Um velho reza o Credo. Há um silêncio terrível em volta do Credo que o velho reza. Creio em Deus Padre Todo Poderoso. O velho crê em Deus Padre Todo Poderoso. Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o senhor dos destinos da criatura. O homem parece adormecer serenamente. A reza fêz-lhe bem, lembra-lhe que Deus é todo poderoso. A morte dêle estava há muito escrita no livro grande em que Deus marca o destino da criatura. Os outros homens no quarto também curvaram a cabeça.

Mas ainda o homem não morreu. Voltaram os soluços a cortar de espasmos o ralo da garganta. Candinha entra no quarto. Aproxima-se do homem que morre na esteira de góia, mas logo se afasta bruscamente. Candinha não quere ver a morte, ela é a única dissidente no meio de todo aquele povo que está dentro de casa e se curvou resignadamente perante o destino.

Candinha continua perguntando por Nossa Senhora do Rosário. Ela chega à porta e olha para o

céu. Persignou-se e ficou calada. Candinha com certeza viu uma estrêla cadente. Ave Maria Graça. Ela viu a estrêla cadente e supôs que era uma tumba branca que descia do céu para levar o homem que morria na esteira de góia.

Os homens vão saindo do quarto a pouco e pouco. Ao pé do homem que morre ficam apenas nha Felipa e o velho que rezou o Credo, e agora exorta o moribundo:

— Irmão, quando não possas na boca, digas no coração. De tôdas as heresias afasta-te e abomina nesta hora do passamento. Deus Nossenhor espera-te com a sua mão de misericórdia...

Há também uma criança. Ela traz apenas uma camisa curta que nem lhe cobre a barriga inchada, disforme, sôbre as pernas, magras como bengala. O homem que morre faz-se acompanhar de uma criança na sua viagem ao cemitério que Deus mandou fazer na Estrada de S. Tiago para aqueles que morrem de fome. A criança é um gemido contínuo sob o ralo entrecortado do homem que está deitado na esteira.

Cá fóra os homens sentaram-se na paredinha baixa do quintal. Conversam baixinho a fim de não impedirem que o homem que morre adormeça para poder ser levado para a Estrada de S. Tiago. Aquele homem veio de Norte-a-Baixo com a criança e foi encontrado caído de fome junto do portal de nha Felipa. A criança tinha uns olhos espantados e chorou quando

levantaram o pai e o levaram para dentro de casa. Para quê levar para dentro uma pessoa que morre com o seu cemitério desdobrado sôbre os olhos?

Lá em cima, a lua continua rumando indiferente. Candinha é uma sombra amargurada na noite.

15

Logo cedinho, chegou-nos à soleira da porta um rapazotinho de olhos tímidos. Trazia à cabeça um objecto embrulhado em restos de saco. Perguntei quem era. Mamãe informou-me:

— Filho de nha Tuda Aninha.

O garoto parou ao pé da porta com os olhos no chão. Esteve um pedaço sem dizer ao que ia. O objecto ainda na cabeça. Por fim Mamãe perguntou-lhe o que queria:

— Mamãe mandou-me trazer esta conveniência, se você quere comprar. Diz que é para socorrer uma necessidade...

Depôs na porta o objecto. Seus olhos acentuavam a reticência das palavras, ditas em tom de quem receia uma recusa. Era uma caldeira.

— Como, por quê vocês vendem a caldeira?

— Dormimos sem cear, Totonhinho está doente, está só pedindo comida, Mamãe não tem...

Perguntei-lhe quantos irmãos eram.

— Vivemos seis com Mamãe. Totonhinho é o

codê, está só a pedir comida, não dormiu chorando fome, fome dói...

— Mas vocês vendem a caldeira por quê? Podiam vender outra coisa...

— Não temos mais nada, Mamãe já vendeu o vestido novo que tinha, e tresantontem fomos à Vila vender a cama para lenha.

— Mas foram buscar a ração na Irmandade...

— Disseram que não tinha mais. Não chegou para todo o mundo. Eu bem que pedi, porque Totonhinho está doente, mas no fim tive de vir sem nada...

— Tua mãe não foi para lenha?

— Mamãe não pode, está pele e osso, tem um ror de dias não comemos comida de caldeira. Ontem só teve chá margoso de folha de laranjeira, Mamãe cozeu miolo de trôço de bananeira e a gente comeu. Totonhinho está muito fraco, a gente tem fome, Mamãe está só a chorar...

Mamãe deu-lhe café e uma racha de cuscus. Mas o garoto só bebeu o café, não comeu o cuscus.

— Por que não comes o cuscús?

— Para levar para Totonhinho...

16

Havia muito tempo que não víamos a mãe de Juloca. Um dia ela chegou à nossa casa, com uma

grande consumição no rosto. As lágrimas espreitavam por entre as pestanas baixas.

— Chiquinho, precisava falar com você, pedir-lhe um favor...

— Onde tem estado nhô Néné? Nunca mais Juloca apareceu cá em casa...

Ela contou-nos que tinha estado ùltimamente no Morro com os seus meninos, em companhia da irmã.

— Mas ela também é fraca, coitada, só podia dar-nos amor e boa vontade... Chiquinho, queria pedir-lhe um favor...

— Diga nha Néné...

— Juloca está tão fraco... Não sei... Tenho tanto mêdo, Chiquinho...

Na sua face emmagrecida sobressaíam os olhos macerados de chorar. Mamãe deu-lhe um pouco de papinha. Mas nha Nené insistiu:

— Chiquinho, eu pedia para você ir comigo. Juloca está só chamando por você, diz que vai morrer e queria ver o seu padrinho de estimação...

Pelo caminho ela informou-me do estado do meu amigo. Há dois dias caiu de cama, sempre consumido.

— Está pele e osso... Ontem à tarde teve um acidente que o levou longe. Todos o julgaram morto.

Juloca mal se via no colchão grosso de côco de milho. Aproximei-me da cama. Juloca estava amodorrado. Pus-lhe a mão no ombro, de mansinho.

— Juloca!

Ele mexeu o corpo.

— Não me estás conhecendo, Juloca? Sou eu, Chiquinho...

O meu amigo acabou de chegar de uma grande viagem. Botou-me uns olhos mansíssimos. Sua mão tacteou o meu corpo. Pegou na minha mão. Havia agora alegria nos olhos de Juloca. Êle esteve-me olhando longamente. A mãe soluçava, sentada na caixa de goiabeira.

— Chiquinho! Aperta-me a minha mão... Mais, mais...

Junto da cama, dois dos irmãos de Juloca fitavam-me com curiosidade. Fora da casa os mais novos faziam brincadeira de navio numa tijela da Boa Vista, cheia de água suja.

A mão de Juloca foi a pouco e pouco abandonando-se sob a pressão dos meus dedos. Depois o meu amigo deixou descair a cabeça para o lado. Um dos irmãos aconchegou-lhe os pés na manta. Chamei-o desesperadamente:

— Juloca, fala comigo, Juloca! Vim estar contigo esta tarde toda...

Nha Nené acorreu junto de nós. Abateu-se sôbre a cama e levantou o filho num abraço terrível de desespêro. Depois foi a mim que ela abraçou. Jejê puxou a manta até o pescoço de Juloca para o proteger da frieza.

Atirei-me para fora, chorando como um perdido.

17

Houve um grande levante no S. João. Dos lados da Ribeira da Caixa vem grande vozearia. Destacam-se os gritos agudos das mulheres. De repente, rompe uma guisa alta. Acorre gente das bocanas das travessas, a saber quem morreu. A guisa desce a ladeira. Há desespêro no chôro. A gente de baixo começa também um resmungo de guisa.

— O que é? Quem morreu?

Desemboca de uma travessa uma mulher a chorar alto. Ela abana um lenço. Na guisa que desce da ladeira alguém chora constantemente:

— Ah, meu irmãozinho!

A mulher passa pelos que vieram dar fé e lança:

— Oh Deus! É a sua fome... Falta é que está obrigando...

Um cavalheiro de gravata deteve-a a inquirir:

— É Lela que foi apanhar farinha em loja de gente, polícia pegou-o e agora está dando pranchada...

Ouvem-se apitos. O povo chega ao largo. Vem no meio, agüentado por dois homens, um rapaz de rosto ensangüentado. A camisa rasgada deixa ver o peito, em que escorrem fios de sangue.

O povo parou. Uma mulher arrancou pedras da paredinha do largo e dá ao seu homem:

— Toma. Se és filho-macho mostra agora!

O homem joga as pedras no chão. A mulher insiste:

— Eu já disse, se é para morrer de fome, morrer de tiro...

Levaram o rapaz ferido para a Farmácia. Mas o ajuntamento continua. Da Ladeira e da Estância de Baixo vem chegando mais gente. Há ameaças nos olhos desvairados das mulheres.

— Esta terra precisa que lhe dêm um jeito...

— Quando vi polícia pranchar Lela fez-me uma coisa no corpo de dar uma bala de pedra...

Há mulher que parece ter enlouquecido. Ela subiu a um banco e lança pedradas à toa. Depois despiu o mandrião e ficou a bater no peito. Provoca os homens:

— Eh Jack, o que é que tens na entre-pernas? Fedro Canja, onde meteste a tua fala grossa?

Um polícia quere prender a mulher. Deita-lhe a mão no pulso, mas ela sacadeia e resiste. De repente o polícia curva-se e dobra os joelhos. A mulher deu-lhe uma pegada em mau lugar. Agora o povo é o mais forte. Empurram o polícia, que se retira com o corpo dobrado, a apitar. Chega um homem que diz que o rapaz ferido está em mau ponto e deita sangue pela boca. Rompe de novo a guisa. Muitos chegam a investir para descerem para a Passagem. Mas outros hesitam.

Aparece Chico Zepa com o seu passo coxeante. Soube do que se passava, e vinha brigar. Quando o viram aproximar-se foi uma grita de todo o mundo:

— Chico Zepa é que é filho-macho de verdade...

Chico, mostra êstes vacões que não foste criado a abóbora...

Os homens ganharam mais coragem. Um velho subiu num banco e gritou:

— Gente, vamos para baixo gritar fome pelas ruas! Vamos, nada nos pode acontecer porque o povo é um pássaro que não tem onde dar tiro... Quem sabe onde é a cabeça, o coração, a barriga do povo?

Chico Zepa tomou a cabeça e deu govêrno ao levante. Desceram o S. João. À frente iam dois garotos com duas bandeiras negras. Eram blusas de mulheres presas com linha de barbante em dois paus de cana-de-carriço. Os garotos gritavam: «Fome!». E de trás o povo respondia:

— Fome! Misericórdia!

Quando desembocaram no Cutelo apareceu o Administrador empunhando arma-de-fogo:

— O que é que vocês querem?

Chico Zepa adiantou-se:

— Povo tem fome, Sr. Administrador!

Os rapazes disseram a Chico que se era preciso pau êles tinham pau, se era preciso braço êles tinham os braços que Deus lhes deu.

As mulheres, quando viram o Administrador com a arma, quiseram investir para êle. Muitas tinham os aventais cheios de pedra tirada do cascalho da ribeira. Uma rapariga nova avançou e disse a Chico, mesmo na barba-cara do Administrador:

— Chico, mostra que és filho-macho, e eu dou-te a minha honra...

Chico Zepa subiu na parede do Cutelo e gritou ao povo:

— Gente, vamos governar a nossa vida, porque ouvidos de filho-de-parida não nos querem ouvir gritando fome!

O povo investiu. As portas da loja que ficava em frente foram arrombadas. Espalharam no meio do chão um saco grande de milho. As mulheres foram pondo o milho na regaçada dos aventais, de mistura com as pedras.

Mas os homens foram ficando atrás. Um velho levantou os braços, com as mãos abertas, e os dedos apertados uns contra os outros:

— Vocês sirvam-me de testemunha que não tenho nem um grão de milho entre os dedos!

Outro batia na boca e fazia cruzes, livrando do pecado de soberba:

— Honra vale mais que barriga cheia!

Um rapaz moço gritou-lhe:

— Vida vivida vale mais que honra!

Uma mulher protestava:

— Tenho meninos em casa que estão chorando fome. Se é para morrer de fome, morrer de tiro, e a minha cara continua honrada...

A pouco e pouco todos se foram retirando. Chico Zepa ficou lamentando:

— Pobre é como filho de gafanhoto. Nasce com as

asas verdes, mas depois vira cinzento, côr de nada... Pobreza é escarrador de todo o mundo...

E êle foi para o Caleijão contar à mãe que o povo tinha sentido caimbras nas pernas.

Nos seus olhos e no cansaço do corpo sem sono havia a tristeza do general que perdeu uma batalha.

18

Pimpinha é que levou a notícia. Logo depois do almôço eu estava sentado na cadeira-de-balanço, na salinha, a ouvir Mamãe-Velha, que contava um caso qualquer sucedido no Morro Morial. Pimpinha chegou tôda afrontada, bem apertada na sua blusa de vichi, e nem deu as boas-horas: nhô Chic'Ana tinha morrido. Mamãe-Velha iniciou logo um resmungo de guisa. Encomendou nhô Chic'Ana à devoção de S. Miguel Arcanjo, que lhe guiasse os passos à porta do Paraizo. Saí um instante para fora. Relanceei os olhos pelos arredores, até o alcance da vista. Hortas secas, côr cinzenta, vegetação rala da carestia. Voltei para a salinha. Mamãe-Velha continuava a rezar pelos passos que o Santo Filho de Deus andou na Rua da Amargura. Pimpinha, encostada à porta da entrada, lançava olhos curiosos pelos retratos da salinha.

Mamãe-Velha mandou gente à casa do morto. Deus que trouxesse consolança aos que ficavam. Fez a Pimpinha o elogio de nhô Chic'Ana. Velho

discreto, muito amigo dos familiares da nossa casa. Era raro passar ao pé da porta sem dar fala, a ver como estavam os amigos.

— Com Chiquinho, então, era uma cegueira. Muito amigo de Chiquinho, nhô Chic'Ana. Também, tinha de quê, pois êles pareciam ter entulhado alguma riqueza de sociedade...

Volta e meia lá estava eu na casinha do Campo, em conversa com o velho. E eram falas que não acabavam nunca. Nós dois muito camaradas, nhô Chic'Ana dentando o pito do cachimbo, e eu sentado num pilão, atento como cachorro à espera de comida do dono..

Deixei Mamãe-Velha e as suas evocações e fui direito à casa do morto. Ia-me chegando aos ouvidos a guisa das mulheres.

O velho tinha estado de cama. Andava ùltimamente muito fraco, de cara chupada, olhos esgazeados. Girava, dava suas voltas, mas as pernas não podiam agüentar qualquer caminhada de coisa nenhuma. E então sentava-se nas paredes dos caminhos, a ganhar fôrças.

Uma angústia profunda tomava conta de mim. Nhô Chic'Ana morreu de fome. Senti vontade de gritar, para que todos ouvissem. Nhô Chic'Ana morreu de fome. À direita, à esquerda, a vista era a mesma. As mesmas hortas, nuas no seu chão de barro e comidas pelos gafanhotos.

Na casa do morto já havia muita gente. As mu-

lheres entoavam uma guisa muito sentida, com contra-canto. A filha de nhô Chic'Ana passeava pelo quarto, com o corpo dobrado para diante, e um lenço na mão, a abanar, a abanar. Nhô Chic'Ana agora, depois de morto, era portador de mensagens para o além-túmulo. Davam-lhe recados para levar aos que tinham ido. Não se esquecesse de lhes falar da saudadc que deixaram. Que a vida era sem gôsto depois que êles partiram. Pedissem a Deus Nossenhor pela felicidade dos anjinhos que tinham ficado órfãos do calor dos papais e das mamães. Dirigiam palavras choradas à filha do morto. Nunca mais falaria com nhô Chic'Ana. Nhô Chic'Ana já não lhe pediria mais lume para acender o cachimbo. Nhô Chic'Ana já não lhe botaria a bênção. Ela já não tinha o seu papai para lhe botar a bênção. Adeus, nhô Chic'Ana. Que ela consolasse mamãe. Corresse a mão a mamãe, que ficava neste mundo, tão angustiada.

Aproximei-me da cama. Nhanha Bonga recebeu-me com grande admiração de chôro. Ah Chiquinho! Tinha morrido o meu grande amigo. Que iria Chiquinho fazer doravante na casinha do Campo? Nhô Chic'Ana não botaria mais aqueles exemplos que tanto me entretinham.

Nhô Chic'Ana estava todo mirrado, seu corpo magro a perfurar de ossos a manta que o cobria. O meu velho amigo morreu de fome. Encostei-me à cama, a cabeça tomada nas mãos angustiadas. Os meus dias de infância povoados da presença de nhô

Chic'Ana. Ainda o vi, de corpo mais válido, na labuta da lavoura. Nas tardes, eu vinha à casinha do Campo. Nhô Chic'Ana fazia-me hominhos de barro, que ela baptizava com nomes da história de Carlos Magno. Outras vezes, talhava-me navios de purgueira. E o meu regalo era correr os navios no tanque de António Jejê com os companheiros. Nhô Chic'Ana contava-me casos da sua vida de marinheiro, as terras que ele tinha conhecido. As suas palavras eram lentas, sentenciosas, pedia ao velho que me contasse histórias:

— Nhô Chic'Ana, você conte um caso...

— Não tem tempo...

— Conte, nhô Chic'Ana!

— Nhor não, contar histórias de dia faz pelar a capela dos olhos...

Mas eu conhecia-lhe o fraco. Tirava da algibeira um bocado de herva para fumar, e logo nhô Chic'Ana estendia a mão.

E começava. Antigamente tinha uma casa muito grande no fundo do mar. Lá dentro só morava uma mulher, que estava sempre sentada numa cadeira-de-balanço. Ao pé dela estava um barril, dentro do barril tinha uma bola de ferro, dentro da bola tinha uma boceta, dentro da boceta uma pomba, dentro da pomba um ovo, dentro do ovo um fio de cabelo. Neste fio de cabelo é que estava a fôrça daquele-homem-pelo-sinal-da-Santa-Cruz... E agora ali estava, morto, nhô Chic'Ana. Morto de fome.

O saïmento de nhô Chic'Ana era no dia seguinte, às duas. Às duas nhô Chic'Ana sairia da casa para a sua morada de baixo-do-chão. Antes da caminhada para a Tabuga, tinha o acompanhamento de ir à Vila, para a reza na porta da Igreja.

Saí. Fui andando caminho a cima, em direcção à casa. Mal toquei na comida que Mamãe me deu. Nhô Chic'Ana morreu de fome. A seca tinha cosido um grande vestido cinzento para a terra trazer o luto de nhô Chic'Ana. Eu estava como que atordoado. O sol peneirava através das nuvens de calor uma claridade parada. Nas Casinhas, na Jalunga, na Junça, morria-se de fome.

O enterro de nhô Chic'Ana. O velho ia a enterrar às duas. Às duas poriam nhô Chic'Ana no esquife da pobreza: quatro paus de piteira e uma manta velha. Nhô Chic'Ana iria para a terra envolvido numa manta velha. Os crioulos levá-lo-iam como num andor, com respeito. À saída a guisa aumentaria. (Adeus, nhô Chic'Ana, adeus, nhô Chic'Ana para a terra da saudade). O velho não seria encomendado com cantigas sacras, êle apenas seria posto na porta da Igreja, com rezas. Dondê cinco mil e quinhentos para a encomendação solene?

A Combota estava cheia de gente à cata da água, que escasseava cada vez mais. Do alto do Alberto vinha um fio, magro como cação. Havia guerra declarada para uma qualquer encher a celha.

Fui descendo rumo à casinha do campo. Ia sair

o enterro de nhô Chic'Ana. Em breve seu corpo ia deixar a casa para nunca mais. Os homens aproximaram-se da cama. A velha estava abraçada ao corpo de nhô Chic'Ana. Consolaram-na. Nhô Chic'Ana ia para a Glória. Deus Nossenhor era amigo de nhô Chic'Ana, porque nhô Chic'Ana era bom. As exclamações de chôro aumentaram. Um velho, gravemente, rezou a Remia-Mia, que livrasse nhô Chic'Ana do fogo dos infernões. Botaram nhô Chic'Ana no esquife de piteira. Nhanha Bonga ficou deitada na cama a chorar o velho. Fez as suas despedidas. Para quê, se ela em breve iria ter de nhô Chic'Ana? Agora ia nhô Chic'Ana para a terra da saudade. Companheiro de mais de cinquenta anos. Porque a deixava a ela, velha e fraca, nesta vida castigada?

O acompanhamento saiu. Gente ia-se encorporando pelo caminho. Nhô Chic'Ana nunca esperou ter tanto povo a levá-lo à sua casa de debaixo-de-chão. Ainda lhe vi, antes do saimento, a cara mirrada, em que os dentes se mostravam descascados no seu sorriso resignado de pária, a-pesar-do lenço que lhe atava o queixo. Parecia querer contar a nhô Chiquinho a sua última historia, antes de ir fumar cachimbo para o outro mundo.

Atravessámos o Caleijão, descemos a Ladeira da Lapa, e apenas se ouvia de quando em quando um esboço de choro, abafado nos lenços grandes das mulheres. Tirante isso, só a trupida cadenciada dos passos descendo para a vila.

Nhô Chic'Ana foi pôsto na porta da Igreja. Os sinos não tocaram sinal. O padre apareceu com o sacristão e ràpidamente rezou umas rezas. O terreiro da igreja tinha-se calado, caladinho. Nem sequer os garotos andavam jogando a bola. O ponteiro do relógio da Sé estava quási sôbre as quatro. Um raio de sol brincava no mostrador. Quási quatro, a reza de nhô Chic'Ana à porta da Igreja.

O acompanhamento atravessou a ponte velha. A ponte fôra feita para estabelecer comunicação entre as duas vertentes da Vila, nos dias de grande ribeira. Mas agora ela estava velha, a cair tábuas. Na estrada do Lombinho o acompanhamento alongou-se nos cotovelos do caminho, sobranceiro à Maiama. Tudo sêco. Sêcas as bananeiras. Secos os plenos de cana. Só os coqueiros erguiam o corpo esguio, com o cocuruto à espreita do mar, a uivar na boca da ribeira. Mais para diante, enviuzando um pouco para a direita, eram as planícies famintas do Norte-a-Baixo. A fome era lá mais rapada, mais crã.

Seguia o enterro de nhô Chic'Ana. Lá estava em baixo, alvejando de paredes caiadas, o cemitério da Tabuga. E o corpo de nhô Chic'Ana ia balançando docemente aos ombros dos crioulos. Era um crioulo que ia a enterrar. Os crioulos iam dar terra a um irmão. Amanhã outros irmãos lhes iriam dar cova. Ao menos, debaixo da terra sente-se a chuva a todo o momento que ela vier. Calê cinco mil e quinhentos! Melhor encomendação do que a friura da água e o

barulho da chuva caindo não pode desejar o filho-das-ilhas.

Nhô Chic'Ana deu entrada no cemitério. Já o coveiro e mais dois rapazes lhe tinham preparado a cama-de-chão. Fechei os olhos a nhô Chic'Ana, os seus olhos que já não veriam Chiquinho mais.

Acomodaram o corpo no fundo da cova. Quando se semeia também se acomoda a semente para ela vir à flor mais desembaraçadamente. Os homens curvaram a cabeça e rezaram Padre-Nossos e Gloria-Patri pelo descanso eterno de nhô Chic'Ana. Depois as pás botaram terra. Em breve a cova ficou rés-vés do chão.

19

O mar também era o meu caminho. Papai, com as noticias que lhe iam chegando, perguntou-me se eu queria ir para América. Tio Joca apoiou imediatamente. Mamãe lamentou o destino que me obrigava a largar a minha terra. Mas também, ela não queria que eu ficasse pasmando pelo Caleijão, como gente sem eira nem beira.

Tio Joca convenceu-me:

— Não hás-de querer acabar a tua vida entre estas rochas, vendendo açúcar e petróleo numa tasquinha...

Escrevi para S. Vicente uma carta a Andrèzinho propondo que o grupo emigrasse em massa. O Eru-

dito foi sóbrio na sua resposta. «Vai tu, se queres. Eu fico. Tenho cá muito que fazer». E acabou pedindo-me que da América lhe mandasse documentação sôbre a maneira de viver dos nossos emigrantes. Estudasse principalmente a actividade associativa dos caboverdeanos. O grupo ficava à espera de um romance sôbre o caboverdeano emigrado. Os meus contos românticos da Fonte de Cónego faziam de mim o novelista oficial do Grémio.

Nonó mandou-me da Boa Vista a letra da morna que fez à minha partida. No disfarce poético, era Nuninha que se adivinhava na «sereia de olhos côr da noite» que me acompanharia na minha peregrinação por êsse mundo mais distante que grito em noite de temporal. S. Vicente, em que ela vivia, era a terra pequenina, filha do Céu e do Oceano.

Titio Joca e José Lima foram os grandes animadores que nessa ocasião me ampararam. A América foi ficando para mim uma Terra da Promissão em que eu poderia realizar tôdas as minhas virtualidades. E uma grande esperança me invadiu. Retomei contacto com os meus livros.

O Sr. Euclides Varanda abraçou-me, cheio de inveja nos olhos claros:

— Meu jovem amigo, meu feliz amigo!

E o velho confiou-me o testamento espiritual que preparava para o seu filho malogrado com Gaída.

— Espírito, Chiquinho! Cultiva e eleva o teu espírito nesse grande país que os fados não me per-

mitiram conhecer... Não te deixes avassalar pela Matéria... Acredita na palavra de um velho: acima de nós todos tem uma vida que só raros podem enxergar, com os olhos ennevoados... Tu és dos bons. E, depois, sabes, não somos nada quando só nos vemos a nós mesmos, mas que beleza, se a gente tem a coragem de alongar os olhos mais para diante!

O Sr. Euclides ofereceu-me o número do Almanaque Luso-Brasileiro em que veio publicada a sua primeira poesia:

— Separação triste, mas separação jubilosa ao mesmo tempo... Conserva este livro... Não tardo a reunir-me à Inteligência Universal, mas parto contente por te ter encontrado no meu caminho...

Tive de esperar alguns meses pelos papéis necessários à minha entrada na América. Nhô João Joana fez-me também a sua reportagem. E a costa americana aparecia vestida de maravilhas na narração do velho. A América, para nhô João, era o mar em que ele curtiu temporais, fome e sêde, e viu prodígios que Nossenhor semeou à flor das águas.

— Naquela noite eu estava de leme, Chiquinho. Fazia um luar tão claro que parecia que a Lua estava dando uma serenata a Nossa Senhora. De repente, ouvi uma cantiga...

Era Sirena. A moça-do-mar tinha meio corpo acima da água. Depois ela calou a cantiga e disse a nhô João:

— Eu sou a moça-do-mar...

Nhô João disse-lhe:

— Você é bem bonita... Você anda cantando para Nossa Senhora se divertir?

— Não. Ando a cantar só para você ouvir...

— Muito obrigado, Sirena. Quando eu passar novamente por este lugar, trago um raminho de mangerona para você enfeitar os seus cabelos.

— O que é que você quere, marinheiro? Diga, que eu tudo lhe darei...

— Quero uma casa grande e muito bonita para eu morar...

— Dar-te-ei uma casa como nunca viste. Bonita, bonita de endoidecer...

— Quero uma noiva mais bonita do que Brancaflor...

— Tua noiva será mais bonita que Brancaflor...

— Bonita como Brancaflor não quero porque ela se enfariaria de mim por eu não ser tão bonito como Passo-Amor...

— Virarás bonito como Passo-Amor...

— Quero hortas boas para eu trabalhar...

— Dou-te hortas em que crescerão plantas como nunca viste...

— Chuvas para molhar minhas hortas...

— Quando quiseres que chova, faz uma serenata à Lua, a Lua chorará, e as suas lágrimas molharão tuas hortas...

E no primeiro porto em que tocou, nhô João mandou tatuar uma Sirena no braço direito.

Tói Mulato era agora marinheiro de longo curso. Do «Vitória» passou para um quatro-mastros que filhos da Brava compraram na América. Tói ia enfim conhecer os temporais do Golfo.

Não pude despedir-me de Chico Zepa, desterrado para a ilha do Sal, pela sua intervenção no levante do S. João. O seu vapor acanalhou-se no falucho que o levou de S. Nicolau. E com certeza Chico continuaria a prègar aos mocinhos do Sal o seu Evangelho de rebeldia contra o destino. Até que um dia voltasse a S. Nicolau, para mais tarde doutrinar os moços na sua fala sentenciosa de velho.

Nuninha escreveu-me de S. Vicente uma carta corajosa. Ela lembrou-me a promessa de a mandar chamar para a minha casa de operário. Não a deixasse muito tempo curtindo saudades nas terras das ilhas. Contava ir ter comigo logo no ano seguinte. Se bem que o seu amor era mais forte do que «estas rochas côr de bougainville de que gostavas tanto, lembras-te, Chiquinho?» Mas devíamos gozar a nossa mocidade. «Estou ficando com ciúmes da Lua que te verá durante tôda a travessia. Amor como o nosso, outro assim não há. Andrèzinho anda dizendo que tu vais ser muito útil, e mandar-lhe muitas indicações de que êle precisa para os seus estudos, e outras coisas que eu não entendo muito bem. Mas não quero que ligues importância a estas coisas de Andrèzinho, quero que vivas só para o meu coração, Chiquinho. Comecei a rezar uma coroa a Nossa Senhora da Luz por ti, meu

bem. Ontem Frank Beleza veio fazer-me uma serenata à tua despedida e cantou a morna nova de Nonó. O que eu chorei, Chiquinho! A morna é sentida de verdade, principalmente naquela parte em que diz ca bô disquecê di bô pombinha morena, e outras recomendações tristes. Tia Alzira e mamã ficaram chorando de saudade quando eu lhes disse que ias para a América e desconfio que mamã sabe do nosso amor. Nené pede que lhe mandes uma gaitinha de boca."

Nuninha. A América aparecia-me transfigurada de esperanças. As suas Universidades estavam à minha espera. José Lima deu-me indicações úteis. A minha fôrça em inglês era um grande trunfo que eu tinha na mão.

—Lá, quem quer saber fica sabendo, Chiquinho...

De noite, operário nas fábricas ou onde o diabo governasse. Mas de-dia era o estudante universitário que tem à sua volta matérias de-mundo para se especializar.

Construí na América a casa para mim e Nuninha, que eu havia levantado no alto da Horta Nova. Só a América me permitiria fazer uma boa casa para receber Nuninha. Uma boa casa para Nuninha. Conhecia nomes muito bonitos de casas que a gente habita quando larga para trás as terras das ilhas. Papai morava em 102 South Second Street. Nha Maria Lai tinha voltado há pouco de uma dessas casas. Elas deviam ter dentro coisas muito bonitas, a tirar pelo

que nha Maria Lai trouxe. Camas de spring, gramofone, pianola, cómodas, louça fina, um ror de coisas. Nada disso as ilhas davam à sua escravatura. Escravo não merece mais do que a cama de cancarã, uma caixa de goiabeira, louça da Boa Vista e um pote ao canto da casa. Eu não concebia Nuninha morando assim. Chiquinho gastando a vida à espera de um lugar de professor de pôsto durante alguns meses, em paga de uma coisa de nada, e o resto do ano passando para as rochas e a perguntar ao céu quando choveria. O grogue à minha espera, como uma cocaína. Seria massacrar a vida de Nuninha sujeitá-la a tal provação.

Por muitos anos que me fôsse dado viver, eu via Nuninha sempre em termos do presente. Ela ficava para sempre a morena de corpo lançado e olhos quebrados que eu afagava em horas de morabeza.

Ia retomar o caminho de vovô. Eu era novamente Chiquinho, o Chiquinho de Mamãe-Velha e de nha Rosa Calita. Companheiro de Tói Mulato nas viagens desvairadas que a lua e as estrêlas nos convidavam para êsses mundos além. E vovô era o meu camarada, por entre as traições da superfície da água, na conquista do amor. Êle foi com a moça-do-mar, mas eu tinha uma crioula que me oferecia um amor mais quente do que o de Sirena.

20

Estava tudo pronto. Todavia ainda Mamãe se deteve diante da minha mala, a dar uma última demão às coisas. Eu seguia na escuna «Atalanta», pertencente a emigrantes da Brava, que ia a S. Nicolau tomar os passageiros para a América. A minha ilha era o seu último pôrto antes do mar largo.

Na caixa de goiabeira, feita por nhô José Tau, estavam as encomendas. Lela, que já era aluno do Seminário, mandava um caderno de Português, a fim de Papai ver o seu adiantamento. Nanduca deu-me como lembrança um peitinho de galinha, envolvido em linha-de-retrós:

— Mano Chiquinho só quebra o peitinho na América... Vai ver que eu é que quero Mano Chiquinho mais...

Nhô José Catrina apareceu chaleirando. O velho aproveitava-se da distracção das horas emotivas para contar a sua eterna história da perna manca. Eu ia para a Preguiça montado na mulinha de nhô Roberto Tomásia. O amigo de Papai fêz questão de o filho de António Manuel fazer a última cavalgada na sua mula, arreada de corda de cedenha. Nhô Roberto lembrou-me a sua amizade com Papai. Companheiros das longas conversas da Água-do-Canal, quando o sol, como ovo de galinha portugaleja, descai para a grande frigideira do mar, atrás das rochas, e a paz do Senhor

desce sôbre a cabeça da criatura, leve que nem farinha de peneira.

Corri a roda das minhas saudades. Lela e Nanduca iam com Pitra Marguida acompanhar-me ao embarque, na Preguiça. Mamãe ficou olhando para o campo do Norte, sem coragem de me espiar direito. Seus dedos afagavam o cabelo de Nanduca. Sùbitamente, ela chamou-o ao peito, com se receasse que alguém lho viesse roubar. Mamãe-Velha abateu-se junto da parede do Pedacinho, a chorar. E disse da certeza de nunca mais voltar a ver o seu Chiquinho. Nunca mais, nunca mais, Chiquinho. Chiquinho seu primeiro neto, que ela mesma recebeu das mãos da parteira, nú como a graça do Altíssimo o mandou para êste mundo. Que ela alimentou a leite de burra quando Mamãe, pouco depois, esteve tão abalada com aquelas malditas febres, e sentava no regaço, nas longas noites de espertina, na rabugice do balanço-de-dente, altas horas, em que o silêncio mete mêdo, e só os grilos, cri-cri, nos fazem lembrar que êste mundo não morreu ainda. Nunca mais. Ela já estava em altura de largar as saudades da vida para a infinita misericórdia de Deus Nossenhor. Eu dissesse a Papai e a todos os parentes que Mamãe-Velha em breve iria descansar os seus cuidados no regaço da Virgem Maria, leve como travesseiro de lã de bombardeira para a cabeça do filho-de-parida que andou as léguas compridas das partidas do mundo.

O Caleijão ficava-me para trás. Tio Joca foi

quem me arrancou de junto da cancela da nossa casa Garotos, parados no meio do caminho, olhavam para mim. A minha ribeira não pôde vestir-se de gala para as despedidas. Era uma paisagem de seca que me ficava na retina. Pitra enxotou-me a cavalgadura para me tirar daquela despedida da minha gente:

— Então, nhô Chiquinho, tem que ser...

Eu só via o lenço branco de Mamãe-Velha acenando no último adeus.

Nunca mais, Mamãe-Velha, nunca mais.

Tio Joca foi-me levar a bordo, no Porto-Velho. O «Atalanta» já tinha o traquete içado quando chegámos. Soprava uma brisa suave de noroeste. As sombras do crepúsculo iam descendo lentamente das alturas de Montevideu. Lá em cima, coberta de telha-de-madeira, a casa assombrada do Dr. Ramalho. O forte velho quási a cair sôbre os mastaréus do navio. No convés, os emigrantes da Brava espiavam distraidamente a terra. Os marinheiros corriam de um lado para outro nas manobras da largada. O molinete já tinha puxado meia corrente. Tive pena de Tói Mulato não ser marinheiro do «Atalanta» para emprestar um pouco de mistério àqueles gestos habituais. Com a polaca quartelada, safámo-nos do fundeadouro. E foi uma bordada só para montármos a Ponta da Pataca. Já noite fechada, estávamos nas refregas da Ponta da Vermelharia. Senti os primeiros sinais do enjôo. O homem de leme observava atentamente as vibrações

da vela grande sobre as refregas. S. Nicolau ia ficando uma sombra confusa a estibordo. Na boca da escotilha, dois homens fumavam cachimbo e falavam das cidades da América por onde tinham andado. Na câmara, uma mulher que ia ter com o marido, aguentava a cabeça do filho, vomitando com o enjôo. Os dois passageiros interpelaram o homem do leme àcêrca das contigências próximas da navegação.

No dia seguinte, não havendo calma no Tarrafal, montaríamos o Ihéu do Boi. Depois abria-se o mar largo. Com rumo de nornoroeste, a proa era a América.

FIM

e d i ç õ e s

" c l a r i d a d e "

Oficina artesanal

A) — *Colecção para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*

1 — *Coração em África*
Obra poética de Francisco José Tenreiro
Pref. de Fernando J. B. Martinho

2 — *Poesia negra de expressão portuguesa*
Mário de Andrade e Francisco José Tenreiro
Introdução de Manuel Ferreira

3 — *Chiquinho*
Romance de Baltazer Lopes
Pref. de Alberto Carvalho

4 — *Mensagem* (a sair)
Revista angolana
Entrevista/introdução com António Jacinto

5 — *Claridade*
Revista caboverdiana
Depoimentos de Baltazar Lopes e Manuel Lopes, os dois fundadores vivos
Introdução de Manuel Ferreira

6 — *Os trabalhos e os dias*
Contos de Baltazar Lopes
Pref. de Arménio Vieira

A sair

7 — *Poemas de longe*
António Nunes
Introdução de Jaime de Figueiredo

8 — *João Cabafume*
Contos de Gabriel Mariano
Texto introdutório: «Gabriel Mariano visto por si próprio»

9 — *Almanach de Lembranças*
Toda a produção literária africana (1851-1932)
Levantamento, organização, prefácio e notas de Gerald Moser

10 — *O canto do Ossôbó*
Obra poética de Marcelo da Veiga
Organização, prefácio e notas de Manuel Ferreira
Introdução de Inocência Mata

11 — *O escravo*
Romance do caboverdiano do século XIX de José Evaristo de Almeida
Pref. de Manuel da Veiga

B) — *Colecção AFRICANA*

1 — *Maria*
Poesia de José Craveirinha
Pref. de Rui Knopfli
Posf. de Mário Pinto de Andrade

A sair

2 — *A casa dos mastros*
Contos de Orlanda Amarilis
Pref. de Pires Laranjeira

C) — *Colecção JUNTAMON*

1 — *...e levedando a Ilha*
Maria Margarida Mascarenhas
Pref. de Henrique Teixeira de Sousa

D) — *Colecção A PRETO & BRANCO*

1 — *Que futuro para a língua portuguesa em África?*
Manuel Ferreira
2 — *Novelo de chamas*
Jorge Viegas
Pref. de Luís Carlos Patraquim

E) — *Colecção INFANTIL*

(em organização)

EDIÇÃO PATROCINADA PELO INSTITUTO PORTUGUÊS DO LIVRO E DA LEITURA